UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

INSTITUTO DE LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DOUTORADO EM LETRAS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO HISTÓRIA DA LITERATURA

Arcádia: sedimentando o caminho da literatura sul-rio-grandense

BIANCA RAMIRES ACOSTA

ORIENTADOR: PROF. DR. ARTUR EMILIO ALARCON VAZ

RIO GRANDE, JULHO DE 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

INSTITUTO DE LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DOUTORADO EM LETRAS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO HISTÓRIA DA LITERATURA

ARCÁDIA: SEDIMENTANDO O CAMINHO DA LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Doutorado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande - como requisito parcial e último para a obtenção de grau de Doutora em Letras.

BIANCA RAMIRES ACOSTA

Orientador: Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz

RIO GRANDE, JULHO DE 2022

Ficha Catalográfica

A185a Acosta, Bianca Ramires.
Arcádia: sedimentando o caminho da Literatura Sul-Rio-Grandense / Bianca Ramires Acosta. – 2022.
219 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2022.
Orientador: Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz.

1. Arcádia 2. Rio Grande 3. Periodismo literário 4. Literatura sul-rio-grandense 5. História da Literatura I. Vaz, Artur Emilio Alarcon II. Título.

CDU 821.134.3(816.5)

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO nº 03/2022

No dia primeiro de julho de dois mil e vinte e dois, através de videoconferência, realizou-se a defesa de tese da doutoranda **Bianca Ramires Acosta**, intitulada **"*Arcádia*: sedimentando o caminho da literatura sul-rio-grandense"**. A sessão foi aberta às quinze horas pelo Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz (FURG), orientador da tese e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta por Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB), Prof. Dr. Paulo Roberto Alves dos Santos (UESC), Profa. Dra. Rosane Maria Cardoso (FURG) e Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas (FURG). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a doutoranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutora em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, o presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata. Atendendo à Deliberação nº 025/2020 do COEPEA, que dispõe sobre Diretrizes Acadêmicas Gerais para o ensino de pós-graduação Stricto Sensu durante o período emergencial devido à pandemia da COVID-19, o presidente da comissão examinadora assinará a ata, substituindo as assinaturas dos demais membros da banca. Este documento possui chave de autenticidade gerada pelos sistemas FURG, podendo ser verificada em https://www.furg.br/consultar-documentos.

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz (orientador – FURG)
Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB)
Prof. Dr. Paulo Roberto Alves dos Santos (UESC)
Profa. Dra. Rosane Maria Cardoso (FURG)
Prof. Dr. Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Chave de Autenticidade: 9996.2C8A.4272.C1F5

Aos que estão ao meu lado e me fazem forte:
O meu quilombo particular

Me botaram tão pra baixo aqui
Que do ponto onde cheguei, só era possível subir
(“Pra não ter tempo ruim” – Emicida)

É um mundo cão pra nóis, perder não é opção, certo?
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto
Num deixo quieto, não tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão quem riu de nóis sem teto

Aí, maloqueira
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo?
Respira fundo e volta pro ringue
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
Faz isso por nóis
Faz essa por nóis
Te vejo no pódio

(“AmarElo” – Emicida)

RESUMO

Essa tese objetiva afirmar a importância da *Arcádia* (1867-1870) como elemento fundamental na formação do sistema literário do Rio Grande do Sul, a fim de reconhecer o periódico como o berço do cânone da literatura sulina, uma vez que foi ele o responsável por reunir um grupo de literatos com a finalidade primeira de discutir, produzir e difundir literatura, considerando o contexto histórico, social e regional da época. Para tanto, realizei aqui um estudo analítico de alguns dos textos literários publicados no jornal sul-rio-grandense, dado que uma análise aprofundada sobre esse importante periódico nunca foi realizada, constituindo-o, meu objeto de estudo para melhor compreensão da História da Literatura do Rio Grande do Sul. Inserida nos estudos de História da Literatura, e alinhada às linhas de pesquisa Literatura, História e Memória Literária e Literatura Sul-Rio-Grandense, a tese retoma pesquisas que vêm sendo desenvolvidas esparsamente desde a década de 1980, aprofundando a leitura dos textos literários e críticos existentes no periódico. Além disso, esse estudo tem como meta a preservação cultural de uma obra primária e original, tornando os resultados acessíveis e disponíveis *online*, a fim de viabilizar e facilitar a consulta e o acesso de pesquisadores ao material, bem como do público em geral, para futuras pesquisas, pois esse trabalho não se pretende concluído.

Palavras-chave: *Arcádia*; Rio Grande; Periodismo literário; Literatura sul-rio-grandense; História da Literatura.

ABSTRACT

This thesis aims to affirm the importance of *Arcadia* (1867-1870) as a fundamental element in the formation of the literary system of Rio Grande do Sul, in order to recognize the newspaper as the cradle of the canon of southern literature, since it was responsible for bringing together a group of intellectual people with the sole purpose of discussing, producing and disseminating literature, considering the historical, social and regional context of Rio Grande at the end of the 19th century. In order to do so, I carry out an analytical study of some of the literary texts published in the periodical sul-rio-grandense, given that an in-depth study of this important magazine was never carried out, constituting it as my object of study for a better understanding of History of Literature of Rio Grande do Sul. Inserted in the studies of the History of Literature and aligned with the lines of research in Literature, History and Literary Memory and South-Rio-Grandense Literature, the thesis resumes research that has been sparsely developed since the 1980s, deepening the reading the literary and critical texts existing in the journal. In addition, this study aims at the cultural preservation of a primary and original work, making the results accessible and available online, in order to facilitate the consultation and access of researchers to the material, as well as the general public, to future research, as this work is not intended to be completed.

Keywords: *Arcádia*; Rio Grande; Literary periodism; Literature of Rio Grande do Sul; History of Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa da primeira série da *Arcádia*, 1867 **52**

Figura 2 - Primeiro poema publicado na *Arcádia*: “O que é a vida?” de Bernardo Taveira Júnior, 1867 **52**

Figura 3 - Capa interna do primeiro número da primeira série, 1867 **53**

Figura 4 - Capa interna do primeiro número da primeira série, 1867 **53**

Figura 5 - Miolo do primeiro número da primeira série, 1867 **53**

Figura 6 - Mudanças gráficas na quarta série da *Arcádia*, 1870 **54**

SUMÁRIO

ENTRE CAMINHOS DE UMA TESE **8**

1 A IMPRENSA LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX **18**
1.1 Contexto histórico-literário 18
1.2 O periodismo literário na formação da literatura no Rio Grande do Sul 25
1.3 A imprensa na cidade do Rio Grande 29
1.4 A imprensa literária na cidade do Rio Grande 31
1.5 A *Arcádia* no panorama da literatura no Rio Grande do Sul 36
1.6 A fortuna crítica sobre *Arcádia* 42
1.7 *Arcádia*: forma e conteúdo 50

2 A LITERATURA NA *ARCÁDIA* **56**
2.1 A poesia na *Arcádia* 56
2.2 A crítica literária na *Arcádia* 84

CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM TRABALHO EM CONCLUSÃO **139**

REFERÊNCIAS **155**

ANEXOS **165**
Poesia 165
Crítica literária 187
Notas biobliográficas sobre os autores 215
Poesia 215
Crítica 217

ENTRE CAMINHOS DE UMA TESE

O presente trabalho é fruto da continuidade do meu envolvimento com pesquisa de cunho literário e jornalístico, relativos à imprensa rio-grandina do século XIX, ocorrida em projetos na graduação e no mestrado.

De 2001 a 2003, em grande parte da minha graduação em Letras, realizei pesquisas no projeto de pesquisa “Resgate da literatura no jornal *Eco do Sul*”, sob a orientação do professor Artur Emilio Alarcon Vaz, desenvolvido no então Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Esse projeto teve como objetivo resgatar textos literários e históricos publicados, em meio a artigos noticiosos, no jornal rio-grandino *Eco do Sul* nas décadas finais do século XIX, incluindo tanto a produção de autores renomados como de autores excluídos do cânone contemporâneo. Nos textos já recolhidos, há um predomínio do estilo romântico, já podendo ser percebido, no entanto, uma mudança para uma tendência realista nos textos recolhidos entre os anos de 1881 a 1885. Há também um predomínio na publicação de poemas e contos de autores locais, muitos dos quais não se obteve ainda muitos, ou até mesmo nenhum, dados biográficos.

Como grande parte desse importante material encontrava-se disperso em diversas bibliotecas brasileiras e, quase sempre, inacessível ao público em geral, a preservação dessas fontes primárias só pôde ocorrer por completo após uma minuciosa coleta e atualização ortográfica. Os índices restringem-se à parte dos números existentes na Biblioteca Rio-Grandense, sediada no município gaúcho de Rio Grande.

Simultaneamente à preservação dos textos publicados no jornal, sentiu-se a necessidade da divulgação dos textos para o grande público, para um maior conhecimento da literatura produzida no extremo sul brasileiro no século XIX, o que foi a partir da criação da página www.fontes.furg.br, que divulga também, ainda que parcialmente, os estudos já realizados sobre os textos recolhidos durante esse e outros projetos desenvolvidos na FURG.

A metodologia utilizada no projeto iniciado em 2001 deu embasamento para a

realização da tese aqui desenvolvida. Metodologia essa que consistia em localizar, coletar e atualizar os textos literários e, em geral, desconhecidos do público, encontrados no jornal. Tanto projeto quanto página têm, ou tiveram, a preocupação de divulgar também, ainda que parcialmente, os estudos já realizados sobre os textos recolhidos, tomando como caminho as referências bibliográficas do projeto.

As indicações dos textos coletados seguem a um padrão numérico, em que o primeiro número indica o ano do jornal (que consta no cabeçalho, contado a partir de sua fundação), o segundo mostra o número do exemplar (geralmente reiniciado a cada janeiro), o terceiro é o tipo de texto coletado (1 para poemas, 2 para contos e crônica, 3 para outros textos em prosa e 4 para notas diversas). O quarto número varia somente quando há, por exemplo, dois poemas no mesmo exemplar do jornal. Assim, os números "20.128.3.1" e "20.128.4.1" indicam que há um conto e uma nota no jornal n. 128 do vigésimo ano de fundação do jornal (1874). Como poderá ser visto adiante, esse padrão foi seguido nos meus trabalhos subsequentes e, obviamente, nessa tese.

Tal pesquisa, ao longo de sua existência, culminou em diversas comunicações apresentadas em congressos e seminários, bem como em publicações em anais. No ano de 2003, com apoio financeiro da FAPERGS, pude dar continuidade ao trabalho que vinha desenvolvendo voluntariamente há dois anos. Nesse caminho encontramos trabalhos como o do poeta português José Antônio da Rocha Galo, ausente na historiografia sulina e com larga produção no jornal *Eco do Sul*.

Esse material embasou artigos apresentados e publicados nos eventos em que participei com: “A moderna moral feminina em "Desafogo" de Rocha Galo, artigo apresentado na VIII Semana de Letras da UFRGS (2002); “A figura feminina na poesia do jornal *Eco do Sul*”, em comunicação na XXI Semana de Letras da UFSM e publicado no caderno de resumos (2002) e “O resgate da produção poética no jornal *Eco do Sul*. 10º Congresso de Iniciação Científica da FURG e também publicado no caderno de resumos (2002). Esse último ainda rendeu, naquele ano, o prêmio Jovem Pesquisador do CNPq na categoria Linguística, Letras e Artes, quando o projeto ainda não havia sido contemplado com nenhum tipo de bolsa de fomento.

A pesquisa no jornal *Eco do Sul* foi o início da minha trajetória com pesquisas

em periódicos. A curiosidade e a preocupação em preservar a história e, mais do que isso, descobrir novas histórias sempre foram o motor do meu interesse por esse tipo de pesquisa. Trabalhos assim visam, além de preencher lacunas, suscitar questionamentos dos muitos porquês que envolvem a seleção de um cânone literário e a escrita de uma historiografia, também literária.

Foi assim que, no ano de 2005, ao ingressar no mestrado em Letras, área de concentração História da Literatura, também na FURG, percebi a necessidade de expandir a pesquisa em jornal e decidi trabalhar com a imprensa caricata ao analisar textos do periódico *Maruí* (1880-1882), sob a orientação do Prof. Dr. Francisco das Neves Alves. O meu interesse pelo jornal tinha por objetivo - tal como na pesquisa de Iniciação Científica - a confecção de índices, por assunto e por autor, além de uma antologia que visava analisar o humor produzido pelos textos caricatos publicados no semanário.

A ideia de se trabalhar com um material iconográfico deve-se ao fato de que esse tipo de linguagem é pouco observado como literatura, seja pelo pouco valor estético, embora bastante apreciado pelo público em geral, seja pela impossibilidade de, muitas vezes, se elaborar um cânone. No entanto tal motivo possibilitou a consideração de uma investigação e análise do material como primordiais para a construção de um estudo de interesse, não somente literário, como também histórico e político. O resgate dos textos coletados nos 121 exemplares do *Maruí* disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense permitiu uma leitura da sociedade daquele final de século.

A partir disso, foi possível constatar que, de um modo geral, o humor, ainda mais quando de cunho moralizante, é utilizado para expor as falhas de um determinado setor da sociedade como um sentimento de glória repentino em que se satiriza algo ou alguém e o leva ao escárnio, ao ridículo. Explicitar o que é implícito na vida social é uma forma de senso comum. É uma prática exemplar porque é uma atividade humana, universal. O mais extraordinário sobre o humor é que ele permite que uma sociedade retorne ao sentido comum distanciando-o dela, familiarizando-a com um mundo comum, com suas estratégias diminutas de desfamiliarização.

Se o humor faz recordar o senso comum, o faz retirando a sociedade para,

momentaneamente, fora do sentido comum, onde os gracejos funcionam como momentos que podem ser chamados de incomuns. É uma forma paradoxal do discurso e da ação que derrota as expectativas, produzindo o riso com suas inversões, contorções e explosões verbais inesperadas. Explosões verbais muito repercutidas no tipo de pesquisa que se propôs no *Maruí*, em que foi fundamental não se limitar aos jornais ditos literários e nem se deixar guiar por um cânone. A importância dos textos publicados no periódico se dá pela possibilidade de uma reconstituição e visibilidade da vida literária do século XIX, ao menos no sul do Rio Grande do Sul.

Muito embora a caricatura, como literatura, possa não ter impressionante qualidade estético-literária valorizada pela crítica e, ainda que seja até mesmo difícil catalogá-la ou classificá-la em algum gênero, seu valor se deve principalmente à sua constituição histórica embebida no cotidiano daquela sociedade em que circulou, uma vez que muitos leitores, segundo evidências, demonstravam bastante interesse pelos textos publicados. Por denunciar a maneira como aquela sociedade se portava e, principalmente, por incluir no cânone outras possibilidades de leitura, e de literatura, é que considero pesquisas como esta e aquela tão necessárias. E tudo isso justifica-se pelo fato de que “ainda não foi completada a história que narra a dívida da literatura brasileira para com o jornalismo, especialmente no século XIX” (ZILBERMAN, 2003).

Assim como aconteceu com a *Arcádia*, o acesso ao material do *Maruí* foi dificultado por todas as já conhecidas questões que envolvem a pesquisa com fontes primárias: material em deterioração ou incompleto, dificuldade em localizar o acervo, dependência, única e exclusiva, dos horários de atendimento disponibilizados pela biblioteca, uma vez que a consulta só é possível no local, pois o material não está digitalizado e nem disponível online. Questões, entre tantas outras, que tornam trabalhos como o desenvolvido nesta tese imprescindíveis. Se não exclusivamente para resgatar esses textos, com certeza para denunciar os porquês da necessidade desse resgate.

Em ambas as pesquisas, os questionamentos do cânone que se seguiram à recuperação de textos de autores apagados dos compêndios de história da literatura abriram caminhos para outros autores e obras. A reivindicação da revisão do cânone

conduziu à necessidade de se verificar o que tais textos esquecidos podem acrescentar ao entendimento do passado, já que se tratam de jornais que são o suporte determinante para a divulgação e circulação da literatura no século XIX, como um espaço capaz de abrigar diferentes posições e ideias. Mais do que reivindicar a inclusão de nomes de autores, o que muitas vezes é impossível, dado o uso de pseudônimos, não encontrados nos dicionários de autores, ou pela falta de informações oficiais a respeito dessas pessoas, a demanda que apresento é a necessidade de rever os motivos pelas quais cânones são elencados. Importa saber o porquê de alguns nomes, sejam de autorias ou de periódicos, serem aclamados, enquanto outros são negligenciados, como é o caso da *Arcádia*. Trata-se de uma produção pioneira no Rio Grande do Sul no debate literário e que foi de efetiva constância, uma vez que perdurou por quatro anos, o que, para a época, significava um êxito.

A relevância do projeto de dissertação, por exemplo, deu-se à medida em que se verifica que os textos literários produzidos pela imprensa caricata em jornais rio-grandinos ainda foram pouco trabalhados e do quão contundentes foram as projeções dadas por esse tipo de jornalismo à vida política, social e cultural da sociedade vigente. A caricatura contribuiu significativamente para que a imprensa atingisse um público maior, por permitir que, inclusive, aquelas pessoas que não possuíam domínio do código da linguagem escrita não ficassem à margem dos acontecimentos e da vida social da época.

O trabalho foi dividido em três capítulos: “A Imprensa Literária no Rio Grande Do Sul do Século XIX”, “Breves esboços teóricos”, e o “*Maruí* como presença literária: O Humor Moralizante e a Crítica de Costumes”. O primeiro capítulo destinou-se ao estudo do contexto em que a imprensa rio-grandina se desenvolveu; o segundo apontou os elementos teóricos que sustentaram a tese defendida; enquanto o terceiro, e último, analisou a presença e contribuição do jornal caricato *Maruí* no que se refere à literatura, isso é, aquela construção mais estética do texto, que permitiu aos escritores desenvolver um estilo pessoal e livre de quaisquer imposições de padronização. Seja na grande ou na pequena imprensa a caricatura representa, ainda na atualidade, marca forte de opinião e contestação. Diversas vezes foi o estopim motivador de ações do governo sobre os periódicos, tirando o

sono e preocupando os políticos e a sociedade como um todo, afinal coloca-se o riso em discussão em quase tudo: fome, miséria, morte, sucesso, sagrado, etc.

A transcrição da antologia literária encontrada no *Maruí* resumiu-se aos textos que permitiram uma análise que se detivesse no humor moralizante e na crítica de costumes presentes no periódico e, desse modo, objetivou-se estabelecer as relações entre os textos e a linha editorial do jornal. Além disso, houve a elaboração dos anexos, em que constou a indexação do material coletado, que seguiu a mesma metodologia já adotada por outros trabalhos de pesquisa, e encontra-se disponível no repositório da universidade.

Para a pesquisa no doutorado, a escolha pela *Arcádia* deu-se pela existência de poucos estudos que resgatam esse periódico, restrito a artigos de pesquisadores gaúchos nos últimos quarenta anos. O texto mais antigo que analisa a *Arcádia* consta no livro *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868 a 1880)*, em que Carlos Alexandre Baumgarten (1982) propôs a análise de duas espécies de texto: os de crítica literária e os poéticos. A produção de natureza crítica foi analisada pautando-se no fato de que esse era um tipo raro de produção, enquanto que os textos poéticos distinguem-se por priorizar os três poetas com o maior número de contribuições nos textos consultados do periódico (p. 9): Apolinário Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior e Múcio Teixeira, todos conhecidos atualmente no cânone literário gaúcho.

Baumgarten analisa a *Arcádia* entre outros periódicos e observa que:

> O estabelecimento do grau de participação da imprensa no desenvolvimento da literatura rio-grandense abre, por sua vez, novas possibilidades para o estudo desta última, na medida em que **o presente trabalho se constitui num passo inicial neste sentido**. (BAUMGARTEN, 1982. p. 88. Grifo meu)

Propõe-se aqui que esse passo inicial apontado por Baumgarten seja seguido por uma longa caminhada dada através do conhecimento sistemático da produção literária sul-rio-grandense, possibilitando a análise de como os ideais, os valores e as práticas sociais, sobretudo as literárias, foram, aos poucos, configurados. Desde então, não se disponibilizou ainda ao público os conteúdos que fazem parte do semanário gaúcho. Trata-se então aqui de uma questão de preservação cultural de uma obra que foi pioneira na formação da literatura sul-rio-grandense,

substancialmente pelo tempo em que circulou e pelo tanto que de qualidade e importância produziu.

No entanto, para o tipo de pesquisa que se propõe aqui, é fundamental, também, não se limitar e nem se deixar guiar pelos autores reconhecidos atualmente. A importância dos textos publicados na *Arcádia* se dá pela possibilidade de uma reconstituição e visibilidade da vida literária do século XIX, ao menos no sul do Rio Grande do Sul, cujo valor se deve principalmente à constituição da historicidade da sociedade, sobretudo, rio-grandina.

Por essa razão, diante da necessidade de uma maior compreensão da importância desse jornal, decidiu-se ampliar a pesquisa em torno da *Arcádia*, para preencher as lacunas deixadas pelos poucos estudos anteriores. Através desta tese, pretende-se dar mais um passo nessa jornada, pois tal estudo permite verificar o quanto o periódico influenciou e incentivou o desenvolvimento cultural e social do extremo sul gaúcho, seja por meio da crítica e da poesia, seja por reunir, pela primeira vez na cidade, uma agremiação para discutir e produzir literatura, configurando-se, assim, o aspecto embrionário do sistema literário gaúcho.

Ainda segundo Baumgarten, embora a literatura sulina estivesse nos moldes estritamente românticos, foi a partir da tríade *Guaíba* (1856 - 1858), *Revista do Partenon Literário* (1869 - 1879) e *Arcádia* (1867 - 1870) – órgão oficial do Grêmio Literário Rio-Grandense – que houve uma maior uniformidade de pensamento no encarar o fato literário, o que determinou um novo posicionamento, uma vez que essa literatura se apropriava do elemento regional, aspecto de alta significação no desenvolvimento da literatura sul-rio-grandense (BAUMGARTEN, 1982, p. 87).

Por se tratar de uma produção do século XIX, é importante salientar que o material da *Arcádia* e seus autores oferecem conteúdo importante, como a maioria dos periódicos, a respeito da vida política, cultural e social da sociedade, possibilitando a realização de articulações entre o passado e o presente. Além disso, há o fato de que tais textos ainda estão pouco disponíveis ao público e, cada vez mais, em potencial fase de deterioração, o que poderá fazer com que o acesso a ele torne-se ainda mais difícil, quando não impossível.

Para se constituir uma sociedade, é necessário que haja memória e, nesse

ponto, a pesquisa em jornal torna-se primordial por permitir que se possa ver e analisar em que medida os diferentes momentos históricos estão nele refletidos, como influiu na orientação, formação e/ou manipulação da opinião pública e até mesmo nos próprios momentos históricos. E é justamente nesse aspecto que reside o mérito de se analisar em que medida a natureza literária e crítica do semanário foi formadora ou debatedora de opiniões, costumes e de ideologias.

Através dessa tese, intenciona-se perceber a maneira de ver e dizer uma época e, resgatando essas páginas da *Arcádia*, revisitando o passado, que se pode reescrever uma literatura mais ampla, abrangendo autores e textos desprezados atualmente. Apesar de tudo o que já foi pesquisado e coletado nas últimas décadas, em termos de literatura e imprensa, a história que contará a dívida da primeira com a segunda ainda não está completa, como já foi citado aqui e apontado por Zilberman (2003).

Os exemplares da *Arcádia* estão parcialmente disponíveis em centros de pesquisa do Rio Grande do Sul, como o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre, RS; com grande parte dos exemplares de 1868 e 1869); a Biblioteca Pública Pelotense (Pelotas, RS; com alguns exemplares de 1867 a 1870) e a Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS; com a grande maioria dos exemplares de 1867 a 1870). Destaca-se que, neste último, encontra-se a coleção praticamente completa, o que permitiu que se concentrasse em Rio Grande a maior parte desta investigação. Entretanto, em geral, os jornais sofreram muito com a ação do tempo ao longo dos séculos e, por isso, estão em más condições de conservação.

Dessa forma, objetiva-se a preservação de uma fonte primária fundamental para a História da Literatura do Rio Grande do Sul que está, sem a devida publicação e com o passar do tempo, relegada ao esquecimento, abandono e extinção; impossibilitando o reconhecimento do berço do cânone da literatura sulina não só para pesquisadores, como também para a sociedade futura; fato que por si só privaria as gerações futuras de reconhecer-se na História, uma vez que lhe falte o acesso à fonte. Assim sendo, constitui-se aqui a minha principal hipótese para ser averiguada na presente tese: a de que o periódico *Arcádia* possa ser considerado como o berço do cânone da literatura sulina, uma vez que foi ele o responsável por

reunir um grupo de literatos com a única finalidade de discutir, produzir e difundir uma literatura que estava em afinidade com a sociedade em que estava inserida.

Assim, a recuperação integral do periódico disponível, sua disponibilização em meio eletrônico não só para pesquisadores, mas também para o público em geral, além da investigação e da análise das características que definem o jornal *Arcádia*, constituem-se em importante e fundamental objeto de estudo para uma melhor compreensão da sociedade rio-grandina no cenário gaúcho, bem como dos processos que levaram à formação do sistema literário sulino.

No primeiro capítulo, apresento o contexto da formação da imprensa literária no Rio Grande do Sul do século XIX, inserindo o contexto histórico-literário, bem como abordo a importância do periodismo literário na formação da literatura no Rio Grande do Sul. Em seguida, contextualizo o surgimento da imprensa na cidade do Rio Grande e a presença da literatura nessa imprensa.

Ainda nesse capítulo, aponto o surgimento do A*rcádia* no contexto histórico-literário, com o propósito de apresentar esse semanário no panorama da literatura no Rio Grande do Sul. Assim sendo, é importante mostrar como o periódico é caracterizado e quais as principais relações que mantinha na época, tomando por base alguns dos estudos já realizados em torno desse jornal, bem como os por mim então efetivados.

Em seguida, no segundo capítulo, apresento, então, a análise de textos encontrados no periódico. Os escolhidos foram aqueles materiais que, independente da autoria, estão debruçados na metalinguagem. Isso porque tal recurso ajuda a perceber como os literatos presentes na *Arcádia* faziam suas escolhas linguísticas de forma a relacioná-las ao projeto do jornal, o de se dedicar totalmente à literatura, e, principalmente, ao que era entendido e estruturado enquanto literatura e sua relação com a formação embrionária do sistema literário gaúcho. Esse capítulo analisa poemas e crítica literária, ampliando o *corpus* pesquisado em artigos e pesquisas anteriores, com o propósito de comprovar que o sistema literário, tal como conhecemos hoje, teve início na *Arcádia* antes de ser consolidado de fato.

Cabe destacar que – devido à imensa quantidade de textos publicados nesse semanário – a produção não-literária não será analisada nessa tese, bem como

também não o foram todos os textos literários encontrados, possibilitando que outros pesquisadores ampliem ainda mais o estudo aqui desenvolvido, já que o recorte foi realizado para comprovar a minha hipótese que consiste no pioneirismo e influência da *Arcádia* em discutir e produzir uma literatura que versasse sobre ela mesma, sobretudo, através de textos críticos e pelo tempo que circulou, mostrando a preocupação dos colaboradores do periódico em produzir e difundir literatura de forma sistemática. Tal seleção ficou concentrada em alguns dos muitos textos poéticos e críticos presentes ao longo das quatro séries.

Assim como aconteceu com os não literários, e pelos mesmos motivos, reafirmo aqui que optei por não analisar todos os textos desses dois gêneros publicados na *Arcádia.* Decidi, então, por aqueles que melhor embasassem minhas percepções a respeito do envolvimento da revista[1] com a produção literária local, e, principalmente, textos que apontassem o pioneirismo na discussão e produção literária. Sendo assim, selecionei analisar, majoritariamente, metatextos, provando que o aspecto literário era o centro das discussões feitas na *Arcádia* e que havia ali uma busca pelo primor do que era considerado literatura e de como ela deveria ser produzida, considerando a identidade e os leitores sul-rio-grandenses.

Uma vez que esse é um trabalho de resgate e atualização de fontes primárias, os anexos – disponibilizados de forma *online* na página do ILA – são parte fundamental da pesquisa. A parte inicial desses anexos apresenta as normas para transcrição dos textos e dois índices: um geral de assuntos e outro remissivo de colaboradores da revista; aqui apresento – tanto quanto possível – notas biobibliográficas desses autores. A última parte dos anexos se dá com a antologia da produção literária no que tange à poesia e crítica literária.

[1] Não há consenso entre os críticos e historiadores se a *Arcádia* é um jornal ou uma revista, por carregar características de ambos. Por esse motivo, eu escolhi usar ambos os termos, como também costumam fazer outros estudiosos.

1 A IMPRENSA LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

1.1 Contexto histórico-literário

Para falar de literatura e imprensa, cabe uma leitura aprofundada do século XIX. Essa leitura exige um olhar atento às influências que se tornaram determinantes e decisivas para o desenvolvimento intelectual, social e político da sociedade de então. A formação histórica do Brasil e o surgimento (e o desenvolvimento) da imprensa são processos que estavam interligados. A imprensa surgiu como uma mola que impulsionou as muitas transformações sofridas pela sociedade. Também nivelou e formulou novas ideias e ideais, gerando, muitas vezes, o desenvolvimento histórico-social do país.

Durante o século XIX, foi a imprensa escrita o meio de comunicação mais significativo no Brasil, assim como na grande maioria dos países, seja da Europa, seja do restante das Américas, servindo aos mais variados interesses, fosse para divulgar informações, difundir leitura e cultura e/ou propagar ideais. Neste período, o jornalismo atuou com firmeza na construção de hábitos, costumes, opiniões, sentimentos, ideologias, ao mesmo tempo que os refletia, e isso em uma proporção que atingiu imensa parte das comunidades da época. No Brasil, foi ainda a imprensa que exerceu um papel fundamental na formação político-administrativa e institucional no país, pois, além de divulgar, fomentava e imprimia na sociedade as mais diferentes e divergentes ideias e ideais que eram propagadas durante as diversas fases por que passou.

Já no Rio Grande do Sul, a difusão literária deu-se primeiramente de forma oral, contemplando as crônicas escritas por viajantes estrangeiros que eram lidas em voz alta nas praças (CESAR, 1971). Em 1804, por exemplo, o governador Paulo Gama intentou a criação de um "Club de Letras" em Porto Alegre[2]. O que se seguiu depois até o surgimento da *Arcádia* foram produções que, segundo Athos Damasceno (1962, p. 54), tratavam-se de grupos que “não constituíam na realidade uma associação, um sodalício, um cenáculo de letrados, com a organização, as

[2] Disponível em: https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/a-sociedade-partenon-literario.html Acesso em: 06 mar. 2022.

características e os objetivos mirados por Paulo Gama”, o que só veio acontecer na segunda metade do século XIX.

Embora Regina Zilberman (1992) tenha datado a década de 1830 como berço das primeiras manifestações literárias no Rio Grande do Sul, Juliane Cardozo de Mello mostra que "a presença de obras literárias nos inventários (...) indicam para a circulação de romances, num período anterior ao marco explicitado pela historiadora" (2013, p. 14), resgatando indícios de atividade literária no século XVIII.

Essa etapa inicial inclui a publicação da primeira obra de um sul-rio-grandense. Inicialmente com *Versos heroicos* (1823), da Maria Clemência da Silveira Sampaio, e posteriormente com *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* (1834), de Delfina Benigna Cunha, ambas publicadas no Rio de Janeiro.

Cabe destacar também o surgimento da imprensa, com o jornal *Diário de Porto Alegre*, em 1º de julho de 1827, e logo depois *O Noticiador*, em 3 de janeiro de 1832, em Rio Grande e, mais tardiamente em Pelotas, *O Pelotense*, em 7 de novembro de 1851. O jornal *O Noticiador* (1832-1836) já dedicava suas páginas à publicação de poesia, sendo pioneiro tanto como imprensa quanto como difusor literário no extremo sul do Brasil.

Importante notar a relevância de datar o nascimento da imprensa no estado, uma vez que, historicamente, é relatado que o seu surgimento efetivo foi tardio, alegação devida, principalmente, ao isolamento em que se encontrava a província, ao estado de guerra (1835-1845) e à praticamente ausência de escolas, argumentando-se que não havia um ambiente propício à criação literária. Essa ideia se desfaz, tendo como base os estudos de Artur Emilio Alarcon Vaz (2006) e Mauro Nicola Póvoas (2005), pois o atraso do desenvolvimento da imprensa se deu de forma igual no Brasil, como se vê aqui e mais adiante, pois a imprensa tanto em São Paulo, quanto no Rio Grande do Sul surgiu cerca de um século após a origem das primeiras cidades nesses estados:

> Até se poderia considerar o Rio Grande do Sul em melhor situação, já que a criação da primeira gráfica se deu menos de um século após a fundação de sua primeira povoação, enquanto a província de São Paulo – assim como outras províncias – teria ficado mais de dois séculos sem uma gráfica própria. (VAZ, 2006, p. 64)

A intensificação das atividades jornalísticas se deu em meio à bipolarização partidária que marcou o cenário gaúcho do século XIX. Entre 1845 e 1870, com o resfriamento dos debates políticos após a pacificação entre farroupilhas e legalistas, houve uma grande diversificação e um significativo progresso na imprensa sulina. Surgiram então os pasquins, os caricatos, as folhas literárias e as noticiosas. Essa etapa, segundo Francisco das Neves Alves (1999), foi definitiva para a imprensa do final do século, por ter sido uma fase de transição no jornalismo, tendo apresentado alterações específicas e técnicas.

Francisco das Neves Alves (1997, p. 15) afirma que o jornalismo escrito, desde o princípio, tem exercido um significativo papel ao longo das diversas transformações sociais. A importância dada ao jornal deve-se ao objetivo do mesmo, posto que os textos veiculados na imprensa são destinados a fiscalizar, criticar, atacar, apoiar, censurar, enfim a dominar as relações sociais, agindo como um elemento determinante da formação histórica das sociedades. Esse conjunto de fatores pode ter contribuído no processo de levar o público leitor a popularizar o jornal, chegando a denominá-lo de “quarto poder”. Francisco das Neves Alves comenta, ainda, que a importância dos jornais na organização da sociedade e na construção da opinião pública deu-se, também, através das folhas não diárias, de circulação irregular e de curta sobrevivência.

Com o desenvolvimento de um jornalismo predominantemente opinativo, que expressava as convicções de seus responsáveis, surgiu também a necessidade de uma diversificação ainda maior, visando atender, mais especificamente, a determinados grupos e segmentos da sociedade. Nesse contexto surge a imprensa caricata que obteve ampla popularidade porque, a sua maneira, expressava a forma de pensar e agir das sociedades que buscava analisar (ALVES, 1995a. p. 124). Sem maiores compromissos com a legislação, que lhes imputava proibições que dirigisse críticas contra o poder vigente, os caricaturistas, durante o II Reinado, tinham liberdade de criticar qualquer objeto que desejassem, tendo apenas que tomar os devidos cuidados com as autoridades locais, usando para isso codinomes e gráficas clandestinas. Essa liberdade garantiu-lhes o acesso mais direto à sociedade e a aceitação por boa parte dessa.

A imprensa gaúcha teve sua começou sua efetivação após a Guerra dos

Farroupilhas[3] e com ela surge a necessidade de afirmação da identidade do povo sulino. Vem então a imprensa contribuir com a literatura em jornal, por exemplo, uma vez que, através da circulação das folhas, atingiam um público maior já que despendiam um investimento menor do que o da publicação de livros. O surgimento de uma imprensa preocupada com o desenvolvimento intelectual e social de uma sociedade, proporcionou a descoberta de uma área em potencial no município do Rio Grande, uma vez que esse, por ser portuário, estava conectado ao mundo, contribuindo para a divulgação de conceitos filosóficos e ideológicos, bem como para a divulgação e discussão a respeito das artes. Começa a se consolidar uma imprensa literária atuante que se dedica à difusão da cultura.

Foi nesse cenário que se deu o surgimento de uma imprensa essencialmente voltada à divulgação da literatura, como em Porto Alegre com os jornais *O Guaíba* (1856-1858) e a *Revista do Partenon Literário* (1869-1879) e em Rio Grande com a *Arcádia* (1867-1870). Tais veículos garantiam a importância do jornalismo para a vida social, cultural e intelectual da sociedade sulina, pois eram, também, difusores da literatura produzida no Brasil e no exterior, além de divulgar dados sobre economia e política.

Ainda durante a Revolução Farroupilha, diversos poetas disputavam a atenção do público, uns tomando parte a favor das forças legalistas, outros, das republicanas. Em 1847, surge o primeiro romance gaúcho, *A divina pastora*, logo seguido d'*O corsário* (1849), ambos de Caldre e Fião, primeiro presidente daquela que seria considerada a principal associação literária do Rio Grande do Sul: *O Partenon Literário*. Por esse motivo, não é incomum encontrarmos seu surgimento como sendo o início efetivo da literatura no estado gaúcho, desconsiderando-se a

[3] Segundo alguns historiadores, foi um movimento de guerrilha, porque apesar dos dez anos de duração foram combates esporádicos, principalmente depois de 1836, quando chegava a passar vários meses sem confrontos. Embora seja conhecida como tal, também não foi revolução, segundo diversos estudiosos, porque ao encerrar a ordem instituída se manteve. Aparentemente, é um pormenor irrelevante, mas o movimento tem caráter de mito de fundação do Rio Grande do Sul e da figura do gaúcho, o que está de acordo com a ideologia conservadora que desembocou na dita "tradição" do estado (SILVA, Juremir Machado da. **História Regional da Infâmia**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010). Tanto a ideia do mito de fundação quanto a da "tradição gaúcha" devem ser contestadas, porque trata-se de inverdades históricas, pois o heroísmo farroupilha é idealizado e exclui os negros escravizados que participaram do movimento como "bucha de canhão" sob a falsa promessa de libertação. Aqui provoco o leitor com um jogo de palavras daquilo que não foi: nem "Guerra dos Farrapos", nem "Revolução Farroupilha".

antecessora *Arcádia*, responsável por reunir, primeiramente, um grupo de intelectuais para pensar, discutir, produzir e difundir literatura e que, mais tarde, seriam os fundadores do *Partenon*.

O início da consolidação da imprensa após a Guerra dos Farrapos que, mesmo não tendo conquistado a independência da província, contribuiu significativamente para que os sul-rio-grandenses tivessem sua voz ecoando pelo país, a fim de que pudessem conquistar um lugar de maior destaque. Na segunda metade do século XIX, os movimentos culturais no Rio Grande do Sul ganharam expressividade de forma mais organizada do que até então. Tanto a imprensa quanto a literatura destacam-se como uma grande potência que disseminava ideais. Foram inúmeros os periódicos literários que proliferaram na sociedade sul-rio-grandense, concomitantes ao surgimento de novas associações que se dedicavam à produção e ao estudo da literatura. Essas sociedades literárias, tais como a do Partenon Literário e o Grêmio Literário Rio-Grandense, assemelhavam-se às academias do Arcadismo, tanto por reunir autores de expressiva notoriedade pública, quanto por objetivar a criação de uma literatura que representasse o estado.

Entre 1856 e 1869, o estado ganhara certo desenvolvimento econômico e com isso algumas escolas já funcionavam regularmente em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, que funcionavam como centros de maior produção cultural. Segundo Guilhermino Cesar (1971), com o Romantismo se inicia, verdadeiramente, o processo literário no Sul do Brasil, no entanto o que se percebe é uma literatura cada vez mais em busca de traços locais que reivindicavam a efetiva incorporação ao país. O monarca das coxilhas e o rio-grandense altivo, eram expressões desse desejo e uma sugestão de herói nacional que os românticos tanto queriam.

É nesse cenário que surgem os primeiros periódicos dedicados exclusivamente à divulgação da cultura e das artes. De acordo com Athos Damasceno Ferreira (1962), o primeiro periódico literário a surgir no Rio Grande do Sul foi *O Guaíba*, publicado em Porto Alegre em 1856, seguido por outros nos quais se destaca em popularidade e circulação, tal como *Arcádia* (órgão oficial do Grêmio Literário Rio-Grandense) em 1867, no que se tem conhecimento, pioneiro na cidade de Rio Grande, e a *Revista Mensal*, publicada pela Sociedade Partenon Literário em 1869. No entanto, Póvoas (2015) refuta a tese de que fora *O Guaíba* o primeiro

jornal literário do estado, uma vez que na cidade de Rio Grande desponta em 1851, cinco anos antes do semanário até então tido como pioneiro, o jornal *A Rosa Brasileira* que teve uma curta trajetória de apenas três números:

> Obviamente, não se quer aqui retirar a posição consolidada de *O Guaíba* no cânone dos periódicos do Rio Grande do Sul, por sua duração – três anos, em uma época repleta de jornais efêmeros, é uma boa marca – e por seus colaboradores – muitos deles relevantes para o estudo e a compreensão da literatura produzida, naquele momento, no Rio Grande do Sul. Mas pesquisas realizadas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na esteira dos projetos de pesquisa "O sistema literário rio-grandino no século XIX: estudo sobre a sua formação e consolidação" e "Arquivos, fontes primárias e periódicos", apoiados pelo CNPq, demonstram que a busca em materiais depositados em instituições responsáveis pela sua manutenção e guarda pode lançar novos olhares sobre a historiografia literária consolidada, como é o caso da *Rosa*. (PÓVOAS, 2015, p. 76)

No entanto o pioneirismo da *Rosa*, nomeado de "Precedência malograda" por Póvoas, foi assombrado pela acusação de ter plagiado um jornal pernambucano de nome *Acadêmico*, o que "colaborou na ausência de comentários crítico-historiográficos sobre a existência do jornal" (PÓVOAS, 2015, p. 80). É provável que a exclusão de *A Rosa Brasileira* da historiografia literária gaúcha tenha se dado, também, devido à crença de que a região sul era composta por incultos, desprovidos de qualquer interesse cultural - devido à existência de poucas escolas e ao permanente estado de guerra (PESAVENTO, 1997):

> As cidades de Rio Grande e Pelotas, localizadas no extremo sul brasileiro, tiveram seu apogeu cultural no final do século XIX, mas a pesquisa sobre essa formação cultural demonstra que algumas atividades começaram no início do século XIX, antes mesmo da implantação de tipografias nessa região, refutando o imaginário de que a região sul era composta por iletrados, incultos e homens propensos a guerras, distante, portanto, do que se pregava nos centros culturais do Rio de Janeiro de então ou mesmo em histórias da literatura atuais. (VAZ, 2014, p. 19)

A pesquisa em periódicos como fontes primárias tem justamente mostrado o oposto, preenchendo lacunas deixadas por outros pesquisadores, cujo trabalho tem sido a base para a disseminação desse imaginário de que não houve produção literária no Rio Grande do Sul, o que, como propõe o pesquisador, auxilia no processo de revisão da cultura escrita e impressa, que, segundo o mesmo, "deve ser feita para refutar vários conceitos amplamente divulgados nos livros de história da leitura e da literatura" (VAZ, 2014, p. 38).

Já a *Sociedade Partenon Literário* (1868-1885), órgão responsável pela

Revista Mensal, contribuiu muito para o desenvolvimento cultural e para consolidação de uma elite intelectual sul-rio-grandense, tendo como principal mérito da *Revista* ter contribuído para a difusão da literatura no Rio Grande do Sul. Uma vez que era de distribuição gratuita e atingia as principais cidades da província, tornou-se o mais importante e abrangente meio de divulgação da literatura sulina do século XIX (BAUMGARTEN, 1982, p. 19). A consulta a esse material torna-se obrigatória para que se possa estudar e compreender o período de formação da literatura sul-rio-grandense.

Com o *Partenon Literário*, Porto Alegre possibilita o debate literário na região, impulsionado pelo momento de grande agitação política, econômica e social que não só o estado, mas que também o Brasil viviam, a agremiação inspirou a criação de outras sociedades e tornou-se um marco em sua época, dando ênfase na participação social e cultural de uma sociedade que aspirava por ideais. A literatura tinha um lugar de destaque, o que originou diversos periódicos especializados em divulgar exclusivamente matérias literárias. Muitos foram os intelectuais que se destacaram contribuindo com suas obras: Apeles Porto Alegre, Múcio Teixeira, Apolinário Porto Alegre, Lobo da Costa, dentre outros.

De fato, esse diferencial visava atender a um público leitor cada vez mais exigente, e é aí que a pequena imprensa (esclarece-se que o termo "pequena" se dá em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro) ganhara importância visto que era o contraponto do discurso da grande imprensa diária. Especializando-se em explorar a literatura produzida no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, fazendo uso de um discurso marcado pelo debate e, principalmente, pela crítica.

O empenho da *Revista Mensal* da *Sociedade Partenon Literário* em desenvolver e consolidar culturalmente a elite intelectual sul-rio-grandense fez com que a revista se tornasse responsável pela unificação do processo literário sul-rio-grandense. Fato esse que ampliou no Rio Grande do Sul a difusão da literatura através de periódicos, prática que seria no século XIX o elemento mais importante para a divulgação da produção literária e, cabe salientar, que tal feito se deu a partir da *Arcádia*.

1.2. O periodismo literário na formação da literatura no Rio Grande do Sul

Em se tratando de imprensa sul-rio-grandense do século XIX, os jornais não apenas continham literatura diluída entre outros conteúdos, mas também eram, especialmente, dedicados de forma essencial, ou mesmo exclusiva, a ela. O papel da imprensa era, também, o de educar através da literatura. Nessa época, nasce a consolidação da literatura brasileira: “Através da criação e disseminação de determinados gêneros, entre os quais a crônica e o conto. É também de responsabilidade deste suporte a disseminação do gosto pela leitura de romances e folhetins.” (BARBOSA, 2007, p. 47)

Considerando que a tarefa da imprensa ia muito além de simplesmente informar, é possível perceber a importância do periodismo literário na formação da literatura no Rio Grande do Sul, bem como em todo o território brasileiro. Na segunda metade do século XIX, encontra-se um grande número de periódicos literários que divulgavam literatura romântica na região sul. Muitos deles eram frutos de iniciativas individuais e que pouco duraram, à exceção dos principais e mais longevos já citados: *O Guaíba*, *Arcádia*, *Revista do Partenon Literário* e, para citar um título a mais, *Corimbo* (1883-1944). Esses periódicos recebem o crédito por conta do legado que deixaram registrado para que se pudesse fazer uma leitura do passado cultural sul-rio-grandense.

Enquanto a revista *Arcádia* aparece com intenções exclusivamente literárias, as atividades n’*O Guaíba* estavam para além das puramente literárias. Tratava também de história geral, belas artes, filosofia, linguística, educação, dentre outros temas, cumprindo assim com a perspectiva de formar os leitores, além de informar. *O Guaíba* desapareceu em 1858 e somente em 12 de maio de 1867 é que finalmente surge a revista *Arcádia*, autointitulada um *Jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico.*

Com a atuação do *Partenon Literário*, temos a consolidação da “uniformidade de pensamento no encarar o fato literário” (BAUMGARTEN, 1982, p. 77), embora essa “uniformidade”, atualmente, seja vista de forma mais líquida. A revista, bem como a própria *Arcádia* já o fizera, não escondia seus ideais liberais e republicanos, criticando a escravidão e em apoio à abolição. Uma vez que, com o

Partenon Literário, Porto Alegre centraliza o debate literário em toda província, a ênfase na participação social do literato permite que o estereótipo de artista irresponsável seja contrariado. A Sociedade ainda realizava saraus, cursos noturnos, cujo objetivo era estudar aritmética, língua portuguesa e desenho, incentivava a organização de bibliotecas para que o livro estivesse acessível aos leitores, essas entre muitas outras atividades; práticas nada convencionais para a Porto Alegre da época.

Sem dúvida por conta desses posicionamentos e divulgação da cultura literária, foi a *Revista da Sociedade Partenon Literário* responsável pela consolidação de um sistema literário, como o proposto por Candido (2014), que permitiu que se buscasse um estilo próprio e regional de se fazer e pensar a literatura. Saliento aqui o verbo “consolidar”, porque anteriormente a ela a *Arcádia* já se preocupara com a formação desse sistema. Essa constatação fica óbvia não só pela intenção de organizar uma agremiação da qual faria parte, como veremos mais adiante, mas também pelo profundo investimento que fazia para que a produção local desenvolvesse uma literatura que não fosse meramente cópia do que já se fazia, como pode ser visto nos textos analisados.

Assim sendo, deve-se ao surgimento dos periódicos literários a implementação da cultura literária letrada de forma mais abrangente e menos elitista no Rio Grande do Sul, fato que se pode ver na preocupação da *Sociedade Partenon Literário* em formar leitores, uma vez que ofereceu aulas noturnas, que, portanto, não se destinavam a estudantes da classe abastada, bem como pelas atividades de difusão promovidas pelo clube, como saraus e palestras. Não só pelo fomento de literatura romântica e regional, mas principalmente pela crítica literária e pelas discussões a respeito da sociedade que se davam em torno da literatura. A prática da leitura em jornal expandiu as habilidades de como se lê o mundo e se atua nele, sendo essa uma preocupação sobre a responsabilidade social do jornalismo, sobretudo os político-partidários e literários. Essa importância fica mais evidente ao se considerar a popularização de periódicos por conta da publicação de folhetins, fossem os traduzidos ou mesmo os nacionais transcritos. De acordo com a pesquisadora Juliane Mello (2017) essa prática foi fundamental tanto para o

processo civilizatório e educativo do país, quanto para consolidar e popularizar o romance no Brasil. Segundo ela:

> A imprensa periódica brasileira apresentava, por meio da tradução, o intuito de trazer a civilização para a pátria recém-independente. Em um meio cultural carente de leitores, cabia às folhas a adaptação desses textos ao contexto, fato esse que influenciava também na seleção das obras ficcionais a serem transcritas. Esse processo de adaptação gerava uma prosa ficcional completamente distinta da original, na qual se acentuava o cunho didático pedagógico na voz do narrador que interpreta o contexto estrangeiro a sua maneira. (MELLO, 2017, p. 55)

Para além de qualquer tentativa de neutralidade, havia um projeto político e pedagógico na escolha para essas publicações. Daí a necessidade de aproximar os leitores aos periódicos, pois seria através da leitura que o projeto seria concretizado:

> Para os homens de letras brasileiros, a tradução de artigos e de literatura eram formas de promover a civilização, e a leitura como forma de instrução para que a cultura francesa e britânica fosse promovida entre seus compatriotas. A missão de promover a identidade nacional, regada a muito patriotismo, foi assumida pelos periodistas brasileiros que fizeram da literatura um meio de promover o seu ideal (MELLO, 2017, p. 56).

A busca por alcançar esse ideal endossava até mesmo plágios[4]. A pesquisadora aponta que não foram poucos os casos em que traduções eram unidas a narrativas de autores diferentes, com ocultação de autoria, modificações nas obras, gerando narrativas encaixadas, uma prática bastante comum na Europa, e todo esse esforço tinha o objetivo de estabelecer o patriotismo, manter e conquistar novos leitores. Era necessário criar uma identificação entre leitura e povo.

Essa necessidade começou a aparecer porque até o final do século XVIII todo material impresso que circulava no Brasil chegava de outros países em navios. Somavam-se a isso, nesse momento, pequenas bibliotecas particulares ao mesmo tempo em que surgia o comércio de livros importados. Nesse contexto, o nascimento e desenvolvimento da imprensa no Brasil aconteceu com a chegada da família real em 1808, por necessidade de imprimir documentos e materiais informativos a respeito de ordens e decretos do império. Foi com a ascensão da

[4] Prática defendida na crítica “Diva, perfil de mulher” (*Arcádia*, 1867, p. 264-268; 01.3.1.264). Juliane Mello (2017) considera que talvez, por gerar tantas indefinições, principalmente quanto à autoria e origem, esse seja o motivo de tantos textos do século XIX não constarem nas historiografias e manuais de literatura brasileira.

impressão, a partir do século XIX, que não só livros, mas também os jornais proliferaram no país, sobretudo nas regiões de maior destaque financeiro e intelectual.

Como fora dito anteriormente, ao contrário do que se costuma apontar, o surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul não aconteceu com atraso em relação ao restante do país. Essa afirmação é defendida por Artur Vaz (2006) em que diz:

> Conforme Nestor Ericksen, a primeira tipografia do Rio Grande do Sul foi implantada pouco meses depois da de São Paulo. Essa constatação desfaz o repetido argumento de que o Rio Grande do Sul tenha sofrido um atraso no desenvolvimento de sua imprensa, com base em que o Diário de Porto Alegre tenha surgido quase um século depois de 1737, data de fundação do forte Jesus-Maria-José, origem da cidade de Rio Grande, marco inicial da formação histórica do Rio Grande do Sul. (VAZ, 2006, p. 63)

O pesquisador vai além e traz dados sobre o desenvolvimento intelectual do estado que apontam que a região, apesar de distante dos grandes centros, apresentou um número expressivo de periódicos circulando no século XIX:

> José Murilo de Carvalho acrescenta um dado que pode ser considerado como muito mais influenciador do pretenso "atraso cultural" do Rio Grande do Sul. Analisando a relação entre os estudantes brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra e a população de cada província, conclui que "a relativa ausência de gaúchos em Coimbra foi certamente uma razão adicional para o isolamento da província e seu sempre problemático relacionamento com o governo central (CARVALHO, 1981, p. 58). Esse dado, no entanto, evidencia para um distanciamento entre as elites gaúcha e brasileira, e não tem tanta relação com a vida cultural de então, pois o Rio Grande do Sul já era tido como uma das províncias mais ricas do país. (VAZ, 2006, p. 65)

Considerando esse quadro, o capítulo e subcapítulos subsequentes dessa tese têm o objetivo de analisar em que medida os textos publicados na *Arcádia* demonstravam preocupação em discutir literatura a fim de fomentá-la e preservá-la, somando-se a isso o conhecimento e consciência literária de seus escritores nesse contexto em que a região sul não estava, assim, tão distante culturalmente do restante do país, como costumou-se pensar.

1.3 A imprensa na cidade do Rio Grande

Durante a vigência do século XIX, por diversas razões históricas, tal como ser o único acesso marítimo do estado e a principal entrada de mercadorias vindas do estrangeiros, a cidade do Rio Grande desempenhou importante papel no contexto regional, de forma que a imprensa rio-grandina foi uma das que mais se destacaram na província gaúcha. Destaque esse atribuído à quantidade e qualidade dos periódicos, que fez com que o município tivesse como característica “uma fértil tradição ligada à imprensa circulando nessa cidade grande quantidade de periódicos, pequenos ou grandes, temporários ou perenes, ‘sérios’ ou humorísticos” (ALVES, 1995b, p. 146).

Além de ser a pioneira entre as localidades do interior gaúcho a publicar jornais[5] - Baumgarten (1982) cita publicações que circularam no final da década de 1820 - Rio Grande teve destaque na produção jornalística tendo em vista a circulação de publicações bastante perenes, como é o exemplo do *Corimbo*, já citado. Assim sendo, as publicações da imprensa rio-grandina, em âmbito regional, só foram superadas pelas porto-alegrenses. Periódicos rio-grandinos como o *Rio-Grandense* (1845-1858), o *Diário do Rio Grande* (1848-1910), o *Comercial* (1857-1882), o *Eco do Sul* (1858-1937) e o *Artista* (1862-1912), por exemplo, compõem o que se convencionou chamar de "grande imprensa diária", fazendo parte de um período de expressivo aprimoramento e diversificação na prática de diferentes estilos jornalísticos, e que, consequentemente, possibilitou a divulgação das suas publicações no estado. O historiador Francisco das Neves Alves dispõe três fases de periodização dessa imprensa:

> A primeira fase assinala o surgimento da imprensa na cidade, desenvolvendo-se durante a década de 30 e a primeira metade dos anos 40 e sendo demarcada pelo processo de afirmação do Estado Nacional

[5] Além disso, circularam jornais em Caçapava, Alegrete, Rio Pardo e outras cidades durante a Revolução Farroupilha. É verdade que na maioria dos casos com poucas edições. Os primeiros jornais do Rio Grande do Sul foram: o Diário de Porto Alegre (1827–1828), O Constitucional Rio-grandense (1828–1831), O Amigo do Homem e da Pátria (1829–1830), O Vigilante (1830– 1831). Todos propriedade do Partido Liberal. Os jornais, de um modo geral, só passariam a ter um caráter informativo a partir do ano de 1850. Luigi Rossetti fundou O Povo (1837 ou 1838), Pedro José de Almeida, conhecido como Pedro Boticário, Idade de Pau (1833), Tito Lívio Zambecari O Mensageiro, (1835–36), O Povo, (1838–40), O Americano, (1842–43). O Partido Conservador publicou O Anunciante, (1832–35), Belona, (1833–34), O Continentino, (1833), O Correio da Liberdade, (1831), Correio Oficial, (1834–35), entre outros.

> Brasileiro e pela deflagração e desenvolvimento da Revolução Farroupilha. A segunda etapa identifica um primeiro momento de crescimento e diversificação dos jornais rio-grandinos, ocorrendo da segunda metade da década de 40 até o final dos anos 60 e coincidindo com a época de estabilização político-econômica nacional e provincial. Finalmente, a terceira fase refere-se ao período de desenvolvimento máximo da pequena imprensa, durante as três últimas décadas do século XIX, até o seu declínio e, praticamente desaparecimento, ocorrido na virada para o século XX, identificando-se com o processo de transição Monarquia-República e de consolidação da nova forma de governo. (ALVES, 1999, p. 23)

O fato de o momento histórico estar condicionado ao período dos acontecimentos políticos não é por acaso, já que a imprensa esteve permeada pelos conflitos político-partidários. A produção jornalística da cidade estendeu-se para além dos “grandes diários”, como o *Diário de Rio Grande*, a chamada “imprensa séria”, nos termos citados por Francisco das Neves Alves (1999). Ao lado desses surgiu também um expressivo número de pequenos jornais, denominados de “pequena imprensa”, de, geralmente, curta circulação e de periodicidade irregular, no entanto de forma praticamente ininterrupta durante o século XIX. Segundo Francisco das Neves Alves, o conjunto dessa produção:

> Desenvolve-se num processo no qual podem ser identificadas três fases: uma marcada pelo surgimento dos primeiros jornais; outra caracterizada por um crescimento e diversificação dos periódicos; e a terceira demarcada pelo apogeu e declínio da pequena imprensa. Essas fases não se apresentam estanques ou isoladas entre si, mas sim guardam características internas comuns, derivadas das condições político-ideológicas ou socioeconômicas das etapas que representavam, permitindo, assim, uma melhor compreensão do desenvolvimento da atividade jornalística rio-grandina. (1999, p. 24)

Percebe-se aqui o quanto o jornalismo rio-grandino acompanhou o desenvolvimento da imprensa no país influenciando, e também sendo influenciada, dado o contexto histórico daquele século.

A revista *Arcádia* surgiu no final da segunda fase da divisão proposta por Alves e não chegou a circular para além do ano de 1870, porém, segundo Baumgarten (1982) e Alves (1999), fora um dos jornais que mais se dedicou aos aspectos culturais da sociedade brasileira, sobretudo gaúcha, no período em que circulou. Já no primeiro número, o diretor da *Arcádia* garantia, ao anunciar a folha, que a mesma se dedicaria "íntima e exclusivamente às letras e literatura nacional, história, pátria, ciências, artes e costumes", assim como à "descrição de figurinos da moda, considerações sobre o bem geral, estudos da língua e educação" (23 de

março de 1867), confirmando assim os interesses da revista.

O jornalismo na cidade do Rio Grande reproduziu o desenvolvimento da imprensa no Brasil, estando inserida no contexto regional e nacional ao longo do século XIX. Assim sendo, a abordagem da pequena imprensa rio-grandina faz-se necessária, para que se possa analisar quais fatores influenciaram a sociedade de então, para possibilitar um empreendimento em se fazer uma reconstrução histórica.

1.4 A imprensa literária na cidade do Rio Grande

Com a finalidade de se repensar o cânone, essa tese versa sobre o apagamento da qual a *Arcádia* está inserida, marcado pela ausência de estudos dedicados a destrinchar a produção do periódico por parte de críticos e historiadores literários. Assim, foi necessário traçar um percurso sobre a importância da imprensa literária rio-grandina que apontasse para a *Arcádia*.

O jornal rio-grandino *O Noticiador* (1832-1836) é fonte de pesquisa de Simone Xavier Moreira (2013), para tratar da formação cultural e literária de Pelotas, e de Ana Cristina Pinto Matias (2014), que resgatou e analisou a obra literária de Francisco Xavier Ferreira. Esses, entre tantos outros pesquisadores, tiveram como interesse as fontes primárias disponíveis e/ou originadas em Rio Grande, o que, mais uma vez, aponta a cidade como fonte de pesquisas literárias.

Sobre o fato de Rio Grande ter sido pólo cultural no sul do país, Juliane Cardozo de Mello aponta que:

> Em Rio Grande, a importação de ficção foi intensa a partir da década de 1850 e muitos folhetins foram traduzidos e publicados nos jornais locais. As obras que compõem o *corpus* desta pesquisa foram localizadas nos seguintes periódicos, que compõem parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense: *Rio-Grandense* (1845-1854), *A Imprensa* (1855), *Novo Rio-Grandense* (1858-1859), *Diário do Rio Grande* (1861-1889), *Eco do Sul* (1858-1885), *Inúbia* (1868), *Arcádia* (1870), *O Tempo* (1871-1872), *Gazeta Mercantil* (1879) e *O Artista* (1878-1890). (MELLO, 2013, p. 74)

No final da década de 1860, os jornais literários – tais como os já citados, *O Guaíba*, a *Arcádia* e a *Revista do Partenon Literário* – marcaram o surgimento desse novo gênero na imprensa rio-grandina. Certamente, a literatura já vinha sendo

difundida nos periódicos, mas de maneira complementar, representando uma ou duas partes dos jornais que circulavam. Surge então a imprensa literária, trazendo o desenvolvimento da arte das letras e, sobretudo, a divulgação da literatura. Tendo em vista o alto custo dos livros, esse tipo de periódico foi de fundamental importância, não só para o Rio Grande, mas para todo o Brasil, uma vez que permitia o acesso à arte que vinha sendo difundida. A preocupação e interesse pelas ideias românticas e nacionalistas que já ocorriam no centro do país trouxeram a preocupação por uma literatura de identidade regional.

No entanto, não só por esse motivo. O sucesso da literatura em jornal se deu também porque esse era um meio de contentar toda a família. Com a invenção do folhetim, pelo jornal e para ele, também veiculado nas folhas rio-grandinas, inclusive na própria *Arcádia*, tem-se a publicação periódica do gênero, o que atraía leitores ávidos e que, consequentemente, garantia maior lucro aos donos de jornais. Segundo Juliane Mello (2019):

> Devido aos recursos escassos, o homem “do povo” comprava um jornal que contentasse a sua família inteira, por isso, folhas que divulgavam preferencialmente material político começaram a reservar um espaço para a ficção em capítulos. A leitura de folhetins estava ligada às demandas sociais e é, para o seu leitor, uma forma de inclusão nos círculos sociais (MELLO, 2019, p. 468).

Já a pesquisadora Fernanda de Ávila Branco (2005) aponta a presença literária no jornal caricato *O Diabrete* (1875-1881). Esse trabalho foi crucial para a minha escolha em trabalhar com o *Maruí,* apontando a possibilidade de entender a caricatura e o humor como literatura. Segundo a estudiosa,

> A finalidade moralizadora do riso e a necessidade de destruir e atacar tudo que possa ou tenha corrompido a sociedade surge do inconformismo do homem diante da realidade que o cerca. Assim, O Diabrete, com seu jeito galhofeiro, embora tenha uma grande vontade de reestruturar a sociedade, imbuído de um forte espírito saudosista, é consciente de que não poderá modificá-la. Sua tarefa é apenas denunciar na tentativa de despertar a consciência dos homens que se desviam do caminho ético e moral. O tom irônico, ainda que provoque o riso, confere ao discurso do periódico um viés profundamente pessimista característico daqueles que fazem uso da ironia. (BRANCO, 2005, p. 18)

Ainda por ela apontado, mesmo sem promover nenhum tipo de ruptura na literatura Brasileira e nem apresentado inovações significativas, as manifestações literárias *d’O Diabrete* cumpriram seu papel de divulgar cultura, expressando “os

sentimentos, angústias e modos de perceber a realidade em que viviam os cidadãos daquele tempo", utilizando-se, inclusive, da poesia para tecer críticas, atacando e denunciando acontecimentos, o que estimulava outras produções e publicações (BRANCO, 2005, p. 111).

A partir disso, o humor como crítica social foi apontado por minha dissertação de mestrado (ACOSTA, 2007) ao trabalhar com o caricato *O Maruí* (1880-1882). Na esteira d'*O Diabrete* que, em se tratando de literatura, segundo Athos Damasceno Ferreira afirma, limitou-se à mediocridade por utilizar modelos com pouco conteúdo e expressividade (1962), e no aspecto moral agiu como os demais jornais do mesmo gênero alfinetando a todos; e, em relação ao público em geral, oferecia literatura secundária e sem muita expressão, surge o *Maruí* como forte concorrência. Sua aparição veio piorar a situação daquele periódico com as outras folhas rio-grandinas, que já não eram das mais cordiais tendo em vista suas críticas contundentes.

Em cada número em que a redação do *Maruí* oferecia ataques, recebia de lá na mesma medida e, segundo Damasceno Ferreira, a briga entre Campos Júnior, redator de *O Diabrete*, e Henrique Gonzales[6], egresso do mesmo jornal e agora proprietário do *Maruí*, partia das injúrias pitorescas, publicadas nas charges e piadas, para agressões de cunho pessoal. Segundo Costa Filho, "a imprensa funcionava em grande parte como uma espécie de arena, onde eram travadas as disputas e altercações exaltadas entre os redatores" (2001. p. 6). Gonzales permaneceu por pouco tempo à frente do jornal. Em 14 de agosto de 1880 Tadeu Alves do Amorim[7] assume a propriedade e começa a sua destacada trajetória como jornalista atuante junto à imprensa caricata rio-grandina.

---

[6] O surgimento dessa folha esteve intimamente ligado ao rompimento, por razões políticas e pessoais, entre Francisco Luís de Campos Júnior, proprietário d'*O Diabrete*, e o ilustrador Henrique Marcos Gonzales.

[7] O rio-grandino Tadeu Alves do Amorim (1856-1920) desde muito jovem trabalhava em jornais como em *O Amolador* e *O Diabrete*. Segundo Athos Damasceno, Tadeu identificou-se "com a árdua profissão", dedicando-se com zelo e diligência em meio às grandes dificuldades que a imprensa passava tanto para a obtenção dos recursos para a manutenção material, como para manter a qualidade das matérias. Foi também responsável pelo *Bisturi* (1888) com que atingiu o apogeu de sua carreira. Seu irmão Constantino Alves do Amorim também trabalhara no *Diabrete* e tornou-se seu sócio no *Maruí*; como caricaturista, Constantino destacou-se pela qualidade técnica e pelo expressivo senso de humor.

Como relatei anteriormente, a crítica humorística no caricato era predominantemente moralista. Um exemplo que marca o posicionamento do periódico a favor da moral ficou marcado por uma caricatura publicada na edição de 10 de abril de 1881 em que o título “Pela Moralidade” ilustrava o anúncio de que nos números seguintes estariam ali os nomes de certas personalidades que, ao invés de estar tratando de seus deveres de chefe de família, passavam as noites entregues à mais vergonhosa orgia. Se para manter sua função moralizadora, se para obter maior atenção dos curiosos, o certo é que o assunto circulou com vigor pela sociedade rio-grandina causando grande agitação e inquietação. Porém, logo se viu que, para alívio dos supostos envolvidos, tal listagem não foi publicada em nenhuma edição subsequente.

O papel da mulher na sociedade não ficou de fora das preocupações morais pelas quais o *Maruí* se interessava. Muitos artigos foram publicados, em prosa e verso, descrevendo aquela que seria a “mulher ideal”, o que em suma significa dizer que essa deveria ser submissa, boa esposa, mãe e amiga, devendo enfim ser praticamente uma santa[8], segundo Alves (1999. p. 209). Porém um dos maiores, mais destacados e preferidos alvos da caricatura de costumes do jornal era, sem dúvida, o clero. *O Maruí* atacava com veemência os padres da época fazendo duras críticas quanto à espiritualidade e temporalidade que, para o periódico, era essa última o maior interesse dos religiosos. Não foram poucas as caricaturas que apresentavam o interesse por finanças dos eclesiásticos, o *Maruí* nunca quis aparentar sutileza para disfarçar seu anticlericalismo.

Através da exploração da temática contida no *Maruí* foi possível, como fora mostrado nas análises, perceber a forma como o jornal se identificava e comunicava com os leitores e como formava e debatia opiniões, costumes e ideologias. Ainda que a análise tenha recaído sobre a prosa e a poesia, não detendo-se na iconografia, a observância das diferentes fases pelas quais o periódico passou mostrou que humor, ironia e crítica serviram como ferramentas moralizantes na

[8] Trata-se de um texto em que essa “caricatura” de mulher ideal foi publicada sob o título de “Presente de festas de ano bom” na edição de 2 de janeiro de 1881 (p. 2) em que o jornal ofereceu um abecedário para uso doméstico em que, para cada letra do alfabeto, atribuía uma virtude que expressava o que seria uma boa mulher. A – Amiga deve ser a mulher de sua casa. B – benquista deve-se fazer na vizinhança. C - Caridosa deve ser com o pobre. (...) Z – Zelosa deve ser na sua honra, para que os lobos não possam devorá-la.

tentativa de extirpar os “vícios sociais”. O caráter investigativo das diferentes características que definem o *Maruí* constituiu-se em um objeto de estudo fundamental para melhor compreender a sociedade rio-grandina do século XIX.

Uma vez que a literatura muitas vezes tenha a intenção de provocar, incitar a empatia, a identificação, ou seja, criar uma aproximação entre leitor e o passado, para que uma construção de memória por meio desse seja possível, se faz isso preservando-o, transformando-o, para então organizar o presente e se projetar um futuro. Pensar como a sociedade brasileira, por exemplo, encontrava na imprensa e no humor um espaço de discussão sobre sua própria realidade, pode ser um dos primeiros passos para transcender os limites que ainda separam literatura e história.

Também percorrendo os caminhos da literatura em jornal, há a dissertação de Reinaldo Araújo de Moura (2009), que analisa o romance *Vênus ou o dinheiro*, representando o Realismo-Naturalismo na prosa de ficção na literatura sul-rio-grandense. O romance foi originalmente publicado como folhetim no jornal *Onze de Junho*, entre 8 de julho e 9 de outubro de 1881 e posteriormente republicado em livro, em 1885, após a morte do autor. A dissertação propôs-se a resgatar dados sobre a bibliografia do escritor e a sua atuação no sistema literário gaúcho como o primeiro prosador naturalista do Rio Grande do Sul, bem como buscou perceber como se articulavam os dados sócio-históricos na obra que “em diversas passagens critica a monarquia, a igreja católica, a educação brasileira e os casamentos por interesse, pensando esse romance no contexto da produção literária do final do século XIX” (MOURA, 2009, p. 6).

Já a folha *Inúbia*, objeto de dissertação de Leila Cruz de Ávila (2004), surge em 15 de março de 1868 e aparece como um concorrente à *Arcádia*, pois se apresentava como um *periódico literário* através do qual pretendia difundir a cultura literária pela cidade de Rio Grande. No entanto, mesmo propondo-se ser literário, em meio à Guerra do Paraguai o periódico não fica isento às notícias e em maio daquele mesmo ano, diante das dificuldades em se manter uma folha exclusivamente literária, passou a ofertar anúncios e uma seção sobre o movimento do porto.

No período em que se propôs a difundir a literatura, o jornal *Inúbia* também abriu espaço para contribuições na forma de artigos literários e também poesias. Visava assim atrair um público assinante fiel, pois não haveria outra forma de manter-se. Frequentemente publicava com bom humor as dificuldades de cumprir o que se propunha, comparando o próprio ofício com os demais jornais da cidade. Por isso mesmo teve que ceder espaço para outras matérias que não somente a literatura, sendo, por esse motivo, um dos alvos de crítica da *Arcádia*, que conseguiu se manter fiel ao seu editorial de ser uma revista exclusivamente literária. Ante as dificuldades, o jornal encerrou suas atividades em novembro do ano de 1870.

Ao lado da *Arcádia*, *Inúbia* foi o periódico literário mais bem elaborado na cidade de Rio Grande, publicando autores e textos em termos locais, ainda que se deva salvar as devidas proporções, dada às diferenças entre ambas. Com relação à *Arcádia*, a revista ainda circularia por mais dois anos, para além do periódico *Inúbia*, fiel aos seus princípios de ser exclusivamente literária, como essa pesquisa se propõe a constatar.

Durante as três últimas décadas do século XIX a pequena imprensa, ao lado dos grandes e perenes diários, conquistou espaço. Embora tivesse recursos bastante escassos, movimentou a sociedade rio-grandina, tendo circulado de forma praticamente ininterrupta durante todo esse período, através dos periódicos citados, além de outros de circulação ainda mais restrita.

1.5 A *Arcádia* no panorama da literatura no Rio Grande do Sul

A *Arcádia* dedicou-se majoritariamente à literatura e contava com a colaboração de autores – listados ao longo dessa tese – que logo se destacariam culturalmente na província. O jornal teve como proprietário (diretor e editor) Antônio Joaquim Dias, português estabelecido em Rio Grande e, mais tarde, em Pelotas. Antônio Joaquim Dias também foi fundador e redator do *Jornal do Comércio* e do *Correio Mercantil*.

A revista *Arcádia* publicou poemas, romances, contos, crítica literária e correspondências entre autores ligados ao movimento cultural, entre outros textos

não literários. Havia um diferencial no periódico que o caracteriza como sendo parte da pequena imprensa, pois o periódico ganhava importância visto que era o contraponto do discurso da imprensa diária, uma vez que se dedicava, exclusivamente, ao fazer literário, fazendo uso de um discurso marcado pela arte, debate e, principalmente, pela crítica. Não há dados sobre como os exemplares eram vendidos e nem sobre quem eram seus assinantes.

A revista divulgava textos além da prosa e da poesia literária, publicando ensaios de história, artigos de crítica literária, levantamentos biográficos de personagens da História do Brasil e do Rio Grande do Sul, congregando para si os primeiros críticos literários de que se tem conhecimento, entre tantos outros, inclusive nem tão conhecidos.

A revista promovia a expressão literária procurando apontar um caminho para a construção dessa identidade através de um procedimento intelectual que explicasse e mostrasse a realidade do contexto em que estava inserida. Para Guilhermino Cesar, trata-se de uma obra: “Bem cuidada, bem impressa, publicando o que se escrevia de melhor na província *A Arcádia* por mais de três anos divulgou exclusivamente matéria literária e pesquisas históricas”. (CESAR, 1971, p. 166-167).

Muitos foram os colaboradores que publicaram no periódico de maneira sistemática. A título de exemplo, cito o poeta rio-grandino Bernardo Taveira Júnior (1836 - 1892) que começou sua carreira nesse jornal, e depois, também, participando ativamente da *Sociedade Partenon Literário*, sendo o autor com mais publicações na *Arcádia*. O literato classificou-a como sendo a publicação que mais prestava serviços à literatura e, nesse periódico, veiculou poesias em praticamente todos os números. Os irmãos Apolinário (1844 - 1904), Apeles (1850 - 1917) e Aquiles Porto Alegre (1848 - 1926), sócios-fundadores da *Sociedade Partenon Literário*, também foram colaboradores decisivos no semanário. Apolinário foi uma figura de destaque e também de ligação entre a *Arcádia* e a *Revista Mensal do Partenon Literário*. Apeles, bem como seus dois irmãos, foi educador, escritor e jornalista, enquanto Aquiles é considerado um dos precursores da crônica moderna na literatura gaúcha. Esses, entre outros autores, tinham em comum a necessidade de expressar o desejo de afirmar a literatura produzida em território gaúcho como sendo fiel às características que a distinguia das demais literaturas.

Assim, havia na *Arcádia* uma busca por uma identidade regional frente ao nacional, sinalizando o ponto de partida para a reflexão sobre essa identidade de forma intelectual e sistemática. No texto de Glodomiro Paredes é possível depreender que a literatura gaúcha ainda não havia nascido, embora ele acreditasse que a produção natural abria as portas para o surgimento de uma literatura regional, embora a visão dominante daquele momento fosse a de integrar a região ao restante do país. Apesar da imitação apontada por Paredes, Baumgarten (2000) entende que a proposta de divisão da poesia em natural e dos poetas é relevante, “na medida em que ela vai representar um voltar-se para as tradições, para as raízes presentes na literatura oral" (p.196). Essa busca por uma identidade própria também foi esboçada por Bernardo Taveira Júnior, como apontada por Baumgarten, nos textos “Reflexões sobre a literatura rio-grandense” (1869) e “Mulher e mãe” (1870), em que procurou apresentar temas como o aproveitamento da natureza pela literatura, bem como discutir a questão da originalidade da literatura brasileira e rio-grandense, além da necessidade de emancipação de nossa literatura, recorrente da liberdade política (BAUMGARTEN, 1997, p. 67).

Os modelos buscados para a criação intelectual transferiram, ao território sul-rio-grandense, a mesma estética romântica que serviu de orientação para a Literatura Brasileira, bem ao modo como aconteceu em São Paulo e no Rio de Janeiro, provando que a intenção da província era mesmo a de se ajustar a esses moldes e introduzindo o Rio Grande do Sul nos debates sobre as questões relativas à natureza da literatura de expressão nacional. Embora tenha conhecido tardiamente o Romantismo, o Rio Grande do Sul tratou logo de se apropriar dessa estética, salientando os recursos próprios da região, o que possibilitou uma maior sobrevivência desse modelo ao longo das décadas subsequentes.

Consta na *Arcádia* os primeiros textos de natureza crítica na imprensa sul-rio-grandense, o mais importante deles, de autoria de Glodomiro Paredes, recebeu o título de “Poetas e poesia” (1869, p. 82-83). Havia por parte do autor uma preocupação com a não imitação, uma busca pela originalidade marcada pela presença de uma literatura representativa da terra, bem a exemplo do ideal romântico da não imitação. O texto busca traçar um panorama da produção poética brasileira e sulina, discutindo temas como “o problema da imitação na poesia

brasileira; a questão da emancipação literária nacional; a importância da pesquisa das fontes poéticas populares; o conceito de poesia" (BAUMGARTEN, 1997, p. 68).

Antes desse, o pesquisador já havia apontado, também na *Arcádia*, outro texto como sendo pioneiro na crítica literária, não tão contundente quanto o texto de Paredes em 1869, mas que se propunha a debater literatura. "Divagações", publicado por F. C. Bulhões Ribeiro, em 1867, versa sobre o ideário romântico, ainda em fase inicial na região. Sobre essa publicação, Baumgarten afirma:

> Embora incipiente, o artigo de Bulhões Ribeiro coloca em discussão temas intensamente debatidos pela crítica literária sul-rio-grandense da segunda metade do século passado, como é o caso da questão envolvendo a nacionalidade da literatura brasileira e sua relação com a literatura portuguesa. Realiza, além disso, uma breve apreciação do período neoclássico, citando os trabalhos de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Frei Francisco de São Carlos, para chegar ao século XIX, identificado como o da emancipação literária brasileira, sobretudo a partir de Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre. Nesse sentido, cabe ao ensaio de Bulhões Ribeiro a primazia de inaugurar a crítica literária no Rio Grande do Sul, instaurando o debate em torno do ideário romântico que iniciava seu percurso na Província (BAUMGARTEN, 1997, p. 67- 68).

Dessa forma, o autor define, como momento introdutório da crítica sul-rio-grandense, o período a partir de 1867, ano de publicação do ensaio de Bulhões Ribeiro.

Cabe salientar que o texto, com proposta parecida ao texto "Instinto de nacionalidade", de Machado de Assis (1873)[9], revela a natureza predisposta dos gaúchos por uma arte que representasse sua regionalidade de forma autêntica, com "suas cores", sem que, com isso, se distanciasse de temas universais. Segundo Carlos Baumgarten (1982), também é do periódico outro trabalho considerado crítica literária. Com o título de "A literatura no Rio Grande" (1869, p. 129), de autoria de Antônio M. Pinto, o texto é mais teórico que os anteriores, mas também defende e expressa a literatura como extensão da sociedade. Segundo Baumgarten:

> Seguindo este raciocínio vai o texto desembocar num ponto comum entre todos os textos de natureza crítica que se pode encontrar. A ideia do aproveitamento de temas locais, bem como da paisagem natural, se faz presente. Em suma, aproxima-se do nacionalismo literário, aspecto introduzido pelo Romantismo e tão em voga no século XIX. A valorização do local se constitui, sem dúvida, num dos alicerces do romantismo brasileiro e a literatura rio-grandense, por extensão, não se furtou de encampar o

[9] ASSIS, Machado de. Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 - 34: Instinto de nacionalidade (1ª ed. 1873).

> mesmo princípio. No entanto, pelo pouco contato que mantinham com o centro do país, se voltaram para o que mais conheciam: o Rio Grande do Sul, seu homem e seu cenário. (1982, p. 37)

Também de acordo com o pesquisador, as críticas publicadas no periódico[10] eram princípios gerais que buscavam orientar o pensamento regional em todo e qualquer campo, fosse ele científico, político ou artístico (BAUMGARTEN, 1982, p. 40). Não era uma crítica como das que se conhece atualmente, pois o que se defendia era uma literatura que representasse a província como extensão de uma nação à parte, tendo no gaúcho, na sua vida e nas suas tradições um importante significado. Sugeria um "voltar-se para dentro", tema do Romantismo tão em voga no século XIX.

No entanto, para fins historiográficos, esses textos são tidos aqui, e por outros estudiosos, como sendo os pioneiros na discussão sobre o que é literatura e como é uma regional. Por estar o Rio Grande do Sul tão distante do centro do país, a solução foi adotar o próprio cenário e seus costumes como alicerce para uma literatura própria, e, não por coincidência, todos textos publicados na precursora *Arcádia*. A própria redação do periódico sustentava a ideia de que a literatura merecia espaço, de forma que era de fundamental urgência que a ela fosse atribuída às discussões necessárias:

> A literatura é o primeiro elemento da civilização dos povos (...) necessária e útil é sobre as suas bases que sustentam-se os monumentais edifícios do progresso e da riqueza, ao tempo em que torna-se o mais sublime ornamento de uma sociedade. (*Arcádia*, 16 fev. 1868)

Em junho de 1870, o responsável pela *Arcádia* despede-se do público leitor, alegando as inúmeras dificuldades em manter um jornal exclusivamente literário no contexto das transformações por que passava o Rio Grande do Sul, marcando assim o término das atividades do periódico: "arcar com o indiferentismo de uma época de puro cálculo aritmético (...) é de certo modo, uma vitória" (*Arcádia,* 19 jun. 1870). Essa estabilidade fora um fato raro entre os periódicos literários, uma vez que poucos atingiram quatro anos de existência. À exceção da *Revista Mensal do*

[10] Crítica de caráter prescritivo, repetindo o que acontecera na década de 1830, no Rio de Janeiro. ZILBERMAN, Regina. **Críticos e historiadores da literatura: pesquisando a identidade nacional**. Disponível em:https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49591 Acesso em 9 de ago. de 2022.

Partenon Literário, a maioria dos demais teve curta e rápida existência.

A *Arcádia* marcou a sua época, servindo como fonte inspiradora e dando incentivo à proliferação de jornais literários através da província. Carlos Baumgarten destaca a importância do periódico:

> Dedicando-se exclusivamente à difusão da literatura, publicou (...) poesias de nossos autores mais representativos, bem como romances, contos, textos críticos e correspondência entre homens ligados ao movimento cultural da Província (BAUMGARTEN, 1982, p. 26-27).

O autor aborda também a importância e o apoio da *Arcádia* para a *Sociedade do Partenon Literário*, órgão que se tornaria uma das mais importantes instituições culturais sul-rio-grandenses. A redação do periódico, inclusive, prestou reconhecimento acerca do importante papel desempenhado pelo *Partenon Literário* no processo de desenvolvimento da literatura sul-rio-grandense.

Assim, a imprensa da região sul do estado marcou o século XIX, sendo responsável pela propagação dos ideais e pela renovação do pensamento em uma sociedade em vias de se organizar, pretendendo igualmente atingir o desenvolvimento cultural do povo, já que uma boa parte dos indivíduos que nela atuavam tinham afinidades com o Partido Liberal. Constata-se, assim, que a partir da *Arcádia* muitos foram os periódicos dedicados à veiculação da literatura, e fora ela a maior fonte de inspiração e incentivo para a criação e permanência de tais folhas.

De acordo com o pesquisador Mauro Póvoas, o periódico sedimentou “os caminhos futuros da então nascente literatura sulina” (2018, p. 42). A existência por quatro anos da *Arcádia* permitiu aos autores gaúchos a oportunidade de refletir não só sobre o fazer literário, mas também na crítica literária, que muitas vezes encaminhou-se para uma maior coesão no debate sobre a literatura e, por esse motivo friso minha insistência em creditar à *Arcádia* seu devido lugar de direito no mapa da história da literatura gaúcha, necessidade essa bem apontada por Póvoas (2018).

1.6 A fortuna crítica sobre *Arcádia*

Os estudos sobre a *Arcádia* têm provado a relevância do material que a compõe. Luiz Henrique Torres e Francisco das Neves justificam o interesse pela revista uma vez que:

> A *Arcádia* teve um significativo papel no contexto literário regional, ao congregar em suas páginas alguns dos mais destacados representantes da intelectualidade gaúcha de então, constituindo o estudo dessa folha literária o objeto deste trabalho. Na primeira parte, entabula-se um breve histórico do jornal durante sua fase rio-grandina (1867-9), destacando seus aspectos formais, padrão editorial, princípios programáticos e objetivos de redação. Já na segunda parte, realiza-se um levantamento preliminar das orientações historiográficas presentes na publicação. (1998, p. 12)

Dos pesquisadores que analisaram esse periódico, há alguns que estavam em busca de autores, já canonizados, que publicavam na *Arcádia*, outros foram movidos pelo interesse historiográfico ou jornalístico. Nenhum, no entanto, realizou de forma tão ampla como realizado no capítulo seguinte e com a hipótese desta tese: de que a *Arcádia* tenha sedimentado o caminho da literatura sul-rio-grandense que viria a florescer nas décadas seguintes.

Um desses trabalhos é o de Luiz Henrique Torres e Francisco das Neves Alves, “Uma folha literária rio-grandina sob uma perspectiva histórico-historiográfica” (1998), em que os pesquisadores fazem uma contextualização histórica do surgimento do periódico. Como já citado, o autor delega ao *Guaíba* o pioneirismo de uma imprensa dedicada exclusivamente à literatura, ignorando a *Rosa Brasileira*, e confirma que "o primeiro periódico importante para a história da crítica literária rio-grandense é a *Arcádia*, pois congregou junto de si os primeiros críticos literários" (p. 148) e a seguir nomeiam esses críticos de fundamental importância para os estudos literários sul-rio-grandenses. Além disso, Torres e Neves expõem que o ideal progressista da revista, que não se omitia em declará-lo, paralelo à busca por uma identidade regional, destacando, ainda, o surgimento do periódico em meio à crise econômica advinda da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) e o interesse da sociedade pela cultura, e o fazem confirmando ser ela anterior ao nascimento do *Partenon Literário*:

> A elite da cidade, através das importações, mantém-se em sintonia com o consumo europeu de bens culturais e mercadorias. Daí a Arcádia surgir um ano antes do Partenon Literário em Porto Alegre, e ser ela, a Arcádia, a saudar com alegria o surgimento de um parceiro que teria sua primeira

publicação no ano de 1869. (p. 150)

Os autores também ressaltam a visão da *Arcádia* sobre o papel da literatura, utilizando citação da redação do jornal, justificando que "A definição de Literatura utilizada no periódico é relevante pela sua amplidão de ilustração e propagação do conhecimento humano produzido em sociedade" (TORRES; NEVES, 1998, p. 150). Segundo o proprietário do periódico, "a literatura é o primeiro elemento da civilização dos povos. Necessária e útil, é sobre suas bases que sustentam-se os monumentais edifícios do progresso e da riqueza, ao tempo que torna-se o mais sublime ornamento de uma sociedade." (ARCÁDIA, 1868, p. 5)[11]. Os pesquisadores finalizam o artigo declarando que, ao encerrar os trabalhos naquela que seria a quarta série (1870), o periódico "deixava de tentar mudar a história intelectual da cidade/província do Rio Grande para tornar-se uma fonte para entender o ideário romântico e os fundamentos do regionalismo literário no Rio Grande do Sul" (p. 155).

Regina Zilberman (1991) traça o perfil de mulheres escritoras sul-rio-grandenses e sua produção literária. Para isso, a autora utiliza textos de Glodomiro Paredes e de Bernardo Taveira Junior publicados na *Arcádia*, com o propósito de averiguar quem eram essas mulheres na visão dos literatos da revista. Para ela, os textos publicados no período surpreendem por seu aspecto em que não se constata “o caráter guerreiro da vida sulina” embasado pelo passado, mas que, no entanto, as manifestações literárias do período romântico denunciam a ausência de mulheres que naquele momento eram invisibilizadas, mesmo quando escritoras. Em um texto de Apolinário Porto Alegre, ecoado nos escritos de Paredes e Taveira Júnior em críticas na *Arcádia*, o escritor reforça a necessidade de as mulheres entrarem no combate contra a ignorância, em prol da educação popular. Sobre isso, Zilberman argumenta que:

> Desde os anos 30, mulheres publicavam seus poemas e escritos na imprensa local e do Rio de Janeiro, o movimento intensificando-se a partir dos anos 50, até atingir a soma que espanta o crítico (...) Paradoxalmente,

[11] Texto muito semelhante a este, redigido por um dos fundadores do romantismo brasieliro: "A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória e o reflexo progressivo de sua inteligência." MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de. Discurso sobre a história da literatura do Brasil. Disponível em: http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/domingos_magalhaes.pdf Acesso em 9 de ago, de 2022.

> todavia, essa vertente de escritoras mulheres constituir-se-ia um trajeto paralelo dentro do roteiro da literatura do Rio Grande do Sul, reconhecido por Apolinário Porto Alegre, mas raramente alçado à situação de rivalizar com os confrades associados mais de perto ao Regionalismo e aos modelos dominantes na ficção e poesia do Estado. (2003, p. 6)

Esse “trajeto paralelo” fica evidente nos textos coletados no periódico e trabalhados aqui, marcado pela ausência de vozes femininas que corroborassem na defesa da tese aqui defendida. E não porque não existissem ou não se manifestassem. Zilberman cita Luciana de Abreu, por exemplo, como membro ativo da *Sociedade Partenon Literário* e combatente em prol da escolarização e reconhecimento do papel da mulher na sociedade. Elas sempre estiveram presentes, embora muitas vezes sem a devida projeção, mas trilhando o caminho para que outras avançassem.

Outra pesquisa que teve a *Arcádia* como base é a dissertação de mestrado de Carla Renata Antunes de Souza Gomes (2006), que dedica três subcapítulos sobre a *Arcádia* (p. 214-242), relatando a importância do periódico no contexto em que estava inserido e a sua influência sobre as questões de identidade regional. Sobre isso, Carla Renata declara que:

> Convém ressaltar que estas manifestações sobre a Literatura regional que aparecem na *Arcádia* antecipam questões, e indicam caminhos, que serão exaustivamente debatidas e executadas nas páginas da Revista do Partenon Literário, outro periódico que começa a circular em Porto Alegre a partir de 1869 com a firme intenção de cumprir o desafio lançado por Taveira Júnior em sua congênere rio-grandina (GOMES, Carla. 2006, p. 241)

O texto de Taveira Júnior citado pela pesquisadora, e que é analisado mais além, trata sobre a liberdade de pensamento de um povo livre, advertindo sobre a necessidade de uma sociedade autônoma que justificasse, por meio da literatura, um processo de reconhecimento dos rio-grandenses (GOMES, 2006, p. 242)

Da mesma estudiosa, há um artigo (GOMES, 2009) que explora as origens do gauchismo e transcreve o poema “O Brasil em 1864”, de Fernando Osório, publicado na revista em 1868 em memória de General Neto, que faz alusão às invasões castelhanas à província do Rio Grande do Sul em 1864, às vésperas da Guerra do Paraguai. Nele, Fernando Osório expressa em seus versos o pungente sentimento presente entre os rio-grandenses que reclamam do Brasil maiores reforços na luta

contra os inimigos platinos” (p. 3).

Nesse mesmo artigo, Carla Gomes também escreve uma nota sobre os muitos textos de Antônio Maria Pinto sobre a invasão da fronteira de Jaguarão. Neles, o autor refere-se aos “blancos” como “Átilas da América do Sul” ou “horda de salteadores”, ou ainda, “corso dos cossacos americanos de além Jaguarão que nada deixaram nas estâncias em que chegaram”. Tais textos, segundo a autora, explicitam as atrocidades cometidas pelos platinos, e a associação entre gaúchos e cossacos, ou “hordas bárbaras” (GOMES, 2009, p. 4).

No artigo “José de Alencar e os rio-grandenses: Imaginário e representações no romance *O Gaúcho*” (2009), da mesma pesquisadora, em que ela salienta o esforço do jornal em apontar os acontecimentos historiográficos sobre a Revolução Farroupilha e confronta as percepções de José de Alencar e de Bernardo Taveira Júnior sobre suas respectivas visões a respeito dos homens do campo gaúchos. A historiadora não visou julgar o mérito literário do romance, mas buscou analisar qual era a representação da sociedade rio-grandense em um período de construção de identidade nacional. Alencar, sem conhecer o Rio Grande do Sul, escreve o romance sobre o habitante regional tomando por base informações obtidas, em sua maioria, em fontes castelhanas. Enquanto isso, na *Arcádia* e em outros periódicos havia um esforço para historiografar os acontecimentos relativos à revolução e o perfil desse habitante dos pampas. Quanto a isso, Carla Gomes cita:

> Apesar da notória carência historiográfica sobre o evento farroupilha, fato que não se pode refutar, existiam esforços locais em publicar, desde 1867, na *Arcádia* depois, a partir de 1869, na *Revista do Partenon Literário* e em 1870, no *Murmúrios do Guaíba*, aquelas séries de “Apontamentos Históricos”, que tentaram – aparentemente sem repercussão exterior ao Rio Grande - fornecer subsídios sobre este e outros eventos militares na província (GOMES, 2009, p. 46)

A conclusão da historiadora é a de que “Alencar apenas elabora a sua concepção de rio-grandense, que de alguma maneira corresponde ao horizonte de expectativa de grande parte de seu público leitor" (GOMES, 2009, p. 49), o que denota que o escritor não se apropriou dos textos publicados nos periódicos para construção da narrativa e das personagens.

Outra dissertação que busca na *Arcádia* elementos para a composição do

fazer literário no Rio Grande do Sul anterior às histórias da literatura é o de Vinícius Estima (2009). O pesquisador coloca o lugar da revista no que chamou de "Contribuições para a constituição do discurso historiográfico sulino", em que "propõe a leitura de escritos contidos entre os primeiros números da *Arcádia*" (p. 11).

Um artigo, esse de Andréa Estima e Rosana Flores (2013), mostra a intenção de coletar folhetins publicados na *Arcádia* no desenvolvimento de um projeto que tinha a intenção de ampliar, listar e analisar todos os possíveis folhetins impressos em periódicos da cidade. O projeto estava em desenvolvimento naquele momento e não foram encontradas fontes de sua conclusão. As autoras afirmam que:

> Até o momento, já foram encontrados 170 folhetins publicados em jornais, número considerado ainda muito pequeno perto do total esperado, já que a pesquisa começou em março de 2010 e atingiu – ainda que parcialmente – somente nove jornais locais: *O Artista*, *Diário de Rio Grande*, *Echo do Su*l, *A Imprensa, Novo Rio-grandense, Rio-Grandense, Inúbia, Gazeta Mercantil, Arcádia, O Tempo* e *O Artista*. Todos são exemplares do acervo da biblioteca rio-grandina. Apesar de inicial, esse levantamento já demonstra alguns dados interessantes, como a predominância de autores estrangeiros, a existência de autores locais e de temáticas brasileiras. Os autores encontrados são os mais díspares possíveis, como os canônicos Xavier de Montepin, Alexandre Dumas, Emilio Richebourg e Vitor Hugo, assim como autores menos conhecidos atualmente, como Furtado Coelho, Julio Mary, Henrique Rabusson entre outros. (ESTIMA, FLORES, 2013, p. 78-79)

As pesquisadoras concluem no referido artigo que os folhetins publicados e apreciados na cidade de Rio Grande também o eram na corte e nas principais cidades brasileiras. O que, segundo elas, “revelava a intimidade dos rio-grandinos com os temas que influenciaram os demais centros culturais do país” (p.10), revelando também o perfil comportamental da sociedade rio-grandina.

Na página da Academia Rio-Grandense de Letras, na aba "Quadros Acadêmicos", Amir Feijó Pereira destaca algumas das relevantes publicações na *Arcádia* do crítico e poeta, republicano e abolicionista, Bernardo Taveira Júnior, ocupante da cadeira número cinco na academia, além de citar uma breve biografia sobre o escritor. O texto destaca a efetiva colaboração de Taveira Júnior no jornal *Arcádia* “através do qual editou a maior parte de sua obra”, como o livro de poemas indianistas “Poesias Americanas” (1869), impresso na Tipografia da *Arcádia*, segundo o autor descreve na página. Além disso, Amir Feijó salienta, também, o fato de que o literato deixou na *Arcádia* ideias de natureza crítica, em que é possível

encontrar “as principais concepções sobre a arte literária em voga no Estado a partir de segunda metade do século”, o que pode ser evidenciado nas análises feitas em textos do crítico e que constam neste trabalho.

Já Mariana Couto Gonçalves (2013), ao se propor analisar historicamente o jornalismo literário do Rio Grande do Sul, inevitavelmente, encontra-se com a *Arcádia*. A pesquisadora tem foco na obra de Bernardo Taveira Júnior e é no periódico que ela encontra farto material sobre o escritor para sua pesquisa. Segundo a pesquisadora, o periódico foi essencial para a produção e difusão da literatura no Rio Grande do Sul, o que só aconteceu novamente com o surgimento do Partenon Literário:

> Efetivamente, foi através das páginas do Guaíba e da Arcádia que os escritores rio-grandenses difundiram suas poesias e escritos em um veículo de comunicação estritamente literário. Posteriormente, a difusão de suas ideias foi possível através de outra publicação, a Revista Mensal do Partenon Literário. (GONÇALVES, 2013, p. 97)

Em outro artigo, a *Arcádia* surge como fonte para o jornalismo. A pesquisadora Aline Strelow (2017) propõe um estudo sobre a história do jornalismo, especialmente a do Rio Grande do Sul, com foco na imprensa literária do século XIX. A pesquisa, que se encontrava em estágio inicial, tinha como foco 16 revistas literárias, entre elas a *Arcádia*, produzidas no estado. O interesse da estudiosa era embasado no fato de que:

> Estudar as folhas que constituem a fértil imprensa literária do Rio Grande do Sul no século XIX significa enveredar-se pela história da sociedade gaúcha no período, implica estudar a produção jornalístico-literária que tem lugar em suas páginas, mas também observar as relações que atravessam o texto, que o transformam em um ingrediente da vida social (STRELOW, 2017, p. 7)

Além de analisar a produção dos jornais, a intenção era, também, catalogar e digitalizar as obras, o que, até o momento, infelizmente, ainda não fora totalmente realizado, nem mesmo com a *Arcádia*. Embora no projeto tenha sido destacada essa intenção, o que foi recuperado até então conta em de outros periódicos[12].

Chéli Nunes Meira (2019) também utilizou a pesquisa no periódico *Arcádia* como fonte de sua pesquisa, na qual busca apresentar a trajetória dos rio-grandinos

[12] Disponível em: https://www.ufrgs.br/jornaisliterarios/ Acesso em: 09 jan. 2022.

Lucio, Aquiles, Apolinário e Apeles Porto Alegre e menciona a vasta colaboração desses irmãos em periódicos, cujo levantamento não foi ainda completamente realizado, ao que a estudiosa destaca:

> A família Porto Alegre teve uma vasta publicação de seus textos em jornais, até o momento, este levantamento ainda não foi completamente realizado. Contudo, já se sabe que além de textos publicados em jornais da capital, também houveram (*sic*) publicações em cidades do interior como, por exemplo, o jornal *Arcádia* que circulava na cidade de Rio Grande/RS (MEIRA, 2019, p. 63).

De todos os trabalhos até aqui citados e analisados sobre a *Arcádia*, o de Mauro Nicola Póvoas (2017a; 2018) é sem dúvida o mais profícuo. O pesquisador confirma o já argumentado em outras pesquisas sobre o fato de o periódico ainda não ter sido analisado com profundidade, afirmando que "a *Arcádia* nunca mereceu da crítica especializada brasileira e sul-rio-grandense um estudo global, pois apenas tópicos específicos foram mapeados" (2017b, p. 838) e que "a intenção, aqui, é apontar e comentar os principais elementos em torno da existência da revista" (2017b, p. 838).

O autor cita o periódico como "uma ponte que liga os primeiros empreendimentos gaúchos do gênero jornalístico-literário" (2018, p. 27) e o faz citando os jornais *A Rosa Brasileira*, *O Guaíba*, a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, *Murmúrios do Guaíba* e *Corimbo* como as extremidades dessa ponte. Dá à revista o caráter de importância que tem pela bem-sucedida tentativa de unir imprensa e literatura, de maneira a inspirar os periódicos supracitados que a sucederam a, também, seguirem seu exemplo de veicular em suas páginas a:

> Vinculação ao Romantismo, Indianismo-Nacionalismo e Regionalismo; diversificação temática; publicação de manifestações de crítica literária; aproveitamento dos escritores locais; nítido posicionamento político-ideológico, vinculado a um ideário progressista, republicano e anti escravocrata; recuperação da história da província, em especial os acontecimentos do decênio farroupilha (PÓVOAS, 2018, p. 27).

Nesse trecho, é possível perceber quão ricas eram as publicações da revista, uma vez que ela não se limitava a um único tipo de manifestação literária, sendo diversa naquilo a que se propunha.

Póvoas segue traçando o perfil e o contexto em que a *Arcádia* se

desenvolveu, desde os locais onde fora impressa, passando pelos subtítulos que teve e pela disposição gráfica do seu conteúdo, até o tipo de publicação que a compunha. Em notas de rodapé, detalha as características do periódico quanto ao número de páginas e as referências necessárias quanto à paginação, ao número de série e ao ano.

O pesquisador também salienta a importância que o proprietário do jornal dava à associação de pessoas em torno da literatura, mencionando as repetidas vezes em que as páginas da revista traziam notas sobre o *Partenon Literário* e as investidas na formação de um grêmio literário na cidade de Rio Grande, esse último como forma de incluir a cidade nos debates culturais vigentes: "As notícias divulgadas ao longo das séries do periódico apontam para a importância que o diretor dava ao caráter associativo dos interessados em literatura, como um meio fundamental de desenvolvê-la e divulgá-la" (PÓVOAS, 2018, p. 33). Também destaca o pioneirismo da revista em fazer crítica literária e a importância dessa contribuição:

> Os textos críticos da Arcádia são fundamentais para a compreensão da trajetória da literatura sulina, por terem a preocupação em refletir sobre os caminhos já trilhados até aquele momento e as veredas a serem percorridas futuramente pelas literaturas brasileira e sul-rio-grandense (PÓVOAS, 2018, p. 33)

O artigo, então, é encerrado, com a já anteriormente citada explanação, contendo o desejo de que a o periódico receba o merecido olhar, e aqui transcrita na íntegra, que é o que se intenta com essa tese:

> Por tudo isso, ainda está para ser feito um estudo mais detalhado do periódico editado sucessivamente em Rio Grande e Pelotas, o qual merece, em caráter definitivo, ganhar um lugar no mapa da cultura do Rio Grande do Sul. A importância da Arcádia não fica restrita somente ao século XIX, já que a sua atuação no campo artístico-social foi, com certeza, um dos esteios que sedimentaram os caminhos futuros da então nascente literatura sulina. (PÓVOAS, 2018, p. 42)

Um desses caminhos é, certamente, o da crítica literária. Há no periódico grande número de textos que se propõem a analisar a literatura produzida até então. E não só: havia uma preocupação no modo como essa produção se dava. Esse é mais um passo que o periódico foi precursor em dar. Sendo a *Arcádia* um dos esteios que sedimentaram os caminhos futuros, então é justo localizá-la no tempo e

inseri-la cronologicamente no pioneirismo do que mais tarde foi entendido como sistema literário, pelo esforço demonstrado em suas páginas para que escritores e leitores estivessem voltados para o fazer literário com excelência.

1.7 *Arcádia*: forma e conteúdo

Ao fim deste capítulo, cabe detalhar o modo como o jornal está constituído, tanto em sua forma, como em seu conteúdo. As publicações da *Arcádia* totalizaram quatro séries[13], as primeiras três foram integralmente editadas na cidade do Rio Grande, primeiro na tipografia do *Diário do Rio Grande* e depois em sede própria, e a quarta e última série, parte em Rio Grande e outra parte em Pelotas, na ocasião da transferência do proprietário para aquele município. A publicação saía às segundas-feiras, com oito páginas e utilizava uma técnica de publicação bastante peculiar para os moldes jornalísticos então praticados na cidade, através da qual cada um dos jornais correspondia a um fascículo, cuja reunião permitia a elaboração de um livro ao final de cada série.

Além disso, consciente das dificuldades de manter um jornal, a partir da segunda série, o proprietário adotou o sistema de assinaturas, para garantir a manutenção da *Arcádia*. Os devedores passaram a ser constantemente alertados quanto ao pagamento, passou-se a ter colunistas fixos como colaboradores nas publicações e a linha editorial se expande: *Arcádia* passa a publicar textos não só literários, mas também históricos, biográficos, científicos e todo e qualquer conteúdo que agregasse no desenvolvimento da sociedade[14].

Na primeira série (1867), o diretor apresentava o jornal em um texto (12 de maio de 1867) em que dizia ser o periódico “um novo propagador da literatura” e um “arauto da civilização”. Prometendo afastar-se dos confrontos políticos ou pessoais que marcavam a imprensa, garantia que a *Arcádia* estaria “alheia a esse rumor contínuo” no qual se agitava “o jornalismo em geral” e venceria todas as dificuldades

[13] Essas séries referem-se à forma como os números da *Arcádia* foram organizados. São quatro volumes, separados por ano e nem sempre numerados de forma regular, mas que indicam a intenção de tê-la como um livro em que cada número correspondesse a um capítulo, ou fascículo, dessa produção periódica.

[14] Conforme fica evidente o próximo passo a ser adotado, no texto final da primeira série da Arcádia (1867, p. 300).

que lhe surgissem no caminho, tendo em vista “a dignidade de sua missão”. Ao final da primeira série o proprietário Antônio Joaquim Dias comemora e orgulha-se de a *Arcádia* ter seguido à risca o programa definido sem ter se afastado do caminho que prometeu seguir, dedicando-se exclusivamente à literatura.

Já na segunda série (1868), o diretor, na "Introdução" (16 fev. 1868), renova e reafirma a intenção de ser o periódico puramente literário, ao mesmo tempo em que tecia uma crítica a outros periódicos que se desviaram de seus rumos editoriais. Embora haja outras temáticas sendo publicadas, todas remetem a aspectos culturais, sociais, históricos, científicos, cumprindo o desígnio da *Arcádia* de não colaborar com o obscurantismo. Ao final desse período, a direção comemorava a “aurora da literatura” (27 out. 1868) e considerava-se responsável pelo crescimento da imprensa literária na província.

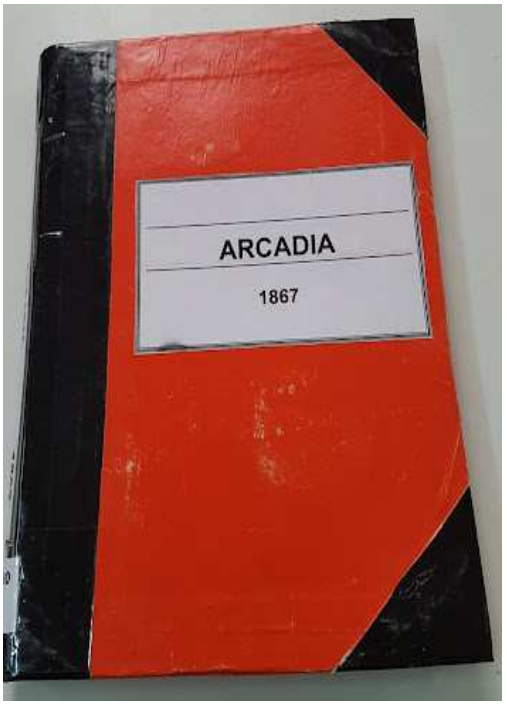
Na terceira série (ainda em 1868), a última mantida na íntegra em Rio Grande, a *Arcádia* mais uma vez orgulhava-se pelo seu pioneirismo e manifestava a intenção de permanecer estritamente fiel à literatura, mantendo seus objetivos iniciais e lamentava o desaparecimento de outras folhas literárias sul-rio-grandenses por lhes faltarem “ânimo e disposição” (19 jul. 1869). No final da série, Dias manifesta o sentimento de tristeza pelo desaparecimento de outras folhas literárias, ao mesmo tempo em que alegra-se por permanecer, apesar de todas as dificuldades impostas.

Não diferente das anteriores, a última série (1870), publicada parcialmente em Pelotas, manteve-se nas lides literárias, gloriando-se de manter-se fiel aos seus princípios e objetivos desde o início de suas atividades. É no final dessa série que Dias parece respirar aliviado ao anunciar a suspensão do periódico. Não pelo fim do jornal, obviamente, mas por ter cumprido com o objetivo de ser um jornal exclusivamente dedicado às letras. No texto de encerramento, intitulado “Até que enfim”, o proprietário da *Arcádia* comemora a edição de número 300 e a completude de seu projeto totalizando 1200 páginas, distribuídas em quatro séries, dizendo:

> Está completo o número de 300 páginas da 4a série da Arcádia.
> Está completo!
> Estas duas palavras saem-me d'alma como o suspiro que rebenta do coração ao termo de uma longa e enfadonha jornada, cheia de peripécias e desgraças.

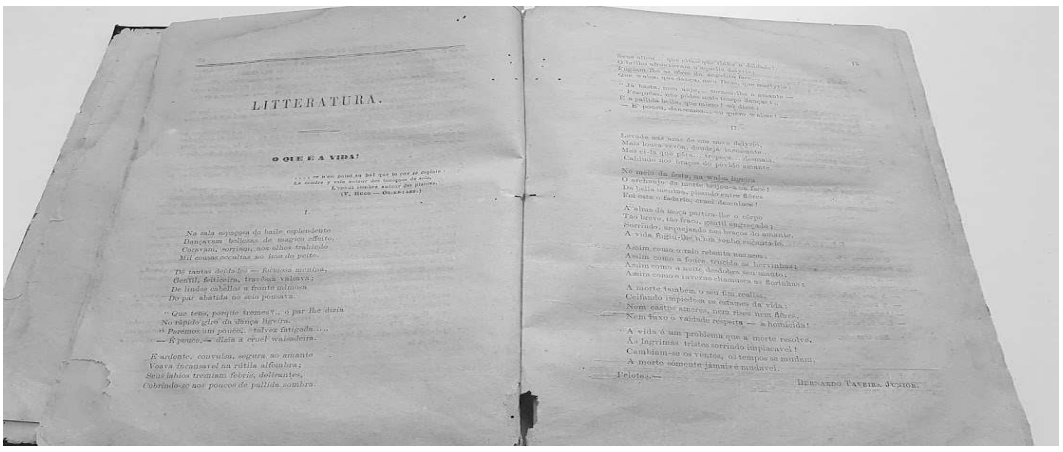
E publicaram-se quatro séries do periódico literário *Arcádia*!
Quatro séries!
Aos materialistas, horrorizará semelhante verdade; aos literatos admirará, e a mim, que não sou nem uma nem outra cousa, enche de verdadeira satisfação.
Realmente, é um triunfo; - devo ser o primeiro a dizê-lo. (ARCÁDIA, 4ª série, n. 44, 1870, p. 297)

Fig. 1 - Capa da primeira série da *Arcádia*, 1867



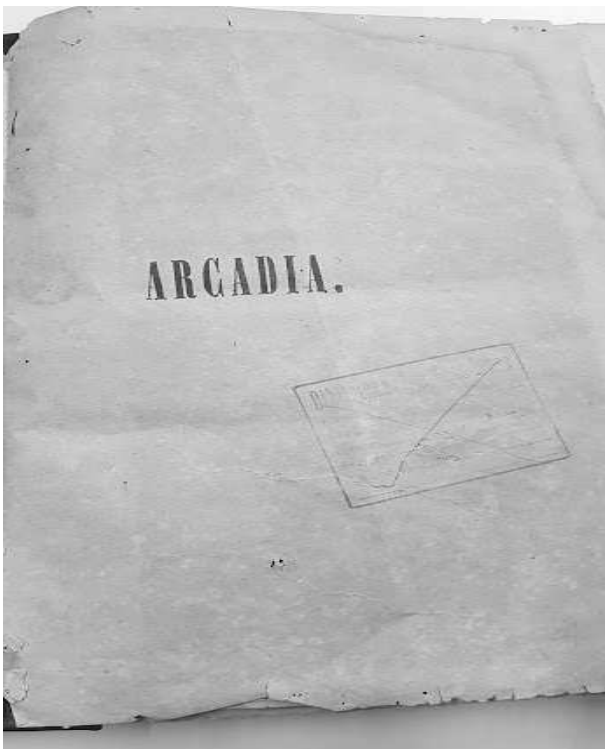
Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

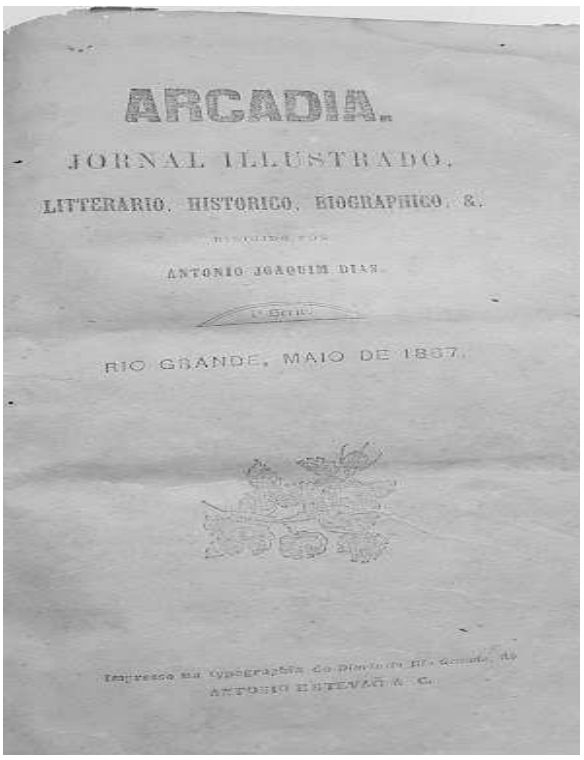
Fig. 2 - Primeiro poema publicado na *Arcádia*: “O que é a vida?” de Bernardo Taveira Júnior, 1867



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

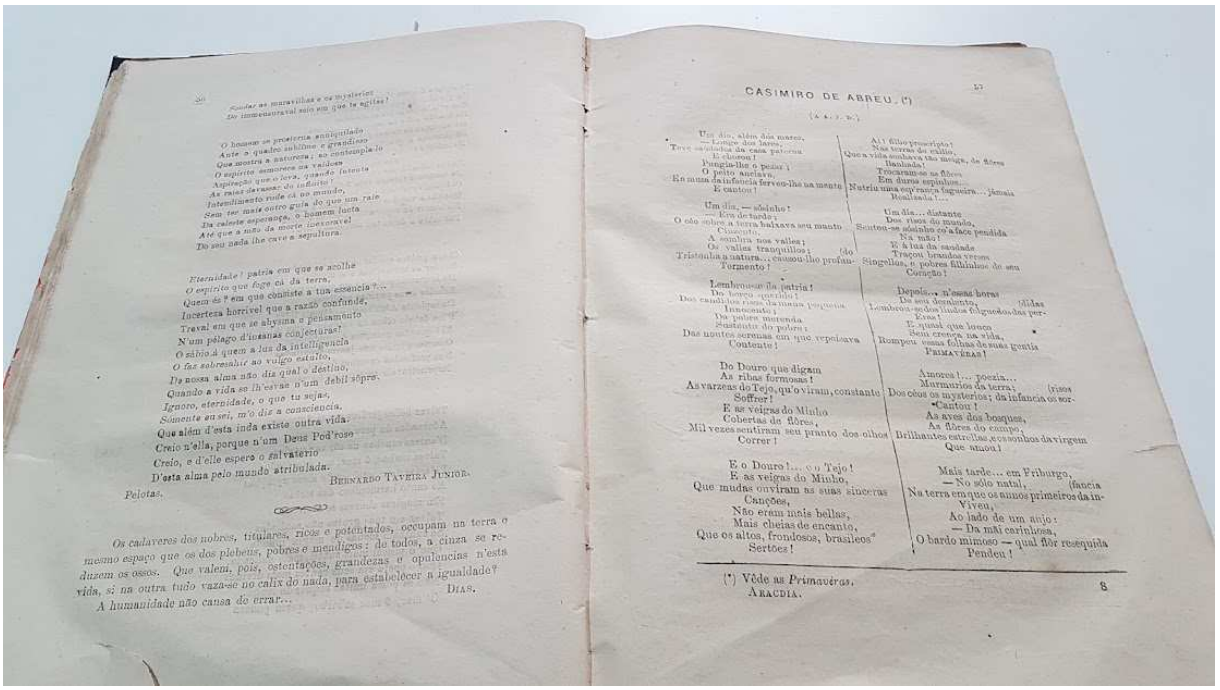
Fig. 3 e 4 - Capas internas do primeiro número da primeira série, 1867





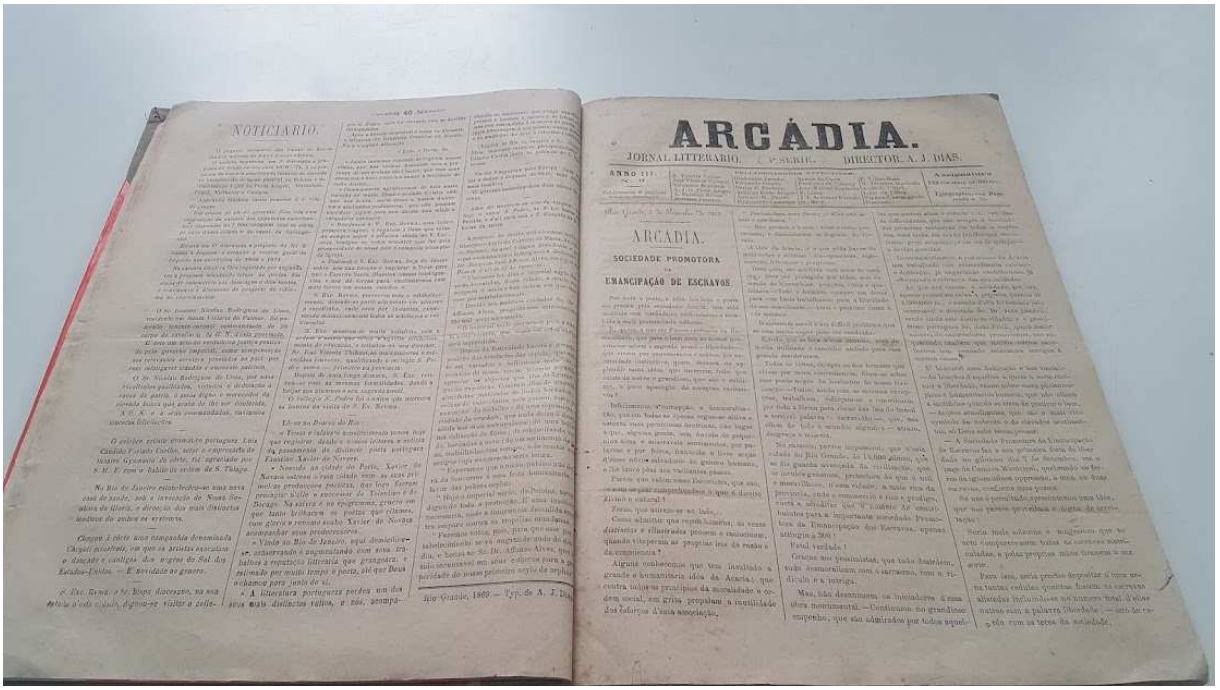
Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

Fig. 5 - Miolo do primeiro número da primeira série, 1867



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

Fig. 6 - Mudanças gráficas na 4ª série, 1870. A partir do primeiro número desta série a *Arcádia* tem uma nova disposição gráfica, agora com capa, número e identificação dos colaboradores fixos.


NOTICIARIO.

ARCÁDIA.

JORNAL LITTERARIO. 4ª SERIE. DIRECTOR, A. J. DIAS.

ANNO III.

ARCADIA.

SOCIEDADE PROMOTORA

EMANCIPAÇÃO DE ESCRAVOS.

Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

Segundo o levantamento feito por Póvoas (2018, p. 27), a 1ª série da revista foi impressa na tipografia do *Diário do Rio Grande* e, a partir da 2ª série, a impressão dava-se na Tipografia da própria *Arcádia*, sendo que parte da 4ª série (as últimas 100 páginas) foi redigida e impressa em Pelotas, quando da mudança de Antônio Joaquim Dias para a cidade vizinha. Quanto à data de início de cada série e aos subtítulos do periódico, Póvoas mostra que:

> A 1ª série começa em maio de 1867, tendo como subtítulo “Jornal ilustrado, literário, histórico, biográfico etc.”. A 2ª série tem início em fevereiro de 1868, mudando a forma de se intitular: “Jornal consagrado à literatura”. A 3ª série abre provavelmente em novembro de 1868 (o texto final da 2ª série está datado de 27 de outubro de 1868). Por fim, a 4ª série inicia-se em 1º de agosto de 1869; aqui, há mudanças no subtítulo, que passa a ser somente “Jornal literário”, e também na disposição gráfica das matérias, em colunas, semelhante a um jornal. A partir de 31 de janeiro de 1870, a redação transfere-se para Pelotas. (PÓVOAS, 2018, p .28)

Para o pesquisador, as mudanças na quarta série do periódico também se estenderam à composição gráfica das matérias, pois a mesma passou a ser "em colunas, semelhante a um jornal" (p. 28), até então a disposição gráfica dos textos publicados assemelhava-se mais à de uma revista ou ao de um livro. Ainda sobre as

características da *Arcádia*, Póvoas afirma, em nota de rodapé, outros dados importantes:

> As quatro séries estão encadernadas, como se fosse um livro, reunindo cada uma 300 páginas, o que impede a clareza, muitas vezes, sobre o número ou a data das publicações, com exceção da 4ª série, em que estão preservados os dados relativos à numeração e data. Por isso, quando houver referência ao material das 1ª, 2ª e 3ª séries, registra-se apenas a página; da 4ª série, indica-se também o número. A 1ª série tem dois volumes repetidos depositados na instituição. (PÓVOAS, 2018, p. 28)

Tais apontamentos se fazem necessários para a correta catalogação dos dados e formulação dos anexos, de forma que se disponham as informações coletadas da maneira mais fiel possível, uma vez que as primeiras séries não são sequer datadas ou numeradas, o que só muda na quarta série. Ainda assim, identifiquei que muitos números e páginas não estão com a classificação sequencial correta, seja pela repetição, seja pela ausência.

Assim sendo, entre prosa, poesia, crítica literária e outros gêneros textuais, os textos do periódico buscavam afirmar-se com originalidade, fazendo uso de uma textualidade que expressasse o seu comprometimento com a Literatura, tal como característica do ideal romântico, como poderá ser visto nas análises a seguir. Cabe salientar que a maior parte dos textos analisados a seguir está na primeira série, uma vez que foi, principalmente, nela que o periódico assentou suas bases e marcou no que consiste seu pioneirismo.

O capítulo seguinte, então, tem a intenção de detalhar o estudo acerca desse importante periódico, com a finalidade de preencher as lacunas deixadas pelos estudos anteriores, percorrendo para isso os caminhos já trilhados por outros pesquisadores.

2 A LITERATURA NA *ARCÁDIA*

2.1 A poesia na *Arcádia*

Os textos poéticos presentes na *Arcádia* são característicos do momento, mostrando, mais uma vez, que a linha editorial do jornal estava em sintonia com o movimento literário nacional. Não diferente disso, a metapoesia aparece a serviço desse movimento. Para além do amor romântico, o regionalismo, o ideal da não imitação, a busca por uma identidade própria, marcam a poesia na *Arcádia*. Sem se ater unicamente à *cor local*, os textos poéticos presentes na revista evidenciam o envolvimento de seus colaboradores com o ofício literário, como se verá nas análises a seguir.

No soneto “Ao amor”, publicado sob o pseudônimo de Jabuty[15] (*Arcádia* 1867, p. 24; 01.1.1.24), temos uma abordagem poética que, diferente dos poemas seguintes, não faz uso de uma metalinguagem explícita, mas ela se faz presente ao cantar o amor como ilusão que não merece ser vivida, devendo ser apenas versado, figurando em textos poéticos.

O eu lírico desse soneto – com rimas esdrúxulas – tem um tom pessimista a respeito do amor. Para ele, o amor é tirano e quem prova isso é a História. Como se já não lhe bastasse a tirania, o amor é uma ciência sombria, de difícil compreensão, enigmático. Isso é apontado pelo eu lírico na primeira estrofe:

> Tirano amor, cuja opinião temática,
> Nos mostra bem a livraria histórica;
> Obscura ciência, em língua metafórica,
> Como a Efígie de Tebas, enigmática.

Interessante que de Páris de Helena, a Orfeu, Ulisses, etc., temos uma lista infinda de personagens que atravessaram suas odisseias particulares e trágicas atrás das mãos macias e triunfantes do amor. Esse mesmo amor que, para todas as personagens, reservava a mesma resposta: o amor monotemático.

Basta procurar nas rimas da composição e veremos que todos os amantes pereceram perante sua mais valorosa esfinge, porque imperscrutável, amaram e

[15] O nome a que se refere esse pseudônimo não foi encontrado.

foram devorados mesmo que no mais profundo gozo. Não há escapatória. O eu lírico desse soneto, sabedor disso, declara que o melhor do amor está em cantá-lo sem, jamais, experimentá-lo, ao que diz, dirigindo-se ao amor em segunda pessoa, personalizando-o:

> Ditoso aquele que fica na gramática,
> E não chega à tua lógica e retórica;
> Pois que, o que sabe mais da tua teórica,
> Menos o mostra em sua experiência prática!

Para o eu lírico, o amor serve apenas para ser versado, ficar no campo da palavra. Sorte tem quem consegue tal feito sem precisar, sequer, passar pela teoria, pois, segundo esse eu lírico, quem teoriza o amor não demonstra esse saber quando o amor ultrapassa os limites do campo teórico e adentra o território da prática. O amor, mesmo assim, se revela aos trágicos, aos poetas, aos que têm coragem suficiente para a prática, aos que amam de mãos nuas e com pressa, esses conhecem e são conhecidos pelo amor.

Não importa quem sejam as *personas* envolvidas, podem ser de naturezas divergentes e até opostas entre si, e não faz diferença em que tempo histórico vivem, sempre houve personagens em toda História, envolvidos nesse mistério chamado amor. Como já dissera o eu lírico, esse fato “nos mostra bem a livraria histórica”.

‘ O eu lírico, insatisfeito e incomodado, questiona por quais motivos o amor é registrado em igualdade e tido como passível de comparação entre figuras que representam a tolice, a selvageria, a sabedoria, a água, o fogo, o gelo e o calor:

> Porque igualas amor em tua matrícula,
> Os tolos, os selvagens e os sábios,
> O mar, o fogo, o gelo e a canícula?

Talvez a resposta a esse questionamento encontre sentido no fato de que amar iguala os mortais, porque ele é um delírio de asas em que todos estão dados à queda. Os tolos porque não raciocinam inteligentemente; os selvagens porque agem por impulso e instinto; e os sábios porque sabem que não há como fugir e, por isso, é inútil tentar resistir. Talvez, ainda, porque possa ser inconstante e revolto como as

águas do mar, ou poderoso e consumidor como o fogo. Quem sabe o amor possa ser frio como as calotas polares ou quente como o verão nos trópicos.

Definição alguma poderia pôr fim aos questionamentos e à rigidez do eu lírico do soneto em questão, uma vez que toda resistência terá sido em vão, como parece ser consenso entre a maioria dos poetas e dos amantes. Já para o eu lírico do poema “Ao amor”, a tentativa de resistir-lhe é válida e ele seguirá firme no propósito de não ceder à magia romântica:

> Eu vou ser surdo a teus encantos mágicos,
> Porque só vejo na tua ação ridícula
> Princípios ilusórios, p’ra fins trágicos!

Esse sujeito poético não dará ouvidos ao amor, porque, para ele, os feitos do amor são sempre ridículos, cujos princípios não passam de ilusão que, inevitavelmente, culminam em tragédia. Essa desilusão com o tema amor é frequente na poesia da *Arcádia* e, não raramente, equivalente à dor do poeta em produzir literatura, como acontece com o texto a seguir.

Em “Poeta” (*Arcádia*, 1867, p. 38-39; 01.1.1.38), de Bernardo Taveira Junior, temos o chamado do fazer literário como um processo doloroso, sentimento comum aos poetas românticos. Esse poema é dividido em três partes. A primeira com sete quartetos, a segunda com nove e a última com apenas um quarteto.

> Não sucumbas, ó gênio, à dor constante,
> Que o destino outorgou-te cá na terra!
> O vulgo é sempre vão – não compreende
> O segredo que o poeta n’alma encerra.

É possível perceber já nessa primeira estrofe que a genialidade do poeta não o imuniza à dor da criação que é fruto do destino a ele reservado e incompreendido por pessoas comuns, já que é um segredo oculto na alma do literato. O clamor do eu lírico nesse poema é justamente para que o poeta não se submeta ante a indiferença de um mundo que não lhe dá a atenção devida. Pelo contrário, pede que confronte o desprezo com lirismo:

> Ao mundo que te escuta indiferente,
> Não curves tua fronte laureada;
> Lastima-o nas grandezas e vaidades,
> Paga-lhe a afronta – sobranceiro ao nada!

Ainda que de forma tardia, o Romantismo marcou forte presença no Rio Grande do Sul e, não podia ser diferente, na *Arcádia*. As estrofes seguintes ilustram esse aspecto ao descrever o estado de espírito sofredor e, até por isso, nobre e o dom divino atribuído ao poeta em sua tarefa literária:

> Ornou-te Deus de uma alma nobre e grande
> Para o fel esgotares da amargura,
> Doou-te um coração de amor intenso –
> Um amor sem igual na desventura.
>
> Feliz da inspiração brindou-te o raio,
> Qu'em torrentes de luz teu estro assente,
> Deu-te a lira em que vibras os teus cantos,
> Os cantos que somente o céu estende.

O Cristianismo, a crença no fazer poético como sendo um dom nobre, a musicalidade, a celebração da natureza, foco na experiência individual, um abraço de isolamento e melancolia, o amor sublime, características que nesse poema expressam, para além da metapoesia, a própria definição de poesia para o período, provável Influência de poetas como Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo. Nesse caso, o poeta está expressando a atualidade literária do Rio Grande do Sul em relação ao Rio de Janeiro.

Além disso, a crença em um Deus que interfere na criação, fazendo-se um só com ela, dá ao poeta, e somente a ele, o poder de possuir o dom da criação. Nos versos seguintes, o eu lírico põe sentido nisso. A natureza é como uma metáfora para o poder sublime e o mistério das forças que inspiram consolo, autodescoberta e o caminho a ser seguido:

> P'ra seguires no mundo o teu destino
> Deu-te a fé, deu-te a esp'rança e caridade;
> Enviou-te o Senhor à terra, e disse;
> Poeta, a ti pertence a humanidade.
>
> Tens no amor uma cruz neste desterro,
> Porque do céu te baixa a luz divina,
> Que te guia, conforta, exulta, inspira
> No crisol de missão tão peregrina.

Encerrando a primeira parte, o eu lírico novamente clama pela resistência do poeta ante a dor e a incompreensão de uma audiência banal, visto que esse é o seu destino:

Não sucumbas, ó gênio, à dor constante,
Que o destino outorgou-te cá na terra!
O vulgo é sempre vão – não compreende
O segredo, que o Poeta n'alma encerra!

O eu lírico atesta que a indiferença ao ofício do poeta nunca é culpa dele, mas de um público que não lhe compreende o ofício, a alma, o saber. E essa é uma verdade que não se pode negar. Para o eu poético, o segredo do ofício literário está encerrado no poeta e uma pessoa comum não poderá decifrá-lo.

Na segunda parte, o eu lírico faz distinção entre dois tipos de poetas. Nos primeiros versos dessa parte, essa distinção, proposital e enfática, é marcada pelo uso do vocativo e de um discurso de que marca a oposição entre o fazer de um e de outro. Se de um lado tem-se um cuja verdade é inspiração, de outro temos um que precisa mentir sobre o que canta:

Poetas! Não são esses que poluem
A lira, erguendo o crime e a mentira,
Não são esses que vendem os seus cantos
Que o amor à verdade os não inspira.

Poetas! Não são esses que calculam
A palavra, a ideia, o pensamento;
Os que buscam na terra um dom sublime,
Que só baixa dos céus como um sustento.

Essa oposição entre os dois tipos de poeta é marcada pelo fazer em que para um é dom divino e para outro é mero esforço terreno. Em consonância com as estrofes da primeira parte, esses versos, mais uma vez, declaram a natureza desse dom divino no fazer poético, marcado pela verdade, em contraposição à mentira dos que buscam na terra o que só se tem vindo do céu.

Inclusive, o eu lírico entende que o trabalho poético é tão expressamente um dom que a palavra é espontânea, chega ao poeta como inspiração celestial, traduzida pelo amor e sabedoria que traz em seu coração. Não é como algo meticulosamente pensado, que não dependa de Deus. Esse aspecto é possível perceber pela oposição e pelo contraste: céu/ terra; verdade/ mentira; premeditação/ inspiração; fé e dependência no divino/ confiança em si mesmo:

Poetas! Não são esses que calculam
A palavra, a ideia, o pensamento;

Poeta é só aquele que'espontâneo
Traduz o que lhe dita o coração,
Soltando em cada nota as harmonias,
Que o céu lh'inspira em divinal unção.

É o que da virtude exalta o brilho;
É o que sabe sofrer co'a fé em Deus;
É o que o sabe instilar consolo às dores;
É o que sabe da terra erguer-se aos céus.

Poetas, segundo esse eu lírico, são seres escolhidos por Deus para fazer a distinção do que é a eternidade e do que é passageiro, portanto, a inspiração literária vem de Deus. O discurso poético, então, é marcado pela espontaneidade, é natural, não obtida pelo esforço humano, mas pelo dom que o divino presenteia alguns humanos.

Nas estrofes que seguem, mais uma vez, o uso do vocativo é feito para apontar um clamor para que o poeta prossiga sua tarefa, assim como está provado que é pela graça divina que o fará:

Avante, avante sempre, ó gênio altivo!
Tua lira pertence à imensidade,
Cada canto que soltas é um triunfo,
Que mostra de tua alma a eternidade.

Essa c'roa que a fronte te assoberba
É a glória imortal que te circunda!
És livre, pelo gênio, - és rei, és tudo,
Pois vem de Deus a graça, que te inunda.

O eu lírico declara que pertence ao poeta uma tarefa gloriosa e triunfante e que isso lhe coloca acima de pessoas comuns, com grandeza, altivez e imortalidade, como "um gênio", "um rei", sempre remetendo tal caráter à graça divina. Tal plenitude é alcançada não só pelo senso estético-literário. O eu lírico afirma que é pela poesia, de forma ainda mais abrangente, pela literatura, que a história é contada. Ouso dizer que os versos seguintes expressam o que para nós é a História da Literatura:

És tu quem do tempo infatigável
Vingas mil gerações aniquiladas!
Quem ressurges do pó das sepulturas
Mil glórias, que sem ti seriam – nadas!

Para o eu lírico desse poema, cabe ao poeta a tarefa de contar a história. Para nós, para eles e para os pesquisadores. Trata-se aqui de entender a história pelo olhar da literatura, e como essas duas vertentes de conhecimento podem ser indivisíveis, o que é a suma dos objetivos dessa tese.

Os últimos versos dessa segunda parte retomam a essência do fazer literário de caráter divino e com o objetivo de não deixar cair no esquecimento a majestade divina e o conhecimento:

> Para cantar de Deus a majestade
> Foste tu, ó poeta, o escolhido;
> És cá na terra o seu fiel intérprete;
> És no céu entre os anjos bem querido.

O poeta foi escolhido como intérprete das palavras e ações de Deus para a humanidade, segundo o eu lírico expressa nessa estrofe, sendo ele mesmo conhecido nos céus, entre os anjos, pela tarefa atribuída em vida.

Essa tarefa também confere aos poetas um caráter quase divino, pois são tidos como mensageiros do divino, pois buscam a verdade através da linguagem e a explanam. São como artífices da palavra em busca de fazer a verdade conhecida de todas as pessoas:

> Como o grande Moisés, ferindo a rocha,
> Farás brotar assim do pensamento
> Fecundas criações não destinadas
> Ao sopro do letal esquecimento.

Sem, contudo, desumanizá-lo, afinal é sua humanidade que o torna dependente e intérprete de Deus, querido pelos anjos e semelhante ao profeta Moisés – aquele que fez surgir água de uma rocha no meio do deserto egípcio – que, pelo poder de Deus, faz surgir conhecimento onde ele não existe, imunizando-se do esquecimento.

Os versos, presentes na terceira e última parte desse poema, retomam o exposto na primeira, como forma de enfatizar o clamor feito ao poeta na observância

do fazer literário. Cabe ao poeta entender o seu papel e relegar ao esquecimento os que lhe são indiferentes:

> Ao mundo que te escuta indiferente,
> Não curves tua fronte laureada!
> Lastima-o, nas grandezas e vaidades,
> Paga-lhe a afronta – sobranceiro ao nada.

Essa ênfase é marca do fazer literário. Os versos são dedicados a quem sabe o valor que eles têm e que sabe que o poeta é um ser que foi escolhido por Deus. Quem não tiver conhecimento disso ou que duvidar deve ser tratado com indiferença. Trata-se de um discurso bastante recorrente na temática dos textos publicados na revista e na literatura de então.

Dividido em cinco partes, “O poeta” (*Arcádia*, 1867, p. 75-78; 01.1.1.75), de Menezes Paredes, também expressa as dores e os prazeres do fazer poesia. Na primeira estrofe, é mais uma vez evidenciada a função do poeta, que é desvendar a verdade diante os olhos de sua audiência:

> Rasguemos este véu de denso e negro crepe,
> Que envolve nossa vista com louca e falsa fé,
> E aos homens que atravessam, sorrindo, neste mundo,
> Impávidos digamos o que este mundo é!

Mostrar aos indiferentes a natureza do que é a vida é tarefa que, segundo esse eu lírico, cabe ao poeta. Uma vez que ao bardo não foi permitido não enxergar, ele vê o mundo como ele é, é sua tarefa, então, é contar em versos o que enxerga ante a ilusão da humanidade. Em tom pessimista, o eu lírico diz que o poeta deve dizer de que a vida é composta:

> A glória é um sonho vão! – A vida, - uma quimera!
> As ilusões, - perfume de embriagantes flores,
> Que criam-se nas salas festivas, luminosas,
> E colhem-se na quadra mentida dos amores!

A vida não passa de ilusão. *Tudo é ilusão,* como exposto no texto do *Eclesiastes.* Ilusão essa que permite com que as pessoas vivam e amem, mas ainda assim apenas ilusão.

Nada do que se passa é real. O tom de insatisfação e realismo presente nas palavras desse eu lírico carregam o pessimismo próprio do período, em que novamente constatamos a oposição pelo contraste entre o que é verdade e o que é mentira:

> Mentiras – são os elos da honra, vil cadeia
> Que algema neste mundo ao desditoso e pobre,
> Enquanto pelas ruas o rico, o potentado,
> Ostenta os crimes seus, mostrando uma alma nobre!

Esse contraste denuncia algo que não era muito comum na poesia desse período. Apesar de muitos traços do classicismo europeu, esses versos possuem nuances efetivamente inovadoras. A crítica social dessa estrofe está presente quando o eu lírico afirma que a mentira que algema o desditoso e pobre não prende os ricos. Pode parecer contraditório, no entanto o que esse eu lírico está dizendo é que enquanto o pobre não percebe a realidade do seu entorno, o rico ostenta sua vilania e passa imperceptível, como se nobre fosse.

Na última estrofe dessa primeira parte, o eu lírico confirma a sua visão de mundo que não passa de um lugar caótico, envolto por hipocrisia. A honra e a grandeza são compradas por quem mais alto puder pagar. Não são qualidades esculpidas e muito menos natas:

> O mundo é negro caos, embora o vão sofista
> Fenômeno o proclame de luzes e progresso:
> Nele a honra e grandeza, são coisas de negócio,
> Que se vendem àquele que dá mais alto preço.

Na abertura da segunda parte, o eu lírico expõe a alma nobre do poeta, e somente a dele, que, ante a todo engano, permanece ileso. Ao comparar a essência do poeta com a de um cisne, o eu lírico o associa com a coragem, a nobreza, a prudência e, sobretudo, a inocência: “Apenas uma essência, qual cisne, sai incólume/ Destes pauis infames, - a alma do poeta!”.

A alma do poeta não se deixa contaminar, essa é a visão nesses versos: um cisne nadando no pântano (“pauis”) não deixa de ser cisne e um poeta em meio ao obscurantismo, também, não deixa de ser poeta, um baluarte da verdade, da pureza e da inteligência. E, como já era de se esperar foi o destino, ou mesmo Deus, em uma leitura mais abrangente, o responsável por fazê-lo assim, o que, em

contrapartida, lhe traz sofrimento: “Daquele que por sina no berço teve os cantos,/ Na vida, - a desventura chegada a extrema meta!”

Não é algo que o poeta possa controlar. Ao nascer, ele já estava predestinado e não há como driblar o seu destino: se no nascimento a ele foi destinado à poesia, a única opção que o poeta tem durante a vida é, mesmo com sofrimento, perseguir a lírica como meta.

O sofrimento é algo inerente ao poeta, que, apesar das dores torturantes que o faz carregar no próprio corpo e da solidão da melancolia, também lhe confere genialidade:

> Olhai-o: Melancólico, - no lívido semblante
> Podeis ler-lhe as torturas, que sofre o corpo, o pó!
> Mas nessa altiva fronte vereis lúridas chamas,
> As chamas que iluminam a fronte ao gênio só!

Essa genialidade ilumina o corpo torturado do poeta que, apesar da melancolia exposta na face, é marcado também pelo conhecimento assombroso que carrega devido ao seu ofício. O eu lírico faz um chamamento para que se preste atenção nesse que possui função, praticamente, santa, por ser quem lança as bases da verdade, apesar de o mundo não o compreender, nem a sua dor e, ainda, o desprezá-lo:

> Olhai... vede... É apóstolo de crenças sacrossantas,
> E o mundo ouve-lhe as vozes com riso mofador!
> A turba astuta e louca, que encontra-o no caminho,
> Despreza a dor e os cantos do triste trovador!

O poeta é portador de verdades que a audiência não quer ouvir, nem ver, por isso é desprezado por ela. O eu lírico afirma que tal atitude é uma insanidade, pois quem despreza o poeta está, então, indiferente à voz do sagrado. O poeta não é alguém que está comprometido com a bajulação, ao que o eu lírico chama de “horrendo fel”. Ele não se curva ante ao poder do dinheiro e aos que, supostamente, poderiam comprar dele a nobreza:

> Olhai... Não o vereis de horrendo fel enchendo
> As taças da lisonja, com cantos consagrados
> Ao torpe crime envolto no manto das grandezas;
> Que o gênio não se curva da terra aos potentados!

Na última estrofe dessa segunda parte, o eu lírico evidencia que o poeta está acima dessas negociações. A alma do poeta e o seu ofício não estão à venda, segundo o eu lírico expressa nessa estrofe. Na única estrofe da terceira parte, o eu lírico evidencia a oposição entre o destino do poeta, conferido a ele por Deus, e seu sofrimento pela sina dada:

> E passa nesta vida qual nuvem vaporosa
> D'incenso que se queima na ara ao Criador!
> Por sina teve os cantos – no berço d'inocente,
> Na vida, - a desventura, repleta de amargor!

Apesar da tarefa gloriosa, a vida do poeta é um sopro. Passa como vapor, fumaça perfumada como um incenso oferecido a Deus. Se por um lado foi escolhido desde o berço para o lirismo, por outro coube a ele o sofrimento como recompensa pelo destino dado em graça, pois ser poeta é dom divino. O caráter divinal conferido ao poeta reaparece na primeira estrofe da quarta parte. O eu lírico apresenta, no limiar da alma do poeta, em um sonho, o aspecto angelical de uma mulher, esculpido pelo próprio Deus:

> Um dia... em doce sonho divisa o triste poeta
> Angélico composto num todo de mulher...
> A encantadora forma que alinha-lhe os contornos,
> Supõe achar os traços da mão do Eterno-Ser!

Essa figura alcança o seu ápice na estrofe seguinte. Trata-se do amor ideal que o poeta carrega em sua alma. É nos sonhos que o poeta idealiza a forma mais perfeita já criada por Deus, forma essa que lhe perfuma os sonhos e lhe permite alcançar o que acordado não consegue:

> E ama essa visão, que os sonhos seus perfuma
> Da mais sublime crença, do mais subido amor;
> Porque julga encontrar no todo que imagina
> A obra mais perfeita das mãos do Criador!

É com essa figura idealizada que o poeta compartilha sua vida e de quem não esconde nada, para o ele isso soaria como um ato criminoso. É ela a única esperança de sorrir, a única que o faz desconsiderar seu próprio sofrimento:

> Com ela não tem segredos... Supõe que fora um crime
> A mínima ação sua infido lhe ocultar;
> E, por isso, a seus pés – caído ela confessa
> Os infortúnios seus, sorrindo e sem corar:

O eu lírico dá lugar à persona do poeta que expõe seus sentimentos com sua própria voz. Alguém pobre, solitário, sem nome, vivendo a dor, a angústia e a desolação de ser quem é:

> “Achei-me só! ... Era pobre,
> Mas tinha uma alma indobre...
> Era esse o meu brasão!
> Pobre e sem nome! ... Sofria
> A dor, que nos angustia,
> A dor da desolação!

Nota-se que apesar da pobreza, a alma do poeta não se dobra, ou seja, não se anula e nem se submete, mesmo diante do sofrimento, da dor, da pobreza, da falta de um nome ilustre. A honra é o brasão do poeta. Honra que o eu lírico reforça na estrofe seguinte. O poeta não cede à lisonja, ele não permite ser por ela enlaçado e, humilde, ele não faz da grandeza a sua superior, pois não se curva ante a ela. O poeta deposita em Deus a sua confiança, mesmo que não entenda os desígnios que os céus conferem sem piedade aos que estão na Terra:

> Mas... pobre fui sempre honrado...
> Jamais foi por mim alçado
> À lisonja um monumento!
> Nunca... sequer um momento
> Curvei-me humilde à grandeza!
> Jamais na minha pobreza
> Eu descri da mão de Deus!
> Jamais blasfemei ousado
> Contra a impiedade dos céus!

Ainda na mesma estrofe, embora toda pobreza que lhe assola, o poeta declara que não se curva, não negocia sua honra e nem faz da bajulação os seus pilares. O poeta não *abre mão* da sua fé em Deus, mesmo em situações adversas e o motivo foi o de ter experienciado esse amor idealizado. Esse amor, segundo as palavras do poeta, salvou-lhe a vida de sofrimento maior:

> Mas foi porque – quando ao lado
> De um precipício me via,
> Na mais extrema agonia
> Vi teu rosto encantador;
> Foi porque o teu semblante
> Deu-me a vida, e delirante
> Consagrei-me o meu amor!”

O eu lírico retoma sua voz e apresenta os sentimentos da mulher idealizada pelo poeta. Nesses versos, vemos mais que um amor platônico sentido pelo artista, vemos a indiferença e o desprezo dessa mulher que o eu lírico julga como louca por julgar como loucura o amor cantado pelo poeta:

> Ela, - rocha impassível, ouve-lhe os cantos,
> E não compreende o fogo, que transpira
> No mínimo arpejar da ardente lira
> Do amante cantor!
> Ri-se ao ver-lhe cair na face os prantos,
> Ri-se ao vê-lo sonhar doce ventura,
> E, louca, julga ainda uma loucura
> Ser pobre e ter amor!

Esse desprezo não é o suficiente para fazer com que o poeta desista de seu amor. Pelo contrário, mesmo pobre ele ama. Isso para a idealizada é loucura e para o eu lírico loucura é a mulher não o compreender, ser indiferente e desprezar tal sentimento.

Na abertura da última parte do poema, o eu lírico explicita o que acontece quando o poeta desperta do seu sonho, seja ele um sonho literal ou não. O poeta volta-se para sua realidade triste e sombria:

> Mas passa-se essa quadra luminosa
> De perfume, de crenças e de amores;
> E da vida do poeta no horizonte
> Desdobra a negra noite o véu de horrores!
>
> É então que ele – o cisne solitário
> A arguta vista volve para o passado
> E do mundo cruel se despedindo
> Pergunta ao coração dilacerado:

Apesar do julgamento do eu lírico, para o poeta, a mulher idealizada é responsável pelos seus momentos de crença e de amor, ela é o seu ideal. Voltando ele para a vida real, o sofrimento se apresenta como a sua dura realidade, sua verdade e questionamentos lhe brotam ao coração. Diante da dor de ser quem é, e embebido de sua dolorosa solidão e realidade, o poeta recebe voz do eu lírico para dizer o que passa em si quando para a realidade ele desperta:

> “O que é a mulher? Astuta serpe!
> Responde o coração: - Sombra de morte
> Na meiga forma envolta de uma fada! ... –
> Instrumento cruel que a mão da sorte
> Maneja, para vingar-se desapiedada

Do mortal que na terra um céu tivera,
Se não cresse em amor, - fatal quimera!

E nessa estrofe, em que não podemos identificar com exatidão quando começa e termina a voz do poeta e a do eu lírico, dada a ausência do fechamento das aspas, parece que ambos se fundem a respeito da “louca” que habita os sonhos do poeta. Mais uma vez é possível perceber, pela voz do sujeito lírico (e/ou da persona do poeta), que a mulher ideal só existe nos sonhos e que tanto o poeta, quanto eu lírico concordam com isso. Ela é instrumento impiedoso de vingança contra aqueles que ousam acreditar no amor.

Nessa penúltima estrofe, ambos parecem concordar que a mulher é uma serpente astuta, que, disfarçada de doce fada, é a sombra da própria morte, tal como no texto bíblico. A mulher é, então, instrumento que a sorte utiliza para punir o homem que, mortal e desafortunado, ousou ter em sua pobreza fé no amor, o que impediu de sucumbir à sua ilusão.

No encerramento do poema, o eu lírico declara o fim iminente do poeta que, mesmo diante de morte horrível, não deixou de cantar seu amor até o fim:

E, como o alvo cisne, que cantando
Saúda em doce endeixa a morte dura,
Canta o triste poeta, e depois... passa
Os gélidos umbrais da sepultura!

Esse poema, cujo eu lírico inicia dizendo que cabe ao poeta portar a verdade em um mundo de ilusão, mostra a trajetória de um trovador que não poupou nem a si mesmo. Manteve-se como aquele cisne apresentado na segunda parte do poema. Um cuja alma ainda precisa sair “incólume destes pauis infames”.

Se ao poeta cabe dizer o que esse mundo é para que despertem de suas ilusões, cabe também dizer a si mesmo quais enganos envolvem sua visão e, nesse caso, ficou claro que o amor irrealizável é um deles. Mesmo que ele pague com a própria vida o despertar para essa realidade, ainda assim esse desfecho é melhor do que viver na mentira. Ainda que tal verdade seja só dele, fruto de um amor não correspondido, idealizado e que não tinha a menor obrigação de acontecer.

Na análise desse poema, temos a busca pela excelência literária, marca do esforço da *Arcádia* em ocupar um espaço, considerado sagrado, que é a tarefa que os poetas devem perseguir. Essa meta permeia a literatura presente no periódico, pois não lhe bastava o pioneirismo em ser absolutamente literário, era preciso defender a literatura e os modos de fazê-la, aspecto também muito presente na análise a seguir.

No poema intitulado “A um poeta”, de A. R. J. (*Arcádia*, 1867, p. 246-248; 01.1.1.246), presente quase ao fim do primeiro ano do periódico, o sujeito lírico característico do Romantismo, cuja centralidade busca exprimir e revelar poeticamente o seu eu, pode parecer, à primeira vista, um apaixonado que sofre, em tom fortemente depressivo, segundo os versos: “Eu sinto n’alma que a paixão devora/ Um fogo intenso que indomável arde!”. Ele expressa uma relação dialética entre o poeta e o mundo que o cerca, distinguindo ato a ato sob diferentes perspectivas, caracterizando a realidade do ambiente existente e a expressão literária da poesia.

Esse eu lírico demonstra certa “ode” a um personagem que, não atrelado às suas amarras, observa e vive uma relação livre e dialética com a natureza, por vezes se misturando a ela como se fossem diferentes *personas* de uma mesma personalidade. A primeira *persona* se caracteriza pela angústia e a miséria, enquanto a segunda demonstra leveza, liberdade e regozijo. Os blocos em que isso é demonstrado, contudo, não são métricos.

Nas três primeiras estrofes, o que vemos é um lamento de uma *persona* para a outra. Essa *persona* lírica expressa a vida sob uma determinada ótica de solidão e jugo moral, conotando sentimentos de dor e culpa, mas também de alegria. Sentimentos que permeiam a relação composta por esse eu lírico e essas *personas*; uma dramática e negativa e outra leve e livre:

> Eu sinto n’alma que a paixão devora
> Um fogo intenso que indomável arde!
> Nem risos dá-me a perfumada aurora!
> Nem sonhos traz-me o desmaiar da tarde!
>
> Não! Eu não posso de prazer bendito,
> Banhar meus lábios no sorrir dos céus!
> Curvado ao peso de um penar maldito,
> Arrasto a vida implorando a Deus!

Não sabes o que é viver-se
Banhado sempre no pranto!
Soltas alegre o teu canto,
Vem tudo sorri-te aos pés;
Os céus, a terra e os mares
Amam-te a lira fremente;
Nas glórias do teu presente
O teu futuro entrevês!

Nesse caso, vemos que o sofrimento tratado não tem causa no amor romantizado. Independentemente da razão, há uma profunda tristeza e ausência de sonhos que pairam sobre o eu lírico, que não consegue sentir-se feliz:

Nem risos dá-me a perfumada aurora!
Nem sonhos traz-me o desmaiar da tarde!
Não! Eu não posso de prazer bendito,
Banhar meus lábios no sorrir dos céus!
Curvado ao peso de um penar maldito,

Uma forma de perceber esse bloco é visualizar um indivíduo incapaz de alegrar-se por um estado constante de tristeza. Tal imagem adotada nesse poema, certamente, pode nos dar uma leitura que é transversal ao período dos dias atuais e que conhecemos como depressão, ou mesmo a melancolia como doença psíquica. Contudo, esse estado permanente de tristeza tem origem e causa sabidas: é dado pela responsabilidade do fazer poético.

O eu lírico se refere a essa *persona*, que bem pode ser seu interlocutor, como alguém que, segundo ele, desconhece sofrimento tão grande quanto o seu, pois ainda tem esperanças e sorte, descritos como um amor advindo de elementos da natureza:

Não sabes o que é viver-se
Banhado sempre no pranto!
Soltas alegre o teu canto,
[...]
Amam-te os risos da aurora;
Amam-te os gênios da selva;
Amam-te as auras que a relva

Se observarmos a terceira estrofe, sobretudo, percebemos o lamento doloroso acerca do não reconhecimento do sofrimento como uma forma dualística entre o que é mais miserável e o que é afortunado, pois que enquanto um é amado, o outro vive em constante sofrimento. O contraste de percepção, em parte visto pela

subjetividade de um sujeito sofredor e por outro pelo olhar observador e crítico desse que sofre, evidencia a frustração da impossibilidade de se ver livre de tais sentimentos, o que fica ainda mais evidente no segundo e maior bloco do poema.

A partir do primeiro bloco, os sentimentos desse sujeito surgem em crescente intensidade dúbia. De um lado a imensa admiração de uma *persona* pela outra e de outro, visto em especial na última estrofe, um desejo de experimentar perspectivas emocionais de uma *persona* em outra.

Enquanto um sujeito reconhece a grandeza e a beleza desses sentimentos que ele não tem, o mundo que banha um, também abrange o outro e a alegria da segunda *persona* está justamente em ser livre e portador de uma perspectiva emocional que permite sentir prazer e regozijo. Para a primeira *persona* o poeta, que é a segunda *persona*, é uma criatura acima das outras e adorada pelas outras pela liberdade em ser feliz. Ela o reconhece em contraste ao seu próprio sofrimento, o da primeira, de não ter tal capacidade.

No terceiro bloco, a primeira *persona* se encontra novamente fora da sua melancolia por breve instante, vendo no poeta – o que também aparecerá de forma mais clara no terceiro ato – um igual, mortal, similar a si mesmo. Esse trecho em específico pode ser interpretado como um momento de mania[16], um levantar de ânimo relativo, mas que não ultrapassa, ainda, a tristeza inerente de si. Após cantar o amor recebido por esse interlocutor, o eu lírico prossegue, em um tom desejoso de desfrutar também das mesmas glórias:

> Oh! Como é bom ser amado!
> Ver o mundo, o mundo inteiro
> Sorrir-nos sempre fagueiro
> Mil gozos dar-nos dos seus!
> Ter num sorriso um afeto,
> E nesse afeto divino
> Ter o motivo de um hino
> Na terra, no mar, nos céus!

[16] "A mania é uma das fases do transtorno bipolar, distúrbio também conhecido como doença maníaco-depressiva. Ela é caracterizada por um estado de intensa euforia, havendo aumento de energia, agitação, inquietação, mania de grandeza, menor necessidade de sono, podendo até causar agressividade, delírios e alucinações". Disponível em: https://www.tuasaude.com/mania-bipolar/ Acesso em: 11 mar. 2022.

A fim de alcançar, então, essas glórias, o eu lírico pede ajuda ao seu interlocutor, revelado como sendo outra *persona*, outro eu lírico, mas que, ao contrário daquele primeiro, ele pode cantar sobre alegrias, porque as vive, enquanto o eu lírico só pode cantar a dor – ou seja, o poeta só pode compor sobre aquilo que conhece na prática:

> E assim, poeta ditoso,
> Das tuas glórias seguro,
> Ao vate humilde obscuro,
> Estendes bondoso a mão,
> Bem haja a doce amizade,
> Que em terna e doce aliança,
> As frontes hoje descansa
> Do irmão no seio do irmão!
>
> Oh! Somos irmãos! Na vida
> Visamos uma só meta;
> O Deus que fez-te poeta
> Fadou-me também poeta
> Fadou-me também cantor!
> Tens a glória, eu o martírio!
> Tens os sorrisos, eu prantos!
> Tens hinos, eu tenho cantos,
> Tens o prazer, eu a dor!

Com características que poderiam ser analisadas no terreno da psiquiatria, o poema mostra um sujeito lírico ora dividido em si mesmo, fragmentado, ora multifacetado, que tem em si as vozes de um poeta que sofre que se vê na voz de outro que se alegra, vozes irmãs no lirismo.

A partir desse ponto, já em um certo estado de equilíbrio, a primeira *persona* se identifica com a segunda em profundidades distintas de sentimento, um é alegre e otimista e o outro melancólico e sombrio. Não fica precisamente claro se há de fato dois personagens ou duas condições de um mesmo personagem, como uma conversa consigo entre uma condição psicopatológica e um rompante de mania. A situação se torna ainda mais evidente no terceiro ato:

> Mas quem sabe se eu possa inda um dia
> Desterrar do meu peito o amargor!
> Forte crente saudando a alegria,
> Erguer-me inda nas asas do amor!
>
> Dos teus louros um ramo destrança,
> Vem com ele esta fronte cingir!
> Tenho uma alma - inda sinto a esperança,
> Tenho um peito – inda posso sentir!

Destes lábios queimados das vezes
Que a desgraça em meu seio vazou,
Tu verás que, sorrindo aos revezes,
Há-de erguer-se uma voz: - aqui estou!

Ai! Verei se minha harpa esquecida
Pode em sonhos saudar o prazer!
Ai! Verei se as memórias da vida
Podem inda das cinzas se erguer!

Vem cingir um só louro jucundo
Sobre a fronte do humilde cantor;
Tu que folgas nas festas do mundo!
Tu que cantas na voz do Senhor!

Nesse último bloco, conclusivo, sobre o lamento da primeira *persona* do poema há, contudo a esperança, a busca de companhia e compreensão tendo como ideal a perspectiva da segunda *persona*: “Dos teus louros um ramo destrança, / Vem com ele esta fronte cingir!”. O contraste ainda existe como um objetivo inalcançável e ideal, e, contudo, condicionado à segunda *persona*.

Sobretudo na última estrofe, é visível a perspectiva da relação entre as duas *personas*, os dois sujeitos líricos do poema, sem, contudo, evidenciar se são dois sujeitos distintos ou duas personalidades de um mesmo sujeito que sofre. Trata-se da condição humana em extremos de percepção acerca da natureza, no mínimo, dual que cerca todo e qualquer. Apesar de toda dor, há esperança de que, um dia, o sofrimento dê lugar ao amor e à alegria, pois que ainda tem alma e peito.

Esse tipo de lirismo está presente em muitos outros textos publicados na *Arcádia*, não trabalhados nessa tese. Um esforço, marca da revista, em produzir e difundir uma literatura que está em consonância com a que está sendo feita no restante do país, concretizando a hipótese criada ao longo dessa tese.

Outro texto que, como o anterior, expressa o empenho da *Arcádia* em ratificar o ofício poético é um soneto – sem título – de Apolinário Porto Alegre (*Arcádia*, 1868, p. 25; 03.1.1.25). Como já mencionado, essa temática é bastante presente no periódico, uma vez que sua linha editorial prezava muito pela literatura em seu estado mais pungente, além do fato de que, naquele momento, o jornal possuía colaboradores fixos, dentre os quais Apolinário e outros poetas-escritores, pela primeira vez reunidos e comprometidos com o produzir, discutir e difundir literatura.

Na primeira estrofe, o eu lírico declara as dores que começam no nascimento e perduram por toda a vida. O tempo passa e com ele acumulam-se sofrimento e dificuldades e as delícias da vida são poucas, sem raízes profundas, porque plantadas em vasos rasos. Uma metáfora que mostra o quão difícil é a vida e o quanto as dificuldades sempre serão maiores do que as facilidades tidas:

> Com o nascer da vida começam as dores,
> E em torno dos anos se aglomeram cardos!
> E bem raso se torna a perfumar de nardos
> Vivificantes bálsamos de belas flores.

O eu lírico, nessa primeira estrofe, mostra que, por mais vivificantes que sejam as flores do caminho, elas sempre estarão em menor número do que os cactos que irão se acumular no percurso. Uma metáfora marcada pela oposição desequilibrada entre sofrimento e alegria. Na estrofe seguinte, o eu lírico em pergunta retórica diz que os poetas sofrem mais que qualquer outra pessoa:

> De torturas constantes ferinos dardos
> No coração se cravam e nos dão palores;
> Porém.... Quem mais padece? Quem mais perde as dores,
> Neste mundo de lágrimas que os tristes bardos?

O sofrimento durante a vida é comum a todos os seres humanos? Por certo que sim. No entanto, nessa segunda estrofe, o sujeito poético precisa marcar a dualidade que há entre os seres humanos comuns e os poetas. Esse aspecto dual se faz necessário, uma vez que ao poeta coube carregar dores maiores e o pesado fardo do saber e da genialidade que está em constante oposição à ignorância. Nada há de sofrer mais do que a alma do poeta.

A história da poesia é a história do poeta e, consequentemente, essa é uma história sobre o sofrimento. A razão pela qual a maioria dos escritores e poetas abordam tanto a temática do sofrimento, independente em que período da história eles estão inseridos, é porque experienciar a lida com a palavra ante à experiência da vida, por si só, é um processo doloroso. No entanto, os poetas possuem alma mais sensível, o que os tornam mais sintonizados com suas emoções e com as dos outros. Para escrever, é preciso ter uma experiência ou uma ideia sobre a qual falar, para poder traduzi-la por escrito e essa tarefa o poeta sabe fazer com eficiência.

É importante salientar nesse ponto porque cantar o amor era tão necessário nesse período. O Racionalismo não poderia responder às questões existencialistas que alguém poderia fazer a si. Que outra solução então para curar a decepção com os falsos valores sociais e com a falta de fé? Jovens; poetas incompreendidos, artistas, músicos e todos os outros indivíduos sensíveis não conseguiam encontrar satisfação e refúgio em ideias racionalistas, então eles tiveram que encontrar seu próprio caminho para sobreviver. E que caminho melhor do que o amor idealizado? A espiritualidade? A morte como escape? A fuga para o imaginário?

O eu lírico desse soneto de Apolinário convoca o poeta para o exercício de seu ofício, porque sabe que ao poeta não restam outras opções, então o melhor é aceitar e deixar a vida seguir seu curso predestinado:

> Poeta, deixa a barca nos parcéis correr
> Deixa... naufrague embora! O que nos vale a vida!
> Sem um sorriso de amor, e sem amor colher?

A “barca” que, nesse contexto, pode simbolizar a própria vida, que deve flutuar naturalmente, mesmo que isso signifique naufragar. Não importa. Nada mais importa. A vida para o poeta só vale pelo amor e para amar, não há outra razão para a existência. Relacionada à insistência no isolamento, a melancolia é uma característica fundamental para percebermos a trajetória apontada pelo sujeito poético aqui. Geralmente vista como uma reação ao fracasso inevitável – nesse caso o eu lírico deseja expressar a pura beleza que percebe da melancolia até a morte:

> Nada.... Arrasta-la sempre em acética lida!
> O' antes nunca vira o arrebol nascer!
> E mil vezes a morte que a descansar convida!

Para ele, a vida não tem nenhum sentido sem amor. É azeda, é como nunca ver o nascer do sol. Nesse caso, então, melhor mesmo é morrer. A morte é o descanso da vida sofrida e sem amor. O eu lírico melancólico desse soneto não vê sentido em uma existência sem amor. Pessimista sobre a possibilidade de um futuro melhor, o eu lírico sem amor vê a vida como essencialmente vazia e desprovida de propósito. E, no anseio constante por algo inexprimível e inatingível, ele enfim, encontra na morte o descanso desse anseio.

Essa impossibilidade de uma existência sem amor pode ser entendida como uma metáfora da vida sem o lirismo, para os conceitos da *Arcádia*. O jornal sempre evidenciou a importância da Literatura, não apenas no aspecto artístico-cultural, mas, sobretudo, como necessidade histórica e humana. Inclusive, em muitos textos vemos a defesa de que não há história a ser contada na ausência da literatura. Tal característica fica explícita através da metalinguagem presente nos textos publicados e selecionados para a análise nesse trabalho, como também é o caso do poema a seguir.

Em “O poeta”, publicado por Antônio Ferreira Neves (*Arcádia*, 1868, p. 61-67; 03.1.1.61) na terceira série, o eu lírico encontra sua “motivação” nos versos do inglês Alfred de Vigny (1797-1863), de sua obra *Chatterton* (1835)[17], em que ele canta sobre a morte que se aproxima, e que vem para libertá-lo dos males que se experimenta em vida:

> Última hora da minha vida, amanhecer do dia
> Eterno, olá! - Adeus, humilhação, hai-
> Sarcasmo, trabalho degradante, incerteza
> Estudos, angústias, misérias, torturas do coração,

Isso pode explicar o porquê de o início de “O poeta” já se materializar nas palavras em tom depressivo, quase sombrio. O eu lírico canta em terceira pessoa sobre um jovem que experimenta profundo sofrimento por sua solidão e desamparo:

> Pobre mancebo que de dor definha!
> Ei-lo que vaga sem ter tino ou norte,
> [...]
> Não acha um teto que lhe dê abrigo,
> Não acha um seio em que recline a fronte
> Onde palpite um coração amigo.

Esta personagem à qual o eu lírico se refere parece não ter natureza depressiva, mas sim, estar sendo sufocado por essa tristeza que o impede de enxergar a saída. De fato, ele é capaz de proferir belas palavras, “Porém a turba que ignorante passa/ Seus olhos cerra pra não ver a luz”. Impossível, mais uma vez, não recorrer à intertextualidade ao analisar a estrofe que se segue:

---

[17] Peça que encena a vida e o suicídio de um “poeta amaldiçoado”, como veio a ser conhecido. Fala a respeito do suicídio do poeta Thomas Chatterton em um drama em prosa em três atos. Ao apresentar os últimos momentos da vida de Chatterton, ele exalta a nobreza e o sofrimento de um gênio incompreendido em uma sociedade impiedosa e materialista. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/Chatterton-by-Vigny Aceso em 11 de mar. 2022.

> Mísero, vaga sobre a terra ingrata,
> Qual forasteiro que no vício assiste:
> Uns lhe desprezam, lhe abominam outros,
> E o pobre vive solitário e triste.

A estrofe anterior remete a um trecho da crítica literária intitulada “Introdução”, de Antônio Joaquim Dias (*Arcádia*, 1868, p. 05-07; 02.3.1.05), que será analisada no subcapítulo na sequência:

> E se, apesar, depois de centenares noites de vigílias, aparece o fruto de constante trabalho, aí vem o rigorismo frio enregelar a ideia e cortar a vontade de prosseguir; pouco apreço mereço o labor da imaginação.

Esse trecho demonstra um problema enfrentado por estudiosos e escritores: estes são desvalorizados e ridicularizados pela sociedade, tal qual também vemos no poema “Poeta”, de Bernardo Taveira Junior. Assim, é possível relacionar, de forma geral, a personagem a que se refere o eu lírico a um escritor ou poeta. Trata-se aqui de alguém cujo conhecimento é desvalorizado e/ou incompreendido, também intertexto da personagem relacionada a Thomas Chatterton.

Nessa solidão, então, o jovem segue sua caminhada a esmo. Aqui, tal qual no poema de A. R. J., há forte conexão entre a personagem retratada e a natureza, que, ao contrário daqueles que o deixaram de receber, acolhe-o:

> Então as brisas, a floresta, as aves,
> As flores, montes, solidões, campinas,
> Tudo em silêncio se extasia ouvindo
> Da grata lira emanações divinas.

E, como não poderia ser diferente, suas composições têm um caráter divino, ainda que ninguém, além da natureza, lhe dê ouvidos. Diferentemente, porém, do que ocorre no outro poema, aqui, a natureza e a personagem não estão em um momento de glórias. Ambos se unem para vivenciar a dor da personagem, que ele expressa através da música:

> E o bardo entoava na lira sonora
> Amargas endeixas de angústias passadas,
> E as lágrimas tristes banhavam-lhe as faces,
> As faces por dores cruentas sulcadas.

É nos sons da lira, como pode ser vista a própria poesia, que o poeta entoa suas dores e o seu pesar, tendo apenas a natureza como sua fiel audiência. Na

estrofe seguinte, o eu lírico faz nova menção à morte sobre a qual falara no início do poema, morte essa que, não apenas se aproxima, mas que ele espera, uma vez que não tem nenhum valor para a sociedade e é impossível alguém viver sendo tão desprezado:

> Tranquilo, sereno deixa-la morrer!
> Qu'importa-me a vida? Se passo entre as turbas,
> As turbas sorrindo motejam de mim;
> Me tomam por louco, me atiram doestos...
> Meu Deus, ninguém pode levar vida assim!

O desprezo é tudo o que o poeta recebe. Tido como louco e risível, a ele não restam alegrias ou nenhum sentido à vida, portanto somente a morte pode trazer algum benefício e sentido. Por meio de uma comparação intertextual, com o poema, "A um poeta" (*Arcádia*, 1870, p. 189-190; 04.1.2.189), nota-se que, ao contrário do eu lírico daquele poema, nesse retratado aqui já não há esperanças. Enquanto aquele afirma:

> Mas quem sabe se eu possa inda um dia
> Desterrar do meu peito o amargor!
> Forte crente saudando a alegria,
> Erguer-me inda nas asas do amor!
> [...]
> Tenho uma alma - inda sinto a esperança,
> Tenho um peito – inda posso sentir!

Enquanto o sujeito lírico de Antônio Ferreira Neves diz "Dos sonhos da infância que resta-os agora? / Mais nada! Definho de dor e de fome;" e torna a clamar pela morte que o libertará da dor, pois é preferível morrer do que viver humilhado:

> A morte prefiro ao ouvir pelo mundo
> Do opróbrios, de injúrias, coberto o meu nome.
> Ó vem! Sob as asas que tens dá existência
> Eu hei de as torturas alívio encontrar

Depois de tanto cantar sua dor, cansado, "o bardo se calara". A descrição que se segue é da reação dos elementos da natureza que apreciavam sua canção:

> O bardo se calara.
> No horizonte
> Rubro o sol descambava, ígneos fulgores
> Imergindo no mar. Da linda tarde
> O purpúreo arrebol tinge, enrubesce
> As nuvens que povoam o espaço etéreo,

[...]
No róseo Oriente
A aurora surgindo
Com seu rosto lindo
[...]
As flores derramam
Melífluos perfumes,
[...]
Gentis gaturamos
Em doce gazeio
Saúdam o dia
De encantos tão cheio.
Suspira o regato,
Lá dentro do nato
Expandem as rosas
Tão lindas viçosas
[...]
Sorri-se a natura!

Ao mesmo tempo em que o lirismo do poeta reage à natureza, há um silêncio que paira no ar, pois a canção se calou. Esse silêncio, a princípio relacionado apenas à lira, que deixou de soar, é, na verdade, consequência do desejo sofredor do eu lírico, que, enfim, se realiza. A morte o levou para longe do sofrimento, ao encontro da felicidade:

Era linda a manhã! E na estrada
Estirado um cadáver jazia;
Frio orvalho banhava-lhe a fronte
Onde outrora radiara a poesia.
[...]
Dorme, bardo, feliz és agora
Eis chegado teu último dia.

Depois de tanto sofrer e de colocar na morte a sua esperança de descanso, enfim o poeta encontra o descanso e a paz que não teve em vida.

Morte essa não desejada, nem metaforicamente, pelo proprietário da *Arcádia* que almejava vida longa ao jornal e que pudesse cumprir seu objetivo de, através da literatura, reunir as mentes que a pensavam. Por esse motivo, toda vez que um novo periódico ou grêmio literários surgiam, Dias exultava de alegria e compartilhava a notícia com prazer, ao mesmo tempo que, quando algum desses órgãos sucumbia ou se desviava de seus princípios, ele expressava tristeza ou indignação. O interesse do proprietário era de contar a história difundindo a Literatura que, segundo era expresso nas páginas do periódico, seria a única forma de vencer a ignorância e de preservar a memória histórica.

Esse compromisso literário do periódico reaparece no poema “A um poeta”, publicado por Bernardo Taveira Junior (*Arcádia*, 1870, p. 189-190; 04.1.2.189) na quarta série da *Arcádia*. Nele o poeta expressa ter encontrado inspiração nos versos de Pierre Jean de Béranger (1780-1857) e de Alphonse de Lamartine (1790-1869), em que cantam sobre a busca incessante do homem pela satisfação. O poema é iniciado com a epígrafe desses dois poetas:

> Deus com um olhar o arranca do abismo imundo,
> Mas aqui embaixo quer que encante nossos dias.
> (Béranger)
>
> Vou onde o olhar vê brilhar a esperança
> Vou para onde vai o som do meu alaúde
> Para onde foram todos os meus suspiros!
> (Lamartine) [18]

Logo de início temos uma indagação do eu lírico a um poeta: “Que buscas, ó poeta, - alma arrojada?”. Tal questionamento se faz ao interlocutor devido a uma aura de tristeza que o arrebata:

> Por que dos olhos teus a luz definha?
> Por que dos lábios teus o fel transpira?
> Por que te foge a vida entre suspiros?

Esse sofrimento que experimenta a personagem encontra explicação na estrofe seguinte:

> Ah, quanto do poeta é cá na terra
> Espinhosa missão, ignara turba,
> Quando as bênçãos do céu nele se expandem,
> De louco o chama, às faces lhe atirando —
> Dos vilões o escárnio, a zombaria
> Ah, e quantos almejam ser poetas!

O sofrimento do poeta reside em seu ofício, que por sua vez lhe foi predestinado. Ele tem uma missão, como visto em outros textos, ser a voz de Deus e, por esse motivo, é tido como louco. E, mais uma vez, possibilita a prática da intertextualidade, pois lembra a seguinte estrofe do poema “O poeta” *(Arcádia*, 1868, p. 61-67; 03.1.1.61), de Antônio Ferreira Neves:

---

[18] Tradução livre minha. No *Arcádia,* consta na língua original*:* “Dieu d'un regard l'arrache no gouffre immonde/Mais ici bas veut qu'il charme nos jours.” (Béranger). “Je vais où le regard voit briller l'espérance/ Je vais où va le son qui de mon luth s'élance, Où sont allés tous mes soupirs!” (Lamartine)

Mísero, vaga sobre a terra ingrata,
Qual forasteiro que no vício assiste:
Uns lhe desprezam, lhe abominam outros,
E o pobre vive solitário e triste.

Por sua vez, remete novamente ao trecho da já citada crítica “Introdução”, de Antônio Joaquim Dias, no qual se demonstra um problema enfrentado por estudiosos e escritores, constantemente desvalorizados e ridicularizados pela sociedade. Devido a isso, o poeta é visto no presente poema “Como um símbolo do eterno sofrimento”. Assim mesmo, o eu lírico encoraja seu interlocutor, o poeta, para que continue fazendo poesia; para que não esmoreça; para que encontre em sua dor a razão para seguir em frente. A desvalorização e a incompreensão por parte dos outros não devem abalar o poeta, que “é sempre grande”, ou seja, ele é maior do que aqueles que lhe humilham.

Essa força de que o poeta necessita para continuar sua jornada deve ser encontrada não apenas no próprio sofrer, mas também buscada no auxílio da natureza e em Deus, instrui o eu lírico nesta estrofe:

Aos astros pede a luz para os teus quadros!
Aos anjos, o sorrir de uma deidade;
Ao lago, o doce arfar de um seio amante:
À brisa, o suspirar de uma voz bela
À vastidão do mar, o grandioso;
A Deus, o ideal, o infinito.

Do mesmo modo, Antônio Joaquim Dias, em sua crítica “Querer é poder”, vista a seguir, acredita que a literatura – a poesia, especificamente, neste caso – é capaz de romper as barreiras da matéria, pois serve-se de emoção, imaginação e sentimento, úteis, que os “ignorantes” não são capazes de compreender, apenas o poeta. Sendo assim, o eu lírico pede ao poeta que não sucumba, pois “A cruz de teu martírio é tua sina/ Consiste nela a glória imperecível”. Desse martírio é que virá, também, a recompensa, ou vingança, mesmo que apenas após a morte, como já fora visto em outro poema do mesmo autor.

Aqui, a intertextualidade também reaparece, ao lembrar as palavras de Antônio Joaquim Dias, na crítica “Época da literatura” (*Arcádia*, 1867, p.179;

01.3.1.179), analisada na sequência, em que diz que os escritores, aqueles que se dedicam a um ofício literário, possuem uma nobre missão neste mundo:

> Trabalhar por glória, gênios; escrever para as gerações, ilustrar nosso século; civilizar estes tempos; moralizar nossos costumes; castigar nossos erros; exaltar nossos feitos e dar incremento às letras pátrias, coragem aos talentos, vigor aos timoratos

Abordagem muito presente na metapoesia criada por Bernardo Taveira Júnior, como já fora visto. Missão atestada nas palavras do eu lírico:

> Quando a morte esfriar teu corpo inerte,
> Na rasa sepultura em que dormires
> As lágrimas, ali, de mais de uns olhos
> Farão nela brotar saudosas flores.
> Relendo os versos teus, mais de uma bela
> No peito gravará teu nome ingente.
> [...]
> Eis, poeta, qual é tua vingança!

A vingança do poeta é a eternidade do seu lirismo. Mesmo após a sua morte, quando seu corpo enfim encontrará paz e descanso, seus versos irão permanecer e isso fará com que seu nome seja gravado nas páginas da história. Esse caráter metaliterário se confirma nos estudos feitos ao longo desta tese. Tanto textos como nomes são celebrados e constituem-se não só objetos de estudo, mas também a razão desta tese que vêm para servir como justificativa e hipótese para este trabalho.

Dada à análise desses poemas, o que fica perceptível é a unidade temática que, através da metaliteratura, os poetas puderam garantir à *Arcádia*. De tal forma que os poemas parecem como que amarrados entre si, de maneira a formarem uma unidade plenamente coesa. A possibilidade intertextual que existe entre os textos analisados garante o alinhamento do que era publicado com a própria linha editorial da *Arcádia*, fato que também acontece com as críticas que estampam o periódico, como se verá no subcapítulo a seguir.

2.2 A crítica literária na *Arcádia*

Há na *Arcádia* uma extensa produção de textos em prosa: charadas, notas culturais, textos dramatúrgicos, folhetins, cartas, biografias, traduções e artigos científicos, mas o gênero que mais interessa aos objetivos dessa tese, de fato, é o da crítica literária, críticas alusivas ao fazer poético, que expressam certa consciência de si, do poeta, e, sobretudo, da própria Literatura. A esse respeito, Mauro Póvoas (2018) confirma o que já havia sido dito por Baumgarten (1997) e que pode ser verificado e ratificado por mim nesta tese. Segundo o pesquisador, chama a atenção o grande número de textos de caráter analítico presentes na *Arcádia*, um aspecto:

> Já marcado por Carlos Alexandre Baumgarten em seu livro *A crítica literária no Rio Grande do Sul do Romantismo ao Modernismo*. A *Arcádia* foi o veículo pioneiro, na província, a se preocupar com a crítica literária, dando guarida a esse tipo de manifestação em suas páginas; neste sentido, o primeiro texto de cunho crítico da história da literatura do Rio Grande do Sul, "Divagações", de F. C. de Bulhões Ribeiro, foi publicado na 1ª série (1867, p. 33-36). (PÓVOAS, 2018, p. 33)

A afirmação no trecho acima não deixa dúvidas da importância e dos porquês de se reivindicar o pioneirismo da *Arcádia* na produção do pensamento literário. Além de ter sido “o primeiro periódico importante para a história da crítica literária do Rio Grande do Sul” (BAUMGARTEN, 1997, p. 66), dedicado, exclusivamente, à literatura, foi também precursora no movimento de reunir um grupo para produzir e divulgar esse pensamento. O jornal estava voltado para um público cada vez mais leitor e interessado no pensamento crítico. Sobre essa primeira crítica, Baumgarten diz que:

> Embora incipiente, o artigo de Bulhões Ribeiro coloca em discussão temas intensamente debatidos pela crítica literária sul-rio-grandense da segunda metade do século passado, como é o caso da questão envolvendo a nacionalidade da literatura brasileira e sua relação com a literatura portuguesa. [...] Nesse sentido, cabe ao ensaio de Bulhões Ribeiro a primaria de inaugurar a crítica literária no Rio Grande do Sul, instaurando o debate em torno do ideário romântico que iniciava seu percurso na Província. (BAUMGARTEN, 1997, p. 67-68)

Diante da produção crítica da *Arcádia*, a partir do pioneirismo do texto de Bulhões Ribeiro, Póvoas elencou alguns exemplos[19] desses exercícios críticos que

[19] Alguns desses textos publicados que foram citados por Mauro Póvoas são:

giravam “em torno da argumentação crítica, biográfica ou bibliográfica, ressaltando um tópico, um livro ou um escritor” (PÓVOAS, 2018, p. 34). Tais textos, segundo Mauro Póvoas, preocupavam-se em refletir sobre os caminhos literários daquele momento e do porvir nas literaturas brasileira e sul-rio-grandense, promovendo discussões a respeito do que era produzido culturalmente na época, incluindo romances e dramaturgia, evidenciando o sentimento da época e o que era de valor estético para os críticos em suas análises.

Póvoas cita outras produções relevantes para o projeto idealizado pela *Arcádia*, entre as quais está, por exemplo, um curioso texto futurista, atribuído a um sonho do autor, de pseudônimo Viana-Castelense, intitulado “O Rio Grande no ano 2000”, que foi sequenciado ao longo de quatro números da segunda série. Também destaca que, provavelmente, os primeiros textos de teor regionalista da literatura gaúcha foram estampados no periódico, ao lado de tópicos caros para o Romantismo, como o Indianismo[20], as produções ressaltam a liberdade e a coragem do rio-grandense. Este é outro importante aspecto sobre o pioneirismo da *Arcádia*: a busca por uma literatura de identidade regional, temática que por si só permite outra tese.

Cláudio Manuel da Costa" (1ª série, p. 167-170), comentário sobre o poeta arcádico, por A. J. Dias;
"O demônio do lar: drama em 5 atos" (1ª série, p. 171-174), comentário sobre o drama de Carlos Augusto Ferreira e José Felizardo Júnior, apreciação de autoria de P. A. do Vale (São Paulo);
"Os dramas Madalena e A opinião pública por Carlos Augusto Ferreira e José F. Júnior" (1ª série, p. 249-251), comentário sobre os dramas, em especial sobre o primeiro, por U. do Amaral (São Paulo);
"Impressões de leitura - Diva. Perfil de mulher" (1ª série, p. 264-268), comentário sobre o romance de José de Alencar, por Carlos de Andrade (São Paulo);
"Esboço de um artigo: a poesia há de morrer - falta de gosto pela poesia" (2ª série, p. 22-27), por ***;
"Nossa literatura" (3ª série, p. 5-7), espécie de introdução ao terceiro volume da Arcádia, em que o redator A. J. Dias faz comentários sobre o estado da literatura nos dias que corriam;
"Gil Vicente e o teatro português (fragmento dum livro inédito)" (3ª série, p. 116-118; p. 141-143; p. 155-157), transcrição de J. C. Fernandes Pinheiro;
"Poetas e poesia (crítica?)" (3ª série, p. 82-86; 273-275), por Glodomiro Paredes;
"A literatura no Rio Grande" (3ª série, p. 129-132) por Antônio Maria Pinto;
"Movimento literário na província" (4ª série, n.1, p. 3-4; n.7, p. 51-52), por Menezes Paredes;
"Reflexões sobre a literatura rio-grandense" (4ª série, n.2, p. 9-10), por Bernardo Taveira Júnior;
"Mulher e mãe, drama pelo Sr. Eudoro Berlink" (4ª série, n.29, p. 218; n.30, p. 221-223; n.31, p. 225-226; n.32. p. 229-231; n.33, p. 233-235; n.34, p. 237-238), por Bernardo Taveira Júnior; interessante observar o seu começo: "A crítica literária ainda não existe em nossa província. Sem nossa literatura poderá florescer com vantagem, porque ela, a verdadeira crítica, é para as letras o que o orvalho é para as plantas" (p. 218);
"Brasileiros ilustres - Esboços biográficos: Manuel Antônio d'Almeida" (4ª série, n.32, p. 231-232; n.37, p. 257- 258), por Vítor Valpírio;
"Perfis rio-grandenses: Taveira Júnior", por Vítor Valpírio (4° série, n.38, p. 262-263; n.39, p. 272-273; n.40, 277-278; n.42, p. 291-292; n.43, p. 293-294; n.44, p. 298- 299). (PÓVOAS, 2018, p. 34-35)

[20] Aqui o pesquisador refere a publicação, na 4ª série, de Bernardo Taveira Júnior, intitulada "Poesias Americanas” já citada anteriormente, bem como o poema épico “O Índio” de Lobo da Costa.

Críticas à escravização negra também aparecem no periódico. Segundo Mauro Póvoas, o caráter progressista do jornal e afim com as ideias do Partido Liberal, bem como do diretor e de seus colaboradores, se fazem presentes em todas as quatro séries. Muitos poemas e outros textos estão presentes na *Arcádia* refutando a servidão negra:

> A reprodução, na íntegra, de "O navio negreiro - Tragédia no mar", de Castro Alves, reforça esse caráter libertário do periódico (4ª série, n. 43, p. 295-296), assim como vários textos espalhados em suas páginas, como "Sociedade Promotora da Emancipação de Escravos" (4ª série, p. 41-42, de A. J. Dias), vinculada à Sociedade Acácia, em que se relatam ações com o fim de combater a escravidão, como "a sua primeira festa de liberdade no glorioso dia 7 de Setembro, em o paço da Câmara Municipal, quebrando os ferros da ignominiosa opressão, a uma ou duas escravas, conforme suas posses" (p. 41). Outro destaque é o texto "Libertação dos escravos", de J. I. Arnizaut Furtado, publicado em oito partes, de 8 de agosto até 31 de outubro de 1869, defendendo um império brasileiro livre do trabalho servil. (PÓVOAS, 2018, p. 41)

Textos científicos, históricos, publicações de folhetins e de peças de teatro também se fizeram presentes nas páginas da *Arcádia*, ao lado de publicações inéditas e reproduções de autores nacionais e internacionais. Mauro Póvoas cita algumas delas, ressaltando, mais uma vez, a importância e o empenho do periódico em discutir e produzir literatura, além de levar conhecimento e instrução ao público leitor:

> Afora a parte literária, a revista ainda diversificava suas temáticas, com, por exemplo, textos de caráter científico, conforme o termo era entendido na época, como na 1ª série, "Cura do *cholera-morbus*", pelo médico Dr. Carlos Eugênio Marchand (p. 277-278), ou, na 3ª série, "Astronomia descritiva", por Nicácio T. Machado (p. 113 115; p. 137-141). Também aspectos históricos ganhavam espaço, em publicações seriadas ao longo de vários números: "Apontamentos para a história da revolução da província do Rio Grande do Sul (1835-1845)", por Spartacus, e "Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade do Rio Grande, desde o descobrimento e fundação até a presente data", por Carlos Eugênio Fontana, ambos na 1ª série. Na 2ª série, por sua vez, editou-se a coleção "Documentos sobre a revolução desta província - 1835-1845 (coligidos)".
>
> Além dos autores já citados, outros nomes locais fizeram presentes na *Arcádia*, publicando contos, romances em série (por exemplo, *Lampírio*, de Apolinário Porto Alegre, é publicado na forma de folhetim), peças de teatro e críticas literárias: Zeferino Vieira Rodrigues Filho, Antonio Ferreira das Neves, Carlos Augusto Ferreira, Frederico de Villeroy, Francisco Antunes Ferreira da Luz, Aurélio de Bittencourt e Fernando Osório, entre outros. Estas publicações inéditas dividiam espaço com reproduções de autores internacionais e nacionais, como na 4 série, como drama em cinco atos *Os salteadores*, de Schiller, na tradução de Arno Ernst, que teve a sua publicação iniciada em 3 de outubro de 1869 (n. 10, p. 73), estendendo-se por vários números, embora tenha ficado incompleta, ou a poesia "A cruz",

> de Fagundes Varela, também na 4ª série (n. 24, p. 189). (PÓVOAS, 2018, p. 41)

Como é possível perceber pelas referências ao texto de Póvoas, há muita produção no periódico, que possibilita o mapeamento da vida social, cultural e política da sociedade sul-rio-grandense do século XIX, quiçá de todo o Rio Grande do Sul, de modo geral, não ficando restrita ao passado, uma vez que foi ela, a *Arcádia*, que primeiro possibilitou o surgimento de um sistema literário gaúcho que permite estudos como o presente, admitindo os que vieram antes e os que virão depois. Desse modo, compreende-se que é assim que é possível se fazer História da Literatura e a eleição canônica dessa história.

Apesar desse farto e rico material, que pode servir para inúmeras análises temáticas, esteja presente na *Arcádia*, foi preciso selecionar um tema, fazendo um recorte, para recolher argumentos que sustentem a hipótese desta tese: a de ser a *Arcádia* o berço da literatura sulina, por seu pioneirismo em incubar e gestar o embrião do sistema literário gaúcho herdado d'*O Guaíba*. Para isso, e para uma melhor compreensão da linha editorial do periódico e do seu empenho em se manter fiel aos seus objetivos, analisei algumas dessas críticas, cujos textos são metaliterários, tanto quanto o eram os poemas.

Através do uso de um tom fortemente romântico –, com presença de muito sentimentalismo e de certo nacionalismo –, e de figuras de linguagem, em especial da metáfora, e de uma referência contrastante à mitologia grega – explicitada pelo uso da palavra "zéfiros" –, Antônio Joaquim Dias enaltece a literatura e a natureza do Rio Grande do Sul, como se nota no trecho dessa primeira crítica que analiso, intitulada "Querer é poder" (*Arcádia*, 1867, p. 82-84; 01.3.1.82):

> Assim a moderna literatura, águia altiva [...] lança miradas de investigação, animadoras e fascinantes sobre as altivas colinas e vicejantes várzeas do solo rio-grandense - natureza de primores, de sublimadas inspirações!

Além dessas características, é marcante também a crítica ao materialismo, chamado de "insípido" e acusado de calar a imaginação. Para Dias, esse materialismo conduz a um estado de ócio, que impede de notar as belezas da

natureza local, que motivam a prática da literatura. Desse estado, segundo ele, apenas um poeta inspirado se destaca:

> O clangor das letras [...] proclama em todos os ângulos os princípios utilitários de uma ortodoxia intelectual, por toda parte faz ouvir, despertando essa mocidade inteligente do letárgico sono [...] e indiferença aos hinos que o Criador faz modular pela sua mais perfeita obra, e que só uma alma de poeta inspirado [...] pode definir e compreender

O texto menciona ainda o jornal literário *A Atualidade*, de Porto Alegre, datado do mesmo ano da crítica "Querer é poder". Dias utiliza-se novamente da metáfora para relacionar o nome do jornal à expressão "moderna literatura", título que ele confere à prática literária ainda no primeiro parágrafo:

> Distinta, repleta de animação e esperanças, vem *A ATUALIDADE* ao significativo festim que se prepara aos grandes e pequenos da inteligência, obreiros da literatura pátria

O texto de Antônio Joaquim Dias justifica então o título da obra: "O gérmen à terra, necessário é cuidá-lo; [...] Redobre-se de coragem. Querer é poder. O porvir é límpido horizonte que convida à reflexão". Essas metáforas incitam os "distintos lidadores das falanges de belas letras" a guerrear contra o materialismo. Destarte, pode-se perceber que o autor, possivelmente como outros conterrâneos seus, já não consegue viver sob a aura do materialismo que ronda o país e o mundo.

Em contrapartida, diferentemente do tom depressivo característico do Romantismo que se poderia esperar, Dias encerra seu texto de maneira otimista. Ele acredita que, por meio do trabalho, a literatura é capaz de romper as barreiras da matéria, já que essa se serve da emoção, da imaginação e do sentimento, úteis, também, tanto quanto aquilo que é material, e proclama sua guerra: "Guerra de extermínio ao materialismo! Luzes à ignorância!".

Em outro texto, "Época da literatura" (*Arcádia*, 1867, p. 179-180; 01.3.1.179), Antônio Joaquim Dias usa um desenvolvimento singular de termos, partindo de uma perspectiva quase "épica", bem aos moldes românticos, do pensamento e intelectualismo burguês do século XIX. Essa crítica é desenrolada entre a história vigente e uma narrativa, cuja perspectiva é caracterizada por uma certa dualidade: uma como sendo a Literatura uma desbravadora de um mundo em transformação e

outra dos literatos como sendo os desbravadores dessa Literatura, intelectuais que estão resistindo a um mundo que sucumbe ante à ignorância.

Outra dualidade apresentada no texto editorial de fundação da *Arcádia* é a presença relativa de uma dupla expressão sobre o fazer literário: a primeira sendo colocada como otimista, romântica, épica em relação ao seu momento e outra incerta e até pessimista sobre seu futuro, ante as incertezas impostas pela ignorância:

> Grandes movimentos, arrojados planos, notam-se no mundo das letras.
> A tempestade literária redobra de furor: e raios, coriscos e centelhas começam a cair do céu da inteligência a percorrer o espaço trevoso da intelectualidade bronca ou preguiçosa, que principia a sentir os efeitos de uma atmosfera impregnada de elementos que destroem e aclarem a escuridão da ignorância.
> É um lidar incessante.

Nota-se aí, também, que o uso da linguagem metafórica reaparece em Antônio Joaquim Dias, dessa vez para, não apenas enaltecer a literatura, mas também para mostrar como ela pode fazer refletir criticamente a realidade.

Dias inicia o texto de forma expositiva, trazendo em si a grandeza análoga a fenômenos naturais espetaculares, dando a si uma mítica sobrenatural de iluminação intelectual. Uma percepção metafórica possível é colocada, como se o autor, ao mesmo tempo que prepara um manifesto das suas intenções com a criação do periódico, não nega a dificuldade de mudar a realidade sociocultural, apesar de vislumbrar um horizonte em que, pela vontade e poder divinos, seja transformada pela genialidade intelectual.

Já na primeira sentença, “Grandes movimentos, arrojados planos, notam-se no mundo das letras”, observamos a posição de quem vê o desenrolar de mudanças, contudo vale notar também a forma estética da frase, em um certo tom ambicioso de quem anuncia as transformações que estão por vir.

Subsequente a essa introdução o autor insere sua crítica ao momento, ao que chama de “tempestade literária” novamente através do aspecto dual: inteligência *versus* ignorância:

> A tempestade literária redobra de furor: e raios, coriscos e centelhas começam a cair do céu da inteligência a percorrer o espaço trevoso da intelectualidade bronca ou preguiçosa, que principia a sentir os efeitos de

> uma atmosfera impregnada de elementos que destroem e aclarem a escuridão da ignorância.

Colocando a realidade do fazer literário como elemento que salva da ignorância, se utilizando de símbolos da natureza para descrever uma função quase messiânica da literatura, Dias ataca diretamente à estrutura da ignorância presente no contexto em que a *Arcádia* surge, colocando o periódico, imediatamente, como objeto participativo no processo das mudanças apontadas, e esperadas, ao dizer que é um “lidar incessante”.

Essa lida é o objetivo maior do empenho e contentamento de Dias não só com a *Arcádia*, mas com o aparecimento de outras folhas e agremiações literárias. O proprietário nunca escondeu o quanto acreditava na reunião de pessoas, cujo interesse fosse a arte como a saída da ignorância. Sempre que um novo empreendimento literário surgia, Dias sempre que possível elucidava o caráter educativo da literatura, como fez na 2ª série, quando do surgimento do *Partenon Literário*. Na ocasião, ele comemora a chegada da sociedade com uma frase de Gonçalves de Magalhães em que diz: "A civilização de um povo avalia-se pela sua literatura” (p.153). No texto de Mauro Póvoas (2018) é possível constatar a crença de A.J. Dias com clareza, ao que diz:

> Dias acreditava na associação de pessoas interessadas em assuntos artísticos e humanísticos, como antídoto à paralisia cultural do Rio Grande do Sul do século XIX. É assim que, ao longo dos anos, ele vai comentar sobre a importância das associações, com intuito de fortalecer o sistema literário incipiente da cidade e da província, como se vê na nota "A fundação de um clube literário, instrutivo e recreativo" (1ª série, 1867, p. 107-108), em que A. J. Dias comenta que à cidade do Rio Grande “parece estar destinado um brilhante lugar nas eminências da civilização” (p. 107); para tanto, uma instituição que seja literária, instrutiva e recreativa precisava ser criada. A notícia dá conta que o clube teria aulas de francês, inglês, música e escrituração mercantil, além de haver, em uma noite por semana, leitura e discussão de argumentos e temas sobre literatura [...] (PÓVOAS, 2018, p. 31).

Além de dedicar-se à profusão da literatura por um período bastante longevo, em uma época de jornais efêmeros, servir de inspiração para outros periódicos, abrindo-lhes e sedimentando caminho, como foi o caso da própria *Sociedade Partenon Literário*, em que alguns dos fiéis colaboradores da *Arcádia*[21] se reuniram

[21] Como é o caso de Apolinário Porto Alegre, líder e fundador do maior e mais importante grêmio literário do Rio Grande do Sul, a *Sociedade Partenon Literário*, da qual nasce a *Revista Mensal*, mas antes, um colaborador assíduo e comprometido com a *Arcádia*. Além dele, Bernardo Taveira Júnior e

mais uma vez, é outro fato que coloca a *Arcádia* em um lugar de destaque no berço canônico da literatura gaúcha em periódicos.

Cabe dizer aqui que, quando ressalto a relevância da *Arcádia* no contexto em que se deu o seu desenvolvimento, estou, também falando, de uma cidade portuária, situada no sul do Rio Grande do Sul, cuja população não passava de 14 mil pessoas[22]. Além disso, Rio Grande e Pelotas formavam um núcleo cultural importante nesse período, provavelmente em razão das charqueadas, rivalizando com Porto Alegre. Não há como pautar a relevância dessa pesquisa, desconsiderando o seu objeto no cenário em que se encontrava, naquele distante século XIX. Os textos do periódico apontam para a necessidade de conhecimento como fuga do obscurantismo, papel que a Literatura poderia cumprir com efeito.

Por esse motivo, Dias creditava à cidade a predestinação em ocupar um "lugar brilhante nas eminências da civilização" (*Arcádia*, 1ª série, 1867, p. 107-108; 01.3.1.107) porque havia ali, naquela pequena província, pessoas como ele, preocupadas com o desenvolvimento intelectual da sociedade, responsável por todo e qualquer outro tipo de progresso. Ele sabia que suas ambições e aspirações não eram vazias e sem motivo. Com certeza sabia que sua empreitada com a *Arcádia* tinha potencial para ser um marco histórico, assim como eu, hoje, no século XXI tenho certeza desse fato e o afirmo por meio dessa tese.

Seguindo-se a partir da introdução de "Época da literatura", o autor coloca uma relação temporal e social. Em primeiro plano, coloca o símbolo da juventude – novo, moderno e inovador – aliado ao adjetivo "esperançosa" por uma objetividade de ideal utópico de transformação:

> A juventude esperançosa desenvencilha-se afinal daquela cadeia que lhe prendia a ideia e entorpecia o pensamento, e ei-la que não sufoca o rápido pulsar do coração, e deixa a imaginação voar em toda plenitude.

A referência à juventude não se limita somente à presença de uma nova forma de intelectualidade que surgia no século XIX, mas também ao surgimento de uma nova forma de fazer literário. Nesse texto, assim como em sua crítica "Querer é

os demais irmãos Porto Alegre também fizeram parte de ambos empreendimentos, primeiro na *Arcádia* e depois, *Partenon Literário*.

[22] Um texto de 5 de setembro de 1869, presente na 4ª e última série da *Arcádia* (p. 41), aponta esse dado.

poder", o autor também critica o materialismo, e, dessa vez, também ao conservadorismo, que, em sua visão, está sendo vencido pela revolução literária da juventude. Para ele, é ela que vai, de fato, causar esse "grande movimento" a que se refere.

O autor também expõe uma perspectiva que ora é passiva, como "A juventude esperançosa", ora é ativa, libertadora e apaixonada, usando de símbolos sentimentais e subjetivos, evocando um ato comprometido de criação idealizada; uma práxis que precisa ser perseguida. Dias dá características heroicas aos personagens da mudança vindoura:

> Um bravo, um bravo frenético a esses nobres mancebos que assim, sem receio, com empenho, com grandeza, vem depositar nas aras da literatura nacional os ornamentos preciosos que ao tarde produziram o mais majestoso efeito ante as vistas dos pósteros.

O autor coloca-se, ainda que de forma subjetiva, como fazendo parte desses atores de mudança, uma vez que a própria *Arcádia* também faz parte desse movimento. Ainda buscando evocar a paixão de um ato bravio de insurreição intelectual, Dias afirma que é "sem receio, com empenho, com grandeza" que o farão. E não há dúvidas do êxito de seus anseios, uma vez que o proprietário da *Arcádia*, ao longo da existência do periódico, sempre apontou nele a importância de associações que tivessem como objetivo o fortalecimento do embrionário sistema literário, bem como incentivou e comemorou a aparição dessas sociedades, noticiando-as nas páginas da publicação, além de ter feito, com muito esforço e dedicação, da *Arcádia* o modelo inspirador para esse sistema. Fato esse que, mais uma vez, reforça a minha tese do pioneirismo desse jornal em solidificar o caminho para o desenvolvimento desse sistema no Rio Grande do Sul.

A dualidade entre ignorância e inteligência propostas por Antônio Dias coloca os literatos em uma posição superior de abordagem. O que é justificada pelo ardor do ato literário como uma produção em que os adjetivos utilizados pelo proprietário da *Arcádia* enaltecem, exatamente, os méritos do ideário romântico de jovens moços, no topo de um *pantheon* literário nacional e diferenciados por uma aura majestosa.

Dias destaca que os escritores, aqueles que se dedicam a um ofício literário, possuem uma nobre missão neste mundo, tornando a se referir ao papel fundamental das letras na formação da criticidade do homem. Segue-se a exaltação no parágrafo seguinte que coloca a perspectiva do autor ambientada na realidade sociocultural vigente:

> Trabalhar por glória, gênios; escrever para as gerações, ilustrar nosso século; civilizar estes tempos; moralizar nossos costumes; castigar nossos erros; exaltar nossos feitos e dar incremento às letras pátrias, coragem aos talentos, vigor aos timoratos, - eis a missão de todo aquele que, para bem desempenhá-la, recebeu de Deus a riqueza da inteligência.

A sentença exprime o comportamento romântico da visão de mundo do autor, dando um caráter heroico e transformador à geração literária que ele toma como referência, para na sentença seguinte colocá-la como arauto da civilidade e da moral de transformação: “civilizar estes tempos; moralizar nossos costumes”.

Apesar de Dias não mencionar quais seriam, necessariamente, essas mudanças, fica óbvio que cabe aos agentes responsáveis pelo “grande movimento” a tarefa de fazê-las, uma vez que foram eles escolhidos por Deus e dotados de inteligência para esse trabalho. Dias ainda dá a esses heróis a perspectiva de inteligência divina para o cumprimento de uma missão “às letras pátrias”.

Esse texto também conta com críticas ao materialismo, em clara contraposição à sensibilidade do poeta, marcada pelas palavras de Dias. A partir desse ponto, ele se coloca explicitamente como agente e paciente dessas mudanças. A escolha estética que usa está sujeita a uma adjetivação maravilhada do poder da palavra e das emoções românticas, sob a perspectiva literária. Antônio Joaquim Dias explica a sua perspectiva emocional em relação à arte:

> As letras são a verdadeira luz da razão, já o dizemos uma vez: ao seu clarão dissipa-se a névoa densa que falsas ortodoxias arreigam nos ânimos materialistas não aspirantes ao conhecimento dos mistérios que a natureza encerra, dos segredos que a alma tem, dos sentimentos do coração e arroubos da mente, que o poeta tão bem sabe explicar, compreender, e definir quando inspirado nessas infindas maravilhas que tem o céu e a terra.

Em uma única, longa e apaixonada sentença o autor dá um vislumbre lírico da sua percepção literária. Usando de metáforas que evocam uma percepção imagética do saber trazido por esse “grande movimento” literário, cuja forma ou percepção é

bastante heroica, Dias descreve o ato literário como um presente divino que vem ao propósito promissor de estabelecer o conhecimento. A escolha, contudo, de se referir aos poetas é uma visão romântica da relação entre meio, natureza/Deus e indivíduo na construção do mundo. Na perspectiva de Dias, o sobrenatural metafísico, a natureza e o homem, se unem nesse processo literário.

Dias, então, elege os veículos de divulgação literária, que surgem de forma contemporânea a sua própria revista, e os expõe como a um *pantheon* divino. A cada formato é colocado características humanas, mas dotadas de virtudes heroicas com propósitos de transformação do contexto apontado pelo autor. A primeira delas é a própria *Arcádia*:

> A Arcádia, perdoe-se-nos a vaidade, foi qual inúbia chamando os Aimorés do talento ao campo da literatura a combater com as armas da inteligência as imensas fileiras da ignorância.

Nesse ato heroico do imagético proposto pelo autor está a *Arcádia*, figurando como um instrumento musical de guerra, “inúbia”, conclamando guerreiros, “Aimorés”, à guerra que, no caso, é a dura batalha contra a ignorância. Para isso, Dias evoca figuras símbolos nacionais, ou seja, as populações originárias.

Importante destacar aqui que recorrer à imagética dos Aimorés foi proposital, tendo em vista a imponente figura dos indígenas dessa etnia. Essa população destacava-se de todas as outras pela altura (GÂNDAVO, 1980, p. 4), não falavam a mesma língua das demais e foi responsável pelos fracassos das capitanias em cidades importantes na Bahia e no Espírito Santo (BUENO, 2003, p. 19). Dessa forma, Antônio Dias mais uma vez concede aos literatos um caráter de bravura heroica e epopeica, tal qual ele mesmo, e seus colaboradores, fazem na *Arcádia*.

A partir daí, Dias apresenta as outras folhas literárias que figuram como bravas personagens responsáveis pela propagação da literatura no Rio Grande do Sul. Como foi dito anteriormente, já era costumeiro nas páginas da *Arcádia* aparições e comemorações entusiasmadas com o surgimento de novos intentos literários. Para o proprietário do periódico, notícias que davam conta dessas novidades não eram vistas como perigo de concorrência, mas como irmãs. Inúmeras vezes era assim que Dias se referia a elas, deixando claro que a sua preocupação

era o progresso por meio do conhecimento que a literatura poderia trazer, sempre dialogando com esses jornais. Mais uma vez, retomo aqui o fato de que estamos falando de uma preocupação genuína originada em uma província do interior, situada ao sul do sul, e com poucos habitantes. Apenas esse motivo já seria o suficiente para apontar a relevância do papel da *Arcádia* no desenvolvimento da literatura sulina, mas há muito mais a ser dito.

Seguindo a análise, aqui Dias apresenta os novos periódicos em circulação, a quem anteriormente ele atribui características de bravura e heroísmo, como também eram comuns à *Arcádia*. Ele diz:

> Após, cheia de coragem, com grandeza d'alma, esperançosa e, mimosa flor espargindo perfumes, seguiu-se-lhe *A Atualidade* de Porto Alegre, que até hoje tem-se sustentado com dignidade de caráter no seu posto de honra.

A esse periódico, Dias confere um caráter de virtude e esperança. Evoca-se a imagem de uma perfumada flor, em franco contraste aos guerreiros indígenas da *Arcádia* e que, ainda assim, mantém seu posto de honra também difundindo e defendendo a literatura.

Nesse ponto, mais que em outros momentos, Dias apresenta outros dois periódicos que diferem entre si pelo modo de composição, mas que têm em comum o caráter de resistir à ignorância:

> Em seguida a esta, aparece em Porto Alegre a *Sentinela do Sul*, (p. 180) trazendo nos lábios o riso, na destra a seta da crítica pela caricatura e pluma para ferir os energúmenos parasitas da época e recreiar os amantes da leitura burlesca.
> Depois, apareceu *O Despertador*, que tendo nascido um tanto sem alento, não resistiu às intempéries do tempo, e desastradamente parece que sucumbiu depois de curta existência.

Mais uma vez, o contraste: entre o riso promovido pela *Sentinela do Sul* e a decadência do *O Despertador* que muito provavelmente sucumbiu por não ter estruturas suficientes para se manter, sejam de caráter financeiro ou pela ausência de pensadores aos moldes que a *Arcádia* defendia.

O primeiro periódico citado nesse trecho é apresentado com um caráter político, de crítica caricata e humorística, contra o que chama de "energúmenos parasitas". Já no seguinte, Dias evidencia aquela que seria a grande inimiga da

imprensa do século XIX: a falta de estrutura. O autor expõe o acirramento entre as estruturas sociais existentes, uma vez que *O Despertador* morre por não vencer as amarras mencionadas, dando por um lado o contraste entre o brilhantismo pretendido e a realidade existente.

Após a dualidade entre o riso e a tragédia ilustrada nos dois periódicos anteriores, o autor apresenta outro jornal cujas características o tornam promissor:

> Recentemente, publica-se ainda na capital da província um outro periódico intitulado *Inflexível*, que, corpulento como nome e tamanho demonstra, se não for vítima de algum ataque de paralisia, com tão rubras cores, de certo progredirá, se na batismal pia da proteção pública tiver bons padrinhos e seus progenitores bem o educarem.

Apresentado como jovem, forte e impetuoso, o jornal é saudado com expectativa de um futuro auspicioso, caso o contexto o favoreça. Se por um lado temos a *Arcádia* que figura como um chamado aos guerreiros para a batalha na luta contra a ignorância, por outro *Inflexível* figura como um jovem forte predisposto ao combate da ignorância da sociedade existente.

Além dessa imagética, o autor ainda mostra a condição para o porvir próspero do periódico, que dependeria da orientação do veículo, se referindo a “tão rubras cores” e deixando, no fim, o questionamento acerca dos “bons padrinhos” e da continuidade questionável caso “seus progenitores bem o educarem”.

Dentro de toda a “odisseia” proposta pelo autor no movimento literário que evoca, proposto na sociedade gaúcha do século XIX, o *Inflexível* é o único periódico que Dias demonstra uma certa desconfiança. Se por um lado mostra estar admirado com a robustez do veículo, por outro se mostra duvidoso quanto ao caráter ideológico e financeiro da folha. Dúvida essa claramente apontada na citação à “paralisia”, aos “padrinhos” e aos “progenitores” do jornal.

Na última citação de periódicos feita pelo autor há uma clara tentativa de evidenciar certa cronologia no desenvolvimento de um cenário cultural, literário, rico e único para o momento:

> E, finalmente, na quinta-feira passada, *A Mocidade*, periódico crítico e literário, viu a luz da publicidade, cheia de vida e esperanças, confiando à benevolência pública a sua prosperidade e engrandecimento

Além da percepção jovial do veículo, uma vez que recente, muito provavelmente, além do fator cronológico, a própria caracterização feita por Dias faz alusão ao nome do veículo, “viu a luz”, “cheia de vida”. Essa é a descrição mais direta da esperança que Dias tem na imprensa literária. Embora ele coloque de forma clara a incerteza em relação à sobrevivência do periódico, sendo condicionada à aceitação do público, Antônio Dias vê com entusiasmo o surgimento desse periódico.

É importante notar a presença no texto de um carácter de antropomorfização dos diferentes veículos de crítica literária colocado por Dias, como se cada distinta perspectiva editorial fosse dotada de uma personalidade. Esse aspecto é imprescindível para compreender, no seu contexto, as diferentes visões sociopolíticas de cada elemento crítico. Além disso, há também outra particularidade interessante: se por um lado o texto que inaugura a *Arcádia* está dado como prosa, isto é, porque possui características de crônica, por outro ele também carrega elementos críticos sobre o processo de configuração da imprensa literária, inserida no contexto de uma cultura que está em pleno desenvolvimento.

Ao citar os diferentes periódicos em circulação, Dias aponta para um marco na história da literatura do Rio Grande do Sul. Portanto, para além das características literárias, esse texto é em si um documento fundamental de um momento e contexto histórico, imprescindível para que se compreenda, não só a importância da *Arcádia*, mas também a dos demais jornais e daquele período da história.

O autor não coloca a *Arcádia* como única portadora da verdade, sobre a propagação de um movimento literário gaúcho e nem pretende fazê-lo unilateralmente. Pelo contrário, Antônio Dias mostra que o papel de difundir as letras, como é possível constatar em vários momentos da linha editorial do periódico, é de quem, por conta da genialidade, é responsável por contar, preservar e defender a história por meio da palavra, por meio da literatura.

Por esse motivo, é tão comum a utilização desse espaço jornalístico para compartilhar cartas, biografias e textos científicos, para além da literatura, tal qual a conhecemos, não se limitando somente à difusão de poesia e prosas literárias.

Talvez o aspecto mais ímpar no jornalismo da *Arcádia* seja, justamente, a transversalidade dos diferentes signos de texto, de escolha das palavras, de elementos constitutivos de textos.

Materiais esses que ora pontuam a subjetividade contextual das referências usadas pelos autores que publicaram no periódico, ora expressam o que acontecia na literatura nacional e, até, mundial, uma vez que a *Arcádia* também traduziu e publicou textos internacionais, como é o caso dos números destinados à tradução de "Cours Familier" de Alphonse de Lamartine, presente em 1 de agosto de 1869 (p. 5), na 4ª série do periódico. Essas características colocam a revista como parte do círculo intelectual da literatura sulina, além de incluí-la na produção literária de expressão nacional.

Por fim, não mais segundo a postura épica adotada, o autor coloca-se como jornalista e chefe editorial e mostra-se otimista acerca dos rumos levados pelos ventos da imprensa literária gaúcha de uma forma ufanista e também convocatória:

> Aí estão, pois, em cinco meses apenas, seis novos jornais literários, críticos e enciclopédicos, que em diferentes grupos debatem ideias e sustentam princípios, reunidos no recinto das letras pátrias.
> Que não haja divergências, falta de coragem ou abandono, e firmar-se-á a ÉPOCA DA LITERATURA.

Contudo, o autor sugere certa dúvida ou temor no parágrafo seguinte, não por falta de virtude ou talento, mas porque, de certa maneira imponente, estar à frente do seu tempo e não ser possível afirmar o que lhe reserva o futuro:

> Quanto à Arcádia, se ao chegar a seu fim, depois de suplantar mil óbices sugeridos pela escabrosidades do caminho que segue, nada tiver colhido de proveitoso, resta-lhe ao menos a glória de ter sido, como disse *A Atualidade*, quem primeiro soltou o grito.

Dias expõe a ideia de que se o periódico viesse a sucumbir, seria por causa do obscurantismo das elites vigentes, desprovidas de cultura, inteligência e virtude. Ao mesmo tempo, nesse trecho, não se sabe por qual razão, Antônio Dias indica desprezar a existência de *O Guaíba* (1856) e *A Rosa Brasileira* (1851), periódicos apontados respectivamente como pioneiros por Athos Damasceno Ferreira (1962) e Mauro Póvoas (2015), ao afirmar ser a *Arcádia* "quem primeiro soltou o grito".

Dias coloca a literatura e os literatos em uma posição superior de virtude e inteligência. Movido por referências do ideal romântico, esse com características regionais de percepção e construção da imprensa literária veiculada no Rio Grande do Sul do século XIX, Antônio Dias evidencia com orgulho e paixão a efervescência da época, oferecendo uma perspectiva singular de um recorte temporal da expressão criativa de uma cultura literária ímpar.

Também na primeira série da *Arcádia* (1867, p. 153-154; 01.3.1.153), o texto intitulado “Fragmento de um escrito - A Imprensa”, de Carlos de Andrade, infelizmente está incompleto e não foi possível localizá-lo de forma completa. A ausência de nove páginas é apenas uma parte entre muitas outras que acabou se perdendo com o tempo e não pode ser resgatada. Apesar da impossibilidade de ter acesso ao conteúdo integral do texto, a crítica contém detalhes importantes sobre a atuação da imprensa, pois se trata de uma crítica dirigida à imprensa, cujo objetivo é pontuar o seu papel na sociedade. Não que seja um texto metaliterário, no seu sentido primeiro, mas a maneira como foi construído para falar diretamente aos jornalistas explicita a metalinguagem na abordagem que faz.

Já no início do texto, o autor pontua qual a posição da imprensa na sociedade e a relação dela com quem é responsável por conduzi-la:

> Segundo um moderno publicista, a imprensa é a lanterna do progresso. Porém, com poucas exceções, é essa lanterna conduzida por homens inteiramente míopes; nem seus vívidos reflexos são bastante para lhes aclarar o caminho: consequência perniciosa de continuamente lançarem-se nos imensos atoleiros da lisonja, nos tremedais da mentira e bajulação interesseira.
> “Amici et convinientiae”
> É essa a voz que cotidianamente soa à consciência do jornalista da época

Nesse trecho, notamos duras críticas aos jornalistas que não adotam uma postura imparcial no jornalismo. Apesar de reconhecer que é a imprensa que ilumina o progresso, o autor afirma que, com raras exceções, os profissionais responsáveis por fazer da imprensa objeto sério e justo não são capazes de fazê-lo por estarem comprometidos não com a equidade, independência e justiça, mas com a “bajulação interesseira”, com a mentira, com acordos lisonjeiros que acabam afetando e definindo o que a imprensa deve produzir.

Ao detalhar sobre os conchavos feitos entre jornalismo e “amizades

convincentes e convenientes", Carlos Andrade afirma que é a voz dessas "amizades" que ecoam na mente dos jornalistas e os faz "míopes", apesar da vivacidade de seus instintos, prendendo-os em "imensos atoleiros".

O autor segue tecendo suas críticas ao trabalho jornalístico, considerando esse contexto de alianças e interesses pessoais. No parágrafo seguinte, Carlos de Andrade lamenta o mau uso que se faz da liberdade de imprensa para obtenção de vantagens:

> Representada como é no geral a imprensa, um vez de ser esse campo vasto das liberdades e direitos do cidadão, constitui-se um descomunal e egoístico interesse próprio;

Mais do que um lamento, a oposição entre verdade e mentira é trazida pelo autor para marcar esse mau uso que se faz da imprensa e que, a partir dele, a sociedade está passível de ser corrompida e desvirtuada:

> Em vez da flecha que fira para moralizar os tempos, transfigura-se em punhal do usurpador que indomitamente vai cravar-se no peito da honestidade, ao passo que corrompe e desvirtua

Nesse caso, a imprensa é não uma arma usada para a verdade, mas configura-se em um "punhal" cruel, altivo e selvagem cravado "no peito da honestidade" pelos que se aproveitam da liberdade que a imprensa tem para oferecer.

O autor enxerga a imprensa como um trono em que apenas jornalistas livres de amarras e conchavos deveriam se assentar. Para ele, profissionais com esse caráter deveriam espargir a honra, os princípios e bons conselhos:

> Em vez de ser o trono absoluto onde se deveria sentar o independente de caráter e pensamentos, ditando leis que por sábias adquirissem honras de máximas, popularizando a verdadeira doutrina dos úteis princípios e proveitosos conselhos, - torna-se o miserando lupanar onde à calúnia sucede a infâmia, onde por dever troca-se capricho.

Mas, ao contrário disso, o que se tem são jornalistas deploráveis, cujo caráter o autor considera um bordel ("lupanar") em que a calúnia e a infâmia são o norte para a troca de favores e o que ditam as regras para essa troca, aspecto que em muito tem a ver com as disputas políticas da época. Fica claro nesse ponto que

Carlos de Andrade abomina toda e qualquer forma de alianças, cujos interesses e objetivos escusos deveriam estar do lado de fora da imprensa ou deveriam por ela serem denunciados.

Um apelo vocativo é feito aos jornalistas: o autor faz um chamado à razão aos profissionais de imprensa para que não abandonem a verdade, sob o risco de perderem o comando de nobre tarefa que é o da imprensa:

> Homens que sois da imprensa: não deixeis a espada da justiça pela de Dâmocles ou bacamarte do salteador: não a pena pelo azorrague, nem a consciência pelo frívolo interesse. Temei os apupos da posteridade: ao nome juntai boas ações; a estas melhores exemplos.

Ao evocar a figura de Dâmocles[23], o autor da crítica reivindica a necessidade de não se submeter a interesses que em nada têm a ver com os valores defendidos pela imprensa séria. Ao lado das adjetivações que se seguiram, entregar a “espada da justiça" a Dâmocles, indica um caminho perigoso em que jornalistas perderão o controle da própria imprensa e dos valores que ela levanta. Carlos de Andrade segue o confronto trazendo símbolos dessa perigosa relação: na imprensa, ceder lugar e dar voz a “amigos convenientes” é como dar a arma na mão do ladrão, o açoite no lugar da pena, leviandades ao invés da consciência.

Essas metáforas evidenciam a dimensão atribuída à imprensa pelo autor. E ele ainda vai mais longe: lembra que os profissionais terão seus nomes gravados no futuro e que tal condição deveria ser temida. Jornalistas deveriam prezar por seus nomes, primando por boa índole, com boas ações e bons exemplos, pois: “em vossas mãos tendes o motor da civilização, e por conseguinte o destino moral das gerações e da prosperidade”.

A importância do papel da imprensa e, consequentemente, dos jornalistas, era tal que é dela a tarefa de moralizar as gerações futuras e a prosperidade vindoura, como uma espécie de motor que impulsiona e leva adiante o futuro da sociedade em que estiver inserida.

---

[23] A lenda grega sobre a Espada de Dâmocles é uma história cuja moral tem relação com poder, política e a insegurança dos governantes. No geral, a espada de Dâmocles é uma alusão para referir-se à insegurança daqueles com grande poder, em especial pela possibilidade de perder tudo repentinamente. Trata-se de uma lição sobre política, poder e administração. Disponível em: https://www.ufrgs.br/fce/a-espada-de-damocles/ Acesso em: 7 de set. de 2022.

O crítico também faz distinção sobre quem é a pessoa por trás da escrita na imprensa. Para ele, não se trata de qualquer pessoa e nem pode ser um trabalho feito de qualquer jeito, ainda que bem-intencionado:

> Não são as frias e cansadas palavras veleidosas da decrepitude avezada ao sermão lacrimento as mais próprias para incutir no ânimo de todos essa crença pelo bem; nem é bastante "ter-se sido lavador de tipos ou corrigidor de provas em uma tipografia" (sem que na frase haja aplicação), para ante o público adquirir foros de escritor.

Para ele, não é o fingir ser nobre, não é o uso de palavras emotivas e muito menos velhos homens já acostumados a "sempre fazer a velha imprensa de sempre". Não serão esses os responsáveis pelo ânimo às gerações mais novas. Também não basta ter trabalhado em tipografias. Para ser um escritor é preciso mais que isso. O fato é que "querem-se os homens de íntima convicção, de opiniões leais e sólidas para arautos do engrandecimento e Arquimedes da ilustração". É preciso encarar o trabalho da escrita como ciência, com rigor matemático, isto é, com conhecimento, com é possível contatar ao fazer referência a Arquimedes.

Da mesma forma que não são os "velhos", só por serem velhos, que cumprirão a tarefa de "incutir ânimo" nas gerações, levando-as ao progresso, também não serão os jovens, só por serem jovens: "Os arrebatamentos das imaginações tenras também são de fraco efeito, e como a erupção dum vulcão apenas produzem a impressão do momento".

A impulsividade da juventude não é suficiente para ser o "motor da civilização". Para o autor, ela apenas eclode como um vulcão, traduzindo o que acontece no momento, incapazes de olhar além. É preciso que:

> Pensadores profundos, espíritos sazonados e cordiais admiradores do sublime panteão da liberdade, - eis quais devem ser os gladiadores da imprensa, em vez de ganhadores assalariados que escrevem sob a influência de quem lhes paga, nunca inspirados pela sã razão.

Eis aí o perfil ideal de um jornalista, para Carlos de Andrade. Alguém capaz de pensar profundamente a respeito da realidade que o cerca, que seja equilibrado, maduro, gentil e que preze pela liberdade. Carlos de Andrade chama esses profissionais de "gladiadores da imprensa", pois o que está em jogo é uma dura e árdua batalha no campo do conhecimento em que inteligência e ignorância estão em

disputa constantemente. Assim sendo, o jornalista precisa ter valores mais altos e honrosos do que simplesmente trabalhar por dinheiro, pois que esses o fazem de acordo com a ótica e os interesses de quem lhes paga e não segundo o uso da razão. Para Andrade, uma imprensa verdadeiramente livre requer que os homens envolvidos nela também o sejam: “Não trago o monopólio jornalístico à privança de qualquer patentear”.

Considerando os valores que Carlos de Andrade elencou, ele não defende privilégios ou controle absoluto da imprensa e de quem pode se envolver com ela. Pelo contrário, não é um setor privado, fechado para um núcleo de jornalistas. Definitivamente não é essa a tese que o autor defende.

O que o autor traz nessa crítica liga-se com os modos como a imprensa vinha, até aquele momento, atuando na sociedade através de acordos obscuros, e políticos, que resultam em um comprometimento que eleva a mentira acima da verdade. O crítico reivindica que a imprensa para exercer seu papel precisa ser livre e honesta, tanto quanto seus jornalistas também deveriam ser. Ela tem um compromisso com a verdade e com a posteridade. Era isso que Carlos de Andrade defendia.

Outra produção de Carlos de Andrade é uma crítica literária que ele faz à obra *Diva*, de José de Alencar, romance de 1864. A crítica “Impressões de leitura – *Diva*, perfil de mulher” (*Arcádia*, 1867, p. 264-268; 01.3.1.264) é endereçada a uma pessoa de inicial “Z” sem nenhum detalhamento a respeito de quem seja. Nela o escritor faz longas considerações a respeito do romance, e, sobretudo, ao processo de compor uma obra literária. Em uma espécie de conversa que tem com a pessoa destinatária, questionando as impressões que ela teve ao ler a obra de Alencar, Carlos de Andrade inicia o texto com provocações, usando o romance como metáfora para atingir as emoções dessa pessoa de iniciais “Z”:

> Leste *Diva*? Não te pareceu o ambiente cheio desses eflúvios doces e um tanto misteriosos que deleitam o espírito? De quantas emoções não se declarou a tua alma escrava, repassando essas páginas de sublime magia? O peito dilata-se ao lê-las; enche-se de vida; mas dessa vida que se sente ao ouvir os sons escapados de uma composição de Mozart; pura, como o primeiro sorriso de um rosto de menino, fecunda como o pólen que se exala das flores.

O escritor admite ter feito plágio para atingir os objetivos a que se propôs ao compor a crítica: “Permita-se-me um plágio. Um plágio é às vezes necessário.” E justifica seus motivos ao fazê-lo:

> Só não plagia quem tem mais vaidade do que verdadeiro orgulho. Só não se cede a palavra aos outros quando se tem medo que eles falem melhor. Sobretudo em literatura, os plágios são a alma das composições

Para o autor, plagiar é uma concessão que se faz quando não se tem medo de que as palavras quando plagiadas sejam ainda melhores que as presentes no seu contexto original. Segundo ele, quem não plagia é imbuído muito mais de vaidade do que de orgulho por tomar para si a palavra de outro, especialmente na Literatura em que "os plágios são a alma das composições”. Na sequência, Carlos de Andrade explica o que, de quem e porque plagiou e, como podemos ver, não é o plágio que conhecemos hoje, uma vez que ele dá ao texto “plagiado” a sua autoria:

> Censura, embora eu começarei o meu artigo por um plágio: Macedo Soares é digno de figurar na arena literária. Para o autor de *Diva*, direi, a poesia é uma fada voluptuosa, boa, cheia de graça, que brinca em seus braços[24]. Ele o demonstrou na *Lucíola*, mas não com aquele tato delicado que só possuem os corações aquecidos por essa mirífica seiva que se chama – o amor quando puro.

Ele utiliza palavras de outro autor para descrever suas impressões e porque considera que tal autor merece ser destacado[25]. Apesar de reconhecer o lirismo de Alencar, inclusive citando o romance *Lucíola*, o autor considera que falta nele o amor romântico para que sua lírica seja mais tátil.

Para Carlos de Andrade, o romance *Diva* é “um perfil de mulher” que merece ser estudado por intelectuais que deveriam lhe dedicar atenção, o autor diz que ele mesmo não se sente suficientemente capaz de fazê-lo:

> *Diva* é um perfil de mulher, digno de ser estudado. A crítica científica e leal deve dedicar-lhe algumas páginas, ricas de reflexão e imagens. Esta tarefa seria pesada para mim, que não posso pisar com firmeza o solo frequentado por Villemain e Saint-Beuve.

---

[24] Nota original: Macedo Soares – Fórum literário.

[25] Pela data, é provável que o autor estivesse se referindo a Antônio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905), escritor que, entre muitas outras funções, foi autor do primeiro dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/42.pdf Acesso em: 29 dez. 2021.

Pretendendo humildade, Carlos de Andrade diz limitar-se a ler suas referências com admiração e, sabendo-se pequeno, faz suas considerações como quem confidencia ao papel o que a alma não foi capaz de guardar para si:

> Humilde, como devo ser, limito-me a lê-los com aquela admiração de quem se julga pequeno; sinto; e às vezes a alma expande-se; o papel recebe confidências

Admite que sua crítica é resultado das impressões que faz do que lê, sem a pretensão de fazê-las com mais profundidade, apenas por pura vaidade: “mas é, apenas, uma breve impressão de leitura o que fica, sem reflexão alguma e, portanto, extreme de vaidade”. Pela extensão de sua crítica, a reafirmação constante de humildade é para não se comprometer com o julgamento a partir do conteúdo da crítica que faz.

Carlos de Andrade diz que, sem a pretensão de ser crítico, quer expressar com franqueza o que sentiu ao ler o romance. Segundo ele, “esse coração de mulher, tão bem desenhado no livro” encantou-o e prendeu sua atenção, de modo que ele sente a necessidade de falar sobre o que observou na obra de José de Alencar. O autor segue suas considerações envolto com a maestria que Alencar faz na construção de sua *Diva*, a jovem que se vê feia e que com o passar do tempo torna-se linda: “O autor apresenta-se um esqueleto; de súbito imprime-lhe o sopro, manda-o falar, e ele anima-se; vem-lhe a vida e com ela a beleza”.

Nesse momento, ele compara a genialidade de José de Alencar a de um escultor que traz a beleza a partir de um embrião, algo que nem Michelangelo conseguira fazer porque somente através do lirismo se é capaz de tal feito:

> Esse dom mágico só o tem a poesia, a síntese de todas as artes. Nunca vi tão bem desenvolvida a tese de Consin.[26] O autor é ao mesmo tempo escultor, arquiteto, pintor, músico, enfim, por isso que é poeta.

O crítico que não quer fazer crítica afirma que não pretende abordar passo a passo todo o romance de Alencar, pois seria coisa inútil a se fazer, uma vez que considera que a pessoa a quem destina seu texto também, como ele, se viu arrebatada pela mesma obra:

---

[26] Nota original: “Du vrai, du beau, et du bien”.

> Não acompanharei passo a passo todos os episódios desse livro. Já o disse, não quero fazer uma crítica, sinto-me fraco para isso; demais, passastes pelas mesmas emoções que eu, quando leste-o, tens um juízo formado, que presumo favorável, e seria não só penoso trabalho o de adquirir prosélitos, mas ainda inútil.

A comparação com o escultor, com o músico, com o pintor, é para dizer que as ferramentas e o fim são sempre os mesmos, como também o é com a poesia, em seu sentido mais amplo, com a literatura. A diferença sempre estará concentrada em que faz uso delas, das ferramentas.

> Que importa que a poesia seja o mais sublime de todas as artes? O seu fim é o mesmo – o belo, e o amor é a mais fecunda de todas as paixões, é a ela que o poeta dedica os seus arpejos, é dessa corda do coração humano que, dedilhada com arte, se pode tirar os sons mais maviosos. Com arte, digo eu? Sem dúvida, porque a arte não tolera esse amor de prostituta que para alguns é um germe de reabilitação[27].

Apesar de o romance abordar um tema bastante recorrente na literatura, para Carlos de Andrade esse é um assunto que sempre merece atenção, uma vez que se trata de “Um assunto simples é verdade, mas sempre fecundo em inspirações – o coração da mulher”. É certo que há muito a ser explorado em uma obra com essa temática já que:

> Composto de contradições, o coração da mulher é assim formado; quem haverá que ignore as veleidades, os caprichos de que ele é capaz? Verdadeira lantejoula mágica, Diva é deslumbrante no meio das luzes; à sombra descobre-se nela um brilho novo, quem sabe se tão vivo? É certo, mas também igualmente belo.

Para o autor, o grande feito de *Diva* é justamente explorar um tema contraditório e impossível de ser definido e por isso mesmo alcança destaque. Para ele, assim é o coração de uma mulher, como se os sentimentos da mulher fossem diferentes dos de um homem, simplesmente por ela ser mulher. Em sua visão, a protagonista Emília é a síntese do coração feminino, uma vez que ela quer o amor, procura o amor, ao mesmo tempo que por ele não se deixa prender, o que se configura uma grande contradição:

> Esse personagem é um verdadeiro protótipo do coração da mulher: conjunto de contradições, parece querer amar, ao passo que repele o objeto do seu amor; casta até à exageração, não duvida entregar-se à confiança de um homem, procura-o mesmo de noite, à toda hora

[27] Nota original: Esta proposição é com lucidez demonstrada por Poitou-Du Romain, etc.

Contradição de quem, ao mesmo tempo, que possui extrema inocência e pudor, também é capaz de confiar cegamente em um homem em situações que absolutamente não deveria. Nesse ponto, Andrade entende que para muitos críticos, talvez esse seja um ponto negativo da obra:

> Eis aqui para alguns, talvez, o grande defeito da obra; não para mim que compreende de outro modo os preceitos da arte. Falta-lhe a verossimilhança, dirão; é um tipo sem vida, por isso não existe.

Porém, o autor afirma que há beleza entre o que é real e o que é ideal e que cabe ao artista conseguir conciliar ambos os aspectos: “Harmonizar o belo real com o belo ideal, tal é a missão do artista, tarefa difícil, mas por isso mesmo sublime”, fazendo referência ao próprio romance, o autor aborda o trabalho quase de um artífice que é o trabalhar a palavra:

> O poeta estuda o fato, a natureza; deduz uma ideia; esta sai do domínio (p. 267) da consciência; a imaginação dá-lhe uma cor – eis a obra do poeta; antes desta transição não existe gênio, só depois de efetuada é que ele aparece.

Para ele, *Diva* constitui-se de originalidade justamente por misturar recato e temeridade na personagem Emília, uma mulher ideal o quanto precisa para ser real, que não possui temeridade excessiva e ridícula, mas é composta por sublime audácia. De acordo com ele:

> *Diva* não pode ser acusada por não se parecer com o comum das mulheres – aí está o ideal para justificá-la. A pudicícia estudada não lhe ficaria bem. O autor o compreendeu, e não merece senão elogios.

Carlos entende que a escolha do autor na composição dessa personagem não poderia lhe render nada menos que elogios, pois o pudor de Emília não poderia ser outro que não o que lhe fora atribuído. É através do olhar imaginativo do escritor que a realidade constituída estará pronta para ser apresentada para quem entrar em contato com o produto do literato: “A imaginação do poeta é como o cristal: os objetos reais, através desse prisma, transformam-se; as cores tornam-se outras”.

Já quanto à personagem masculina da trama, Carlos considera que Amaral não deveria se deixar humilhar e subjugar pela frieza de Emília. Para ele, um

“incidente de mau gosto”, uma vez que: “o homem não deve perder para o artista o que constitui a superioridade de sua natureza: - o poeta não pinta o animal.” Também considera que essa característica possa ter sido premeditada pelo autor de *Diva*, e explica:

> Um contraste se opera; Diva não perde a beleza moral; o remorso enche-lhe a alma de doces eflúvios: a represália de Amaral é como um bálsamo para a chaga íntima que a faz desfalecer... ela ama. Repete-o a miúdo.

Sendo assim Alencar manteve a coerência na proposta de sua *Diva*: seja pela perseverança, seja pelo sofrimento, seja pelo remorso, não há como explicar o coração de uma mulher: “É esse um mistério para o qual não há lugar no coração da mulher. – O que não puderam conseguir a perseverança, o sofrimento, obteve o remorso”.

Para conhecer esse solo é preciso, segundo esse narrador, já ter sido uma mulher. Não basta a conhecer externamente. É preciso se colocar do lado de dentro. Mais do que empatia, é preciso sororidade e só quem pode fazer isso é quem já foi uma mulher. Somente uma mulher saberia o que se passa com outra.

A contradição no coração de uma mulher, apontada por Carlos de Andrade, está presente na obra e na personagem de *Diva*. Carlos de Andrade elogia a obra de Alencar pela genialidade com que o autor compõe a personagem Emília, ao que ele chamou de “protótipo do coração da mulher”. Uma contradição absurdamente coerente porque humana, independentemente de gênero, acrescento, uma vez que em pleno século XXI não deixarei margem para interpretações machistas e/ou misóginas, e plenamente possível por ser real. Provavelmente é a isso que Andrade se refere ao dizer que “compreende de outro modo os preceitos da arte”, por isso a composição dessa personagem não lhe é inverossímil como pode ser para outros críticos. Para o autor, Alencar soube desenhar com a genialidade de um arquiteto da arte de descrever em palavras o que só um poeta pode fazer.

Outra tentativa dessa consolidação pode ser vista nas primeiras linhas do texto “Introdução” (*Arcádia*, 1868, p. 05-07; 02.3.1.05), publicado na segunda série da *Arcádia* por Antônio Joaquim Dias, que reapresenta o profundo respeito e a demasiada importância que o autor confere à literatura, assim como o faz nos textos

“Querer é poder” e “Época da literatura”. Para o autor, não há civilização sem a literatura, “necessária e útil”, sobre cujas bases “sustentam-se os monumentais edifícios do progresso e da riqueza”.

Aqui há a recorrência da intertextualidade, mais uma vez, ao ler o segundo parágrafo desse texto de Dias, no qual ele assegura que é através da literatura que “as gerações transmitem aos pósteros seus feitos e glórias”. Afirmação que se pode relacionar com outra, presente em sua crítica “Época da literatura”[28], de que os escritores desempenham uma missão neste mundo: exatamente a de “escrever para as gerações, ilustrar nosso século”.

Para reiterar essa ideia, o autor aposta em uma indagação retórica: “Quem nos põe em contato com a história dos tempos heroicos, e faz saber os costumes e caráter dos povos sepultados no pó?”. Ora, é evidente que os grandes feitos da humanidade só alcançam o conhecimento de gerações contemporâneas quando são registradas. Os avanços tecnológicos fornecem variados meios de realizar registros, mas é indiscutível que a literatura continua sendo o maior e mais eficiente deles, nunca substituída por outros.

Quando se fala em registrar feitos da humanidade, refere-se não somente aos fatos, à informação materialista e insípida – parafraseando o próprio autor desse texto em sua crítica “Querer é poder” –, mas também ao imaginário, à sensibilidade, que apenas um escritor, um poeta, através de suas palavras pode fazer florescer em seu leitor. É por isso, sobretudo, que alguns escritos ainda encantam, mesmo após tanto tempo passado; os autores de alguns desses escritos são mencionados por Dias: “Camões, Tácito, Aristóteles, Homero [...] Gonzaga, Herculano, Victor Hugo, Chateaubriand, Lamartine”.

De fato, Dias afirma que existe uma verdadeira literatura em contraste com outra não verdadeira. A primeira é aquela que é responsável por iluminar a inteligência humana, trazendo à luz o conhecimento que se sobrepõe à ignorância: “A verdadeira literatura, [...] é o fulge sol da inteligência espalhando reflexos que vivificam a imaginação e queimam a crosta que esconde o zotismo das épocas”.

---

[28] *Arcádia*, 1867, p.179; 01.3.1.179

Outro ponto importante levantado neste texto é a importância do investimento na prática literária enquanto nação, tema, inclusive, bastante atual. Ao estabelecer um paralelo entre duas potências europeias e o Brasil, percebe-se uma realidade um tanto desfavorável à literatura, que, podemos dizer, alcança os dias de hoje:

> Todas as nações cultivam com afinco sua literatura. À França daremos a primazia [...]. É o próprio governo que as protege, estimula e subvenciona. Como não ter renome?
> Em Portugal, a literatura sempre foi grande, porém ultimamente tem se desenvolvido de uma maneira espantosa [...].
> Por ora, quase o inverso passa-se entre nós: a emulação torna-se em egoísmo, e em vez de apoio, aparece a inveja esculpida nos tipos da ignorância, de qualquer forma predominando sobre a inteligência, e por conseguinte sorvendo-lhe a seiva que a poderia nutrir.

Ainda tecendo críticas ao pouco investimento e valor dado à realidade da literatura nacional, bem como às dificuldades[29] para publicar, o autor afirma sobre o árduo trabalho de escrever: “e se, apesar, depois de centenares noites de vigílias, aparece o fruto de constante trabalho, aí vem o rigorismo frio enregelar a ideia e cortar a vontade de prosseguir; pouco apreço merece o labor da imaginação”.

O trecho a seguir aborda um outro problema: os estudiosos, de maneira geral, e os escritores, particularmente, são desvalorizados e ridicularizados também pela sociedade, e os próprios estudiosos, por vezes, deixam de defender seu trabalho, que tem por finalidade vencer a ignorância, como Dias aponta abaixo: “Muitos que, pelos dotes intelectuais, deveriam seguir a sincera e proscrita ortodoxia, são os primeiros a angustia-la [...]. Daí o não apreciar-se e engrandecer a inteligência”.

Dito isso, Dias não se exime de mostrar a consequência dessas problemáticas ao citar o que acontece com alguns periódicos: “tenham se tornado vozes isoladas de paixões pessoais ou postes infamantes onde julgam-se honras e reputações”.

Consequência essa que, segundo o autor, não atingiu a *Arcádia*. Não apenas neste texto, mas também em “Querer é poder” e “Época da literatura”, Dias

---

[29] Ou seja, um conjunto de obstáculos que passava pela precariedade das atividades gráficas, da pouca oferta de estabelecimentos e da dependência da "bolsinha do imperador" como se dizia. O que envolvia relações de compadrio, de critérios subjetivos e do trânsito do interessado no interior dos espaços de poder no Rio de Janeiro.

demonstra orgulho pelo fato de o periódico conseguir se manter firme no propósito que eleito desde o início.

Apesar de todas as dificuldades encontradas no fazer literário, há um tom de otimismo com o qual Dias expressa ao encerrar o texto: “Ainda não nos desenganamos que é possível operar a completa metamorfose”. Aqui, o autor demonstra, como em outros dos seus textos críticos, a grande admiração e esperança que deposita na juventude para que a literatura não venha sucumbir, chamando-a de “mocidade inteligente e ilustrada da província”. As últimas linhas dessa crítica reforçam o sentimento de otimismo e a crença na recompensa após o trabalho árduo: “A vitória é certa! Coragem e abnegação! [...] Vontade e trabalho é a nossa divisa”.

Pode-se dizer que foi esse otimismo que possibilitou à *Arcádia* o êxito em atingir seus objetivos. Não fosse assim, não teria a folha sobrevivido por quatro anos, em uma época de tantas dificuldades para se manter qualquer jornal e tipografia. Tarefa ainda mais árdua para um jornal literário que, não só foi próspero em suas metas, como também foi precursor e inspirador para outros casos de sucesso, como no caso do *Partenon*, e para inúmeras outras tentativas de consolidação de um sistema literário no Rio Grande do Sul.

Algumas dessas dificuldades em se manter tinha relação direta com a liberdade, sobretudo a de imprensa. De autoria de um pseudônimo Premislau, a crítica “Liberdade de Pensamento” está presente na 3ª série da *Arcádia* (1868, p. 81-82; 03.3.1.81). Nela o autor reivindica o direito ao pensamento livre, pois ser privado da liberdade de pensamento é coisa semelhante à morte:

> Privada a liberdade de pensar, morre a alma da imaginação, como morreria a matéria se lhe vedassem o ar; o homem torna-se miserável escravo das conveniências sociais ou dócil máquina movível a talante dos mais poderosos. Imbecil como os egoístas, estúpido como a ambição, perde as crenças, tresvaira do intelecto, fica ateu e irascivo. Imperar pela força bruta, é tirania. - Os que não têm convicção de seus princípios, fazem-os prevalecer pelo despotismo.

Além desse aspecto, Premislau elenca uma série de elementos trágicos relativos à falta de liberdade de pensamento: a miséria, a subserviência a conveniências sociais e mesmo a impotência diante do poder são características de quem perde a

liberdade de pensar. E prossegue atribuindo a imbecilidade, o egoísmo, a estupidez, a descrença, a lucidez, como características de quem não age pelo livre pensar. E se alguém não age pelo pensamento livre, tende a impor pela tirania, sendo um déspota.

O autor acredita nessa tese e defende que, ainda que alguém erre pelo que pensa, seja punido racionalmente e não através de métodos infames:

> Querer o impossível, é absurdo, brutalidade e ignorância. Quando o pensamento errar, seja castigado pela sã razão. Infligir penas físicas aqueles que, por ventura, pequem espiritualmente, é infâmia e aviltamento.

Ao que complementa sua defesa, afirmando que nenhum pensamento pode ser imposto forçadamente, pois há outras formas de convencimento mais inteligentes.

> Com a lógica da força material fazer-nos acreditar no que duvidamos, é persuadir-nos que não têm outro meio coerente e plausível para destruir nossas doutrinas e convencer-nos.

Debates acerca de religião e pensamento crítico sempre denotam sérios desafios à autoridade das forças centralizadoras, sobretudo as políticas, tanto seculares quanto eclesiásticas. O direito ao pensamento crítico sempre precisou ser conquistado, ainda mais em épocas em que as pessoas estivessem mais autoconscientes de sua própria natureza esclarecida. Quanto mais a liberdade é cerceada, mais ela é clamada. Não foi diferente no século XIX, como também não é agora.

Em toda a história da humanidade, a ordem do *status quo* estabelecido sempre defendeu-se contra o ceticismo, determinismo moral e criticidade dos livres pensadores amparados por uma ordem religiosa e moral baseada na liberdade. Só seria considerado livre o que a ordem religiosa considerasse livre. No entanto, sabemos que qualquer ordem que vise unificar, homogeneizar, o pensamento jamais será uma ordem que priorize a liberdade humana. Quanto a isso o autor do texto aqui analisado, é enfático ao dizer, mais uma vez, que não ser livre para pensar é o mesmo que morrer:

> Prender-lhe a ideia, é reduzi-lo ao nada, tirar-lhe a vitalidade, fazer dele um átomo, e, por conseguinte, precipitá-lo no caos das torpezas.

O Pensamento quando bem organizado e colocado em prática com lucidez é benéfico para si e para a sociedade:

> O pensamento é poder do homem. Com a inteligência o transmite e se não fanatiza, morigera, se não incute crenças, aclara mistérios que a quase geral tolerância julga imperscrutáveis.

O autor deixa claro que tipo de liberdade é essa. A liberdade de pensamento tem sido elogiada na teoria política e celebrada no discurso dos direitos humanos. Nesse trecho o autor propõe uma liberdade de pensamento mínima, básica, dada a importância desse para a vida, a importância fundamental do livre pensar para estabelecer e sustentar direitos cruciais e o valor de poder desenvolver e experimentar suas reflexões sem influência indevida de outros. Deve haver um equilíbrio entre o exercício da liberdade e o direito à liberdade do outro.

Em outro momento no texto, o autor ratifica esse equilíbrio dizendo:

> Demais, entre o bom e ruim, o calmo raciocínio escolhe o que julga melhor. Se lhes parecem sólidos os princípios que sustentam, que se importam com argumentos? Combatam-os, se querem, senão deixem-os ir em demanda de adeptos ou inimigos. A cada qual sua glória.

Ou seja, o julgamento cabe a quem pensa, a quem racionalmente e inteligentemente saberá definir o que é bom e ruim, certo e errado, e para quem. Premislau defende a livre exposição de ideias e, quando contrárias, que cada um siga seu curso com as ideias que defender. A liberdade de pensamento não é um direito absoluto, pois não pode ser imposto. O direito de manter, não manter ou alterar liberdades é absoluto e não pode ser interferido sob nenhuma circunstância. No entanto, o direito de colocar pensamentos e crenças em ação é impedir a liberdade de alguém.

Sem o direito de pensar livremente o caminho é a morte, seja em vida, seja intelectualmente. É o que Premislau declara aqui:

> Porém não; se usamos do nosso direito, caminhamos ao precipício. Como não nos podem condenar à fogueira por nossos pensamentos secretos, ameaçam com a vergonha e anátema eterno em nome da própria humanidade.

Quem ousa declarar o que pensa tem a vida ameaçada. Ainda que a morte não seja literal, quem fala o que pensa está condenado à humilhação e vergonha

eterna. O autor chega a declarar que o melhor seria não pensar do que não ter liberdade para exercer o livre pensamento. Ao que diz:

> Que feliz seria o mundo se os homens não pensassem… É crime pensar livremente!

Durante a leitura dos primeiros parágrafos desse texto, surgiu a dúvida se a crítica teria um alvo definido ou se seria apenas divagações de uma mente inquieta. Mas o texto está nas páginas da *Arcádia* e o valor das publicações era alto demais para não ter um objetivo a ser atingido. E foi a partir dos parágrafos seguintes que a compreensão sobre quem era o alvo dessa crítica teve um caminho:

> E os holandeses serão malditos por terem dado à imprensa tão ampla liberdade e por comerciarem com o pensamento de seus homens?
> O império romano tornar-se-ia tão grande, eminente e poderoso se Tullius, Cícero, Júlio César, Plínio, Marco Aurélio, Sêneca e outros, não pensassem e escrevessem livremente? Tibério, seus antecessores, e os primeiros cristãos, se não tivessem plena liberdade de pensar, teriam fundado o Cristianismo?

A imprensa no século XIX foi o veículo mais importante que se tinha conhecimento. Por meio dela embates entre duas formas de governo, a república e a monarquia, foram travados e na cidade de Rio Grande isso não foi diferente. O autor não fala nada além disso, mas fica subentendido nesses parágrafos: o papel da imprensa na escrita da história. E temos, então, a imprensa falando da imprensa e na imprensa. E mais do que isso está a escrita da própria história. Se de forma literária ou científica, já não importa. A liberdade de pensamento foi o que permitiu escrever a história da humanidade.

O autor associa tal liberdade com a de agir. Ambas estabelecem entre si uma relação de causa e consequência:

> Não, de certo! Logo, a liberdade de pensamento traz a de ação. (...) Os tiranos do espírito são os que mais mal fazem ao mundo. É porque não podem pensar.

Relação que também aparece entre a falta de liberdade de pensamento e a tirania, pois quem não a exerce impõe-se aos demais. A tirania exerce o poder sem qualquer restrição, impondo-se quem vai contra ela. E em termos de liberdade para a imprensa isso deve significar ausência de interferência de um governo tirano, o que, inevitavelmente, implica em liberdade de pensamento.

Se o objetivo é impedir que as pessoas exerçam o direito de pensar livremente, o autor sugere que grandes nomes da humanidade sejam condenados por defender a liberdade de pensamento:

> Mas em todas as épocas aparecem Epicuros e Spinosas. Queimem-os e condenem, embora, que eles vão fazendo bem ao infeliz gênero humano.

Ao citar ambos os filósofos, Premislau, ironicamente, está dizendo que se é para impedir o pensamento livre, todos os que o defendem devem ser apagados da história, os de antes e os posteriores também, uma vez que eles sempre irão aparecer.

Se de um lado tem-se Epicuro que, entre outras teorias, defendia que o propósito da filosofia era ajudar as pessoas a alcançar uma vida feliz, tranquila, caracterizada pela paz, liberdade do medo e ausência de dor, de outro temos o polêmico Baruch Spinoza defendendo que a libertação humana envolve abraçar a realidade de uma maneira que permita que o indivíduo se torne a melhor pessoa que deseja ser, entendendo Deus como uma substância auto subsistente singular, com a matéria e o pensamento sendo atributos de tal. Para Spinoza, Deus não é o criador do mundo, mas que o mundo é parte de Deus.

Isso é frequentemente identificado como panteísmo, a doutrina de que Deus e o mundo são a mesma coisa, o que entra em conflito com os ensinamentos judaicos e cristãos, mas que entre em consonância com a liberdade de pensamento defendida por Premislau, uma vez que, para Spinoza, seres humanos agem conscientemente contra seus melhores interesses porque são controlados pelas próprias emoções, logo encarar a realidade é a única forma de ser livre, sendo o próprio ser humano parte de Deus já que a humanidade é parte do mundo.

Ao encerrar sua crítica, Premislau oferece aos leitores um tom de despedida, negando-se a agir com violência pela violência sofrida:

> Da luta a que me atirei, retiro. — Fraco, não posso repelir a força com a força. Dispensem-me os contendores: respeito-lhes as ideias porque me aterrorizam com as instituições.
> Quando raiar o dia da liberdade de pensamento, pensarei.

Não foi possível identificar se o colaborador de fato deixou de escrever ou se apenas mudou de pseudônimo. Atendo-se ao texto, e somente a ele, temos umas das muitas vezes que a *Arcádia*, através de seus colaboradores, estampou a defesa da liberdade, seja pela imprensa ou literatura, pois todo o esforço que fazia era para manter-se fiel à linha editorial que tinha como objetivo o conhecimento.

Em outra crítica publicada na 3ª série, cujo título é “Poetas e Poesia (crítica?)” (*Arcádia*, 1868, p. 82-86; 03.3.1.82), Glodomiro Paredes aborda aquele que é o tema mais recorrente da *Arcádia*: o ofício literário. Em um primeiro momento, Paredes cita a necessidade de classificar o poeta em alguma categoria:

> Há um ser que merece ser classificado: - o poeta. Buffon não o considerou pertencente à classe mamífera; tão pouco na dos bípedes, ruminantes, anfíbios e etc. A que classe, pois, pertence esse animal, o poeta, como imerecidamente, muitos se intitulam?

O poeta não possui uma classificação, segundo Paredes, citando o naturalista Conde de Buffon. Além de não estarem biologicamente classificados, ainda há os que se auto intitulam poetas sem fazer por merecer a nomenclatura. Paredes tece duras críticas aos poetas que não fazem jus ao título. No parágrafo seguinte, ele apresenta estes dois tipos: os que merecem assim ser chamados e os que não:

> Imerecidamente, sim. Não falo dos que expressam seus sentimentos verdadeiros, sublimes, embora em rima rude, esses são poetas. Mas nos que, em quadrinhas com a competente ortometria, versos a martelo (permita-se-me a expressão), trovam sentimentos não seus, pura imitação, ou que eles nunca sentiram, nos vates que poetizam a aurora e veem o amanhecer do sol, dormindo como honestos franciscanos; naqueles que, no dizer de F. de Novaes, depois da abertura do Rilhafoles[30], povoam todas as partes do mundo. Para esses desejo eu uma classe especial, extremada, e sem relação alguma com as existentes: classe dos vates, puramente deles. Querem vê-lo?

O autor revela o desejo que tem de que os verdadeiros poetas estejam separados dos demais, daqueles que fazem poesia de imitação, escorando-se nos que ele considera os reais, mesmo que as rimas dos últimos não sejam de boa qualidade, ainda assim, são os que levam a poesia mundo afora e tidos como loucos. Essa introdução é feita para apresentar um poeta na sequência. Glodomiro Paredes faz uma apresentação detalhada sobre o poeta:

---

[30] Primeiro hospital psiquiátrico de Portugal fundado em 1717. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/view/46107/26386 Acesso em 26 jan. 2022.

> Apresento o Sr. Timóteo Atanásio, de, já se sabe, 18 a 25 primaveras; a figura é assim: estatura regular, o cabelo embora preto, louro ou castanho, é sempre frisado, naturalmente, ou por algum barbeiro, poeta, já se vê. Tem uns ares TRISTES; descrê da vida; fita os olhos na lua e quer morrer: as algibeiras lhe andam cheias de cotão e vazias de dinheiro. Pelos cotovelos se vai ele a rir do mundo, que passa e não compreende o gênio.

Observe-se para a descrição e para a palavra destacada pelo autor da crítica: “poeta, já se vê”, pelo aspecto físico, e “ares TRISTES”, em maiúsculas, descrente da vida, com os olhos no céu, desejoso pela morte e pobre. Ainda assim, o poeta ri-se do mundo que não lhe entende. O poeta desse período tinha essa característica, não à toa o desejo pela morte, como vimos em outras análises neste trabalho. Paredes tem em Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo fortes referências, portanto procurando demonstrar sintonia com a poesia brasileira da época, considerando a representatividade desses dois escritores.

A seguir, Paredes apresenta textos de Timóteo Atanásio (cuja biografia não encontrei, porque é provável que ele jamais tenha existido e é sobre a perspectiva ficcional de Paredes que analiso o texto):

> Uma página íntima dele, reza assim:
> Era de noite! A lua tocava flauta nos páramos celestes, e eu, mudo companheiro dela, encaminhava-me ao cemitério, onde encostei-me junto de uma erma e modesta cruz. Um fantasma, uma sombra, trajando alvas roupagens… Depois a sombra falha-lhe.

Essa citação de Paredes parece ter o objetivo de embasar a percepção que ele teve do poeta, o que, na sequência, ele usa para exemplificar a “classe dos vates”, como já adiantara. Ele diz que:

> Diz-lhe que não creia no amor da mulher; e ele vocifera contra a sociedade, lamentando que chova água e não vinho; chama Byron seu Deus, resolvendo morrer depois de ter bebido uma gota de conhaque no crânio[31] da pérfida.

Como Paredes já havia dito, o jovem poeta não crê na vida, o que significa não acreditar no amor, na sociedade e, até mesmo, em Deus. O jovem traído e descrente tem como inspiração Lord Byron, de quem Álvares de Azevedo e Casimiro

[31] Referência ao poema “Uma taça feita de um crânio humano” (1814) de autoria de Lord Byron (1788 - 1824).

de Abreu são seguidores, e que, como ele, tinha profundo desprezo pela sociedade, sendo ele um dos maiores expoentes do romantismo pessimista europeu.

O trecho seguinte dá conta de como Timóteo termina seu texto:

> O fim é pouco mais ou menos este: uma lauda cheia de reticências. Aí é que há intimidade entre ele e a página.

O crítico, que, nesse momento, também se ampara na metalinguagem, sinaliza que o escritor cujo texto está sendo analisado extrapola os limites entre ficção e realidade e deixa um vácuo entre o que escreve e o público leitor, pois não há final, apenas reticências, um vazio, como é a vida do jovem poeta e, provavelmente, seu conhecimento literário.

Essa ausência, segundo Glodomiro, diz tanto sobre o poeta quanto o que ele escreveu. É nesse espaço vazio que ele dá nome a sua dor e sua descrença:

> Uma recordação tem este princípio – Lembras-te? O nome fica em branco, para ser depois preenchido com o nome da bela que tais recordações há de inspirar. E chora o infeliz, que é um nunca acabar; diz que a desgraça o amamentou, a infelicidade perseguiu-o e que a descrença o mata.

A dor do poeta está no amor impossível e não concretizado. Para ele não há felicidade, ele se alimenta da desgraça, sua vida é só chorar e a descrença é o que lhe mata. Não há esperança na alma do jovem bardo.

Paredes segue descrevendo a dor de Timóteo, sem separar o poeta do eu lírico de um poema criado para ser de autoria do jovem, a que o crítico faz referência:

> O mundo é, para ele, um deserto povoado de pigmeus, que não entendem o sublime,
>
> E vive o coitado,
> Definhando em pranto,
> Na triste tristeza.
>
> Isto é dele, falando de si.

O tom que Paredes apresenta sobre o texto de Timóteo aponta a atitude pessimista que se opôs a qualquer abordagem otimista no romantismo. Mesmo quando ele atribui felicidade de um Timóteo melancólico:

> Lembra-se de um dia em que foi feliz pela seguinte maneira:

> Quando a aurora vem surgindo
> No sereno banhado
> E os gafanhotinhos...

Não importa, Timóteo está imerso na tristeza:

> O resto, o leitor há de saber.
>
> Triste quem sente tristezas,
> Triste de quem é triste,
> O mundo só tem tristuras,
> E também minh'alma é triste,
>
> Disse Timóteo Atanásio, ao ler uma poesia, um canto do cisne, do infausto Casimiro de Abreu.

Em algum momento naquele contexto social, Paredes ouviu o jovem poeta ler uma poesia de Casimiro de Abreu, um dos maiores poetas do nosso ultrarromantismo, e na sequência recita versos próprios, muito provavelmente, um intertexto[32]. Essa simples menção já nos diz que poetas se reuniam para recitar e provavelmente discutir, literatura na cidade de Rio Grande, muito possivelmente servindo aos propósitos rio-grandinos e rio-grandenses de se mostrarem integrados ao Brasil.

O pessimismo romântico no Brasil questiona toda e qualquer possibilidade de abordagem de uma mente saudável ante as vivências humanas. Esse aspecto está dado nessa crítica, mais uma vez pontuando o compromisso da *Arcádia* com as vertentes literárias em voga.

Glodomiro Paredes segue citando trechos que comprovam a tristeza e desventuras do poeta, contextualizando a sua dor:

> A alma não lhe foi compreendida, defeito do deslavamento porque passa o mundo, onde o gênio é desprezado e as cavalgaduras se não atam mais aos carros. Nisso tem razão.

Uma dor que é consequência não só do amor não correspondido, mas também do descaso, incompreensão e insipidez de um mundo cada vez mais insensível. “Gênio” é um adjetivo comumente atribuído aos poetas que

[32] Pela data de publicação, e pelo tom e referências nos versos, é possível que o poema atribuído à leitura feita por Timóteo tenha sido “Minh'alma é triste” (1859) do poeta Casimiro de Abreu (1839 - 1860).

desempenham seu ofício literário com excelência, como acepção de força superior que impulsionava a criação poética, e Paredes não se negou em atribuí-lo ao jovem escritor, cujo texto ele se propôs analisar.

Em um longo parágrafo a seguir, o crítico literário, mais uma vez, lista características da personalidade de Timóteo Atanásio que enfatizam a visão de Paredes a respeito do poeta e da poesia, qualquer que sejam:

> No mais, Timóteo Atanásio é um mortal como outro qualquer. Quando dorme, solfeja uma escala completa, como qual se quisesse arrebentar as fibras do esôfago, para fanar a existência. Sabe enumerar a qualidade de todos os vinhos, desde o Málaga até o generoso Constança; nunca chama o vinho do Porto senão de zurrapa, porque o bebe a miúdo e conhece mais de perto; julga a cerveja Bass, sendo legítima, superior à Tenent; proclama a excelência das botinas Mellier sobre o calçado nacional, e cila, a cada triquete, pensamentos do Victor Hugo, ou um nome assim traduzível por Castelo Branco. Piton[33], em seus dizeres, é um filósofo de primeira força, que Piton procurava o batoque[34] das adegas universais, da mesma sorte que os discípulos de Voltaire andavam em cata da pedra filosofal. Nunca lhe esqueceu o dito de Chénier:
> E, cependant…

Aqui, Glodomiro apresenta o repertório intelectual e cultural de Timóteo, sobretudo, no que tange ao refinado gosto e conhecimento por bebidas. Ele não explica qual a sua relação com o escritor, mas deixa implícito que o conhece profundamente.

Importante também mencionar as referências a Voltaire, Chérnier e Camilo Castelo Branco. Considerando: 1) as ideias em defesa da liberdade de expressão e das liberdades, de maneira geral, do filósofo e a importância de suas ideias para a Revolução Francesa; 2) a participação de Chérnier nos movimentos que culminaram nela, sendo ele um dos mártires; 3) o fato de Camilo Castelo Branco escrever seu romance mais conhecido (Amor de perdição, 1862) durante o período em que esteve preso - motivo de sua prisão, ao que consta, foi o adultério, portanto não foi político,

---

[33] Uma curiosidade a respeito desse filósofo é que pouco se encontra sobre ele em sites de pesquisa e enciclopédias virtuais, mesmo em sites internacionais, não se encontra informações precisas a respeito. Uma teoria atribuída a ele, e que virou *meme*, é que tudo o que o homem faz, comer, beber, trabalhar, morrer, tudo é com interesse em mulheres. Diz-se dele, também, que teve como discípulo Karl Marx. Nenhuma dessas informações pode ser confirmada. No entanto, trago a curiosidade, principalmente, amparada no fato de que, como foi possível tal filósofo ser citado na *Arcádia* em 1869 e nada, ou quase nada, a respeito dele ser encontrado em 2022?

[34] **Batoque:** espécie de rolha, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/batoque [consultado em 20-12-2021].

mas as condições em que escreveu a obra remetem à privação da liberdade - não é casual a citação a esses nomes, uma vez que todos reivindicavam a liberdade, tal como vemos presente nesse texto e na *Arcádia*, como um todo .

E o crítico prossegue descrevendo o perfil do poeta, de modo a mostrar aos leitores como é um poeta pertencente à “classe dos vates”:

> O passado, pois ele o tem, pinta-o assim: meiga quadra de ilusões que se desfolharam ante o egoísmo mundano, como o vendaval desfolha a florinha do valado.
>
> O presente, é tremedal por onde impávido caminha, direito a um escuro, onde luz apenas o brilho da morte; essa escuridão é o futuro do poeta, negro como a alma dum condenado, que irá purgar nas navas do inferno, por infinitos tempos, pecadilhos momentâneos.

Nem o passado e nem o presente do vate são de glórias. Se por um lado ele sofreu desilusões, por outro o único sentido de sua existência é a morte, que é a sua esperança de futuro. Morte que também não lhe trará, finalmente, a paz, pois o purgatório é seu próximo destino. Paredes afirma que no inferno Timóteo irá sofrer por uma eternidade por insignificantes pecados cometidos em vida. Reiterando que o destino do poeta é mesmo sofrer.

A fé e a honra de Timóteo, de caráter duvidoso, também são citadas de forma a lhe dar destaque. Embora não fosse temente a nenhum ser divino, o sujeito era insistente no fazer literário:

> Frequentemente, Timóteo Atanásio não crê na divindade, e isto sucede-lhe quando encontra a cara esquálida de algum credor, ou o fundo da garrafa.
>
> De caráter independente, o vate não se curva ante os potentados da terra. Apenas tem um volume, que vai brevemente dar à luz, oferecido, dedicado e consagrado, a um sujeito ex-merceeiro, tesoureiro de diversas irmandades, homem assim dinheiroso, futuro barão, hoje condecorado com algumas fitas.

Fosse diante de seus credores ou mergulhado em algum tipo de álcool, nesses momentos Paredes diz que sobrevinham a Timóteo a sua descrença. Apesar disso, o crítico não condiciona o caráter do poeta a nenhum tipo de religiosidade, pois tinha os atributos necessários para ser considerado um poeta: “alma indobre”

como já fora citado em outro momento, na análise de poemas. Coincidência ou não, em um texto de outro Paredes[35].

Glodomiro cita nesse trecho um "volume dedicado a um sujeito" que ficamos sem saber se a respeito de Timóteo, podendo ser a crítica que faz e que eu analiso aqui, ou se alguma produção do próprio jovem escritor carregava consigo. Não há como saber de quem se trata esse "ex-dono de mercearia, tesoureiro, futuro barão, condecorado com algumas fitas" que, na sequência, pode-se começar a presumir do que se tratam:

> Timóteo Atanásio esteve doente, há dias. Um ataque de cabeça, complicado com um forte defluxo, iam-lhe ceifando a preciosa existência. Fez, por essa feita, uma poesia, onde declarava não ter horror ao tétrico recinto da morte, desta maneira:
>
> Já sinto perto a morte!
> …
> …
> Eu não te tinha
> Medo nenhum morte cruel
>
> Pedia uma saudade em sua sepultura. Desquitou-se com Deus dizendo que fora sempre justo, e reforçou o estômago, para receber quedo o rijo embate da morte, com o lastro de algumas asas e pernas de galinha, mandadas pelo sujeito a quem serão dedicados os seus - Cantos da primavera, sem flores, etc., etc.

A essa altura do texto de Paredes inferimos a morte de Timóteo. E, mesmo diante dela, cruel, iminente e lenta, o jovem não a teme e ainda lhe canta em versos. Paredes diz que o poeta preparou o corpo e o espírito para esse momento. Para o corpo foram providenciadas "asas e pernas de galinha", enviadas a quem ele dedicou um poema. Para o espírito, a saudade na fria sepultura e um desquite com Deus a quem o bardo não teme afirmar que "fora sempre justo".

Encaminhando o texto para o fim, Glodomiro Paredes nega a morte do poeta. Muito provavelmente porque poetas como Timóteo há em centenas, por isso não morrem enquanto seus escritos permanecerem:

> Timóteo não morreu, e é a imagem viva de centenares de vates que nos agarram em uma esquina, lendo-nos o primeiro canto de um poema em princípio, ou um soneto improvisado em duas noites de vigília que nos é apresentado em borrão, mas bem escrito.

---

[35] Trata-se de "O poeta", de Juvêncio Augusto de Menezes Paredes (*Arcádia*, 1867, p. 75-78; 01.1.1.75).

Afora isso, há muitas imprecisões na apresentação de Timóteo: "18 a 25 primaveras", "o cabelo embora preto, louro ou castanho", "cabelo frisado, naturalmente, ou por um barbeiro" e a própria "estatura regular". Isso faz pensar em algum tipo de artifício, invenção de uma figura, referência a alguém conhecido. No entanto, outros poetas sempre surgem. Apesar da morte física, Timóteo está vivo sendo representado em cada novo poeta que nasce e dedica a sua vida ao fazer literário. A audiência tem neles a oportunidade de vê-los ainda embriões, embora de pouco talento.

E se havia, até aqui, alguma dúvida a respeito dessa posteridade garantida na poesia, Paredes afirma:

> Isto não é crítica. É apenas um protesto contra os ruminantes que, de guitarra em punho, intentam invadir o Parnaso. E se crítica é, faço-a no simples intuito de ver se a nossa poesia não consta só de lágrimas não vertidas e de dores que se não sentem, mas sim de alguma coisa verdadeira. Com o fim de ver se o demônio da imitação não carcome as bases do edifício da poesia rio-grandense.

Se no título do texto Glodomiro duvida da própria produção, ao colocar um ponto de interrogação em “crítica”, entre parênteses, ele inicia o último parágrafo dizendo não se tratar de uma crítica (mesmo o sendo), mas um protesto.

Paredes considera os poetas que não merecem o título como “ruminantes” e barulhentos tentando adentrar um território que não lhes pertence, por esse motivo expõe seu pensamento protestante. Parnaso pertence a Apolo, às musas e aos poetas que de lá extraem inspiração para compor seu lirismo. Interessante salientar aqui a tímida, porém importante, menção que o crítico faz à corrente literária em voga na Europa, mas que só se estabeleceria, de fato, no Brasil cerca de dez anos depois que esse texto foi escrito. O que comprova, mais uma vez, o vanguardismo do proprietário e dos colaboradores da *Arcádia*, que estavam sempre atentos ao universo da literatura, fosse no Brasil, fosse no mundo.

Ainda mais: Glodomiro considera que, se a sua publicação for, de fato, uma crítica, a intenção com ela é despertar os poetas para uma poesia verdadeira, com alma, com sentimento e dotada de sentido. Essa, segundo Paredes, seria a única maneira da imitação não destruir as bases da literatura e, aqui, ele faz referência à literatura rio-grandense, marcando a necessidade da originalidade regional, bem

como a constatação de que havia um interesse, uma discussão e uma produção literárias no sul do Rio Grande do Sul como busca pela integração.

Para finalizar Paredes retoma o que alertou no início do seu texto, reafirmando o seu descontentamento com poetas e poesias que não fossem embasadas pela verdade:

> O maior defeito de muitos desses poetastros é quererem ser mártires no sofrimento, vítimas do mundo, quando somente são insulsos em suas peças e descabidas lamúrias.
>
> Talvez pensem eles haver O DOCE MANÁ no Parnaso?

A referência bíblica na frase que encerra esse trecho nos dá uma ideia explícita sobre o ofício do poeta. O relato bíblico, explicado aqui de maneira simplificada, ensina que quando os hebreus deixaram o Egito em direção à terra prometida, Canaã, passaram quarenta anos no deserto. Nesse tempo, milagrosamente, segundo a Bíblia[36], não passaram necessidades. Não lhes faltou roupa, nem alimento, nem água, nem sombra (para aliviar o calor do dia), nem calor, (para serem aquecidos à noite). Em determinado momento, no início da travessia, os israelitas começaram a reclamar de saudades do tempo em que eram escravos no Egito, mas que havia comida em abundância para eles e então Deus lhes responde em Êxodo 16[37]:

> **4** Disse, porém, o Senhor a Moisés: "Eu lhes farei chover pão do céu. O povo sairá e recolherá diariamente a porção necessária para aquele dia. Com isso os porei à prova para ver se seguem ou não as minhas instruções.
> **31** O povo de Israel chamou maná àquele pão. Era branco como semente de coentro e tinha gosto de bolo de mel.

Tomando esse texto como referência, é possível inferir que Paredes está dizendo que o fazer poético não é um milagre, não desce como o maná no deserto, daí a expressão "não cai do céu". Para fazer poesia é necessário trabalho árduo, o que denota esforço por parte do poeta, é preciso empregar uma verdade que só existe na alma do verdadeiro poeta. O contrário disso, segundo o crítico, é versos

---

[36] Disponível em: https://www.biblegateway.com/passage/?search=%C3%8Axodo+13&version=NVI-PT Acesso em: 1 fev. 2022.

[37] Disponível em: https://www.biblegateway.com/passage/?search=%C3%8Axodo%2016&version=NVI-PT Acesso em: 1 de fev. 2022.

encaixados a martelo e mera imitação. Interessante também é pensar que Glodomiro Paredes deseja uma poesia cujos fundamentos estejam firmados nas vivências e conhecimentos do poeta, mas não diz que mecanismo é capaz de detectar o que é verdadeiro ou não. Como Paredes faria para atestar sobre as vivências dos poetas?

A menos que usassem puramente da imitação, o que, para um literato, não seria tarefa difícil de descobrir, é um trabalho muito complexo saber o que é, ou não é, vivência de uma pessoa desconhecida e apresentada a partir de um texto, porque envolve muitas subjetividades. De qualquer forma, para pertencer à “classe dos vates” tem que fazer por merecer, não acontece por meio de um milagre, segundo o que Glodomiro aponta. E é justamente nesse ponto que cabe inferir que Timóteo Atanásio não é um poeta genial, sendo usado no texto como mera ironia, mas um desses a quem Paredes dirige o seu protesto.

Ele assina a crítica estando na cidade de Pelotas e finaliza com um “Continua” entre parênteses, prometendo seguir com o texto. Ao que indica, ele não acabou as suas considerações nesse número. No entanto, não foi possível, no momento desta escrita, encontrar a continuação em nenhum fascículo subsequente, o que é muito comum em periódicos da época. Seja pelo processo de deterioração das páginas, seja pela ausência dos escritos por parte da redação ou dos autores. De toda forma, temos aqui um texto crítico em que podemos perceber o comprometimento do autor com os objetivos da *Arcádia*, bem como o da própria revista e demais intelectuais do Rio Grande do Sul, com a responsabilidade assumida de dedicar-se à literatura, expondo assim, não só o interesse em produzir e discutir um conteúdo de qualidade, bem como apresenta o projeto pioneiro de se formar um sistema literário.

O próximo texto analisado trata da necessidade de haver em Rio Grande uma agremiação literária. O que de fato acontece, como já foi dito anteriormente, quase dois anos depois, tendo durado quatro meses, cujo final se deu por motivos desconhecidos, mas que possui seu legado, principalmente, pelo esforço e desejo de ter uma literatura, anseio de integração, na construção de um debate literário no sul do Rio Grande do Sul.

Na crítica intitulada “O Grêmio literário e a Literatura” (*Arcádia*, 3ª série, 1868, p. 59-61; 03.3.1.59 - 1869, p. 95-96; 03.3.1.95), de autoria de Arthur de Lara Ulrich e publicada em dois momentos diferentes da *Arcádia*, é possível perceber a importância dada à Literatura na cidade de Rio Grande e o quanto essa era uma preocupação óbvia:

> De há muito pretende-se instalar entre nós uma associação cujo único fim seja o desenvolvimento e progresso da literatura rio-grandense. A necessidade de tão importante associação mostra-se tão claramente como o menor objeto que caído em cristalino lago deixa-se ver no fundo.

Pela introdução, é possível inferir que essa intenção vinha sendo discutida há algum tempo. Ao contrário do que já fora dito, havia, sim, em Rio Grande, um grupo de pessoas interessadas em literatura e discutindo os caminhos pelos quais ela deveria passar.

Na sequência, o autor apresenta os obstáculos a serem superados para a concretização do projeto:

> O seu elemento principal é a união, e este o maior obstáculo que se antolha a sua execução, porque esses espíritos fátuos e vaidosos temem-se ou pejam-se de discutir com aqueles que não sendo ricos de ouro o são de inteligência.

Nesse trecho Arthur Ulrich declara que a maior dificuldade imposta à criação de um grêmio estava na disputa de egos. Também fica implícito que havia uma disputa por interesses econômicos, possivelmente quem tinha mais posses desejava se sobrepor a quem tinha menos, porém mais inteligente, dada a oposição entre “fátuos e vaidosos” *versus* “não ricos e inteligentes”. As dificuldades giravam em torno da pequena quantidade de pessoas alfabetizadas, dos problemas para a circulação de livros, do isolamento, da (in)existência de livrarias e bibliotecas etc. Muito provavelmente esse pode ter sido o motivo de sua demora em surgir e, consequentemente, o de sua dissolução também.

Diante da divergência instaurada entre os dois grupos, Arthur faz um chamado à razão:

> Dispam-se, jovens, dessas presunções balofas; compreendam que o ouro só serve as mais das vezes para a perdição desta mocidade que deveria levantar-se em coluna cerrada para bater-se contra os perniciosos vícios enraizados na nossa sociedade. Reúnam-se todos: da união nasce a força;

> abracem-se como verdadeiros irmãos; uma só vontade, a inteligência facilmente suplantará o positivismo ignorante.

O autor critica o posicionamento oposto adotado pelos grupos, sobretudo, o dos que tinham posses. Em tom moralista, ele pede para que os jovens envolvidos nesse embate abrissem mão do poder concedido pelo dinheiro e se unissem em nome de um ideal maior e comum a ambos os grupos. Para Ulrich, a união e a inteligência eram a resposta mais eficaz contra o que ele chamou de “positivismo ignorante”. Pois, sim, era necessário ter ordem e moral para o progresso da ciência, do conhecimento, mas esse objetivo só seria alcançado se os egos estivessem submissos a um bem maior, nesse caso à Literatura.

O crítico avança e aponta as reais necessidades para o desenvolvimento do projeto e o modelo a ser seguido:

> É preciso criar uma nova era para a nossa literatura. Imitem, jovens rio-grandenses, aos porto-alegrenses; abandonem o receio ou vaidade, afastem tudo quanto é mesquinho e não condiz com vossos princípios de educação. Fraternidade e coragem para a realização desse grandioso pensamento. A literatura necessita de prosélitos, que em seus altares gastem horas de ociosidade no precioso trabalho da imaginação.

Se havia alguma dúvida a respeito dos interesses da *Arcádia* e do seu envolvimento com o debate literário, o trecho acima a desfaz. Aqui fica implícita a referência à recém-criada *Sociedade Partenon Literário*. Arthur pede para que os envolvidos tomem os porto-alegrenses como modelo inspirador e ocupem-se do que realmente importa: a literatura. Diz ele, muito provavelmente, estando ele mesmo inspirado pelo surgimento da agremiação. Para isso, o medo e a vaidade não poderiam ter lugar de destaque, pois são pensamentos mesquinhos e que nada agregam ao projeto, pelo contrário. Preocupar-se com qualquer outro aspecto na realização desse feito é considerado perda de tempo, um tempo que deveria ser gasto produzindo literatura.

E, mais uma vez, como já foi apontado em outros textos publicados pela revista, o tema identidade regional também surge nessa crítica:

> Lembrem que a nossa província precisa, mais que nenhuma outra, de homens de letras e conhecimentos que a tornem saliente no conclave sul-americano.

O interesse em colocar Rio Grande no mapa da produção de conhecimento era inegável. Havia na província uma profunda preocupação nesse sentido, embora incipiente como apontado por outros pesquisadores. Essa incipiência era semelhante ao que aconteceu no país inteiro, em qualquer região em que se primou a formação de um sistema literário. Em toda e qualquer parte houve um início, um ponto de partida. No Rio Grande do Sul, esse projeto coube à *Arcádia* como sendo, ela mesma, fruto de quem veio antes, mas foi com o estabelecimento da revista que o debate literário tomou corpo e fôlego.

A partir do ponto a seguir, Arthur Ulrich anuncia que irá "descrever o que é literatura". A intenção dele é mostrar aos colaboradores da *Arcádia* o desejo de contribuir no desenvolvimento literário:

> Agora, vamos malmente descrever o que é a literatura e qual a importância que em si resume; por este insignificante trabalho, verão nossos colegas de colaboração que desejamos quanto possível for contribuir para o desenvolvimento da literatura rio-grandense.
>
> Oxalá que como outros que nos antecederam em esforços não percamos o tempo, e oxalá que nossas palavras sirvam de estímulo à inteligente juventude rio-grandense.

Observa-se, também aqui, a referência de gratidão e de reconhecimento que o autor faz aos que precederam o periódico, pois esse não é um caminho que se faz de forma solitária e unilateral. Com essa breve introdução, o crítico reforça o chamado que faz à juventude, em nome da produção literária da província, e passa a explicar o que vem a ser a literatura que se espera ter em Rio Grande.

O primeiro passo dado foi explicar o que é literatura em termos etimológicos. Ao que o crítico diz:

> A palavra literatura vem etimologicamente do termo latino *literas*; porém antes que existisse *literas*, existia a literatura, segundo os clássicos. Se é verdade que antes desta descoberta os rapsodos cantaram as poesias homéricas, a literatura então tomou desenvolvimentos extensos antes que se inventasse o alfabeto.

Arthur explica que a Literatura precede até mesmo a sua própria terminologia. Para comprovar isso, ele menciona os clássicos poemas épicos gregos atribuídos a Homero que datam do século VIII a.C. O alfabeto só seria firmado em meados do

século XV a.C. Ou seja, a literatura já existia sete séculos antes da invenção do alfabeto.

A partir disso, Ulrich traça um percurso antológico entre a invenção do alfabeto e os usos que se fez da palavra literatura. Segundo ele, uma “palavra vaga, em acepções diversas”, mas que foi “depois que o costume da reflexão fez apreciar o mérito de seus autores e que deu-se nascimento à crítica” que seu uso passou a ter significado para o que, naquele momento, entendia-se como literatura. Entre as muitas citações que faz, está a definição que Voltaire faz da palavra literatura. Ele diz dela: “um completo conhecimento de obras de gosto, uma pintura da história, da poesia, da eloquência e da crítica”. Cita, também, Nepomuceno Lemercier: “a literatura, dizia ele, ‘se liga a tudo e tudo abrange; tudo dela emana e provém; é o centro único que encerra todas as variedades universalmente conhecidas'".

Ainda sobre as atribuições dadas à palavra literatura, Arthur Ulrich se detém na definição do filósofo francês Louis-Gabriel-Ambroise de Bonald:

> Esta definição muito se relaciona com a que expõe M. de Bonald: “A literatura é a expressão da sociedade”; forma sem dúvida, vaga, mas que constata com um vínculo íntimo, como lei geral, entre o sistema social de um povo e suas produções literárias. Se se revogasse esse princípio como dúvida, poderíamos citar a demonstração concisa do filósofo que diz: “O homem tem duas expressões de seus pensamentos: sua palavra e suas ações, e mesmo a expressão dos pensamentos pelas ações é muito menos sujeito a enganar que sua expressão pela palavra.

“Um vínculo íntimo, como lei geral, entre o sistema social de um povo e suas produções literárias”. É dessa forma que o crítico interpreta a definição de Bonald. Estendendo para a explicação de que a humanidade se expressa por meio de ações e de palavras e que são elas, as palavras, que melhor expressam sua natureza. Curioso e, em certa medida, contraditório a referência a Bonald e Lemercier, pois ambos se opuseram ao iluminismo, portanto estavam voltados para o passado, contrariando a perspectiva de Ulrich que aponta para o futuro.

Antes de finalizar a primeira parte da crítica, que só continuaria no ano seguinte, no entanto, na mesma série, Ulrich destaca para o princípio da palavra se tornar ação:

> Assim, pois, a sociedade tem duas expressões de seus pensamentos ou dos seus princípios interiores: sua literatura, que é sua palavra e seu estado exterior, é o resultado em reunião das ações públicas.

O autor entende a literatura como expressão do pensamento humano, sendo ela a palavra, e a publicização que se fará dela. Ou seja, a humanidade se expressa por meio de palavras e de ações, então, para ele, é necessário que a literatura esteja no centro do debate como expressão máxima do pensamento humano.

No ano seguinte, ainda na mesma série (*Arcádia*, 3ª série, 1869, p. 95-96; 03.3.1.95) e com o mesmo título, Artur Lara Ulrich chama a atenção dos leitores para que acompanhem a continuação do texto, indicando em que página ela começou. Ele reinicia dizendo:

> Reconheçamos, entretanto, o sentido da palavra literatura, usada mais frequentemente debaixo da designação do - belas letras - palavra sem dúvida alguma mais restrita do que a de LETRAS.
>
> As belas letras são uma espécie de letra em que o belo, o sublime e o grande se revela, da qual o primeiro é o objeto mais principal, como a poesia, a eloquência, a história, e também filosofia, quando vestida com as roupagens e formas dignas dos sublimes assuntos que ela abraça.

Definir o que é literatura não é um trabalho fácil, nunca foi. Mas Arthur Ulrich tenta aproximar os leitores do que, para ele, seria a melhor definição possível do que é esse trabalho com a palavra, essa definição de “belas letras”. Nesse aspecto, ele contextualiza forma e conteúdo. A frase “quando vestida com as roupagens e formas dignas dos sublimes assuntos que ela abraça” reforça o caráter singular da literatura. A poesia é equiparada a outras expressões de conhecimento, como “a eloquência, a história, e também filosofia”.

Quando as “belas letras” possuem forma e conteúdo, tem-se a literatura. E o que ela significa na sociedade?

> Quem poderá negar que a literatura seja o farol brilhante das nações? Certamente ninguém, porque se o fizesse, mentiria à face do universo, atraindo a si o belo nome de ignorante.
>
> A literatura é a causa do seu progresso, é a mais nobre matéria de seus gozos, é para elas a fonte e alimento da vida ideal, nada escapando a sua grande e acurada solicitude.

Para o autor a literatura é o que ilumina as nações e esse caráter dela é incontestável. É através da literatura, justamente essa, cuja definição ele trouxe, é que faz com que nações prosperem, fonte de conhecimento.

Nesse ponto da crítica, Arthur Ulrich, mais uma vez, coloca a literatura em equiparação à história. Para ele, ambas são ciência, responsáveis pelo conhecimento adquirido e o que garantem a preservação da memória:

> Sem a literatura, os homens passariam e seriam esquecidos; os povos morreriam sem deixar de si lembranças, embora as cinzas dos heróis fossem honradas com enormes túmulos.
>
> Não teríamos nem os quadros de Apeles nem as estátuas de Fídias: Apeles e Fídias seriam desconhecidos se a literatura não os decantasse e celebrasse.
>
> Ainda hoje a guerra de Tróia seria um mito fabuloso para alguns se, através de tantos séculos, os cantos de Homero não perpetuassem o entusiasmo desses heróis, ao mesmo tempo devastando todo o mistério dessa fatídica guerra de dez anos em que Aquiles e Heitor são os personagens mais importantes.

Os exemplos elencados por Ulrich acabam por mesclar os conceitos e limites entre Literatura e História. Ao mesmo tempo que a história é contada pela literatura, através da palavra, as artes, de modo geral, segundo o autor, também o fazem, ampliando assim, o conceito do que é literário. Segundo a concepção adotada pelo autor, a Literatura salva heróis do esquecimento, artistas plásticos do desconhecimento e a mitologia grega da fábula.

E se em 1983 Paul Ricoeur atesta a semelhança entre documento e monumento, contrariando a visão discordante que se costuma ter sobre essas duas formas de resgatar o passado, Arthur Ulrich em 1869 apontou que:

> A literatura é da terra o monumento mais sólido e durável: os palácios desmembram-se, as cidades desaparecem e a literatura é imortal; o tempo não tem poderio sobre a memória daqueles a quem ela eterniza.
>
> *Musa vetat mori* (Hor.)

O crítico afirma ser a Literatura o monumento de preservação histórica mais sólido que existe e confere a ela uma soberania ainda maior do que a de qualquer outra forma de preservação do passado, uma vez que ela é imortal. A Literatura, segundo ele, predomina sobre qualquer aspecto físico de consulta ao passado, pois todos perecem. Nem mesmo o tempo se sobrepõe a ela, pois o que fica preservado de forma literária será eterno.

Essa tese, e tantas outras pesquisas em fontes primárias que antecedem esse projeto, é prova de que aquilo que a Literatura eterniza nem o tempo apaga. Arthur Ulrich cita um trecho de Horácio, poeta e filósofo romano, que, traduzindo do latim, significa “A musa não permite que morra”, fazendo referência à frase do poeta que diz “A musa não permite que morra o homem digno de louvor”. No caso, a Literatura como fonte de preservação não só de pessoas honradas, mas de todo e qualquer material que venha adotar para posteridade. Para reforçar essa ideia, o crítico apresenta versos do poeta francês Charles Hubert Millevoye[38], dizendo:

> Antes de concluir, citemos o que a respeito da literatura disse o sábio Millevoye, para melhor fundar o que temos avançado:
>
> Honra ou estigmatiza, acusa ou deifica:
> À sua voz, a virtude triunfa ou se arrasta,
> Na corte do mundo ele cita os pervertidos,
> Ele condena seus nomes a viver em seus versos.
> A honra virtuosa de sua musa irritada
> Persegue sua sombra aterrorizada para o inferno
> E seu verso indignado, trovejando para puni-los
> Ataca com um longo pavor os tiranos que estão por vir.

Cabe à Literatura, vista como uma entidade autônoma, nesse caso, decidir quem será lembrado e quem será esquecido, honrado ou estigmatizado, tudo depende de como a escrita da história se dará em versos. Se entendemos que a literatura é imortal, admitimos que ela o é por bem ou por mal, pois se por vezes ela mostra o avanço, por outro escancara a ignorância. Heróis e tiranos são eternizados pela Literatura e servirão como exemplo aos que virão. Assim, de acordo com esse pensamento, a literatura, enquanto palavra viva e eterna, se não serve para o progresso da sociedade, por ela a humanidade será condenada.

Encaminhando o texto para a conclusão, Ulrich expressa o seu desejo de ilustrar com exemplos o que é a Literatura e seus reflexos na humanidade, o que diz que não fará por falta de tempo:

---

[38] *Il honore ou fletir, acuse ou divinize:*
A sã vox., lá verteu trompe ou eternize,
Ao tribunal do monde li cite lês perversa,
Il condene léus nomes à viver das seis vers.
La verteu-se honor de sã museu irrite
Poursuit jusqu'aux enfers leur ombre épouvantée
Et son vers indigné, tonnant pour les punir
Frappe d'un long effroi les tyrans à venir.

> A falta de tempo não nos permite agora descrever as revoluções literárias dos diversos povos, para, com exemplos vivos, isto é, com exemplos do passado, mostrar a nossa juventude que por toda a parte e sempre os homens de gênio têm desenvolvido e escrito suas ideias sem se importarem se são ricos ou pobres, nobres ou plebeus.

Novamente, o autor apela para o senso crítico e a inteligência dos leitores, colaboradores da produção literária na cidade, sobretudo, na própria *Arcádia*, para que priorizem a arte literária acima de bens e de status social. Como fez no início do texto, o faz também no final.

Como último apelo à consciência de seu público, Arthur Ulrich convoca-os para fazerem parte do progresso literário:

> Eia, pois, mocidade rio-grandense, liguemo-nos como os trezentos gregos[39] de Byron ante os muros de Missolonghi, e como irmãos, seja nossa única ideia o progresso da nossa literatura.
>
> A pátria exige de seus filhos o tributo que paga à inteligência aos heróis que ela venera. A província nossa também espera e em vós cifra-se suas fagueiras esperanças.
>
> Atendam a estas fracas palavras, e preza aos céus que as horas de trabalho gastas em homenagem à literatura e ao estudo, não sejam totalmente perdidas.
>
> Avante, juventude! Valor e coragem.

Essa convocação[40] é encarada por Arthur como uma batalha. O que, de fato, não seria nenhum exagero em dizer que era, uma vez que se tratava de uma disputa pelo conhecimento e havia obstáculos que exigiam trabalho árduo para serem superados. A ideia de progresso por meio da Literatura era um objetivo a ser conquistado e que foi defendido pela revista desde a sua fundação. E, mais uma vez, essa meta aparece agora, no terceiro ano de existência do periódico, marcando a insistência e perseverança da linha editorial e dos colaboradores da *Arcádia* em torná-la real.

---

[39] Em referência ao poema “The Islands of Greece” em que o poeta britânico Lord Byron faz alusão aos 300 de Sparta. Disponível em: https://sites.udel.edu/britlitwiki/the-isles-of-greece/ Acesso em: 1 fev. 2022.

[40] Convocação essa que já aparecera muito anteriormente. Januário da Cunha Barbosa em dois prefácios "Ao público” e “Introdução” presentes em *Parnaso brasileiro* (1829 - 1832) afirma que fez o levantamento das melhores poesias inéditas e já impressas para estimular a juventude brasileira a escrever. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Parnaso%20Brasileiro%20de%20Janu%C3%A1rio%20da%20Cunha%20Barbosa.pdf Acesso em 08 de ago. de 2022.

Além disso, para o crítico, a união em prol desse ideário era em nome da pátria, nível nacional, e da província, nível regional, o que também, destaca o compromisso que se tinha em Rio Grande em estabelecer uma literatura de identidade. Para esse feito, seria necessário entrar na luta contra a ignorância e batalha de egos. Esse seria o preço para ter seu nome marcado na história da literatura, como Arthur nos adiantou, ao que ele mesmo esperava, e nisto depositava sua fé, não ser inútil todo o tempo investido em estudos para que a Literatura fosse estabelecida na província.

Ainda sobre os rumos da Literatura, Antônio Joaquim Dias, proprietário da *Arcádia*, e sempre presente com seus textos, publica a crítica "A literatura marcha?" (*Arcádia*, 3ª série, 1869, p. 102-103; 03.3.1.102) fazendo uma abordagem sobre o progresso do desenvolvimento literário que, logo de início, ele mesmo tem a resposta à pergunta do título:

> É uma pergunta, ou por outra, um problema que resolvido dá em prova - não.

Dias apresenta as justificativas para esse não desenvolvimento em uma abordagem raramente presente na *Arcádia*. Em geral o tom costuma ser esperançoso e otimista, mas não é o que predomina dessa vez:

> Se por frequentes vezes temos asseverado que a literatura engrandece-se e prospera, é no intuito único de promover o gosto pelas letras e estimular a inteligência ao estudo.
>
> Porém, baldados os esforços, é tempo de encarar as coisas como verdadeiramente são. O meio adotado para derrocar o materialismo, tem sido estéril; vamos em demanda de um outro, na esperança de melhores resultados.

O autor da crítica confessa que, com frequência, comemoram-se os avanços da arte literária com o único propósito de estimular a leitura e incentivar o estudo acerca do tema, porém, na verdade, apesar de todos os esforços aplicados no projeto de fazer a literatura sul-rio-grandense progredir, Dias admite que as pessoas envolvidas não estão sendo bem-sucedidas. Se o propósito era superar o materialismo por meio da Literatura, Dias admite, também, que a forma como isso tem sido feito não tem trazido resultados. Para o conhecimento literário, como forma de desenvolvimento da mente e da vontade humanas, bem como do curso de sua

história, acontecer de forma independente de processos físicos, ou mesmo redutíveis a esses processos, seria preciso mais do que boa vontade e esforço individual. Era necessário encontrar outros meios.

Um obstáculo a ser superado era justamente o da qualidade e da recepção literárias. Muitos textos publicados na *Arcádia* apresentavam esse como sendo o objetivo primeiro de quem se dedicava às letras. Até mesmo porque, se a reivindicação era de uma literatura que colocasse o Rio Grande no mapa das discussões literárias, através de uma produção que identificasse o povo gaúcho, então, obviamente, a qualidade desses textos precisaria dar conta desse objetivo. Dias não esconde sua frustração diante dessa dificuldade e diz:

> À escolha apresentam-se tantíssimos, que na verdade é difícil saber qual o melhor, quando todos parecem ruins. Estudar os homens de hoje é quase impossível. O trabalho da imaginação está considerado como fruto da ociosidade. O poeta é qualificado louco; o escritor, parvo. Nivelam-os, perfeitamente.
>
> Os pobres ignorantes que até para pronunciarem-se de maneira a não caírem no ridículo estudam nos dicionários, assentaram em que a inteligência deve baixar tanto, tanto, até limpar a poeira de seus sapatos. Néscios que são!
>
> Se aparece uma obra nova, e o autor apresenta-se pedindo que lh'a comprem, riem-se; e se a tomam é por mera curiosidade, por deferência à pessoa ou como se dessem uma esmola!

Dias atribui o fracasso do desenvolvimento literário à mediocridade não de quem produz literatura, mas de quem a recebe sem conhecimento de causa. Esse tom de não compreensão é muito recorrente na revista como provam outras análises feitas até aqui. O que A.J. Dias está dizendo é que o trabalho do literato não era visto com seriedade e, por isso, tão pouco valorizado, inclusive porque o próprio literato não era bem-quisto na sociedade.

O autor reclama que pessoas sem conhecimento são as que desqualificam o ofício dos escritores. E mesmo quando adquirem obras produzidas por esses escritores o fazem sem entender o valor do que está em jogo. Ou seja, não há crédito no trabalho literário e esse é o motivo para o não avanço da Literatura.

Dias, então, esboça o perfil de quem tenta viver de literatura:

> E o gênio, o talento, pede pelas portas um pão para mitigar a fome da argila que o envolve! E, parece fatalidade, os ricos de inteligência são sempre pobres de dinheiro! O talento não pode conservar-se na devida altura; tem

> que curvar-se aos caprichos da necessidade. E muitas vezes também profanar seu santuário, nivelar-se com a crápula estúpida para não morrer à míngua.
>
> E que de baldões aí lhe atiram!
>
> A carreira do homem de letras é inglória e cheia de vicissitudes. São raríssimos os que encontram algumas felicidades da terra. O negócio, as equações, o mercantilismo, são a alma desta época.

O trabalho com as belas letras requer habilidades especializadas e sofisticadas em leitura e escrita, pensamento crítico, pesquisa, organização e comunicação, além de conhecimento em história, filosofia, economia, política, outras línguas e culturas e uma infinidade de outros conhecimentos. Mas fosse no século XIX, seja agora, no século XXI, via de regra, o perfil de quem trabalha com literatura não é muito diferente do apresentado por Dias, infelizmente.

E quando esse investimento não é reconhecido, muitas vezes a pessoa que trabalha com literatura precisa se sujeitar aos caprichos de quem não lhe dá o devido valor e para não "morrer de fome". Quando o autor declara que "Parece fatalidade, os ricos de inteligência são sempre pobres de dinheiro" temos o retrato de uma sociedade desigual, injusta, materialista e que não valoriza o conhecimento. Enquanto Dias declara que "O negócio, as equações, o mercantilismo, são a alma desta época", nós declaramos e criticamos o sistema capitalista, a luta de classes, a desigualdade racial. Pode parecer anacronismo, mas não é, dada a consistência atemporal da crítica que Dias faz nesse texto. Nós não estamos, assim, tão distantes. A literatura é a ponte que nos liga à *Arcádia*.

A atemporalidade desse texto também está marcada no que refere-se à publicação de livros. Dias relata que:

> É incontestável que presentemente nota-se bastante animação no mundo literário, mas, tentem a publicação de qualquer um livro, e verão a frieza, pouco caso com que é recebido.

O caráter de apreciação de uma obra é sempre subjetivo e isso acaba por atravessar a forma em que obras são publicadas. O apelo de uma obra escrita pode variar de um leitor para outro, de um editor para outro. Não existem regras rígidas, cujos conceitos são fechados e regem o que é certo e errado. A natureza subjetiva da escrita, muitas vezes, leva a divergências entre escritores, leitores e editores.

Uma realidade presente na crítica que Dias faz sobre as dificuldades para publicar, no mínimo, de 1869 para cá.

Antônio Joaquim Dias encerra seu texto alertando para a necessidade de se proteger a literatura, enquanto meio de conhecimento:

> É que a flor que não tem a precisa seiva, definha e morre.
>
> A literatura há de também morrer, porque sendo privilégio de poucos, muitos satisfazem-se em cavar-lhe a sepultura
>
> Não podemos obrigar ninguém a proteger as letras, porém queremos que todos reconheçam a sua utilidade moral e física, que admitam sua influência no regime social, na civilização e no engrandecimento das nações.

Novamente vemos aqui a atualidade do texto do autor. Literatura, mesmo com todos os recursos midiáticos que temos hoje, ainda é um privilégio. Não apenas viver dela, como o acesso a ela é um privilégio. Apesar de, nos últimos anos, ela ter se tornado mais popular, muito graças à literatura marginal, os meios de acessá-la, de produzi-la e divulgá-la ainda são restritos a quem tem mais oportunidades[41]. Inclusive em termos de crítica literária, sobretudo essa, ainda é feita de forma elitizada e academicista, ao menos a que é valorada. Os centros e grupos de pesquisa espalhados pelo país, muitas vezes, comprovam isso.

Dias falou em esperançar novos resultados e nós, daqui do século XXI, seguimos buscando atingir essa meta. Ao contrário do texto de Ulrich, que declara o caráter imortal da Literatura, Dias nos apresenta um tom mais pessimista a respeito dela, talvez já exausto por travar uma luta inglória. No entanto, toda vez que nos debruçamos sobre o ofício literário, sobre o prazer e incentivo à leitura, sobre as pesquisas em fontes primárias, estamos em busca de novos resultados, estamos regando a *flo*r citada pelo crítico. E fazemos isso porque reconhecemos na Literatura, tal qual Antônio Dias adverte, “a influência no regime social, na civilização e no engrandecimento das nações”.

Apesar do pessimismo, considero esse texto, dentre todos os analisados, o que mais exalta a necessidade que os literatos da cidade de Rio Grande de produzir, discutir e difundir literatura, sistematicamente, sendo a *Arcádia* a gestora do projeto

---

[41] Conforme concordam estudiosos em pesquisa, como pode ser visto disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/22/livro-no-brasil-e-caro-elitistas-e-excludente-diz-cocriador-da-flup.htm Acesso em 7 de set. de 2022.

embrionário de formação literária do Rio Grande do Sul. Dias encerra a publicação com um “Continuaremos”. Se ele estava se referindo à continuação do texto, ou à sedimentação do caminho que a revista escolheu trilhar, não sabemos. O que de certo temos é que nós, que cá estamos, continuamos e continuaremos.

Mais uma vez, o que se vê nessas análises é uma robusta unidade de sentido. A temática metaliterária nesses textos críticos concentra a ideia do que a *Arcádia* se propunha e defendia. A coerência temática desses textos estabelece uma relação entre a ideia de que os literatos eram responsáveis por fazer o enfrentamento do conhecimento contra à ignorância e a linha editorial adotada desde o primeiro ano de existência do periódico e que foi mantida nos anos seguintes. Essa constatação está alinhada com a importância e a influência da imprensa literária daquele século XIX, especialmente quando falamos de fontes primárias, ainda mais originadas em uma cidade como a de Rio Grande.

Obviamente, essa relevância e inspiração são, sobretudo, mérito da própria *Arcádia*, uma vez que ela desempenhou papel decisivo no surgimento do sistema literário gaúcho. Se as instituições literárias foram fortalecidas ao longo daquele século e depois, com certeza foi a partir do surgimento da *Arcádia*. Não há como saber o que teria sido sem ela, mas é possível afirmar que foi a partir dela que outros jornais e movimentos dedicados essencialmente, ou exclusivamente, à literatura nasceram e foram desenvolvidos, sendo ela quem tornou o caminho sólido e passível de ser trilhado por todos os veículos de propagação literária que a sucederam, independente de terem obtido sucesso ou não. E é nesse lugar de destaque que a *Arcádia* será considerada na última parte desta tese, a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM TRABALHO EM CONCLUSÃO

Ao final dessa tese, chego a muitas conclusões, a principal delas é que esse é um trabalho que segue inconcluso. Não pela pesquisa em si, um trabalho braçal e intelectual que demanda muito tempo e energia, mas por conta da grandiosidade do que foi a *Arcádia*.

Já durante as primeiras pesquisas, ficou óbvio que atingir os objetivos primeiramente propostos não seria possível. Objetivos válidos, porém ambiciosos ante o tempo – dividido com a profissão docente em uma escola pública – e o trabalho solo. Para que fossem plenamente atingidos, seria preciso muito mais tempo nessa viagem até o passado. De fato, essa não pode ser uma pesquisa que se faz de forma solitária.

E quando digo “solitária” refiro-me ao trabalho hercúleo que pesquisadores em jornais, sobretudo do século XIX, precisam desenvolver para resgatar fontes históricas. No caso da *Arcádia*, por conta do rico e farto material disponível, seria necessário o envolvimento de mais pessoas, e, até mesmo, de diferentes áreas, de forma secundária, para um resgate em que fosse possível considerarmos completo. E, ainda assim, a coleta total desse material evidenciaria ainda mais a necessidade de haver muitos outros olhares para a interpretação desse material.

Além disso, ainda há a escassez de recursos para uma pesquisa desse porte. A Biblioteca Rio-Grandense sobrevive com pouquíssimos auxílios financeiros, oriundos do poder público e de seus sócios. Não foi fácil tentar coletar dados em um ambiente em que pouco se sabe sobre a grandeza do trabalho que se está fazendo. Não houve, sequer, interesse em saber do que se tratava, e sei que essa não é uma exclusividade minha. Apesar disso, prosseguimos na tentativa de resgatar o máximo possível dentro do pouco tempo que tivemos.

Os quatro volumes disponíveis da *Arcádia* merecem sequência na atenção dada até aqui. Há, nessas edições, um fascinante olhar do que era a literatura e a cultura gaúcha no século XIX. O que, de certa forma, é raridade, considerando o que era a cidade de Rio Grande na época e, mais que isso, o que era a imprensa nesse período. Ter um jornal dedicado e voltado para disseminar e discutir somente

literatura, ante as dificuldades financeiras e políticas daquele tempo, é, com certeza, um feito extraordinário. Diante disso, podemos afirmar que, ao final do seu segundo ano, a comemoração em que a direção se considerava responsável pelo crescimento da imprensa literária na província não é nenhum exagero. Não bastasse o fato de ter sobrevivido por dois anos, mal sabendo que ainda haveria outros dois pela frente, e além de ter colaboradores fixos, o periódico manteve-se firme em seu objetivo de, através da literatura, produzir conhecimento.

Com a promessa de propagar a literatura e, como já foi dito, de ser um "arauto da civilização", em certa medida, a *Arcádia* conseguiu cumprir o afastamento dos confrontos políticos ou pessoais que marcavam a imprensa. Não tão alheia como pensava ser possível, uma vez que a função literária não permite tal alienação o tempo inteiro, mas com efusivo destaque da Literatura em si. Destaque esse enfatizado na análise metaliterária que se fez aqui.

As críticas consideradas para análise apontam para a necessidade de se pensar e fazer literatura com excelência e conectada com a realidade do contexto em que estavam inseridas. No caso da metaliteratura, as análises buscam evidenciar o que de fato era prioridade para a *Arcádia*: a Literatura estava no centro do debate. Da primeira à última série, o jornal orgulhou-se de manter-se fiel aos seus princípios e objetivos desde o início de suas atividades e essa pesquisa pode comprovar, através dos textos elencados e todos os demais apontamentos, a real fidelidade dessa conduta.

A *Arcádia* foi o contraponto da imprensa diária, a chamada "grande imprensa", dedicando-se a discutir arte e cultura de maneira crítica, sólida e frutífera. A prova disso é a sua existência, bastante duradoura para os moldes da época, sobretudo para a pequena imprensa. Mas não só a sua durabilidade, o ideal de discutir literatura e colocar a estética romântica, ainda que tardiamente, no centro do debate no Rio Grande do Sul, como já acontecera no centro do país, também é marca do contraste que o periódico fazia frente a outros jornais.

Sendo a *Arcádia* essa fonte quase inesgotável de produção literária, a conclusão a que se chega, sobre os textos publicados nela, não poderia ser outra que não a inconclusão do trabalho, como já fora prenunciado por Baumgarten

(1982). Como fruto da longa jornada que venho desenvolvendo em jornais do século XIX, desde a graduação, essa pesquisa teve como principal objetivo dar prosseguimento aos estudos de outros pesquisadores que vieram antes. Há muito material para ser investigado na revista. O que eu considero inquestionável é a sua relevância histórica e a indiferença a que esteve sujeita até então nas histórias da literatura do Rio Grande do Sul.

Sigo reivindicando a ampliação do cânone para dar à *Arcádia* o lugar de fonte, que é dela, nos compêndios literários, não só no Rio Grande do Sul, como no Brasil. Muitos autores de reconhecimento não só regional como, também, nacional, começaram suas discussões nesse periódico. É justo, então, que seja dado à *Arcádia* o destaque merecido, não só por isso, mas também, pelo fato de ter produção tão extensa e próspera em um período em que tal feito não era nem um pouco comum. Em quarenta anos, desde a primeira pesquisa feita na *Arcádia* que se tem conhecimento, muito pouco se fez para resgatar os textos desse periódico, restringindo-se a artigos de alguns pesquisadores gaúchos, como os citados aqui. E como também já foi apontado, há muito mais em material para contribuir com a leitura que se faz da literatura brasileira. Obviamente, isso não é exclusividade desse jornal. Sabemos que essa é a realidade da pesquisa em periódicos, sobretudo do século XIX.

Por ter reunido um grupo que pensava a Literatura como fenômeno, ainda que estivesse localizada no interior do Rio Grande do Sul, a *Arcádia* foi de fundamental importância, ao lado do também pioneiro *O Guaíba*, destacado aqui pelo intento, embora não tenha conseguido alcançar os mesmos objetivos da *Arcádia* e não ter durado tanto tempo quanto o jornal rio-grandino. Por impulsionar a discussão do fato literário, pelo expressivo interesse em abrir reflexões sobre a literatura regional e a nacionalidade literária, pelo êxito em sua durabilidade e pela firmeza em seus ideais é que a *Arcádia* merece figurar em seu pioneirismo nas histórias da literatura do Rio Grande do Sul. Tal característica abriu o precedente para o sucesso que a *Revista Mensal*, da *Sociedade Partenon Literário* viria alcançar, sendo o periódico o “pano de fundo” para essa construção. Como já é sabido, o triunfo daquela sociedade determinou um novo posicionamento frente aos fatos literários e ao próprio sistema literário sulino, uma vez que apontou para a

necessidade de se buscar uma literatura de identidade rio-grandense. Mas a questão é, como e por que esse êxito aconteceu? A partir de que ponto?

Para entender como se deu esse precedente, foi necessário buscar os motivos que sustentam essa tese, procedimento esse feito a partir da análise do entrosamento entre os textos publicados na *Arcádia* e a escrita da sua própria história, por isso a opção pela metalinguagem. Ou seja, pensar e analisar com que objetivo esses textos foram escritos; a quem se destinavam; por quem eram escritos; sempre buscando observar como literatura e imprensa se articulavam naquele contexto, de forma que durante a feitura desta tese, e espero, posteriormente a ela, seja possível verificar o discurso produzido nessas duas esferas; e, finalmente, abrir caminho para entender quais projeções esses textos deram à vida política, social e cultural da sociedade vigente, e se deram.

Que Antônio Joaquim Dias acreditava na associação de intelectuais que tinham a Literatura e as artes de forma geral, como resposta eficaz à ignorância, a partir do conhecimento gerado, ficou evidente. O que precisei investigar, bibliograficamente, foi que motivos levaram historiadores, pesquisadores e outros críticos a não darem à *Arcádia* o devido reconhecimento diante de tão vasta produção. Por óbvio, a resposta passa pelos interesses, por outros assuntos, de quem realiza pesquisas na área da literatura, pelo desconhecimento da existência de acervos como o da Biblioteca Rio-Grandense, pelas dificuldades para a realização de pesquisa dessa natureza, que envolvem custos elevados, principalmente para quem não é de Rio Grande, entre outros, são alguns dos fatores que servem de resposta. Não tenho resultados concisos, mas entendo que tê-los também já não faz mais diferença. O mais importante é que a partir dessa tese as respostas surjam de forma mais evidente, bem como haja outras perguntas para novas pesquisas.

Ainda sobre o compromisso e pioneirismo da *Arcádia* com a literatura, como apresentados nos textos analisados no capítulo anterior, houve por parte de A. J. Dias e seus colaboradores uma movimentação em torno da necessidade de criação de uma agremiação literária, mais uma marca de que havia em Rio Grande um grupo discutindo caminhos literários em uma província do interior do estado do Rio

Grande do Sul e que, nem de longe, figura até aqui, como berço do sistema literário sulino. A respeito disso Mauro Póvoas (2018) aponta:

> Na 3ª série, várias notas e textos, de A. J. Dias e Artur de Lara Ulrich, dão conta da movimentação em torno da necessidade de criação do Grêmio Literário Rio-Grandense; noticia-se, por exemplo, uma reunião no dia 9 de novembro de 1868 na casa de Carlos Eugênio Fontana. Depois, ainda na 3° série (p. 185-199), reproduzem-se discursos proferidos na instalação do Grêmio, finalmente ocorrida no dia 4 de abril de 1869, quase dois anos depois da primeira menção da necessidade de sua criação, respectivamente por: Sr. Dr. Frederico Bier, presidente da sociedade; Sr. Telêmaco Bouliech, 2° secretário; Sr. José Vicente Thibaut, 1° secretário; e A. J. Dias, sócio. Surpreendentemente, no entanto, pouco mais de quatro meses depois, em 29 de agosto de 1869 (p. 33), Dias comenta que a sociedade destinada ao cultivo e ao progresso das letras estava extinta, pelo menos tendo em vista os princípios que animavam a maior parte dos seus membros: "Quão penosa e curta lhe foi a existência!". Sem deixar claros os motivos da dissensão, o autor fala em traição e em ataque político para que fosse dilapidado o que até ali fora construído. (PÓVOAS, 2018, p. 32)

Como não há registros do que houve em um período de quase dois anos, que separam a primeira reunião da instalação da agremiação de fato, não é possível atestar os motivos do insucesso da empreitada. O que sabemos é que nesse período a *Sociedade Partenon Literário* já havia sido inaugurada e não seria da *Arcádia* os créditos do primeiro grêmio literário de sucesso no Rio Grande do Sul. O que não se pode negar-lhe é a intenção de ter na cidade um espaço para discussões literárias e culturais.

Em seu texto, Póvoas ainda arremata esse capítulo das intenções de Dias referenciando a preocupação do intelectual que não se restringia somente à cidade de Rio Grande:

> Esta preocupação de Dias com a reunião de pessoas interessadas na literatura, por meio de clubes culturais, seja pelo relato que acontecia no Partenon Literário (veja-se a nota de 31 de janeiro de 1870, 4ª série, n. 26, p. 201, em que é listada a diretoria recém-eleita do cenáculo porto alegrense), seja pelo penoso caminho vivenciado na discussão, criação e dissolução do Grêmio Literário Rio-Grandense, indicia a trajetória incipiente do meio cultural sulino, que necessitava da reunião dos escritores em grupos, de modo a não dissipar ainda mais os poucos escritores e leitores de um sistema literário que ainda estava em formação. As notícias divulgadas ao longo das séries do periódico apontam para a importância que o diretor dava ao caráter associativo dos interessados em literatura, como um meio fundamental de desenvolvê-la e divulgá-la. (PÓVOAS, 2018, p. 33)

Havia assim, além de interesse, empenho por parte do grupo liderado por Dias para que o que conhecemos, atualmente, como sistema literário se consolidasse a partir da *Arcádia*. No entanto, como bem apontado por Póvoas, o projeto era incipiente, porquanto ainda embrionário.

No entanto, o mesmo pesquisador afirma que vários colaboradores da *Arcádia* viriam se reunir no grêmio literário do Partenon e que antes disso o que se tinha era apenas o registro oral da literatura (PÓVOAS, 2017, p. 76). Na sequência, afirma que “antes do Partenon não existia um conjunto de produtores literários conscientes de seu papel”, nem um conjunto de receptores formado por "diferentes tipos de público”, faltando a constituição efetiva de um sistema literário, como o proposto por Candido (2014, p. 25-27).

Ora, se antes do surgimento do Partenon não existia um conjunto de intelectuais preocupados com o papel da Literatura, quem eram os colaboradores da *Arcádia* que se preocupavam com o papel da Literatura? E se não havia um conjunto de receptores, quem eram os leitores do periódico e como ele sobreviveu sem leitores por quatro anos consecutivos, produzindo e divulgando Literatura para um grupo de leitores que ainda não existia? Nestas considerações finais, permeada de perguntas retóricas, ouso, respeitosamente, discordar dessas afirmativas enunciadas pelo pesquisador e pela própria história da literatura sulina.

O jornal *Arcádia* não é coadjuvante, nem tampouco mero figurante, no projeto de formação de um sistema literário sulino. *Arcádia* surge como protagonista, gestora de um embrião que seria consolidado, posteriormente, na agremiação do Partenon, ao que, mais uma vez, reforço, “se consolida”, não “nasce”. Para que o sistema literário fosse consolidado, ele precisou ser embrionário e gerado antes, que é o que a *Arcádia* fez. O periódico é o pilar em que se apoiou a considerada mais importante agremiação literária do Rio Grande do Sul e todas as movimentações literárias que vieram depois, como argumenta o próprio estudioso no artigo “Apontamentos em torno da revista literária sul-rio-grandense *Arcádia* (1867 - 1870)”, (PÓVOAS, 2018, p. 42). Além disso, a tarefa exitosa da *Arcádia* não se deu por “sorte” e nem por esforço pessoal voluntário (PÓVOAS, 2017, p. 77), mas por muito trabalho, reuniões em torno do tema e comprometimento.

Ao contrário do que se pode pressupor, havia ali um grupo de pessoas pensando e difundindo literatura, ao ponto de formarem um grêmio literário, que não foi próspero, é verdade, por diversos motivos, mas que denota o esforço, baseado na rede de relações que se tinha, para reunir literatos e intelectuais preocupados com a propagação do conhecimento por meio da Literatura. E se, como o pesquisador aponta, o nascimento de um público leitor se deu na capital, Porto Alegre, e só a partir do surgimento do Partenon Literário "outros periódicos sobrevieram", como se explicam as publicações festejadas anteriormente na *Arcádia* e, outra vez, quem as lia?

Quem lia a *Arcádia*, como ela foi mantida e por que seguiu circulando por quatro duradouras séries, sem, segundo o texto de Póvoas, público-leitor e produção literária que só surgiram depois da *Sociedade Partenon Literário* e sua longeva *Revista Mensal*, como se antes da agremiação nada existisse? No entanto, antes mesmo da formação do *Partenon*, a *Arcádia* anunciava e celebrava outras produções e iniciativas literárias no estado, e mesmo as da cidade de Rio Grande, todos fatos que aconteceram depois do surgimento da revista rio-grandina, e é imprescindível pontuar esse dado.

Neste ponto concordo com o pesquisador: ele afirma que a crítica literária só dá grande atenção para a produção do Partenon (PÓVOAS, 2017a, p. 96). Mais uma prova disso está no próprio livro, em que o estudioso dedicou menos de cinco linhas à *Arcádia*. Na publicação, o autor referencia outros importantes periódicos literários, mas percebo uma lacuna entre *O Guaíba* (1856 - 1858) e a *Revista Mensal do Partenon Literário* (1869 - 1879) a quem dedicou um total de mais de 30 páginas, para traçar-lhe um perfil, incluindo aí o posterior *Corimbo* (1883 - 1943), ressaltando-lhes a devida importância.

No entanto, à *Arcádia*, considerada esteio de todas as demais publicações posteriores ao surgimento de *O Guaíba*, não foi creditada, sequer, um parágrafo inteiro. Se não negamos o pioneirismo desse último, porque a *Arcádia* não consta como ponte pioneira e sedimentar entre ele e as demais publicações, considerando, principalmente, sua longevidade e produção sistemáticas? Fato é que, a mesma lacuna se deu em 36 anos, entre os estudos de Baumgarten (1982) e a tese do pesquisador Mauro Póvoas (2018), sendo que, até a conclusão desta tese de

doutorado, reivindicado o lugar de direito da *Arcádia*, totalizam-se 40 anos de ausências.

É justo dizer que houve nesse período pesquisas e textos com a *Arcádia* como objeto de estudo. Apesar de não haver um estudo tão aprofundado como o proposto nesta tese, é bem verdade que outros pesquisadores pensaram na importância da *Arcádia*, e a incluíram em seus projetos, como demonstrei na fortuna crítica. Inclusive os apontamentos em torno dela, feitos por Mauro Póvoas (2018), que eu, tão satisfatoriamente, incluí aqui. Houve por parte do autor uma tentativa, por assim dizer, bem-sucedida, de uma espécie de reparação à *Arcádia*, que ficou de fora da sua tese e, então, no referido artigo à *Arcádia* é conferida sua merecida importância no cânone literário gaúcho.

Considerando então os argumentos sobre revisão de cânone, propostos pelo próprio Mauro Póvoas em sua tese (2017a) é que exponho a justa necessidade de incluir a *Arcádia* como berço na história da literatura em jornal no Rio Grande do Sul. Segundo o pesquisador:

> O que definirá a entrada de uma obra no panteão literário será sempre a sua originalidade ou, em outras palavras, a possibilidade de releitura(s). Bloom afirma que, pela sua própria natureza, o cânone jamais se fechará, estando sempre aberto às novas manifestações que com ele dialoguem ou, melhor, que com ele "briguem"; por outro lado, o cânone não pode ser aberto à força: as aquisições do cânone devem atender a padrões de medida estética, e nunca de parâmetro moral, social, político ou ideológico. Para ser admitida a entrada de um membro, ele deve convencer o leitor de uma vaga que foi aberta num espaço maior coberto pelos escritores mortos. Provada a excelência do requerente, os mortos podem então consentir em se afastar e ceder um lugar aos novos. (PÓVOAS, 2017a, p. 53)

Também é dito pelo pesquisador que, ainda no século XXI, há muito interesse na vasta produção temática do *Partenon*, o que é justíssimo, dada a sua importância histórica, com a publicação de livros e projetos de pesquisa (PÓVOAS, 2017a.). E "sendo assim, pode-se dizer que, **das revistas literárias do século XIX, a do *Partenon Literário* é a que está canonizada, representando todas as suas coetâneas**" (PÓVOAS, 2017a, p. 97, grifos meus).

Ora, para que haja uma canonização justa e coerente, não basta que a *Arcádia* esteja "representada" por uma publicação que é indiferente a sua existência, isso quando não a omite ou apaga, anulando-a, por mais relevante que seja. É

preciso que ela mesma figure no cânone e não por mero capricho, mas porque encontramos na revista rio-grandina, e em torno dela, elementos suficientes para isso. São tantos elementos e materiais a serem coletados e investigados que questionamos, veementemente, se à *Arcádia* tivesse sido dada a devida importância, não seria ela, também, fonte, objeto de pesquisa, de diversos trabalhos, projetos e publicações. Note-se aqui, que o que reivindico não é, de maneira alguma, a descaracterização de nenhum periódico, sucessor da *Arcádia*, como não canônico. A tese levantada é, tão somente, que à *Arcádia* seja dado o seu lugar de direito, ou seja, o reconhecimento canônico que lhe é próprio, bem como a sua merecida valorização nas histórias da literatura, principalmente do Rio Grande do Sul.

E, ainda sobre canonicidade e inclusão de novos nomes, Póvoas diz que:

> Buscar novos caminhos, traçar novos rumos, esses são os objetivos de quem trabalha com o marginal, com o esquecido, com o que não é citado. "Pensar (d)as margens" é questionar o consenso de que a história da história da literatura do século XIX já foi contada; é reinterpretar o passado à luz de novas categorias analíticas que possam responder às questões que são dirigidas, do presente, a esse passado; é repensar a própria noção de cultura brasileira em sua identidade múltipla e diversa; é reconstruir a literatura brasileira integrando a presença, a representação e a diferença de segmentos que em geral são excluídos das histórias da literatura em geral. (PÓVOAS, 2017a, p. 55)

Quando Baumgarten em 1982 aponta que seu artigo é um passo inicial para se estudar a *Arcádia*, talvez não fosse possível afirmar, naquela época, que o periódico era o pioneiro da literatura em jornal, sendo responsável pelo embrião do sistema literário gaúcho. No entanto, agora é. O que defendo nesta tese é justamente o olhar para esse sistema, considerando o contexto da época e um cânone que legitima e ajuda a sistematizar o papel histórico da literatura e do pluralismo, pois estou pensando o objeto de estudo desta tese a partir das margens e, também, refletindo sobre elas.

De acordo com Artur Emilio Alarcon Vaz,

> Esse sistema, nos moldes expostos por Antônio Candido (1981), estruturava-se através da existência de um conjunto semi-organizado de poetas e romancistas ditos como ‘produtores literários’, de receptores letrados existentes em torno dos jornais e o necessário ‘mecanismo transmissor’ que une esses dois grupos. (VAZ, 2006, p.194)

Ora, a *Arcádia* reunia em torno de si pelo menos dois grupos: um de escritores e outro de leitores. Havia os textos publicados que, de acordo com a metalinguagem analisada, expressavam o comprometimento com a produção e a estética literárias, sistematicamente, e houve a durabilidade e circulação dessas publicações por um período considerável que, no caso em questão, se estenderam por quatro anos.

Então, somando-se essas características, o que temos se não, o nascimento do sistema literário sulino? E se o temos na *Arcádia*, como negar a relevância do periódico e como não apontar o descaso e a tentativa de apagamento e exclusão da sua importância na História da Literatura do Rio Grande do Sul? Nesse sentido cito Mauro Póvoas em que diz, citando Paul Ricoeur:

> Para Ricoeur, o depósito de documentos - entre os quais estão os periódicos –, ação de aparente inocência ideológica, mascara uma operação que pode estar eivada de discriminação: por que esse e não aquele documento foi preservado? Nesse sentido, o documento se assemelha ao monumento, duas formas de resgate do passado que em geral são vistas de forma discordante. (PÓVOAS, 2017a, p. 57)

Assim sendo, não encontro outra resposta que não uma que passe pela intencionalidade de marginalização desse periódico, seja por sua incipiência, seja por pertencer, enquanto origem, a uma pequena cidade, histórica e culturalmente, escanteada da produção de conhecimento. Segundo Juliane Mello, em sua tese, a escolha do que é ou não é literatura, nesse caso, do que é ou o que não é canônico, é uma escolha de caráter ideológico: “Os critérios que determinam o que é literatura estão vinculados a aspectos ideológicos. O que hoje é considerado como tal pode ser desconsiderado no decorrer do tempo, ou como afirma Terry Eagleton” (MELLO, 2017, p. 13).

Não existe neutralidade em nenhum tipo de escolha, já sabemos disso. E é por esse motivo que novas escolhas devem ser feitas, a partir de questionamentos embasados em outras ideologias, seja para revisão de um cânone, com a finalidade de ampliá-lo, seja para desacomodar o *status quo*, porque é o que faz com que avanços aconteçam. Considerando essas questões, entendo que, se o estudo do sistema literário é imprescindível para que se possa compreender a formação de uma determinada literatura, então não há como seguir estudando a formação

literária do Rio Grande do Sul sem considerar a *Arcádia*. No entanto, para analisar esse sistema, é necessário saber a respeito da vida literária da sociedade que o compôs. O caráter literário das memórias e dos jornais e seu caráter extraliterário constituem ricas fontes de consulta capazes de fornecer informações a respeito dos hábitos culturais da sociedade, como bem sabemos.

Sendo assim, onde estiveram os estudos sobre a *Arcádia* durante todos esses anos de projetos e pesquisas em periódicos? Por que ela não teve lugar, em seu pioneirismo, nas dissertações, teses e livros sobre a formação do sistema literário gaúcho? Por que esta é a primeira tese que busca afirmar a sedimentação dos rumos da literatura no Rio Grande do Sul a partir da *Arcádia*? A mim, não parece nenhum absurdo levantar esses questionamentos desde o início da presente tese e nem, muito menos, fazer reivindicações em favor do periódico. Até mesmo porque “É bom dizer que é do interesse do sistema literário fazer florescer um mercado forte, ao invés de um pequeno, que restringe as possibilidades de a literatura desenvolver-se como atividade sociocultural" (PÓVOAS, 2017a, p.67). A *Arcádia* figura nessa tese apta a “fazer florescer um mercado forte”, como é de interesse do sistema literário.

Por esse motivo, é preciso dizer também, que de forma alguma, negamos o papel vital d’*O Guaíba* no processo de formação do sistema literário gaúcho. Principalmente pelo fato de ele ter criado um modelo de imprensa literária inspirador para outros periódicos, inclusive, e principalmente, para a *Arcádia*, de forma que contribuiu para o desenvolvimento da vida literária na província. O que questionamos é o porquê da ausência da *Arcádia* após o primeiro periódico, sendo ela o jornal que deu à luz a uma imprensa exclusivamente literária. A intenção, então, é estender o cânone a fim de estender também o patrimônio cultural e enriquecer sua memória coletiva e não diminuí-lo ou derrocá-lo (PÓVOAS, 2017a, p. 57).

Ao recuperar textos originais e analisá-los criticamente, como se deu com os textos metaliterários oriundos da *Arcádia*, há a possibilidade de se reatar o fio rompido entre história e literatura, uma vez que é possível que a compreensão dos primeiros leitores tenha continuidade e seja enriquecida pelo próprio significado histórico dado pelos novos leitores, o que tornará a qualidade estética do periódico

visível e passível de novos estudos, novas perspectivas e novas abordagens. A obra não tem sempre o mesmo aspecto para diferentes leitores, é o público quem atualiza os textos literários num mesmo horizonte de expectativa em que corroboram ainda críticos e autores. Sendo assim, a *Arcádia* não é um objeto que exista por si só. É preciso um olhar não preconceituoso sobre esse tipo de texto, capaz de fazer com que uma geração entenda o contexto da geração anterior, para localizá-lo no processo de formação literária no Rio Grande do Sul. Há que se deixar de lado o objetivismo histórico a partir de uma visão menos simplista e encerrada, como não permite que o seja a própria constituição canônica, como já fora dito anteriormente.

Analisar a revista *Arcádia* permite inseri-la no campo literário, tal como jornal literário que é, a fim de que se conheça sua posição e significado histórico no contexto da experiência da literatura como sistema. Da mesma forma que, à medida que a ressignificamos, ela provoca a eleição do cânone convencional, uma vez que não se propõe a tarefa impraticável de se descrever e articular todos os textos mediante uma seleção problemática segundo esse cânone. Essa maneira de entender a obra literária expõe a literatura como repercussão no comportamento social do leitor e não como representação de uma realidade predeterminada e encerrada em si mesma.

A importância desse periódico não resolve o problema relacional entre história e literatura porque impede que se veja apenas um valor histórico e documental na primeira e somente valor estético na segunda. A proposta é muito mais deter concentração na textualidade de ambas do que marcar e estabelecer uma fronteira nítida entre os textos canônicos e “sagrados” e os “não literários”. Segundo Siegfried J. Schmidt, a história da literatura precisa ser também a história da mídia. Há que se levar em consideração os meios de comunicação disponíveis em uma determinada sociedade. Então como tratar de literatura do século XIX sem levar em consideração a imprensa? E, ainda, como tratar de literatura em jornal sem considerar a *Arcádia* como pioneira? Não em termos de aparição, obviamente, pelo que já foi demonstrado aqui, mas em dedicação, enaltecimento, produção, difusão, longevidade e comprometimento com a Literatura.

Se concordamos que não há História da Literatura do Rio Grande do Sul sem *Sociedade Partenon Literário,* e sua *Revista Mensa*l, tão pouco concebo a mesma

entidade sem a *Arcádia*, e sabe-se lá de quantos outros textos literários escritos em periódicos ainda desconhecidos do público em geral, a exemplo dos jornais escritos por negros e dirigidos para negros entre o final do século XIX e início do XX. E não é sobre relações hierárquicas, mas sobre relações cronológicas dentro de um sistema que não deu posteriormente ao periódico rio-grandino a atenção e o lugar merecidos. Considerando esses aspectos, a *Arcádia* foi, além de pioneira, por sua produção e durabilidade, a responsável por estabelecer as bases para que as futuras gerações literárias jornalísticas pudessem estar ancoradas, incluindo, até mesmo, o *Partenon*.

É impossível reconhecer o passado com os olhos do passado, no entanto vê-lo em função do presente é uma característica da modernidade, uma postura adotada pela historiografia do século XX. Teóricos como Walter Benjamin, por exemplo, propõem o reconhecimento da historicidade do discurso histórico o que na prática invalida as pretensões de uma objetividade atemporal. Não há progresso em arte, substitui-se a história eventual para uma serial que descarta a obsessão pelos fatos gerais e pela progressividade. A principal intenção dessa tese é a de colaborar com o estatuto de uma história da literatura mais contemplativa e que seja sedimentada não na valoração de grandes nomes.

Assim como não o deve ser na construção de uma história sem presente e sem leitores, mas sim na fundamentação social e no sentido ideológico dos textos literários dentro do sistema que lhe contempla, no contexto em que está. Se para Ricoeur, e aqui o faço referenciando Póvoas (2017a, p. 58), a diferença entre monumento e documento está que no primeiro existe uma intenção de preservar grandes nomes na memória coletiva, por meio da imposição, e que para o segundo não foi dada a mesma importância, o mesmo parece acontecer com um documento em relação a outro, retomando aqui a ideia citada, anteriormente, sobre a vaidade discriminatória que permeia a escolha do que deve ou não ser preservado, como penso ter acontecido com a *Arcádia*.

E este é um dos objetivos primários deste trabalho: localizar a *Arcádia* no contexto de sua produção e de sua relevância, considerando o que entendemos como sistema literário hoje e o que era possível se ter na época, colaborando assim, com a uma história literária que abranja mais, e melhor, produções que ficaram à

margem do que é tido como centro. Espera-se pelo desenvolvimento dessa jornada, pois este estudo permite testar o quanto a revista promoveu o progresso cultural e social do extremo sul do Rio Grande do Sul, por meio da literatura, como era o anseio de Antônio Joaquim Dias e, pela primeira vez, protagonizado por um grupo de discussão e de produção literárias.

Não há como pensar em recuperar um texto-fonte sem dedicar ao menos um parágrafo a duas estratégias para se repensar a escrita da história literária: hibridismo e alteridade (VIEIRA, 2003. p. 95-114). De certa forma, essas estratégias possibilitam a inclusão de obras ou discursos que criam certo desconforto cultural, ou muitas vezes não são considerados dignos de constarem numa lista de obras clássicas ou de documentos históricos por não se encaixarem em um patrimônio estabelecido ou um ideal cultural preconcebido, tal como não se vê com a *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, uma vez que essa alcançou lugar de destaque dentro da história da literatura sulina. Em outras palavras, esses dois conceitos ameaçam a estabilidade do cânone, pois se baseiam na inclusão, afinal não-canônico não quer dizer aquilo que não emerge ou não aparece, mas algo que foi relegado ou excluído. Motivo pelo qual a *Arcádia* não está colocada no seu devido lugar de reconhecimento. Ou não estava, a partir de agora.

A volta às fontes é a busca por um ângulo menos viciado de investigação, ou seja, os pontos de vistas tidos como unilaterais e monoculturais, fugindo das ideias prontas e dos fatos consumados; em geral dados pelas histórias da literatura existentes que ignoram a produção da imprensa literária. Também implica um posicionamento positivo frente ao *marginal* e um enfrentamento ao que é *canônico*, já que recupera momentos do passado literário cultural ocultados ou reprimidos por diversas razões. Tanto Regina Zilberman (2003) como Maria Zilda Cury (2000) propõem uma rebeldia inicial, de se voltar àquilo que está armazenado e arquivado, à espera de uma nova possibilidade de entrar em contato com o público:

> Numa esfera mais ampla, esse resgate pode fazer com que os periódicos encontrem espaço nas páginas das histórias da literatura, que valorizam mais o que sai publicado em forma de livro, em detrimento daquilo que se estampa em um suporte movediço como o jornal ou a revista do século XIX, frágeis seu tamanho, na reduzida circulação que alcançavam e na qualidade inferior de seu papel. (PÓVOAS, 2017a, p. 60)

Essa tese versa, exatamente, sobre a possibilidade desse resgate, proposto por Póvoas, tendo em vista o espaço merecido da *Arcádia* nas páginas das histórias da literatura, como um ato de rebeldia inicial, conforme Zilberman. O pesquisador que traz à luz um texto submerso nas estantes de uma biblioteca torna exequível a possibilidade de que novos olhares sejam lançados à produção recém-descortinada. Desse modo, será passível de receber aportes críticos e analíticos antes inexistentes, sendo estabelecidas relações entre o novo, o redescoberto, e obras assaz conhecidas e divulgadas.

Pode-se deduzir que o estudo da função histórico-literária só adquire pleno significado quando aliado ao da sua estrutura, de forma que a investigação histórica e as orientações estéticas estejam interligadas, como se objetivou fazer nesse trabalho e desejo que outros o sigam. Dos demais objetivos inicialmente propostos, entre localizar os textos, atualizá-los, anexá-los para a disposição do público, analisar um tipo específico de produção muito presente no jornal e possibilitar à *Arcádia* a inclusão de seu lugar de direito dentro da História da Literatura do Rio Grande do Sul, posso dizer que colocar o material à disposição de pesquisadores e do público em geral, o que está em fase final de elaboração, configura uma grande – talvez a maior – contribuição e o maior desafio desse trabalho, uma vez que almejo alcançar não só a academia, como também qualquer membro da sociedade que se disponha a conhecer melhor as origens do nosso passado literário.

Na introdução dessa tese, propus uma longa jornada que se daria pelo conhecimento sistemático da produção literária do Rio Grande do Sul, possibilitando analisar como os ideais, valores e práticas sociais, foram sendo estabelecidos em nossa sociedade. A partir daqui não podemos mais dizer que se trata de um passo inicial, como dito por Baumgarten (1982). Até então, o conteúdo que faz parte da *Arcádia* não fora disponibilizado ao público. A partir daqui poderá o ser. A preservação e o acesso fácil a essa obra que tanto contribuiu para a criação da literatura gaúcha estão em vias de ser garantidos.

No entanto, ainda há muito a ser feito. Prezamos a importância dos textos publicados na *Arcádia* pela possibilidade, agora real, de dar visibilidade a produções de autores desconhecidos do cânone, porque tão, ou mais, importante que seus nomes estão o que pensavam e como expressavam esse pensamento. Possibilita-se

também a reconstituição do fazer literário do século XIX no sul do Rio Grande do Sul.

Parafraseando Artur Emilio Alarcon Vaz (2006, p. 200), reafirmo que a conclusão de uma tese nada mais é do que o início de outras pesquisas abertas durante a escrita. Ampliar a coleta em outros jornais rio-grandinos, e mesmo na *Arcádia* – muitos dos quais só podem ser lidos pessoalmente na Biblioteca Rio-Grandense –, coletar e organizar mais dados biográficos sobre autorias, ampliar as análises aqui realizadas e abrir novos questionamentos são alguns caminhos abertos pelo recorte feito através desta tese e que, com certeza, irão ampliar o conhecimento do sistema literário local e, portanto, brasileiro.

Com publicação em meio eletrônico, através da digitalização do material original encontrado e da organização dos índices, de assuntos e de colaboradores, espera-se que em breve surjam outras pesquisas sobre esse periódico que, ao encerrar esse trabalho, espero ter despertado o interesse científico de outros pesquisadores envolvidos com periodismo literário. Ainda há muito a ser feito, considerando os modos constitutivos do material encontrado. E, ainda, com a confecção antológica dos textos de forma *online*, a fim de dar os passos seguintes rumo ao “estabelecimento do grau de participação da imprensa no desenvolvimento da literatura rio-grandense” (BAUMGARTEN, 1982, p. 88), nosso desejo é que esse caminho apontado por Baumgarten, trilhado por outros e retomado por mim seja ainda mais explorado. Exploração essa que, espero ter ficado óbvio, não tive a pretensão de dar por encerrada aqui, muito menos apenas por mim. Aguardo os próximos passos que virão.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Bianca Ramires. **A moderna moral feminina em "Desafogo" de Rocha Galo**. Artigo apresentado na VIII Semana de Letras da UFRGS. Porto Alegre, maio de 2002.

ACOSTA, Bianca Ramires. **A figura feminina na poesia do jornal *Eco do Sul***. XXI Semana de Letras da UFSM. Caderno de Resumos. Santa Maria: UFSM, 2002.

ACOSTA, Bianca Ramires. VAZ, Artur Emilio Alarcon. **O resgate da produção poética no jornal *Eco do Sul***. 10º Congresso de Iniciação Científica. Resumos. Rio Grande: FURG, 2002.

ACOSTA, Bianca Ramires. **O *Maruí*: presença literária na imprensa do século XIX (1880-1882)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

ALVES, Francisco das Neves. **Uma introdução à História da imprensa rio-grandina:** o estudo de alguns "fragmentos" do século XIX. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995a.

ALVES, Francisco das Neves. **A cidade do Rio Grande**: estudos históricos. Rio Grande: Universidade do Rio Grande. Secretaria Municipal da Educação e Cultura, 1995b.

ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa e História**. Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

ALVES, Francisco das Neves. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa Gaúcha: história, historiografia e política.** Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2000.

ALVES, Francisco das Neves. **A imprensa na cidade do Rio Grande**: um catálogo histórico. 1ª ed. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

ARCÁDIA. JORNAL ILUSTRADO, LITERÁRIO, HISTÓRICO E BIOGRÁFICO. Rio Grande. 4 séries. 1867-1870. Semanal.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

ÁVILA, Leila Cruz. **Imprensa e literatura no Rio Grande**: o periódico *Inúbia* (1868)**.** Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2004.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura**: a imprensa brasileira no

século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARRENTO, João. **História literária** - problemas e perspectivas. 2ª ed. Lisboa: Apaginastantas, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: A teoria do romance. São Paulo: UNESP, 1993.

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. TORRES, Fiorina Matilde Macedo. Província de São Pedro: índice de assuntos e colaboradores. **Caderno de pesquisas literárias** PUCRS. V.2. n. 1. Porto Alegre: maio de 1996.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A Crítica Literária no Rio Grande do Sul - Do Romantismo ao Modernismo**. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura Sul-Rio-Grandense**: ensaios. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

BENJAMIN, Walter. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Obras Escolhidas**: Magia e Técnica, Arte e Política*. S*ão Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter*.* Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas**: Magia e Técnica, Arte e Política*.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1883.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1993.

BRASIL, Luiz Antônio de Assis; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN Regina. **Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

BRANCO, Fernanda de Avila. **A presença e o papel da literatura no jornal caricato *O Diabrete* (1875-1881)** Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2005**.**

BUENO, Eduardo. **Brasil**: uma história. 2ª edição. São Paulo. Ática. 2003.

BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

CAMPOS, Edson Nascimento. CURY, Maria Zilda. Fontes Primárias em Discussão. In: **Vertentes**, n. 15. São João del-Rei, Minas Gerais: FUNREI (Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei, jan/jun. 2000.

CANDIDO, Antônio. et. al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CESAR, Guilhermino. et.al. **Rio Grande do Sul:** terra e povo. Porto Alegre: Globo, 1964.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1971.

COSTA FILHO, Francisco das Chagas Frazão. As charges na imprensa maranhense do século XIX. In: **ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO,** [S.d.] Faculdade São Luís.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. **Enciclopédia de literatura brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: ABL, 2001.

DIMAS, Antônio. **Tempos eufóricos** (Análise da revista **Kosmos**: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983.

DOYLE, Plinio. **História de revistas e jornais literários**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976.

EIKHENBAUM, B. et. al. **Teoria da literatura:** formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1973.

ESTIMA, Andréa; FLORES, Rosana. O perfil de leitura dos folhetins em periódicos rio-grandinos. **4º Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários**, 4, 2010, Feira de Santana. Anais. Feira de Santana: Uefs, 2013. Disponível em: http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p74-84.pdf Acesso em: 9 ago. 2019.

ESTIMA, Vinicius Marques. D. **A História da Literatura do Rio Grande do Sul, de Guilhermino Cesar: o inventário do período de formação da literatura sul-rio-grandense**. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em http://repositorio.furg.br/handle/1/2735. Acesso em: 27 dez. 2021.

FERREIRA, Athos Damasceno. Sociedades literárias em Porto Alegre no século XIX. In: **Fundamentos da cultura rio-grandense**. Porto Alegre, UFRGS, 1954.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária no século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FISCHER, Luís Augusto. **Um passado pela frente:** poesia gaúcha ontem e hoje. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães **Tratado da terra do Brasil**. História da Província de Santa Cruz. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

GARCIA, Sheila Fernandez. ***O homem maldito*, de Carlos Eugênio Fontana: o início do romance sul-rio-grandense**. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. Disponível em: http://repositorio.furg.br/handle/1/6506 Acesso em: 8 ago. 2021.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Veja, s.d.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)**. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/000604511.pdf Acesso em: 24 ago. 2021.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **A última guerra entre a Província e a Corte é pelo poder de nomear**. 2007. Disponível em: http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Carla%20Renata%20A%20de%20S%20Gomes.pdf Acesso em: 8 ago. 2021.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. José de Alencar e os rio-grandenses: Imaginário e representações no romance *O Gaúcho*. In: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio (org.). **Nas Tramas da Ficção – História, Literatura e Leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GONÇALVES, Mariana Couto. **"Ao povo rio-grandense entrego as minhas provincianas": a literatura no século XIX e a obra de Bernardo Taveira Junior**. 2013. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/viewFile/36486/23900 Acesso em: 03 nov. 2021.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1998.

HESSEL, Lothar F. et. al. **O Partenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: Flama, IEL, 1976.

HUNT, Lynn. História, Cultura e texto. In: HUNT, L. (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, Livro História Cultural, 1995.

INGARDEN, Roman. **A obra da arte literária**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio de Hayden White e Dominick LaCapara. In: HUNT, Lynn. (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1989.

LIMA, Luiz Costa. (org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LIMA, Hilton Roberto da Costa. Fragmentos sobre a imprensa rio-grandense no século XIX: **O Guaíba**, a **Arcádia**, e o **Partenon Literário**. In: ALVES, Francisco das Neves. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (orgs.). **História e Literatura no Rio Grande do Sul.** Rio Grande: FURG, 2001.

MACHADO, Antônio Carlos. **Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)**. Rio de Janeiro: Minerva, 1952.

MACHADO, Anna Rachel. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, IEL, 1978.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. **Francisco Xavier Ferreira**: primórdios da imprensa rio-grandina. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2014. Disponível em: http://repositorio.furg.br/handle/1/6138 Acesso em: 15 out. 2021.

MEIRA, Chéli Nunes. Os irmãos Porto-Alegre e a história da educação. In: SANTOS, Amanda Basílio. et al. **Fontes, Métodos e Abordagens nas Ciências Humanas: paradigmas e perspectivas contemporâneas**. Pelotas: BasiBooks, 2019. E-Book Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/patafisica/files/2019/07/EIPCH-2018-Fontes-Me%CC%81todos-e-Abordagens-nas-Cie%CC%82ncias-Humanas-livro-eletro%CC%82nico-paradigmas-e-perspectivas-contempora%CC%82neas.pdf Acesso em: 29 dez. 2021.

MELLO, Juliane Cardozo. **Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas**

obras românticas esquecidas. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013. Disponível em: http://repositorio.furg.br/handle/1/4862 Acesso em: 25 dez. 2021.

MELLO, Juliane Cardozo. A memória literária e os folhetins publicados em Rio Grande. **Palimpsesto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Nº 27, Ano 17, 2018.

MELLO, Juliane Cardozo. **"Ser ou não ser literatura? Eis a questão", a leitura de folhetins em Rio Grande no século XIX**. Tese (Doutorado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2017. Disponível em: https://argo.furg.br/?BDTD11681 Acesso em: 25 dez. 2021.

MELLO, Juliane Cardozo de. Os folhetins em Rio Grande: desdobramentos metodológicos. In: **Anais do 7º SENALLP**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2019. Disponível em:https://senallp.furg.br/images/ANAIS-2019-site.pdf Acesso em: 22 jan. 2022.

MENESES, Raimundo de. **Dicionário de literatura brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1978.

MEYER, Marlise. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud, PAES, José Paulo (Org.). **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MOREIRA, Alice T. Campos et al. **A Sociedade Partenon Literário e a formação da literatura no Rio Grande do Sul**. Disponível em: http://editora.pucrs.br/acessolivre/livros/partenon-literario/a-sociedade-partenon-literario.html Acesso em: 27 jul. 2021.

MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, Instituto Cultural Português, 1982.

MOREIRA, Maria Eunice. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: IEL, 1989.

MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo literário e crítica romântica**. Porto Alegre: IEL, 1991.

MOREIRA, Maria Eunice (org.) **Uma voz ao Sul.** Os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio**.** Florianópolis: Mulheres, 2003.

MOREIRA, Maria Eunice. Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 41, nº 4, p. 27-40, dezembro de 2006.

MOREIRA, Simone Xavier. **A Formação da *Princesa do Sul*: primórdios culturais e literário**. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013. Disponível em: http://repositorio.furg.br/handle/1/8011 Acesso em:

28 set. 2021.

MOURA, Reinaldo Araújo de. **O alvorecer do naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul: Paulo Marques e *Vênus ou o dinheiro* (1881)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2009. Disponível em: http://repositorio.furg.br/handle/1/2780 Acesso em: 29 dez. 2021.

PEREIRA, Amir Feijó. **Bernardo Taveira Júnior**. Disponível em: http://www.arl.org.br/content/index.php?link=academicos&sub=Quadro%20Acad%C3%AAmico&page=bernardo-taveira-junior Acesso em: 28 set. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PÓVOAS, Mauro Nicola. A revista do Partenon Literário e o teatro de Apolinário Porto Alegre. **Artexto**, Rio Grande, v. 8, 1997, p 101-113.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Literatura e Imprensa em Porto Alegre no século XIX**: A revista Murmúrios do Guaíba (1870). Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Murmúrios do Guaíba: índices e antologia. **Cadernos do Centro de Pesquisa Literárias da PUCRS**. v.7. n.1. Porto Alegre, maio de 2001.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura:** periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Vol. I e II. Tese de Doutorado. Curso de Pós Graduação em Letras. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Precedência malograda: *A Rosa Brasileira*, o primeiro jornal literário do Rio Grande do Sul? **Navegações**, v. 8, n. 1, p. 75-81, jan.-jun. 2015. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/22063 Acesso em: 04 fev. 2022.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura:** periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Porto Alegre: Buqui, 2017a.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Apontamentos em torno da revista literária sul-rio-grandense *Arcádia* (1867-1870)**. 2017b. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491259646.pdf Acesso em: 25 dez. 2021.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Apontamentos em torno da revista literária sul-rio-grandense *Arcádia*. In: PÓVOAS, Mauro Nicola. ALVES. Francisco das Neves. **Periodismo e literatura no Rio Grande do Sul do século XIX**. Lisboa, Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2018.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**.

Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE PARTENON LITERÁRIO. Porto Alegre, 4 séries, mar. 1869 - set. 1879. Mensal.

RICOEUR, Paul. **Time and Narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1984-1988.

ROSENFELD, Anatol. *A estrutura da obra literária*. In: ROSENFELD, Anatol. **Estrutura e problemas da obra literária**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SCHIMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). **Histórias de literatura: as novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996.

SCHNEIDER, Luiz Edgar. Imprensa Sul-Rio-Grandense nos séculos XIX e XX. In: SCHNEIDER, Luiz Edgar. Et al. **Fundamentos da Cultura Rio-Grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962.

SCHÜLER, Donald. **A poesia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, IEL, 1987.

SILVA, João Pinto da. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1924.

SILVA, Jandira M. M. da, CLEMENTE, Elvo, BARBOSA, Eni. **Breve história da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Corag, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: ArsPoética, 1994.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX** – Textos e contextos. 2017. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/strelow-aline-imprensa-literaria-no-rio-grande-do-sul.pdf Acesso em: 22 jan. 2022.

TORRES, Luiz Henrique. **A narrativa histórica no periódico *Arcádia***. Disponível em: http://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/63.pdf Acesso em: 03 nov. 2021.

TORRES, Luiz Henrique; ALVES, Francisco das Neves. **Uma folha literária rio-grandina sob uma perspectiva histórico-historiográfica.** 1998. Disponível em: www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19488 Acesso em: 03 nov. 2021.

TORRES, Luiz Henrique. **A Guerra do Paraguai no *Arcádia***. 2014. Disponível em: http://repositorio.furg.br/handle/1/6904. Acesso em: 03 nov. 2021.

TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. **Teoria da literatura.** Formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1973.

VAZ, Artur Emílio Alarcon. **Resgate da produção literária do jornal *Eco do Sul* (Rio Grande).** Projeto desenvolvido no Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande. 2002.

VAZ, Artur Emílio Alarcon. Os primórdios da cultura impressa no extremo sul-brasileiro. In: BARBOSA, Socorro de Fatima Pacífico. **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

VAZ, Artur Emílio Alarcon. **A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832-1922)**. Tese (Doutorado em Letras). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2006. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/ALDR-6WEPK7 Acesso em 10 de mar. 2022.

VELLOZO, Sérgio Luiz da Rocha. **Teoria geral da comunicação coletiva**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1969.

VERISSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, s.d.

VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Histórias da literatura**: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 95-114.

VILLAS-BÔAS, Pedro. **Notas de bibliografia sul-rio-grandense**: autores. Porto Alegre: A Nação, IEL, 1974.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.

ZILBERMAN, Regina. Et alii. **O Partenon Literário**: poesia e prosa - Antologia. Porto Alegre: Inst. Cultural Português, 1980.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Mulheres sul-rio-grandenses**: a voz por trás do gauchesco. 1991. Disponível em:

https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17100/15646 Acesso em: 06 mar. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992a.

ZILBERMAN, Regina. **Roteiro de uma literatura singular**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992b.

ZILBERMAN, Regina. Periódicos literários e fontes primárias. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM PERIÓDICOS LITERÁRIOS BRASILEIROS**. 1º, 2002, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2003. CD-ROM.

ANEXOS

Os textos aqui presentes foram atualizados, sempre que possível. Aparecem na ordem em que foram trabalhados, respeitando a data de publicação e de aparição na *Arcádia*, separados em Poesia e Crítica.

Poesia

Soneto “Ao amor” - Jabuty
01.1.1.24

Soneto “Ao amor”

Tirano amor, cuja opinião temática,
Nos mostra bem a livraria histórica;
Obscura ciência, em língua metafórica,
Como a Efígie de Tebas, enigmática.

Ditoso aquele que fica na gramática,
E não chega à tua lógica e retórica;
Pois que, o que sabe mais da tua teórica,
Menos o mostra em sua experiência prática!

Porque igualas amor em tua matrícula,
Os tolos, os selvagens e os sábios,
O mar, o fogo, o gelo e a canícula?

Eu vou ser surdo a teus encantos mágicos,
Porque só vejo na tua ação ridícula
Princípios ilusórios, p’ra fins trágicos!

Rio Grande, maio de 67
Jabuty

Poeta - Bernardo Taveira Júnior
01.1.1.38

Poeta

I

Não sucumbas, ó gênio, à dor constante,
Que o destino outorgou-te cá na terra!
O vulgo é sempre vão – não compreende
O segredo que o poeta n'alma encerra.

Ao mundo que te escuta indiferente,
Não curves tua fronte laureada;
Lastima-o nas grandezas e vaidades,
Paga-lhe a afronta – sobranceiro ao nada!

Ornou-te Deus de uma alma nobre e grande
Para o fel esgotares da amargura,
Doou-te um coração de amor intenso –
Um amor sem igual na desventura.

Feliz da inspiração brindou-te o raio,
Qu'em torrentes de luz teu estro acente,
Deu-te a lira em que vibras os teus cantos,
Os cantos que somente o céu estende.

P'ra seguires no mundo o teu destino
Deu-te a fé, deu-te a esp'rança e caridade;
Enviou-te o Senhor à terra, e disse;
Poeta, a ti pertence a humanidade.

Tens no amor uma cruz neste desterro,
Porque do céu te baixa a luz divina,
Que te guia, conforta, exulta, inspira
No crisol de missão tão peregrina.

Não sucumbas, ó gênio, à dor constante,
Que o destino outorgou-te cá na terra!
O vulgo é sempre vão – não compreende
O segredo, que o Poeta n'alma encerra!

II

Poetas! ... Não são esses que poluem
A lira, erguendo o crime e a mentira,
Não são esses que vendem os seus cantos
Que o amor à verdade os não inspira.

Poetas! Não são esses que calculam
A palavra, a ideia, o pensamento;
Os que buscam na terra um dom sublime,
Que só baixa dos céus como um sustento.

Poeta é só aquele que'espontâneo
Traduz o que lhe dita o coração,
Soltando em cada nota as harmonias,
Que o céu lh'inspira em divinal unção.

É o que da virtude exalta o brilho;
É o que sabe sofrer co'a fé em Deus;
É o que o sabe instilar consolo às dores;
É o que sabe da terra erguer-se aos céus.

Avante, avante sempre, ó gênio altivo!

Tua lira pertence à imensidade,
Cada canto que soltas é um triunfo,
Que mostra de tua alma a eternidade.

Essa c'roa que a fronte te assoberba
É a glória imortal que te circunda!
És livre, pelo gênio, - és rei, és tudo,
Pois vem de Deus a graça, que te inunda.

És tu quem do tempo infatigável
Vingas mil gerações aniquiladas!
Quem ressurges do pó das sepulturas
Mil glórias, que sem ti seriam – nadas!

Para cantar de Deus a majestade
Foste tu, ó poeta, o escolhido;
És cá na terra o seu fiel intérprete;
És no céu entre os anjos bem querido.

Como o grande Moisés, ferindo a rocha,
Farás brotas assim do pensamento
Fecundas criações não destinadas
Ao sopro do letal esquecimento.

III

Ao mundo que te escuta indiferente,
Não curves tua fronte laureada!
Lastima-o, nas grandezas e vaidades,
Paga-lhe a afronta – sobranceiro ao nada.

Pelotas
Bernardo Taveira Júnior

O poeta – Juvêncio Augusto de Menezes Paredes
01.1.1.75.

“O poeta”
(A A. V. de Bittencourt)

I

Rasguemos este véu de denso e negro crepe,
Que envolve nossa vista com louca e falsa fé,
E aos homens que atravessam, sorrindo, neste mundo,
Impávidos digamos o que este mundo é!

A glória é um sonho vão! – A vida, - uma quimera!
As ilusões, - perfume de embriagantes flores,
Que criam-se nas salas festivas, luminosas,
E colhem-se na quadra mentida dos amores!

Mentiras – são os elos da honra, vil cadeia
Que algema neste mundo ao desditoso e pobre,
Enquanto pelas ruas o rico, o potentado,
Ostenta os crimes seus, mostrando uma alma nobre!

O mundo é negro caos, embora o vão sofista
Fenômeno o proclame de luzes e progresso:
Nele a honra e grandeza, são coisas de negócio,
Que se vendem àquele que dá mais alto preço.

II

Apenas uma essência, qual cisne, sai incólume
Destes pauis infames, - a alma do poeta!
Daquele que por sina no berço teve os cantos,
Na vida, - a desventura chegada a extrema meta!

Olhai-o: Melancólico, - no lívido semblante
Podeis ler-lhe as torturas, que sofre o corpo, o pó!
Mas nessa altiva fronte vereis lúridas chamas,
As chamas que iluminam a fronte ao gênio só!

Olhai... vede... É apóstolo de crenças sacrossantas,
E o mundo ouve-lhe as vozes com riso mofador!
A turba astuta e louca, que encontra-o no caminho,
Despreza a dor e os cantos do triste trovador!

Olhai... Não o vereis de horrendo fel enchendo
As taças da lisonja, com cantos consagrados
Ao torpe crime envolto no manto das grandezas;
Que o gênio não se curva da terra aos potentados!

III

E passa nesta vida qual nuvem vaporosa
D'incenso que se queima na ara ao Criador!
Por sina teve os cantos – no berço d'inocente,
Na vida, - a desventura, repleta de amargor! ...

IV

Um dia... em doce sonho divisa o triste poeta
Angélico composto num todo de mulher...
A encantadora forma que alinha-lhe os contornos,
Supõe achar os traços da mão do Eterno-Ser!

E ama essa visão, que os sonhos seus perfuma
Da mais sublime crença, do mais subido amor;
Porque julga encontrar no todo que imagina
A obra mais perfeita das mãos do Criador!

Com ela não tem segredos... Supõe que fora um crime
A mínima ação sua infido lhe ocultar;

E, por isso, a seus pés – caído ela confessa
Os infortúnios seus, sorrindo e sem corar:

“Achei-me só! ... Era pobre,
Mas tinha uma alma indobre...
Era esse o meu brasão!
Pobre e sem nome! ... Sofria
A dor, que nos angustia,
A dor da desolação!

Mas... pobre fui sempre honrado...
Jamais foi por mim alçado
À lisonja um monumento!
Nunca... sequer um momento
Curvei-me humilde à grandeza!
Jamais na minha pobreza
Eu descri da mão de Deus!
Jamais blasfemei ousado
Contra a impiedade dos céus!
Mas foi porque – quando ao lado
De um precipício me via,
Na mais extrema agonia
Vi teu rosto encantador;
Foi porque o teu semblante
Deu-me a vida, e delirante
Consagrei-me o meu amor!”

Ela, - rocha impassível, ouve-lhe os cantos,
E não compreende o fogo, que transpira

No mínimo harpejar da ardente lira
Do amante cantor!
Ri-se ao ver-lhe cair na face os prantos,
Ri-se ao vê-lo sonhar doce ventura,
E, louca, julga ainda uma loucura
Ser pobre e ter amor!

V

Mas passa-se essa quadra luminosa
De perfume, de crenças e de amores;
E da vida do poeta no horizonte
Desdobra a negra noite o véu de horrores!

É então que ele – o cisne solitário
A arguta vista volve para o passado
E do mundo cruel se despedindo
Pergunta ao coração dilacerado:

“O que é a mulher? Astuta serpe!
Responde o coração: - Sombra de morte
Na meiga forma envolta de uma fada! ... –
Instrumento cruel que a mão da sorte
Maneja, para vingar-se desapiedada
Do mortal que na terra um céu tivera,
Se não cresse em amor, - fatal quimera! ...

E, como o alvo cisne, que cantando
Saúda em doce endeixa a morte dura,
Canta o triste poeta, e depois... passa
Os gélidos umbrais da sepultura!

Porto Alegre, junho de 1867
Menezes Paredes

A um poeta - A. R. J.
01.1.1.246

A um poeta

I

Eu sinto n’alma que a paixão devora
Um fogo intenso que indomável arde!
Nem risos dá-me a perfumada aurora!
Nem sonhos traz-me o desmaiar da tarde!

Não! Eu não posso de prazer bendito,
Banhar meus lábios no sorrir dos céus!
Curvado ao peso de um penar maldito,
Arrasto a vida implorando a Deus!

II

Não sabes o que é viver-se
Banhado sempre no pranto!
Soltas alegre o teu canto,
Vem tudo sorri-te aos pés;
Os céus, a terra e os mares
Amam-te a lira fremente;
Nas glórias do teu presente
O teu futuro entrevês!

Amam-te os risos da aurora;
Amam-te os gênios da selva;
Amam-te as auras que a relva
Perfumam de grato odor;
Amam-te os cedros da encosta

Amam-te os bosques sombrios
Amam-te as águas dos rios;
Amam-te as aves, a flor.

Ama-te a lua saudosa
Com seu clarão desmaiado;
E o branco lírio inclinado
N'haste branda que o sustém;
Amam-te a noite e o dia;
Amam-te os ecos da terra,
Gemendo da serra em serra,
Levando teu canto além!

Se o vento sacode o espaço,
Ama-te o vento se gemes,
Se paras mudo, se tremes
Diante da imagem de Deus!
E no fragor da procela
Ama-te a rija tormenta,
Se pavorosa rebenta
Na terra, no mar, nos céus!

Se foge um sonho perdido
Nasce-te um sonho mais belo;
Em cada sonho um anhelo,
E cada anhelo um prazer.
Riem-se os anjos se folgas;
Se tu suspiras saudoso.
Em mais de um rosto formoso
O teu desgosto vais ler!

Oh! Como é bom ser amado!
Ver o mundo, o mundo inteiro

Sorrir-nos sempre fagueiro
Mil gozos dar-nos dos seus!
Ter num sorriso um afeto,
E nesse afeto divino
Ter o motivo de um hino
Na terra, no mar, nos céus!

E assim, poeta ditoso,
Das tuas glórias seguro,
Ao vate humilde obscuro,
Estendes bondoso a mão,
Bem haja a doce amizade,
Que em terna e doce aliança,
As frontes hoje descansa
Do irmão no seio do irmão!

Oh! Somos irmãos! Na vida
Visamos uma só meta;
O Deus que fez-te poeta
Fadou-me também poeta
Fadou-me também cantor!
Tens a glória, eu o martírio!
Tens os sorrisos, eu prantos!
Tens hinos, eu tenho cantos,
Tens o prazer, eu a dor!

III

Mas quem sabe se eu possa inda um dia
Desterrar do meu peito o amargor!
Forte crente saudando a alegria,
Erguer-me inda nas asas do amor!

Dos teus louros um ramo destrança,
Vem com ele esta fronte cingir!
Tenho uma alma - inda sinto a esperança,
Tenho um peito – inda posso sentir!

Destes lábios queimados das vezes
Que a desgraça em meu seio vazou,
Tu verás que, sorrindo aos revezes,
Há-de erguer-se uma voz: - aqui estou!

Ai! Verei se minha harpa esquecida
Pode em sonhos saudar o prazer!
Ai! Verei se as memórias da vida
Podem inda das cinzas se erguer!

Vem cingir um só louro jucundo
Sobre a fronte do humilde cantor;
Tu que folgas nas festas do mundo!
Tu que cantas na voz do Senhor!

Rio Grande, 1867
A.R. Júnior

Soneto - Apolinário Porto Alegre
Com o nascer da vida começam as dores
03.1.1.25

Soneto

Com o nascer da vida começam as dores,
E em torno dos anos se aglomeram cardos!
E bem raso se torna a perfumar de nardos
Vivificantes bálsamos de belas flores.

De torturas constantes ferinos dardos
No coração se cravam e nos dão palores;
Porém.... Quem mais padece? Quem mais perde as dores,
Neste mundo de lágrimas que os tristes bardos?

Poeta, deixa a barca nos parcéis correr
Deixa... naufrague embora! O que nos vale a vida!
Sem um sorriso de amor, e sem amor colher?

Nada.... Arrasta-la sempre em acética lida!
O' antes nunca vira o arrebol nascer!
E mil vezes a morte que a descansar convida!

1867
Apolinário Porto Alegre

O poeta - Antônio Ferreira Neves
03.1.1.61

O POETA

Dernière heure de ma vie, aurore du jour éternel, salut! - Adieu, humiliation, haines, sarcasmes, travaux dégradants, incertitudes, angoisses, misères, tortures du cœur, adieu!
O quel bonheur, je vous dis adieu!
A. de Vigny. (CHATTERTON)

I

Pobre mancebo que de dor definha!
Ei-lo que vaga sem ter tino ou norte,
Banha-lhe a fronte macilenta e pura
Um gelo intenso e um palor de morte.

Ei-lo, coitado! Peregrina a esmo,
Não acha um teto que lhe dê abrigo,
Não acha um seio em que recline a fronte
Onde palpite um coração amigo.

Soltam seus lábios expressões sublimes
Onde a divina inspiração transluz;
Porém a turba que ignorante passa
Seus olhos cerra pra não ver a luz.

Mísero, vaga sobre a terra ingrata,
Qual forasteiro que no vício assiste:
Uns lhe desprezam, lhe abominam outros,
E o pobre vive solitário e triste.

Deixa as cidades e buscando as selvas
Vê que sua alma a solidão s'inspira;
Rei da harmonia – divinais concertos
Solta tangendo a sonorosa lira.

Então as brisas, a floresta, as aves,
As flores, montes, solidões, campinas,
Tudo em silêncio se extasia ouvindo
Da grata lira emanações divinas.

II

E o bardo entoava na lira sonora
Amargas endeixas de angústias passadas,
E as lágrimas tristes banhavam-lhe as faces,
As faces por dores cruentas sulcadas.

Cantando, dizia: é a vida enfadonha
Praqueles que nela só tem o sofrer:
Inferno! Que agora pudesse eu tranquilo,
Tranquilo, sereno deixa-la morrer!
Qu'importa-me a vida? Se passo entre as turbas,
As turbas sorrindo motejam de mim;
Me tomam por louco, me atiram doestos...
Meu Deus, ninguém pode levar vida assim!

Já tive de glória sedenta ambição,
Galguei desse trono degraus escarpados,
E quando chegava-me as portas do templo,
Meu Deus, vi meus louros ao pó nivelados.

Dos sonhos da infância que resta-nos agora?
Mais nada! Definho de dor e de fome;

A morte prefiro ao ouvir pelo mundo
Do opróbrios, de injúrias, coberto o meu nome.

Ó, morte! Tu tardas? Não vês que te chamo,
Que ansioso desejo esta vida findar?
Ó vem! Sob as asas que tens dá existência
Eu hei de as torturas alívio encontrar

Não tardes, meu anjo, que és hórrido espectro
Pra aqueles que vivem felizes na terra
Porém para mim que sou tão desditoso
Teu meigo sorriso, esperanças encerra.

III

O bardo se calara.
No horizonte
Rubro o sol descambava, ígneos fulgores
Imergindo no mar. Da linda tarde
O purpúreo arrebol tinge, enrubesce
As nuvens que povoam o espaço etéreo,
E a viração fagueira, que perpassa
Entre as folhas das árvores copadas
Trescala o inebriante e puro aroma
Que colhera adejando entre os rosais.
Ali num galho de figueira anosa
Desprende o sabiá ternos gorjeios
Saudando a tarde que gentil se estende.

IV

No róseo Oriente
A aurora surgindo

Com seu rosto lindo
Gasil, esplendente
Desparze em torrentes
Por sobre a campina
Sua luz nacarina.

Já as fímbrias douradas
Se ostentam garbosas
Tingindo as florestas
De púrpura e rosas.
Agora ergue a fronte
No vasto horizonte
O sol rutilante
Sua luz cintilante
A flux espargindo.
As flores derramam
Melífluos perfumes,
E a rola murmura
Sentidos queixumes:
Pousados nos ramos
Da verde palmeira
Gentis gaturamos
Em doce gazeio
Saúdam o dia
De encantos tão cheio.

Suspira o regato,
Lá dentro do nato
Expandem as rosas
Tão lindas viçosas
Olor perfumoso,
E do sabiá ledo
O canto mavioso

Envolto na coma
Do espesso arvoredo
Se casa ao ruído
Que a plácida aragem
Desprende adejando
Por entre a ramagem.

Sorri-se a natura!
E os bosques, outeiro,
Montanhas, ribeiros,
Amenas florestas
De verde espessura
As flores mimosas,
Que exalam aroma
Tão ledas viçosas,
As selvas brenhosas
E as pudicas rosas
Quo o sol ilumina
Sorrindo saúdam
A luz matutina
E todos agora
Em intensa alegria
Desprendem em coro
Hosanas ao dia.

V

Era linda a manhã! E na estrada
Estirado um cadáver jazia;
Frio orvalho banhava-lhe a fronte
Onde outrora radiara a poesia.

Sol ardente crestava-lhe as faces,

E tranquilo dormir parecia:
Dorme, bardo, feliz és agora
Eis chegado teu último dia.

Deixa, deixa que passem as turbas
Que te chamem de louco... o que tem?
Ninguém mais há de vir profanar-te
Essa cândida lira! Ninguém!

Inda ontem cantaste na selva,
Foi teu último cantar um lamento
Para ti era a vida pesada,
Foi-te o fado mesquinho e avarento.

ARCÁDIA

A um poeta - Bernardo Taveira Junior
04.1.2.189

A UM POETA

(No Álbum de A. J. D.)

Dieu d'un regard l'arrache no gouffre immonde
Mais ici bas veut qu'il charme nos jours.
(Béranger)

Je vais où le regard voit briller l'espérance
Je vais où va le son qui de mon luth s'élance,
Où sont allés tous mes soupirs!
(Lamartine)

Que buscas, ó poeta, - alma arrojada?
Nos páramos infindos, em que a mente
Do etéreo vai perder-se na grandeza?
Quem assim te arrebata nos transportes,
Que a ti da terra, em êxtases divinos,
De contínuo te apaga a imagem falsa

Porque na doce aurora dos amores,
Ora vejo a palidez, ora a tristeza
Oprimirem-te a fronte abençoada?
Por que dos olhos teus a luz definha?
Por que dos lábios teus o fel transpira?
Por que te foge a vida entre suspiros?
Ah, quanto do poeta é cá na terra
Espinhosa missão, ignara turba,
Quando as bênçãos do céu nele se expandem,
De louco o chama, às faces lhe atirando —
Dos vilões o escárnio, a zombaria
Ah, e quantos almejam ser poetas!

Já que porém que o Senhor lançou-te ao mundo,
Como um símbolo do eterno sofrimento
Não descreias – prossegue no caminho
Porque te guia a estrela de teu norte
Nas lágrimas ardentes que te inundam
De tua alma urge as santas harmonias.

Qu'importa que o insensato desconheça
O grande amor que encerras em teu seio?
As dores que espezinham-te a existência?
Os cantos de saudade e de ternura,
Qu'inspiram-te os sorrisos da beleza?
Qu'importa — se o poeta é sempre grande?

Aos astros pede a luz para os teus quadros!
Aos anjos, o sorrir de uma deidade;
Ao lago, o doce arfar de um seio amante:
À brisa, o suspirar de uma voz bela
À vastidão do mar, o grandioso;
A Deus, o ideal, o infinito.

Embora sonhador chamem-te as turbas,
Enquanto a inspiração te eleva a mente,
Longe da terra, livre o teu espírito
Voeja n'amplidão, onde não chegam
O hálito pestífero, a mesquinheza
Dos vis, que n'alma gelam sentimentos.

Erguida a tua fronte, não sucumbas
A cruz de teu martírio é tua sina
Consiste nela a glória imperecível,
Que do nada a memória ha de salvar-te.

A c'roa que te cinge é mais durável,
Que todas quantas brilham cá no mundo.

Quando a morte esfriar teu corpo inerte,
Na rasa sepultura em que dormires
As lágrimas, ali, de mais de uns olhos
Farão nela brotar saudosas flores.
Relendo os versos teus, mais de uma bela
No peito gravará teu nome ingente.

Morda a insensatez teu nome embora
Enquanto cá na terra as almas puras
Decoram-te as endeixas primorosas,
No seio do Senhor o teu espírito,
Palpitando sorri na eternidade.
Eis, poeta, qual é tua vingança!

Pelotas, 1869.
Bernardo Taveira Junior.

Crítica literária

Querer é poder - Antônio Joaquim Dias
01.3.1.82

Querer é poder

Como o ciclo da brisa em espirais entrecorrendo os prados e amenos almargeais, das campestres florinhas arrebatando sutis e embriagantes perfumes para inebriar os bosques, os vales e os arbustos copados das florestas, que, em homenagem, pendem os frondosos ramos para deixar nas veias de suas verdes folhas inocular odores que os zéfiros conduzem pelo espaço; como ígneo meteoro que os ares fende, rompe trevas e com sua luz guia o viajor imerso na escuridão; ou qual eloquente e magnética voz de experiente orador lançada ao grêmio da turbamulta insulada que reage contra um predomínio e espera o grito fausto e destruidor que lhe dirija os passos à obra de extermínio. Assim a moderna literatura, águia altiva, descansando no voo, no seu adejar lança miradas de investigação, animadoras e fascinantes sobre as altivas colinas e vicejantes várzeas do solo rio-grandense - natureza de primores, de sublimadas inspirações!

O clangor das letras, transpondo distâncias, carcomindo a insipidez do materialismo, proclama em todos os ângulos os princípios utilitários de uma ortodoxia intelectual, por toda parte faz ouvir, despertando essa mocidade inteligente do letárgico sono em que a descrença de engrandecer a postura da ociosidade imera, que lhe contaminava os músculos e corroendo levara a imaginação às musguenta margens do esquecimento e indiferença aos hinos que o Criador faz modular pela sua mais perfeita obra, e que só uma alma de poeta inspirado, um coração resplandecente de entusiasmo, uma imaginação ardente e arrebatada pelo verdor dos anos pode definir e compreender.

Como no raiar da aurora o melífluo gorjeio dos plumes cantores dos bosques expressando brandos queixumes ou estrofes fantásticas e harmoniosa de louçania e alegro, também começa a pressentir-se o arpejo mavioso e arrebatador de saudosos alaúdes tangidos a medo.

Semigual ao manso rumorejar do cristalino regato correndo por entre margens de verdura e molhando o topo do flexível vime, um brando sussurro, distinguível, recrudesce como que estimulando os gênios das letras aos rasgos da imaginação na amplitude da ideia.

O grito de entusiasmo, partido de nós, apesar de muito fraco, repercutiu além; ouviu-o distintamente a capital da província, e ei-los, juventude corajosa, erguendo sobre a pedra recém-lançada os sólidos alicerces para o monumento seu que constituirá a admiração da posteridade.

Distinta, repleta de animação e esperanças, vem a ATUALIDADE ao significativo festim que se prepara aos grandes e pequenos da inteligência, obreiros da literatura pátria.

Como a rosa, de cada uma das rubras pétalas soltando balsâmicos aromas, assim ela apresenta-se, nobre e vigorosa, em cada ideia encerrando um mundo de aspirações e grandeza, em cada palavra um distintivo da mais fremente poesia. O embate produzirá seus efeitos; trabalhar, que o empenho é sublime e grandioso.

O gérmen à terra, necessário é cuidá-lo; não deixar o cansaço entorpecer as forças ante as escabrosidades do árido chão. Redobre-se de coragem. Querer é poder. O porvir é límpido horizonte que convida à reflexão; vicejante campina alcatifada de flóreas ervas, que encantam, inspiram, e pedem estudo.
Avante, distintos lidadores das falanges de belas letras. Em seita, e propagando a legítima crença literária, regenerem-se os costumes, coloque-se a máquina social em seus verdadeiros eixos, estabelecendo-lhe a marcha doutrinária de sãos princípios.

Guerra de extermínio ao materialismo! Luzes à ignorância! Destruição dos clubes de corrupção da atualidade.
Tudo e todos a um só grêmio -o da ilustração.

A. J Dias

Rio Grande, Julho 1867.

Época da literatura - Antônio Joaquim Dias
01.3.1.179

Época da literatura

Grandes movimentos, arrojados planos, notam-se no mundo das letras.

A tempestade literária redobra de furor: e raios, coriscos e centelhas começam a cair do céu da inteligência a percorrer o espaço trevoso da intelectualidade bronca ou preguiçosa, que principia a sentir os efeitos de uma atmosfera impregnada de elementos que destroem e aclarem a escuridão da ignorância.

É um lidar incessante.

A juventude esperançosa desenvencilha-se afinal daquela cadeia que lhe prendia a ideia e entorpecia o pensamento, e ei-la que não sufoca o rápido pulsar do coração, e deixa a imaginação voar em toda plenitude.

Um bravo, um bravo frenético a esses nobres mancebos que assim, sem receio, com empenho, com grandeza, vem depositar nas aras da literatura nacional os ornamentos preciosos que ao tarde produziram o mais majestoso efeito ante as vistas dos pósteros.

Trabalhar por glória, gênios; escrever para as gerações, ilustrar nosso século; civilizar estes tempos; moralizar nossos costumes; castigar nossos erros; exaltar nossos feitos e dar incremento às letras pátrias, coragem aos talentos, vigor aos timoratos, - eis a missão de todo aquele que, para bem desempenhá-la, recebeu de Deus a riqueza da inteligência.

As letras são a verdadeira luz da razão, já o dizemos uma vez: ao seu clarão dissipa-se a névoa densa que falsas ortodoxias arreigam nos ânimos materialistas não aspirantes ao conhecimento dos mistérios que a natureza encerra, dos segredos que a alma tem, dos sentimentos do coração e arroubos da mente, que o poeta tão bem sabe explicar, compreender, e definir quando inspirado nessas infindas maravilhas que tem o céu e a terra.

A *Arcádia*, perdoe-se-nos a vaidade, foi qual inúbia chamando os Aimorés do

talento ao campo da literatura a combater com as armas da inteligência as imensas fileiras da ignorância.

Após, cheia de coragem, com grandeza d'alma, esperançosa e, mimosa flor espargindo perfumes, seguiu-se lhe *A Atualidade* de Porto Alegre, que até hoje tem-se sustentado com dignidade de caráter no seu posto de honra.

Em seguida a esta, aparece em Porto Alegre a *Sentinela do Sul*, (p. 180) trazendo nos lábios o riso, na destra a seta da crítica pela caricatura e pluma para ferir os energúmenos parasitas da época e recreiar os amantes da leitura burlesca.

Depois, apareceu *O Despertador*, que tendo nascido um tanto sem alento, não resistiu às intempéries do tempo, e desastradamente parece que sucumbiu depois de curta existência.

Recentemente, publica-se ainda na capital da província um outro periódico intitulado *Inflexível*, que, corpulento como nome e tamanho demonstra, se não for vítima de algum ataque de paralisia, com tão rubras cores, de certo progredirá, se na batismal pia da proteção pública tiver bons padrinhos e seus progenitores bem o educarem.

E, finalmente, na quinta-feira passada, *A Mocidade*, periódico crítico e literário, viu a luz da publicidade, cheia de vida e esperanças, confiando à benevolência pública a sua prosperidade e engrandecimento.

Aí estão, pois, em cinco meses apenas, seis novos jornais literários, críticos e enciclopédicos, que em diferentes grupos debatem ideias e sustentam princípios, reunidos no recinto das letras pátrias.

Que não haja divergências, falta de coragem ou abandono, e firmar-se-á a ÉPOCA DA LITERATURA.

Quanto à *Arcádia*, se ao chegar a seu fim, depois de suplantar mil óbices sugeridos pela escabrosidades do caminho que segue, nada tiver colhido de proveitoso, resta-lhe ao menos a glória de ter sido, como disse a Atualidade, quem primeiro soltou o grito.

Rio Grande, 1867 Antônio Joaquim Dias

Fragmento de um escrito: “A Imprensa” - Carlos de Andrade
01.3.1.153

Fragmento de um escrito: “A Imprensa”

Segundo um moderno publicista, a imprensa é a lanterna do progresso. Porém, com poucas exceções, é essa lanterna conduzida por homens inteiramente míopes; nem seus vívidos reflexos são bastante para lhes aclarar o caminho: consequência perniciosa de continuamente lançarem-se nos imensos atoleiros da lisonja, nos tremedais da mentira e bajulação interesseira.

“Amici et convinientiae”

É essa a voz que cotidianamente soa à consciência do jornalista da época. Representada como é no geral a imprensa, um vez de ser esse campo vasto das liberdades e direitos do cidadão, constitui-se um descomunal e egoístico interesse próprio; em vez da flecha que fira para moralizar os tempos, transfigura-se em punhal do usurpador que indomitamente vai cravar-se no peito da honestidade, ao passo que corrompe e desvirtua; em vez de ser o trono absoluto onde se deveria sentar o independente de caráter e pensamentos, ditando leis que por sábias adquirissem honras de máximas, popularizando a verdadeira doutrina dos úteis princípios e proveitosos conselhos, - torna-se o miserando lupanar onde à calúnia sucede a infâmia, onde por dever troca-se capricho.

Homens que sois da imprensa: não deixeis a espada da justiça pela de Dâmocles ou bacamarte do salteador: não a pena pelo azorrague, nem a consciência pelo frívolo interesse. Temei os apupos da posteridade: ao nome juntai boas ações; a estas melhores exemplos.

Em vossas mãos tendes o motor da civilização, e por conseguinte o destino moral das gerações e da prosperidade.

Não são as frias e cansadas palavras veleidosas da decrepitude avezada ao sermão lacrimento as mais próprias para incutir no ânimo de todos essa crença pelo bem; nem é bastante “ter-se sido lavador de tipos ou corrigidor de provas em uma tipografia” (sem que na frase haja aplicação), para ante o público adquirir foros de

escritor. Querem-se os homens de íntima convicção, de opiniões leais e sólidas para arautos do engrandecimento e Arquimedes da ilustração. Os arrebatamentos das imaginações tenras também são de fraco efeito, e como a erupção dum vulcão apenas produzem a impressão do momento. Pensadores profundos, espíritos sazonados e cordiais admiradores do sublime panteão da liberdade, - eis quais devem ser os gladiadores da imprensa, em vez de ganhadores assalariados que escrevem sob a influência de quem lhes paga, nunca inspirados pela sã razão.

Não trago o monopólio jornalístico à privança de qualquer patentear suas (p. 154)

Impressões de leitura: *Diva, perfil de mulher* - Carlos de Andrade
01.3.1.264

Impressões de leitura: *Diva, perfil de mulher*

Z...

Leste *Diva*? Não te pareceu o ambiente cheio desses eflúvios doces e um tanto misteriosos que deleitam o espírito? De quantas emoções não se declarou a tua alma escrava, repassando essas páginas de sublime magia? O peito dilata-se ao lê-las; enche-se de vida; mas dessa vida que se sente ao ouvir os sons escapados de uma composição de Mozart; pura, como o primeiro sorriso de um rosto de menino, fecunda como o pólen que se exala das flores.

Permita-se-me um plágio.

Um plágio é às vezes necessário.

Só não plagia quem tem mais vaidade do que verdadeiro orgulho. Só não se cede a palavra aos outros quando se tem medo que eles falem melhor. Sobretudo em literatura, os plágios são a alma das composições.

Censura, embora; eu começarei o meu artigo por um plágio: Macedo Soares é digno de figurar na arena literária. Para o autor de *Diva*, direi, a poesia é uma fada voluptuosa, boa, cheia de graça, que brinca em seus braços[42]. Ele o demonstrou na *Lucíola*, mas não com aquele tato delicado que só possuem os corações aquecidos por essa mirífica seiva que se chama – o amor quando puro.

Diva é um perfil de mulher, digno de ser estudado. A crítica científica e leal deve dedicar-lhe algumas páginas, ricas de reflexão e imagens. Esta tarefa seria pesada para mim, que não posso pisar com firmeza o solo frequentado por Villemain e Saint-Beuve: - Humilde, como devo ser, limito-me a lê-los com aquela admiração de quem se julga pequeno; sinto; e às vezes a alma expande-se; o papel recebe confidências, mas é, apenas, uma breve impressão de leitura o que fica, sem reflexão alguma e, portanto, extreme de vaidade.

---

[42] Nota original: Macedo Soares – Fórum literário.

Esse coração de mulher, tão bem desenhado no livro, enlevou-me; vou dizer-te com franqueza o que senti, sem pretensão à crítico. Mas, permita-se-me uma pequena veleidade: quero ser metódico e por isso desenvolverei a tese de Macedo Soares, o meu inocente plágio, referindo-me, porém, ao [p. 268] autor da *Diva*, que não tem, como Paulo Julien, à sua disposição uma rabeca, mas que brinca do mesmo modo, encanta-nos talvez mais com a poesia.

Diva era feia aos 14 anos: o autor assim a retrata nas primeiras páginas. Já viste uma fotografia mais perfeita, e ao mesmo tempo mais repulsiva do que a que se acha neste capítulo? É feia? Esta palavra, me parece, é desconhecida ao romance. Se Quasímodo é uma monstruosidade, Lucrécia Bórgia um absurdo, e se Han-d'Islândia não tem justificação[43], como se censura a Diva?

Esses escrúpulos de crítico dissipam-se logo: - Diva é feia, não há dúvida, mas o botão nem sempre ostenta as maravilhas com que a natureza nos surpreende depois:

Diva possui um *arcabouço de mulher bonita*.

Já viste algum escultor, Canova mesmo, fazer ressurgir com tanta rapidez e maestria a beleza em embrião?

O autor apresenta-se um esqueleto; de súbito imprime-lhe o sopro, manda-o falar, e ele anima-se; vem-lhe a vida e com ela a beleza.

Michelangelo nunca o conseguiu de suas estátuas. Esse dom mágico só o tem a poesia, a síntese de todas as artes. Nunca vi tão bem desenvolvida a tese de Consin[44]: o autor é ao mesmo tempo escultor, arquiteto, pintor, músico, enfim, por isso que é poeta.

Não acompanharei passo a passo todos os episódios desse livro. Já o disse, não quero fazer uma crítica, sinto-me fraco para isso; demais, passastes pelas mesmas emoções que eu, quando leste-o, tens um juízo formado, que presumo favorável, e seria não só penoso trabalho o de adquirir prosélitos, mas ainda inútil.

---

[43] Nota original: É opinião da maior parte dos críticos.
[44] Nota original: Du vrai, du beau, et du bien.

Todos conhecem hoje os segredos da arte, todos são mais ou menos críticos; quem não compreende as belezas mais deslumbrantes de um livro, assim como os seus mais visíveis defeitos?

Não me dispensas de estudar o caráter de Diva? Como crítico, queres encontrar nele a coerência, a lógica. Antes disso, direi alguma coisa sobre o assunto. Ele é muito conhecido.

O escultor representa sempre o homem; a saliência dos músculos, os traços às vezes severos, os contornos doces, tudo isso acusa um ser que existe, mas depurado, mas acrisolado das imperfeições naturais, tendo quase sempre alguma coisa de divino. É também o belo Ideal que o arquiteto procura sempre destacar do meio das volutas, dos capitais, de todas essas minuciosidades cuja colocação caracteriza a ordem de arquitetura a que pertence a obra. São sempre as mesmas cores que tem o pintor para animar do seu modo a natureza (p. 266) E o músico? Estará ele livre de todas essas necessidades? Não, o som é sempre o mesmo, o número de notas não se aumenta, o seu valor conserva-se inalterável. Que importa que a poesia seja o mais sublime de todas as artes? O seu fim é o mesmo – o belo, e o amor é a mais fecunda de todas as paixões, é a ela que o poeta dedica os seus arpejos, é dessa corda do coração humano que, dedilhada com arte, se pode tirar os sons mais maviosos. Com arte, digo eu? Sem dúvida, porque a arte não tolera esse amor de prostituta que para alguns é um germe de reabilitação. [45]

O autor escolheu o assunto comum do romance – o amor, mas desenvolveu-o em cores novas: - A luz distribui-se em um quadro de mil maneiras. – Ora projeta a sua sombra em um edifício, ora bate voluptuosa e ridente em um lago.

Na sua obra, o autor descreveu uma paixão, o amor, um ser, a mulher, justificados sempre pelas cores naturais, ideias sempre.

Que estudo novo veio ele oferecer aos cultores da arte?

Que mistério, até então insondável, foi penetrar na natureza do homem? Nenhum, dizes?

---

[45] Nota original: Esta proposição é com lucidez demonstrada por Poitou-Du romain, etc.

Um assunto simples, é verdade, mas sempre fecundo em inspirações – o coração da mulher.

Diva possui um caráter, pode-se dizer original, concedo, mas nem por isso menos verdadeiro.

Composto de contradições, o coração da mulher é assim formado; quem haverá que ignore as veleidades, os caprichos de que ele é capaz? Verdadeira lantejoula mágica, Diva é deslumbrante no meio das luzes; à sombra descobre-se nela um brilho novo, quem sabe se tão vivo? É certo, mas também igualmente belo.

O baile empresta-lhe o seu esplendor, faz dela uma rainha, galanteia, mas não a possui; o seu espírito desprende-se desse ambiente de luzes, e no meio da natureza adquire uma sublimidade que então não tinha. Esse personagem é um verdadeiro protótipo do coração da mulher: conjunto de contradições, parece querer amar, ao passo que repele o objeto do seu amor; casta até à exageração, não duvida entregar-se à confiança de um homem, procura-o mesmo de noite, à toda hora.

Eis aqui para alguns, talvez, o grande defeito da obra; não para mim que compreende de outro modo os preceitos da arte. Falta-lhe a verossimilhança, dirão; é um tipo sem vida, por isso não existe.

Harmonizar o belo real com o belo ideal, tal é a missão do artista, tarefa difícil, mas por isso mesmo sublime.

O poeta estuda o fato, a natureza; deduz uma ideia; esta sai do domínio (p. 267) da consciência; a imaginação dá-lhe uma cor – eis a obra do poeta; antes desta transição não existe gênio, só depois de efetuada é que ele aparece.

Diana Vernon mereceu os elogios de Gustavo Planche; como censurar a Diva, essa mistura de recato e temeridade que constitui a sua originalidade ou antes a sua vida ideal? É mulher, quanto é preciso para ser real. Não possui a temeridade excessiva, ridícula mesmo de Evelina, mas adorna-se com aquela sublime audácia de Diana Vernon, a quem o crítico iconoclasta concedeu o epíteto de uma das invenções mais verdadeiras do gênio moderno. Diva não pode ser acusada por não

se parecer com o comum das mulheres – aí está o ideal para justificá-la. A pudicícia estudada não lhe ficaria bem. O autor o compreendeu, e não merece senão elogios.

Meu Deus! Sainte-Beuve disse, eu sei: “o toque de cinzel que acaba a estátua natural deve ser delicado, e quase sempre insensível.” Queres recordar o dito de Bernardin de Saint-Pierre – julgas que a imaginação de Chateaubriand é forte demais? Tudo isso é verdade! Mas atende: o raio solar quando bate sobre uma faceta de cristal decompõe-se em variadas cores. A imaginação do poeta é como o cristal: os objetos reais, através desse prisma, transformam-se; as cores tornam-se outras. É por isso que Platão pensou em excluir da sua República esses entes privilegiados, julgando-os, entretanto, dignos de serem coroados de flores.

Diva não tinha ainda conseguido amar a Amaral. Aos galanteios que este lhe prodigalizava, à sua linguagem cheia de paixão, respondia sempre com uma palavra triste e fria: - Em uma de suas entrevistas, cedendo ao espírito de vingança, castiga-lhe a face por palavras que ele proferira. O homem com dificuldade curva-se a um insulto, mesmo quando ele parte de uma mulher que ama; cede ao instinto brutal, domina-lhe os pulsos, subjuga-a.

Este recurso à força física, esse como esquecimento da natureza moral é, a meu ver, um incidente de mau gosto: a paixão, quando mesmo delirante, não justifica semelhante brutalidade.

O homem não deve perder para o artista o que constitui a superioridade de sua natureza: - o poeta não pinta o animal.

Essa falta foi, talvez, prevista pelo autor. – Vejamos como a resolve: um contraste se opera; Diva não perde a beleza moral; o remorso enche-lhe a alma de doces eflúvios: a represália de Amaral é como um bálsamo para a chaga íntima que a faz desfalecer... ela ama. Repete-o a miúdo.

É esse um mistério para o qual não há lugar no coração da mulher. – O que não puderam conseguir a perseverança, o sofrimento, obteve o remorso. O autor teve pressa de acabar; sinto a necessidade de censurá-lo neste ponto: esqueceu-se de empregar toda a reflexão naquilo à que os mestres de Estica (sic) (p. 268)

chamam a composição. O desenlace não foi estudado, saiu espontaneamente, - erro sem dúvida.

Essa mulher orgulhosa, essa natureza, incompreensível para alguns, sente-se ofendida, ergue a mão para punir o agressor, e compra o perdão com o amor. Um momento bastou para conseguir tudo; a transição foi muito rápida. O amor livre de remorsos prometeria um desfecho muito mais belo.

Paro aqui. É possível que este trabalho te aborreça. Foi pouco refletido, saiu sob a impressão de uma primeira e rápida leitura.

S. Paulo.

Carlos de Andrade

Introdução - Antônio Joaquim Dias
02.3.1.05

Introdução

A literatura é o primeiro elemento de civilização dos povos. Necessária e útil, é sobre suas bases que sustentam-se os monumentais edifícios do progresso e da riqueza, ao tempo que tornar-se o mais sublime ornamento de uma sociedade.

E por ela que as gerações transmitem aos pósteros seus feitos e glórias: é ela que ilustra as nações, e sem as suas propagações, o conhecimento humano seria um mito.

Quem nos põe em contato com a história dos tempos heroicos, e faz saber os costumes e caráter dos povos sepultados no pó?

O mundo em seu primitivo estado, os impérios e reinos decaídos, as vitórias e conquistas das antigas nações, tantas maravilhas, homens ilustres, tudo, enfim, seria por nós ignorados se a literatura não nos fizesse tradicionalmente reconhecer que existiram.

Camões, Tácito, Aristóteles, Homero, honraram sua pátria e imortalizaram-se com as obras literárias que legaram à posteridade.

Gonzaga, Herculano. Victor Hugo, Chateaubriand, Lamartine, são admirados pelas nações ilustradas - os vindouros lhes prestarão culto e veneração.

A verdadeira literatura, como no-la fazem compreender os reformadores Magalhães e Garret, é o fulge sol da inteligência espalhando reflexos que vivificam a imaginação e queimam a crosta que esconde o zotismo das épocas.

Todas as nações cultivam com afinco sua literatura. À França daremos a primazia: até procura no estrangeiro as obras de mais mérito para verte-las em sua língua e assim adquirir universal nomeada pelas letras. É o próprio governo que as protege, estimula e subvenciona. Como não ter renome?

Em Portugal, a literatura sempre foi grande, porém ultimamente tem se desenvolvido de uma maneira espantosa, e esse pequeno continente ufane-se de

possuir eminentes poetas e célebres escritores, muitos deles fazendo das letras sua alavanca. É que aí estima-se o talento, dá-se-lhe animação e protege-se o útil.

Por ora, quase o inverso passa-se entre nós: a emulação torna-se em egoísmo, e em vez de apoio, aparece a inveja esculpida nos tipos da ignorância, de qualquer forma predominando sobre a inteligência, e por conseguinte sorvendo-lhe a seiva que a poderia nutrir.

Se o gênio tenta desenvencilhar-se das teias do acanhamento para atirar-se na amplidão de luzes que lhe é própria, incontinente ameaça-o estulta crítica e grosseiros doestos; se procura o estudo e com ele o conhecimento das coisas, se os livros são pressentidos como companheiros nas horas vagas, é isso o bastante para cair no desagrado de quem depende-se: e se, apesar, depois de centenares noites de vigílias, aparece o fruto de constante trabalho, aí vem o rigorismo frio enregelar a ideia e cortar a vontade de prosseguir; pouco apreço mereço o labor da imaginação.

Trata-se da vida como ela é.

Depois, a seita literária conta profanos adeptos que burlam de seus dogmas e conspurcam os sãos princípios: eis a fonte da desmoralização e retrogradismo. Muitos que, pelos dotes intelectuais, deveriam seguir a sincera e proscrita ortodoxia, são os primeiros a angustia-la - em vez de repreender o delito, autorizam-o com incoerentes máximas, não moralizam, corrompem, não ilustram, deslustram. Daí o não apreciar-se e engrandecer a inteligência.

À ARCÁDIA sucederam-se na província outros pequenos periódicos que inculcavam-se literários, porém quanto tempo perseveraram, quase todos, em bons princípios? Sem querermos ofender, lamentamos que alguns deles, aberrando suas doutrinas, tenham se tornado vozes isoladas de paixões pessoais ou postes infamantes onde julgam-se honras e reputações.

A Arcádia nunca chafurdou nesses pantanais, nunca, e jamais representará em cenas tão asquerosas, porque o seu fira é dar incremento às letras pátrias, instruindo e deleitando.

Ainda não nos desenganamos que é possível operar a completa

metamorfose, e para a conclusão do pedestal principiado por Félix da Cunha[46] e Araújo Porto Alegre, temos procurado aglomerar todos os recursos indispensáveis para depois trabalhar com afã: recorrendo à mocidade inteligente e ilustrada da província, ela nos tem acolhido benignamente, e conosco marcha na santa cruzada da regeneração. É bastante lançar os olhos sobre a extensa lista de nossos colaboradores para reconhecer-se uma digna plêiade de constantes lidadores nas letras.

A vitória é certa! Coragem e abnegação!

O programa da ARCÁDIA não precisa de modificações. Os fins serão sempre os mesmos.

Como é de presumir, no decorrer da 2ª série hão de suscitar-se questões literárias. As discussões são proveitosas, porque delas surge a luz e teremos infindo prazer em ver debatida qualquer matéria nas páginas deste jornal, toda a vez que a linguagem esteja na altura da dignidade do elucidador.

Agora, contamos com a proteção do público, e a ARCÁDIA saberá em tudo corresponder a sua expectativa.

Vontade e trabalho é a nossa divisa.

Rio Grande, 16 de fevereiro de 1868.

A. J. Dias.

[46] Dirigiu em Porto Alegre *O Propagandista* e *O Mercantil*. Em 1861 fundou *O Guaíba*. MARTINS, Ari. **Dicionário Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1978.

Liberdade de Pensamento - Premislau
03.3.1.81

Liberdade de Pensamento

Privada a liberdade de pensar, morre a alma da imaginação, como morreria a matéria se lhe vedassem o ar; o homem torna-se miserável escravo das conveniências sociais ou dócil máquina movível a talante dos mais poderosos. Imbecil como os egoístas, estúpido como a ambição, perde as crenças, tresvaira do intelecto, fica ateu e irascivo. Imperar pela força bruta, é tirania. - Os que não têm convicção de seus princípios, fazem-os prevalecer pelo despotismo.

Querer o impossível, é absurdo, brutalidade e ignorância. Quando o pensamento errar, seja castigado pela sã razão. Infligir penas físicas aqueles que, por ventura, pequem espiritualmente, é infâmia e aviltamento.

Com a lógica da força material fazer-nos acreditar no que duvidamos, é persuadir-nos que não têm outro meio coerente e plausível para destruir nossas doutrinas e convencer-nos.

Se o homem é livre, segundo a lei natural e usos seguidos, deixem-o gozar da sua verdadeira e completa liberdade. Prender-lhe a ideia, é reduzi-lo ao nada, tirar-lhe a vitalidade, fazer dele um átomo, e, por conseguinte, precipitá-lo no caos das torpezas.

O pensamento é poder do homem. Com a inteligência o transmite e se não fanatiza, morigera, se não incute crenças, aclara mistérios que a quase geral tolerância julga imperscrutáveis.

Demais, entre o bom e ruim, o calmo raciocínio escolhe o que julga melhor. Se lhes parecem sólidos os princípios que sustentam, que se importam com argumentos? Combatam-os, se querem, senão deixem-os ir em demanda de adeptos ou inimigos. A cada qual sua glória.

Porém não; se usamos do nosso direito, caminhamos ao precipício. Como não nos podem condenar à fogueira por nossos pensamentos secretos, ameaçam com a vergonha e anátema eterno em nome da própria humanidade.

Que feliz seria o mundo se os homens não pensassem… É crime pensar livremente!

E os holandeses serão malditos por terem dado à imprensa tão ampla liberdade e por comerciarem com o pensamento de seus homens?

O império romano tornar-se-ia tão grande, eminente e poderoso se Tullius, Cícero, Júlio César, Plínio, Marco Aurélio, Sêneca e outros, não pensassem e escrevessem livremente? Tibério, seus antecessores, e os primeiros cristãos, se não tivessem plena liberdade de pensar, teriam fundado o Cristianismo?

Não, de certo! Logo, a liberdade de pensamento traz a de ação. Para exemplo, aí temos a potente Inglaterra. Os tiranos do espírito são os que mais mal fazem ao mundo. É porque não podem pensar.

Mas em todas as épocas aparecem Epicuros e Spinozas. Queimem-os e condenem, embora, que eles vão fazendo bem ao infeliz gênero humano.

Da luta a que me atirei, retiro. — Fraco, não posso repelir a força com a força. Dispensem-me os contendores: respeito-lhes as ideias porque me aterrorizam com as instituições.

Quando raiar o dia da liberdade de pensamento, pensarei.

Poetas e Poesia (crítica?) - Glodomiro Paredes
03.3.1.82

Poetas e Poesia (crítica?)

Há um ser que merece ser classificado: - o poeta. Buffon não o considerou pertencente à classe mamífera; tão pouco na dos bípedes, ruminantes, anfíbios e etc. A que classe, pois, pertence esse animal, o poeta, como imerecidamente, muitos se intitulam?

Imerecidamente, sim. Não falo dos que expressam seus sentimentos verdadeiros, sublimes, embora em rima rude, esses são poetas. Mas nos que, em quadrinhas com a competente ortometria, versos a martelo (permita-se-me a expressão), trovam sentimentos não seus, pura imitação, ou que eles nunca sentiram, nos vates que poetizam a aurora e veem o amanhecer do sol, dormindo como honestos franciscanos; naqueles que, no dizer de F. de Novaes, depois da abertura do Rilhafoles, povoam todas as partes do mundo. Para esses desejo eu uma classe especial, extremada, e sem relação alguma com as existentes: classe dos vates, puramente deles. Querem vê-lo?

Apresento o Sr. Timóteo Atanásio, de, já se sabe, 18 a 25 primaveras; a figura é assim: estatura regular, o cabelo embora preto, louro ou castanho, é sempre frisado, naturalmente, ou por algum barbeiro, poeta, já se vê. Tem uns ares TRISTES; descrê da vida; fita os olhos na lua e quer morrer: as algibeiras lhe andam cheias de cotão e vazias de dinheiro. Pelos cotovelos se vai ele a rir do mundo, que passa e não compreende o gênio. Uma página íntima dele, reza assim:

Era de noite! A lua tocava flauta nos páramos celestes, e eu, mudo companheiro dela, encaminhava-me ao cemitério, onde encostei-me junto de uma erma e modesta cruz. Um fantasma, uma sombra, trajando alvas roupagens… Depois a sombra falha-lhe.

Diz-lhe que não creia no amor da mulher; e ele vocifera contra a sociedade, lamentando que chova água e não vinho; chama Byron seu Deus, resolvendo morrer depois de ter bebido uma gota de conhaque no crânio da pérfida.

O fim é pouco mais ou menos este: uma lauda cheia de reticências. Aí é que há intimidade entre ele e a página.

Uma recordação tem este princípio – Lembras-te? O nome fica em branco, para ser depois preenchido com o nome da bela que tais recordações há de inspirar. E chora o infeliz, que é um nunca acabar; diz que a desgraça o amamentou, a infelicidade perseguiu-o e que a descrença o mata.

O mundo é, para ele, um deserto povoado de pigmeus, que não entendem o sublime,

> E vive o coitado,
> Definhando em pranto,
> Na triste tristeza.

Isto é dele, falando de si.

Lembra-se de um dia em que foi feliz pela seguinte maneira:

> Quando a aurora vem surgindo
> No sereno banhado
> E os gafanhotinhos..

O resto, o leitor há de saber.

> Triste quem sente tristezas,
> Triste de quem é triste,
> O mundo só tem tristuras,
> E também minh'alma é triste,

Disse Timóteo Atanásio, ao ler uma poesia, um canto do cisne, do infausto Casimiro de Abreu.

As estrelas são os olhos da sua bela, e as flores namoram-na no prado, tendo ele pela dita, um amor puro e casto como só em sentir os anjos por Deus. Faz-lhe uma súplica pouco mais ou menos assim:

> Se tu me desses um beijo…

Um pedido a mesma bela:

> Se eu pudesse dormir em teu regaço ·
> Um sono voluptuoso…

E protestava amá-la como os anjos.

A alma não lhe foi compreendida, defeito do deslavamento porque passa o mundo, onde o gênio é desprezado e as cavalgaduras se não atam mais aos carros. Nisso tem razão.

No mais, Timóteo Atanásio é um mortal como outro qualquer. Quando dorme, solfeja uma escala completa, como qual se quisesse arrebentar as fibras do esôfago, para fanar a existência. Sabe enumerar a qualidade de todos os vinhos, desde o Málaga até o generoso Constança; nunca chama o vinho do Porto senão de zurrapa, porque o bebe a miúdo e conhece mais de perto; julga a cerveja Bass, sendo legítima, superior à Tenent; proclama a excelência das botinas Mellier sobre o calçado nacional, e cila, a cada triquete, pensamentos do Victor Hugo, ou um nome assim traduzível por Castelo Branco. Piton, em seus dizeres, é um filósofo de primeira força, que Piton procurava o batoque das adegas universais, da mesma sorte que os discípulos de Voltaire andavam em cata da pedra filosofal. Nunca lhe esqueceu o dito de Chénier:

E, cependant…

O passado, pois ele o tem, pinta-o assim: meiga quadra de ilusões que se desfolharam ante o egoísmo mundano, como o vendaval desfolha a florinha do valado.

O presente, é tremedal por onde impávido caminha, direito a um escuro, onde luz apenas o brilho da morte; essa escuridão é o futuro do poeta, negro como a alma dum condenado, que irá purgar nas navas do inferno, por infinitos tempos, pecadilhos momentâneos.

Frequentemente, Timóteo Atanásio não crê na divindade, e isto sucede-lhe quando encontra a cara esquálida de algum credor, ou o fundo da garrafa.

De caráter independente, o vate não se curva ante os potentados da terra. Apenas tem um volume, que vai brevemente dar à luz, oferecido, dedicado e consagrado, a um sujeito ex-merceeiro, tesoureiro de diversas irmandades, homem assim dinheiroso, futuro barão, hoje condecorado com algumas fitas.

Timóteo Atanásio esteve doente, há dias. Um ataque de cabeça, complicado com um forte defluxo, iam-lhe ceifando a preciosa existência. Fez, por essa feita, uma poesia, onde declarava não ter horror ao tétrico recinto da morte, desta maneira:

Já sinto perto a morte!
…

…
Eu não te tinha
Medo nenhum morte cruel

Pedia uma saudade em sua sepultura. Desquitou-se com Deus dizendo que fora sempre justo, e reforçou o estômago, para receber quedo o rijo embate da morte, com o lastro de algumas asas e pernas de galinha, mandadas pelo sujeito a quem serão dedicados os seus - Cantos da primavera, sem flores, etc., etc.

Timóteo não morreu, e é a imagem viva de centenares de vates que nos agarram em uma esquina, lendo-nos o primeiro canto de um poema em princípio, ou um soneto improvisado em duas noites de vigília que nos é apresentado em borrão, mas bem escrito.

Isto não é crítica. É apenas um protesto contra os ruminantes que, de guitarra em punho, intentam invadir o Parnaso. E se crítica é, faço-a no simples intuito de ver se a nossa poesia não consta só de lágrimas não vertidas e de dores que se não sentem, mas sim de alguma coisa verdadeira. Com o fim de ver se o demônio da imitação não carcome as bases do edifício da poesia rio-grandense.

O maior defeito de muitos desses poetastros é quererem ser mártires no sofrimento, vítimas do mundo, quando somente são insulsos em suas peças e descabidas lamúrias.

Talvez pensem eles haver O DOCE MANÁ no Parnaso?

(Continua)[47]

GLODOMIRO PAREDES.
Pelotas, 1868.

[47] Obs.: não foi possível encontrar a continuação, o que é muito comum em periódicos. Seja pelo processo de deterioração das páginas, seja pela ausência dos escritos por parte da redação ou dos autores.

O Grêmio Literário e a Literatura - Artur Lara Ulrich
03.3.1.59
03.3.1.95

O Grêmio Literário e a Literatura

De há muito pretende-se instalar entre nós uma associação cujo único fim seja o desenvolvimento e progresso da literatura rio-grandense. A necessidade de tão importante associação mostra-se tão claramente como o menor objeto que caído em cristalino lago deixa-se ver no fundo.

O seu elemento principal é a união, e este o maior obstáculo que se antolha a sua execução, porque esses espíritos fátuos e vaidosos temem-se ou pejam-se de discutir com aqueles que não sendo ricos de ouro o são de inteligência.

Dispam-se, jovens, dessas presunções balofas; compreendam que o ouro só serve as mais das vezes para a perdição desta mocidade que deveria levantar-se em coluna cerrada para bater-se contra os perniciosos vícios enraizados na nossa sociedade. Reúnam-se todos: da união nasce a força; abracem-se como verdadeiros irmãos; uma só vontade, a inteligência facilmente suplantará o positivismo ignorante.

É preciso criar uma nova era para a nossa literatura. Imitem, jovens rio-grandenses, aos porto-alegrenses; abandonem o receio ou vaidade, afastem tudo quanto é mesquinho e não condiz com vossos princípios de educação. Fraternidade e coragem para a realização desse grandioso pensamento. A literatura necessita de prosélitos, que em seus altares gastem horas de ociosidade no precioso trabalho da imaginação.

Quebremos a crosta que encerra tantas preciosidades; rasguem-se os véus que ocultam tantos talentos eminentes; abramos caminho para o engrandecimento de nossa literatura, porque os frutos a colher nesse vasto almargeal, serão flores para a coroa imortal do gênio no suntuoso templo da posteridade. Lembrem que a nossa província precisa, mais que nenhuma outra, de homens de letras e conhecimentos que a tornem saliente no conclave sul-americano.

Agora, vamos malmente descrever o que é a literatura e qual a importância que em si resume; por este insignificante trabalho, verão nossos colegas de colaboração que desejamos quanto possível for contribuir para o desenvolvimento da literatura rio-grandense.

Oxalá que como outros que nos antecederam em esforços não percamos o tempo, e oxalá que nossas palavras sirvam de estímulo à inteligente juventude rio-grandense.

A palavra literatura vem etimologicamente do termo latino *literas*; porém antes que existisse *literas*, existia a literatura, segundo os clássicos. Se é verdade que antes desta descoberta os rapsodos cantaram as poesias homéricas, a literatura então tomou desenvolvimentos extensos antes que se inventasse o alfabeto.

E não foi senão muito tempo depois desta invenção, depois que se possuiu um certo número de produções superiores, depois que o costume da reflexão ſez apreciar o mérito de seus autores e que deu-se nascimento à crítica, que se criou a palavra literatura, palavra vaga, em acepções diversas, que Cícero aplica aos sinais elementares de nossos pensamentos e aos conhecimentos rareados da erudição; que Sêneca emprega para designar o proceder pedagógico usado com a infância (*prima illa litteratura per quam jueris elementa traduntur*); palavra sinônima do que era gramática entre os antigos, e que Voltaire define: “um completo conhecimento de obras de gosto, uma pintura da história, da poesia, da eloquência e da crítica”. Marmontel e Jaucourt consideram a literatura como “o conhecimento das belas letras”. Sabatier de Castres “como o conhecimento das ciências, das belas artes e belas letras”. Nepomuceno Lemercier ia muito mais longe: a literatura, dizia ele, “se liga a tudo e tudo abrange; tudo dela emana e provém; é o centro único que encerra todas as variedades universalmente conhecidas”.

Esta definição muito se relaciona com a que expõe M. de Bonald: “A literatura é a expressão da sociedade”; forma sem dúvida, vaga, mas que constata com um vínculo íntimo, como lei geral, entre o sistema social de um povo e suas produções literárias. Se se revogasse esse princípio como dúvida, poderíamos citar a demonstração concisa do filósofo que diz: “O homem tem duas expressões de seus

pensamentos: sua palavra e suas ações, e mesmo a expressão dos pensamentos pelas ações é muito menos sujeito a enganar que sua expressão pela palavra.

Assim, pois, a sociedade tem duas expressões de seus pensamentos ou dos seus princípios interiores: sua literatura, que é sua palavra e seu estado exterior, é o resultado em reunião das ações públicas.

(Continua)

Rio Grande, 1868.

O Grêmio Literário e a Literatura - Artur Lara Ulrich
03.3.1.59
03.3.1.95

O Grêmio Literário e a Literatura

V. pag. 59.

Reconheçamos, entretanto, o sentido da palavra literatura, usada mais frequentemente debaixo da designação do - belas letras - palavra sem dúvida alguma mais restrita do que a de LETRAS.

As belas letras são uma espécie de letra em que o belo, o sublime e o grande se revela, da qual o primeiro é o objeto mais principal, como a poesia, a eloquência, a história, e também filosofia, quando vestida com as roupagens e formas dignas dos sublimes assuntos que ela abraça.

Quem poderá negar que a literatura seja o farol brilhante das nações? Certamente ninguém, porque se o fizesse, mentiria à face do universo, atraindo a si o belo nome de ignorante.

A literatura é a causa do seu progresso, é a mais nobre matéria de seus gozos, é para elas a fonte e alimento da vida ideal, nada escapando a sua grande e acurada solicitude.

Sem a literatura, os homens passariam e seriam esquecidos; os povos morreriam sem deixar de si lembranças, embora as cinzas dos heróis fossem honradas com enormes túmulos.

Não teríamos nem os quadros de Apeles nem as estátuas de Fídias: Apeles e Fídias seriam desconhecidos se a literatura não os decantasse e celebrasse.

Ainda hoje a guerra de Tróia seria um mito fabuloso para alguns se, através de tantos séculos, os cantos de Homero não perpetuassem o entusiasmo desses heróis, ao mesmo tempo devastando todo o mistério dessa fatídica guerra de dez anos em que Aquiles e Heitor são os personagens mais importantes.

A literatura é da terra o monumento mais sólido e durável: os palácios desmembram-se, as cidades desaparecem e a literatura é imortal; o tempo não tem poderio sobre a memória daqueles a quem ela eterniza.

Musa vetat mori (Hor.)

Antes de concluir, citemos o que a respeito da literatura disse o sábio Millevoye, para melhor fundar o que temos avançado:

Il honore ou flétrit, accuse ou divinisé:
A sa voix, la vertu triomphe ou s'éternise,
Au tribunal du monde il cite les pervers,
Il condamne leurs noms à vivre dans ses vers.
La vertueuse honneur de sa muse irritée
Poursuit jusqu'aux enfers leur ombre épouvantée
Et son vers indigné, tonnant pour les punir
Frappe d'un long effroi les tyrans à venir.

A falta de tempo não nos permite agora descrever as revoluções literárias dos diversos povos, para, com exemplos vivos, isto é, com exemplos do passado, mostrar a nossa juventude que por toda a parte e sempre os homens de gênio têm desenvolvido e escrito suas ideias sem se importarem se são ricos ou pobres, nobres ou plebeus.

Eia, pois, mocidade rio-grandense, liguemo-nos como os trezentos gregos de Byron ante os muros de Missolonghi, e como irmãos, seja nossa única ideia o progresso da nossa literatura.

A pátria exige de seus filhos o tributo que paga a inteligência aos heróis que ela venera. A província nossa também espera e em vós cifra-se suas fagueiras esperanças.

Atendam a estas fracas palavras, e preza aos céus que as horas de trabalho gastas em homenagem à literatura e ao estudo, não sejam totalmente perdidas.

Avante, juventude! Valor e coragem.

Rio Grande, 1869.

A Literatura marcha? - A.J. Dias
03.3.1.102

A Literatura marcha?

É uma pergunta, ou por outra, um problema que resolvido dá em prova - não.

Se por frequentes vezes temos asseverado que a literatura engrandece-se e prospera, é no intuito único de promover o gosto pelas letras e estimular a inteligência ao estudo.

Porém, baldados os esforços, é tempo de encarar as coisas como verdadeiramente são. O meio adotado para derrocar o materialismo, tem sido estéril; vamos em demanda de um outro, na esperança de melhores resultados.

À escolha apresentam-se tantíssimos, que na verdade é difícil saber qual o melhor, quando todos parecem ruins. Estudar os homens de hoje é quase impossível. O trabalho da imaginação está considerado como fruto da ociosidade. O poeta é qualificado louco; o escritor, parvo. Nivelam-os, perfeitamente.

Os pobres ignorantes que até para pronunciarem-se de maneira a não caírem no ridículo estudam nos dicionários, assentaram em que a inteligência deve baixar tanto, tanto, até limpar a poeira de seus sapatos. Néscios que são!

Se aparece uma obra nova, e o autor apresenta-se pedindo que lh'a comprem, riem-se; e se a tomam é por mera curiosidade, por deferência à pessoa ou como se dessem uma esmola!

E o gênio, o talento, pede pelas portas um pão para mitigar a fome da argila que o envolve! E, parece fatalidade, os ricos de inteligência são sempre pobres de dinheiro! O talento não pode conservar-se na devida altura; tem que curvar-se aos caprichos da necessidade. E muitas vezes também profanar seu santuário, nivelar-se com a crápula estúpida para não morrer à míngua.

E que de baldões aí lhe atiram!

A carreira do homem de letras é inglória e cheia de vicissitudes. São raríssimos os que encontram algumas felicidades da terra. O negócio, as equações, o mercantilismo, são a alma desta época.

É incontestável que presentemente nota-se bastante animação no mundo literário, mas, tentem a publicação de qualquer um livro, e verão a frieza, pouco caso com que é recebido.

E que a flor que não tem a precisa seiva, definha e morre.

A literatura há de também morrer, porque sendo privilégio de poucos, muitos satisfazem-se em cavar-lhe a sepultura

Não podemos obrigar ninguém a proteger as letras, porém queremos que todos reconheçam a sua utilidade moral e física, que admitam sua influência no regime social, na civilização e no engrandecimento das nações.

Continuaremos.

Rio Grande, 1869.

A J. Dias,

NOTAS BIOBLIOGRÁFICAS SOBRE OS AUTORES

Aqui apresento uma nota a respeito dos autores, cujos textos foram analisados, em duas partes, Poesia e Crítica, conforme ordem de aparição nas análises.

Poesia

Bernardo Taveira Júnior (1836 – 1892)[48]
Poeta. 01.1.1.38
A um poeta. 04.1.2.189

Bernardo Taveira Junior (Rio Grande, 5 de junho de 1836 — Pelotas, 19 de setembro de 1892) foi um professor e escritor brasileiro. Defensor do abolicionismo e da república, publicou diversos artigos em jornais. Editou a maior parte de sua obra no periódico literário *Arcádia* (1867 – 1870). É patrono da cadeira 5 da *Academia Rio-Grandense de Letras*. Autor de "Poesias Americanas", 1869; "Poesias Germânicas", 1873; "Provincianas", 1886; "O anjo da solidão", 1869; "Paulo", 1874, entre outras obras, foi, também, membro da *Sociedade Partenon Literário* (1868 – 1880).

Juvêncio Augusto de Menezes Paredes (1848 – 1882)[49]
O poeta. 01.1.1.75.

Juvêncio Augusto Menezes Paredes (Pelotas, 6 de setembro de 1848 — São Gabriel, 1882) foi um professor, literato, jornalista e político brasileiro e Foi o primeiro patrono da cadeira nº 23 da *Academia Rio-Grandense de Letras*. Em Pelotas foi colaborador do Jornal de Pelotas, em que publicou "Parietárias", (1873); em Rio Grande, da revista literária *Arcádia* (1867 – 1870)**.** Foi um dos fundadores da

[48] Disponível em: http://www.arl.org.br/academicos/quadro-academico/bernardo-taveira-junior Acesso em: 10 de mar. 2022.

[49] Disponível em: Loner, Beatriz; Gill, Lorena Almeida; Magalhães, Mário Osório. *Dicionário de História de Pelotas*. UFPEL, 2017. Acesso em 10 de mar. 2022.

Sociedade Partenon Literário (1868 – 1880) e membro da comissão editorial e colaborador da *Revista Mensal*. Foi coautor, com Apolinário Porto Alegre, do drama "Jovita" (SD).

A. R. J.

A um poeta. 01.1.1.246

Não foi possível identificar esse poeta com exatidão.

Apolinário Porto Alegre (1844 – 1904)[50]

"Com o nascer da vida começam as dores "

Soneto. 03.1.1.25

Apolinário José Gomes Porto-Alegre (Rio Grande, 29 de agosto de 1844 — Porto Alegre, 23 de março de 1904) foi um escritor, historiógrafo, poeta e jornalista brasileiro. Considerado um dos autores mais importantes do Rio Grande do Sul, Foi um dos fundadores da *Sociedade Partenon Literário* (1868 – 1880). Além de na *Arcádia* (1867 – 1870), grande parte de sua produção literária está na *Revista Mensal* (1869 – 1879) e no jornal literário *Murmúrios do Guaíba* (1870). Republicano, fundou e foi diretor de escolas importantes no Rio Grande do Sul, como o Colégio Porto Alegre e o Instituto Brasileiro. Publicou, entre outras escritos, "Poesias bromélias" (com o pseudônimo de Iriema) (1874), "Crioulo do pastoreio" (1875) e "Os filhos da desgraça" (1874), drama abolicionista cuja apresentação foi proibida pela polícia por encenar os abusos sofridos dos escravizados pelos dos senhores e senhoras brancos.

Antônio Ferreira Neves[51]

O poeta. 03.1.1.61

---

[50] Disponível em: http://www.arl.org.br/academicos/quadro-academico/apolinario-porto-alegre Acesso em 10 de mar. 2022.

[51] Disponível em: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1745/fontes%20primarias.pdf?sequence=1 Acesso em 10 de mar. 2022.

Foi um dos fundadores e colaboradores da *Sociedade Partenon Literário* (1868 – 1880) e também fez parte da sua diretoria como secretário. Foi também um os colaboradores do jornal literário *Murmúrios do Guaíba* (1870). Não foi possível encontrar maiores informações a respeito desse poeta.

Crítica

Antônio Joaquim Dias (1844 – 1892)[52]

Querer é poder. 01.3.1.82

Época da literatura. 01.3.1.179

Introdução. 02.3.1.05

A Literatura marcha? 03.3.1.102

Antônio Joaquim Dias (Trás-os-Montes, 1844 - Brasil, 1892), foi um jornalista português radicado em Rio Grande e Pelotas. Começou na imprensa como tipógrafo no *Diário de Rio Grande* (1848-1910), em 1867 fundou e editou a revista *Arcádia* (1867 – 1870) na cidade de Rio Grande, em 1870 o *Jornal do Comércio* (1870 - 1882), que fica em suas mãos até 1875, quando o vende para Arthur Lara Ulrich, e em 1875 *Correio Mercantil* (1875-1915), ambos em Pelotas. Foi também Sócio efetivo da *Associação Emancipadora Clube Abolicionista* e Sócio Benemérito da Biblioteca Pública Pelotense.

Carlos de Andrade

Fragmento de um escrito: “A Imprensa”. 01.3.1.153

Impressões de leitura: *Diva, perfil de mulher*. 01.3.1.264

Não foi possível identificar esse crítico com exatidão. Podendo, pelo nome, ser confundido com Frederico Carlos de Andrade (1878 – 1940), poeta, escritor rio-grandino e um dos diretores do jornal *Eco do Sul* (1858-1934), mas que, pela data de suas publicações na *Arcádia* (1867 – 1870), não é possível o ser.

---

[52] Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300674840_ARQUIVO_anpuh11sp_al-alam.pdf Acesso em 10 de mar. 2022.
BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. A crítica literária no Rio Grande do Sul: do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 1997.

Premislau

Liberdade de Pensamento. 03.3.1.81

Não foi possível identificar esse crítico pelo seu pseudônimo.

Glodomiro Paredes[53]

Poetas e Poesia (crítica?). 03.3.1.82

Glodomiro Paredes foi um dos colaboradores fixos da *Arcádia* (1867 – 1870) e autor da primeira crítica literária que se tem conhecimento na História da Literatura do Rio Grande do Sul, intitulada “Poetas e Poesia”, publicada na terceira série da *Arcádia* em 1869 (03.3.1.82). Há poucas informações disponíveis e confiáveis a respeito desse escritor.

Artur Lara Ulrich (1850 - 1939)[54]

O Grêmio Literário e a Literatura

03.3.1.59

03.3.1.95

Arthur Lara Ulrich foi um escritor e jornalista nascido em Pelotas (RS). Em 1875, comprou o *Jornal do Comércio*, em Pelotas, de Antônio Joaquim Dias do qual foi também diretor. Além de colaborador da *Arcádia* (1867 – 1870), foi também membro da *Sociedade Partenon Literário* (1868 – 1880) e autor de “A mendiga, romance em folhetim” publicado no jornal *O Especulador* (1868), de Rio Grande. Não foram encontradas outras informações mais precisas a respeito do escritor.

---

[53] BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

[54] Disponível em: https://www.diariopopular.com.br/opiniao/arthur-de-lara-ulrich-um-trecho-do-romance-a-mendiga-1868-155144/ Acesso em: 10 de mar. 2022. O Prof. Luís Rubira, do Departamento de Filosofia da UFPel, que assina a matéria, cita que as informações obtidas podem estar em “Escritores do Rio Grande do Sul” de Ari Martins (1978), mas não explicita quais.